

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA
NA AMAZÔNIA**

SOCORRO DE FÁTIMA MORAES NINA

**TRABALHO, AMBIENTE E SAÚDE: COTIDIANO DOS
FAZERES DA MULHER RURAL NA AMAZÔNIA**

Manaus – AM
2014

SOCORRO DE FÁTIMA MORAES NINA

**TRABALHO, AMBIENTE E SAÚDE: COTIDIANO DOS
FAZERES DA MULHER RURAL NA AMAZÔNIA**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, na Linha de Pesquisa: Redes, Processos e Formas de Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira.

Manaus – AM
2014

Ficha catalográfica elabora pelo autor

N714t Nina, Socorro de Fátima Moraes.

Trabalho, ambiente e saúde: cotidiano dos fazeres da mulher rural na Amazônia / Socorro de Fátima Moraes Nina. – Manaus: UFAM, 2014.

196 p.

Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, 2014.

Orientador: Prof^o. Dr. José Aldemir de Oliveira

1. Saúde da Trabalhadora Rural – Amazonas. 2. Processo e Organização do Trabalho – Amazonas. 3. Rural. II. Título.

Socorro de Fátima Moraes Nina

**TRABALHO, AMBIENTE E SAÚDE: COTIDIANO DOS FAZERES DA
MULHER RURAL NA AMAZÔNIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Sociedade e Cultura na
Amazônia - PPGSCA, como requisito para a
obtenção do título de Doutora.

Defendida e aprovada em 25 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro (membro externo)
Universidade Federal de Goiás

Profª. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa (membro externo)
Universidade Federal do Amazonas

Profª. Dra. Edilza Laray de Jesus (membro externo)
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Antonio Carlos Witkoski (membro interno)
Universidade Federal do Amazonas

Aos meu amores, marido Nailson, filhas (Ana Gabriela e Cristiana Peixoto), netos (Sahel, Lara e Nina Sara) e genro/*cumpadre* (Walmir). Família que amo em constante risos e cheiros de amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, poder superior que direciona meu caminho, Mestre em luz, paz e amor.

Aos meus pais Emmanuel, paciente e firme nas decisões e Rosa, mulher forte e determinada, lições pra toda vida.

Aos meus amores perto dia e noite, Nailson querido e Ana Gabriela, alegre e solidária.

Ao Meu orientador Professor José Aldemir de Oliveira coerente, firme e discreto, que me inspirou, a não desistir e lutar pelo que se acredita, por confiar em mim, *navegar é preciso*.

Ao seu Edvan colaborador na pesquisa que aqui representa com sua efetiva colaboração e solidariedade no campo, toda a equipe do CEREST (lugar de amigos); desses, àquela que me acompanhou na quantitativa busca do qualitativo na pesquisa, amiga Eva.

À acadêmica Josiane que me ensina a cada dia, que na admiração recíproca, se constrói amizade e se produz o trabalho no ir e vir do ensino (UFAM) e da prática (CEREST).

À poética do encontro com mulheres fortes, lindas e determinadas trabalhadoras da Comunidade Sagrado Coração de Jesus- Vila do Engenho.

À Ascope, ao Grumascop e a toda comunidade da Vila do Engenho, lugar de pessoas determinadas, trabalhadoras e que acreditam que a união é o poder do agricultor que lavram terras, associam-se em esperanças e fazem acontecer dias melhores e oportunidades para homens e mulheres que vivem no interior da Amazônia – Vila do Engenho, Amazonas que se faz Brasil. Grata amigos e amigas pela oportunidade de crescimento.

À querida amiga Professora Rosângela Dutra, que me remete sempre à lembrança que conhecimento é generosidade, e que ser professora está para além da sala de aula.

À UFAM, instituição que fala através dos amigos da minha caminhada no campo acadêmico, na pesquisa e no ensino: Ao PYRÁ espaço de fazer pesquisa e que me trouxe o olhar do ribeirinho, da agricultora e das crianças que brincam e respiram a Amazônia. Ao Laboratório de psicodinâmica no trabalho, coordenado pelas professoras Rosângela e Ana Claudia, amigas queridas que representam aqui os acadêmicos que, no ensino e pesquisa, constroem um espaço dialético e transformador, o LAPSIC. Ao NEPECAB, coordenado pelo professor José Aldemir, um lugar de constante aprendizagem sobre o espaço Amazônico.

Aos professores e professoras do PPGSCA.

À Universidade do Estado do Amazonas. À Escola Superior de Ciências da Saúde. À Coordenação e professores do curso de Enfermagem e à Prof^ª. Edilza Laray, que me apresentou a comunidade e compartilhou amizades da Vila, e me mostrou que ali é um lugar de solidariedade e partilha.

RESUMO

A pesquisa identifica, caracteriza e analisa as dimensões de trabalho, ambiente e saúde de mulheres agricultoras da comunidade Sagrado Coração de Jesus/Vila do Engenho, no Município de Itacoatiara, AM. Tem como objetivo identificar os diferentes lugares, processo e organização do trabalho da mulher, em suas múltiplas atividades, incorporadas, muitas vezes, no cotidiano da ajuda, assim como agravos e riscos à saúde referenciados pela trabalhadora no cotidiano do trabalho. A pesquisa do tipo qualitativa na perspectiva teórico crítico de abordagem sócio-histórico, faz interlocução com o aporte teórico da psicodinâmica do trabalho, que opta pelo espaço da fala e da escuta como acesso privilegiado das vivências subjetivas. A fim de compreender o trabalho da mulher na agricultura, traça-se um acesso entre os aspectos geográficos, psicossociais e de saúde. Para o alcance das perspectivas de compreensão e interpretação, este estudo trabalha com a Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), inspirada e adaptada na Análise de Conteúdo Categorical, que privilegia a palavra, a análise das vivências subjetivas e a busca do seu significado. Os resultados revelam que na Vila do Engenho, as histórias são interligadas à dinâmica da cooperativa, com protagonismo das mulheres no cenário das trajetórias de trabalho, nos processos de organização e de participação na comunidade, constitui a dinâmica de vida e trabalho onde estas vivem as contradições e as condições não superadas que a geram de um modo, por meio da reflexão delas enquanto sujeitos, e, de outro, pela ação do sujeito que busca transformar as condições materiais que geraram tais contradições. Como resultado confirma-se que no trançado de histórias, o trabalho é determinante no processo saúde/doença das trabalhadoras agrícolas, onde trabalhar é fazer relação do trabalho-ajuda. Observa-se que para elas, há falta de clareza acerca de quais as funções desempenhadas no seu cotidiano que podem ser identificadas por si e pelo outro como ajuda e trabalho. Tem-se que quando relações de trabalho tornam-se complexas, desaparece o papel da mulher como ajudante. Por outro lado, quando essas relações são menos complexas, aparece mais claramente a ideia da ajuda ao marido, da ajuda à renda da família. Frente ao trabalho prescrito nas híbridas atividades e lugares, revela-se uma sobrecarga, um trabalho invisível que extrapola o "quintal da casa". Existem cotidianos e lugares que aumentam o grau de exploração dessa força de trabalho, potencializando agravos, fatores de riscos, e acidentes invisíveis, na engrenagem do trabalho, casa – associação – agroindústria – plantio, tão associados pela trabalhadora como a parte que lhes cabe. No trabalho na agricultura, observa-se que as trabalhadoras evidenciam dores decorrentes de posturas inadequadas por tempo prolongado, ao esforço físico, e à pressão mecânica sobre determinados segmentos do corpo, como os membros superiores e inferiores, exposição às radiações solares e ao calor por longos períodos e exposição a agrotóxico, assim como relacionados aos fatores organizacionais e fatores psicossociais de cada trabalho, associado a sobrecarga de trabalho comum em todos os lugares de trabalho na Vila. O espaço público possibilita a fala, que se faz escuta e reflete ação, favorecendo a mulher o questionamento do lugar que lhe é designado e o fortalecimento da identidade de trabalhadora, inserida nos espaços reprodutivo e produtivo da agricultura no ambiente rural na Amazônia.

Palavras-chave: Rural, Processo e Organização do Trabalho, Saúde da Trabalhadora Rural.

ABSTRACT

This research identifies, characterizes and analyses the dimensions of work, health and environment of agriculturist women from Sagrado Coração de Jesus/Vila do Engenho community located in the city of Itacoatiara, Amazonas. The goal is to identify different places, processes and organizations regarding the work of women, in its multiple activities, that are incorporated, in the day-to-day help, and also to identify health risks referenced by the worker in the day-to-day work. This qualitative research through the theoretical criticism perspective in the sociohistorical approach, dialogues with the psychodynamics of work theories. These theories opt for the speech and listening as privileged access to subjective experiences. In order to understand the work of women in the agriculture, it is important to trace an access between its geographical, psychosocial and health aspects. This research uses the Nucleus of Meaning Analysis (NMA), inspired and adapted from the Category-based Content Analysis, that privileges the words, the subjective experiences analysis and the studies of their meanings. The results show that in Vila do Engenho, histories are connected to the cooperative dynamic with the protagonism of women at work experiences, in the organization and participation in the community. Contradictions and current conditions in which they live, through their own reflection as people, and through the action of the subject that tends to transform material conditions that generated such contradictions, constitute the work dynamic in which they live. As results, it can be confirmed that through their histories, work is determining in the health/disease process of the agriculturist women, in which working is to make a work-help relation. It is possible to observe that for these women, it is not so clear of which function performed daily can be identified as help and work. The role of the woman as a mere helper disappears when the relations of work become complex. On the other hand, when these relations are less complex, the idea of helping the husband is better considered. It is revealed an invisible work that extrapolates "housewifing". There are situations and places that increase the level of exploration of this work force, house - association - agro-industry - plantation, associated by the woman as much as their proper duties. In the agriculture work, it can be observed that the women acquire pain due to bad posture, physical effort and to mechanical pression on determined body parts, like the lower and the upper limbs, heat and solar radiation exposure for long periods of time and agrochemicals exposure, and also the ones related to organization and psychosocial factors of each job, associated to common work overload in all places of Vila. The public space permits the speech, that can be heard and demands actions, favoring women to question the place they are given, and the strenghtening of the worker identity, inserted in the reproductive and productive spaces of agriculture in the rural environment of the Amazon.

Keywords: Rural, Process and Work Organization, Rural Worker Health.

RESUMEN

La investigación identifica, caracteriza y analiza las dimensiones de trabajo, salud y ambiente de mujeres agricultoras de la comunidad Sagrado Coração de Jesus/ Vila do Engenho, en el Municipio de Itacoatiara, AM. Tiene como objetivo identificar los diferentes lugares, proceso y organización del trabajo de la mujer, en sus múltiples actividades, incorporadas, muchas veces, en lo cotidiano de la ayuda, así como agravios y riesgos a la salud referenciados por la trabajadora en lo cotidiano del trabajo. La investigación de tipo cualitativa en la perspectiva teórico crítico de abordaje sociohistórico, hace interlocución con el aporte teórico de la psicodinámica del trabajo, que opta por el espacio del habla y de la escucha como acceso privilegiado de las vivencias subjetivas. Con el fin de comprender el trabajo de la mujer en la agricultura, se traza un acceso entre los aspectos geográficos, psicosociales y de salud. Para el alcance de las perspectivas de comprensión e interpretación, este estudio trabaja con el Análisis de los Núcleos de Sentido (ANS), inspirado y adaptado en el Análisis de Contenido Categorical, que privilegia la palabra, el análisis de las vivencias subjetivas y la búsqueda de su significado. Los resultados revelan que en la Vila do Engenho, las historias son integradas a la dinámica de la cooperativa, con protagonismo de las mujeres en el escenario de las trayectorias de trabajo, en los procesos de organización y de participación en la comunidad, constituye la dinámica de vida y trabajo donde estas viven, las contradicciones y las condiciones no superadas que la generan de un modo, por medio de la reflexión de ellas como sujetos, y, de otro, por la acción del sujeto que busca transformar las condiciones materiales que generaron tales condiciones. Como resultados se confirma que en el tejido de historias, el trabajo es determinante en el proceso salud/enfermedad de las trabajadoras agrícolas, donde trabajar es hacer relación de trabajo-ayuda. Se observa que para ellas, hay falta de clareza sobre cuáles son las funciones desempeñadas en su cotidiano que pueden ser identificadas por sí mismo y por el otro como ayuda y trabajo. Se sabe que cuando relaciones de trabajo se vuelven complejas, desaparece el papel de la mujer como ayudante. Por otro lado, cuando esas relaciones son menos complejas, aparece más claramente la idea de ayuda al marido, de la ayuda a la renta de la familia. Frente al trabajo prescrito en las híbridas actividades y lugares, se revela una sobrecarga, un trabajo invisible que extrapola el “patio de la casa”. Existen cotidianos y lugares que aumentan el grado de explotación de esa fuerza de trabajo, potencializando agravios, factores de riesgo, y accidentes invisibles, en el engranaje del trabajo, casa – asociación – agroindustria – plantación, tan asociados por la trabajadora como la parte que les corresponde. En el trabajo en la agricultura, se observa que las trabajadoras evidencian dolores que surgen de posturas inadecuadas por tiempo prolongado, al esfuerzo físico, y a la presión mecánica sobre determinados segmentos del cuerpo, como los miembros superiores e inferiores, exposición a las radiaciones solares y al calor por largos periodos y exposición a pesticida, así como relacionados a los factores organizacionales y factores psicosociales de cada trabajo, asociado a sobrecarga de trabajo común en todos los lugares de trabajo en la Vila. El espacio público posibilita el habla, que se hace escucha y reflexiona acción, favoreciendo a la mujer el interrogante del lugar que le es designado y el fortalecimiento de la identidad de trabajadora, insertada en los espacios reproductivo y productivo de la agricultura en el ambiente rural en la Amazonia.

Palabras clave: Rural, Proceso y Organización del Trabajo, Salud de la trabajadora Rural.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa de localização da Comunidade Sagrado Coração de Jesus.....	18
Figura 2: Desenho da localização da Comunidade Sagrado Coração de Jesus/ Vila do Engenho	18
Figura 3: Igreja, comércio e porto fluvial na Vila do Engenho	30
Figura 4: Permanências e transformações na Comunidade Sagrado coração de Jesus/Vila do Engenho	31
Figura 5: Comunidade Sagrado coração de Jesus/Vila do Engenho	33
Figura 6: Lago do Engenho	44
Figura 7: Sinalização de via de acesso a Vila do Engenho	49
Figura 8: Escola Municipal Luiza Mendes, ônibus escolar da comunidade	49
Figura 9: Mapa da área de estudo com população	50
Figura 10: Produção agrícola	50
Figura 11: Trabalhadores diaristas em diferentes atividades agrícolas na comunidade	51
Figura 12: Quadros informativos sobre planejamento 2013 e organização do Grumascop; participação da mulher em reunião da comunidade	78
Figura 13: Cartaz sobre o que faz o Grumascop; produção de artesanatos do grupo	81
Figura 14: Resultado da oficina de planejamento 2013 com orçamento para construção da sede do Grumascop; associada trabalhando na seção de consumo	81
Figura 15: Padrão de casa com toalhas e pegadores bordados; confeccionados pelas mulheres da Vila	83
Figura 16: Lideranças locais na festa de 5 anos do Grumascop com exposição dos produtos comercializados pelas mulheres	89
Figura 17: Frutos de cupuaçu na sala de recebimento da agroindústria	94
Figura 18: Higienização dos frutos do cupuaçu	94
Figura 19: Limpeza e higienização do ambiente de trabalho	95
Figura 20: Processo de retirada das cascas do fruto de cupuaçu	95
Figura 21: Despolpamento do fruto do cupuaçu	96
Figura 22: Descarte das cascas dos frutos de cupuaçu	96
Figura 23: Esteira não mecânica e separação das fibras e sementes	97
Figura 24: Trabalhadoras amolgam as polpas do cupuaçu	97
Figura 25: Transporte da polpa para a sala de despolpamento em máquinas	97

Figura 26: Identificação e preparo das embalagens	98
Figura 27: Aferição do peso das polpas em recipiente de aço inox	98
Figura 28: Transporte para as máquinas de separação fruto e caroço	99
Figura 29: Transporte das polpas processadas para os recipientes em diferentes máquinas...	99
Figura 30: Embalagem da polpa e aferição do peso	100
Figura 31A: Movimento de pés e mão para o processo de selagem das embalagens	100
Figura 31B: Movimento de pés e mão para o processo de selagem das embalagens	101
Figura 32: Transporte da polpa para armazenagem na câmara fria	101
Figura 33: Chegada dos frutos de abacaxi para processamento das polpas	102
Figura 34: Retirada das cascas e corte da polpa dos frutos de abacaxi	102
Figura 35: Processamento de liquidificar as polpas de abacaxi	102
Figura 36: Dosagem, pesagem e selamento das embalagens com as polpas de abacaxi	103
Figura 37: Encontros coletivos com grupos de trabalhadoras da agroindústria	105
Figura 38: Transporte das trabalhadoras dos plantios de pimenta de cheiro e maracujá na Vila do Engenho	118
Figura 39: Trabalhadoras vestidas para a colheita da pimenta de cheiro, com seus utensílios de trabalho	119
Figura 40: Trabalhadoras distribuídas por fileiras de pimenta	119
Figura 41: Colheita da pimenta de cheiro	120
Figura 42: Diferentes posturas corporais das trabalhadoras rurais na colheita da pimenta de cheiro	120
Figura 43: Ensacamento das pimentas de cheiro e higienização dos utensílios de trabalho ..	121
Figura 44: Organização do trabalho e da mulheres no plantio de maracujá	121
Figura 45: Distribuição das trabalhadoras por duplas nas fileiras de polinização do maracujá	122
Figura 46: Técnica de retirada do pólen	122
Figura 47: Transporte do pólen de uma flor para outra flor	123
Figura 48: Transporte do pólen entre as fileiras, realizado pelas mulheres no plantio de maracujá	123
Figura 49: Movimento de braços e mãos na técnica de polinização artificial do maracujá ..	123
Figura 50: Mulheres colhendo pimenta de cheiro e polinizando a flor do maracujá	125
Figura 51: Mulher lavando couve, uma das atividades desenvolvidas pela mulher e homem aplicando agroquímico	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DO RURAL AO URBANO NA AMAZÔNIA: UM DIÁLOGO SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO	28
1.1 Rural e urbano: um norte no interior amazônico.....	28
1.2 A produção do lugar como trajetórias de trabalho: da Comunidade Sagrado Coração de Jesus à Vila do Engenho	44
1.3 A vida da mulher na agricultura: caminhos (in)visibilizados nos trajetos do trabalho	52
2 O ESPAÇO DA PRODUÇÃO: PROCESSOS DE TRABALHO E SAÚDE DA TRABALHADORA NUMA COMUNIDADE RURAL AMAZÔNICA	62
2.1 Trabalho, saúde e ambiente rural amazônico	65
2.2 Grumascop: processos de vida e de trabalho na participação de mulheres trabalhadoras	74
2.2.1 O grupo de mulheres em associação	77
2.2.2 A organização do trabalho	80
2.2.3 Mobilização da subjetividade no trabalho de ser Grumascop	82
2.2.4 Mobilização de coletivos	84
2.2.5 Grumascop: espaço e participação no coletivo de trabalho	88
2.3 Agroindústria da Ascope: contextos e processos de trabalho.....	92
2.3.1 Processos de trabalho na Agroindústria	93
2.3.2 Subjetividade, trabalho e saúde da mulher na Agroindústria	103
2.3.2.1 O sentido do trabalho	104
2.3.2.2 Organização do trabalho	106
2.3.2.3 A sobrecarga do trabalho.....	109
2.3.2.4 Falta de cooperação, individualismo	111
2.3.2.5 Cooperação	113
2.3.2.6 Os encontros: intersubjetividade e saúde no coletivo	114

2.4 Processos e vivências do trabalho da mulher no plantio	117
2.4.1 Organização do trabalho nos plantios de pimenta de cheiro e maracujá	124
2.4.2 Mobilização subjetiva: dor e alegria de ser trabalhadora rural	127
2.4.3 Vivências sobre o trabalho e o trabalhar.....	129
2.4.4 A cooperação e a valorização na agricultura.....	131
3 SAÚDE E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO DA MULHER NA VILA DO ENGENHO-AM	136
3.1 Saúde do trabalhador no contexto amazônico	137
3.2 Agravos relacionados à saúde reconhecidos por meio da experiência da trabalhadora rural	141
3.3 Saúde e sobrecarga de trabalho da mulher.....	145
3.4 Saúde da mulher e o trabalho na agroindústria.....	149
3.5 Saúde das trabalhadoras nos plantios da Vila do Engenho	151
3.6 Reconhecimento do trabalho na híbrida relação: ajuda ou trabalho	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICE	182
ANEXO.....	190

INTRODUÇÃO

As mudanças substanciais nos modelos de produção na agricultura vêm resultando em estudos que analisam o impacto dessas transformações na saúde dos trabalhadores. A mecanização introduz novas relações sociais, novas tecnologias, novos valores, muda formas e paisagens, introduz também novos agravos ou danos à saúde do trabalhador. Como efeito, a população trabalhadora vem sofrendo a ação dessas condições, o que poderá potencializar problemas de saúde já existentes ou desencadear novos.

Na incorporação de vastos números de processos reprodutivos, seja de dimensão biológica, cultural, econômica ou política, observa-se que quando algum desses processos é interrompido ou perturbado, se manifestam na forma de sofrimentos ou problemas, que são identificados por meio de suas consequências ou efeitos e não a partir de suas causas, ou seja, são identificados como patologias individuais e não como frutos de um conflito ou mudança no seu ambiente de desenvolvimento.

A pesquisa que ora se apresenta como tese trata da relação saúde, ambiente e dialoga com autores como Minayo-Gomes (1997, 2006, 2011), Vasconcellos (2007, 2011), Monken e Barcellos (2006; 2011); Pignati e Machado (2011), que trazem para a pesquisa no campo da Saúde do Trabalhador a inter-relação saúde, trabalho e ambiente, e marcam a instituição de uma política que expressa a multiplicidade de forças interativas, geradas em torno da promoção da saúde humana, trazendo a necessidade de conhecer e abordar os problemas de forma sistêmica, interdisciplinar e intersetorial em todos os níveis da organização social.

Nesse mote, as incursões teóricas acerca do trabalho numa área rural específica - a Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva em Itacoatiara no Amazonas, já sinalizam transformações que configuram o universo subjetivo do trabalhador e os impactos das mudanças econômicas, que transitam nesse espaço e que também já estão sinalizados em um interior Amazônico contemporâneo.

Nesse trabalho reflete-se o repensar na perspectiva de ultrapassar a visão do rural enquanto *locus* exclusivo das atividades agrícolas, e do urbano como o lugar das indústrias e dos serviços. Reflete-se o rural com o olhar que aponta para novas configurações de trabalho que se afirmam no processo técnico onde a desmaterialização dos processos laborais assinala formas de trabalho múltiplas e complexas. O mais importante é compreender que não há separação do rural e do urbano, porque estão imbricados.

Refletindo-se diretamente na organização do trabalho, tais processos denotam formas e modos de como a existência singular de trabalhadoras, que aí vivem, se desdobram ao

confrontar a experiência do trabalho e a afirmação da heterogenia das condições e dos processos simbólicos e reais que a mesma expressa em relação ao trabalho.

Nesse sentido, o trabalho, reveste-se de importante papel na construção psíquica do sujeito, à medida que se configura como determinante social de saúde. E enquanto indivíduo singular e, concomitantemente, parte integrante de uma sociedade, a mulher trabalhadora constroi seu sentido de saúde a partir de suas vivências e representações que pautam sua dinâmica subjetiva.

Assim, a referida compreensão acerca do trabalho e da saúde da mulher trabalhadora encontra lugar privilegiado na discussão sobre o rural na Amazônia. Urge, portanto, a necessidade de conhecer essa trama em comunidades rurais, com trabalhadores, homens e mulheres, que residem e produzem para sobreviver, existir. Como já referido, esse estudo foi realizado na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus no Paraná da Eva, localizada no Município de Itacoatiara, na margem esquerda do Rio Amazonas, no Km 169 da AM-010, Estrada que liga Manaus à Itacoatiara.

Ao falar em comunidades, compartilha-se das reflexões de Bauman (2003, p. 7), para quem comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra carrega: é a segurança em meio à hostilidade.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (BAUMAN, 2003, p.128).

Em se tratando de direitos e cuidados, chama-se atenção, portanto, à existência de um número expressivo de trabalhadores rurais que estão alijados de uma discussão sobre a saúde pública do país, possivelmente não refletem sobre seu processo de trabalho; ou mesmo, nem se auto-avaliam enquanto trabalhadores, estando expostos aos diversos riscos relacionados ao processo produtivo.

A mulher, no universo de fazeres, trabalha e vive, interagindo no espaço rural amazônico, sendo educadora, mãe, companheira, trabalhadora, e no desenvolvimento de seus múltiplos papéis, acaba por produzir espaços que podem diluir importâncias e riscos referentes à sua participação na execução de atividades produtivas. Este fato não é exclusivo do interior da Amazônia, pode ser verificado em várias partes do mundo, assim como é observado no espaço das comunidades rurais, através do trabalho, participação e responsabilidades assumidas por ela.

A temática referente às formas de organização de trabalho e suas incidências na constituição subjetiva do sujeito trabalhador, é instigante e demanda reflexão, em que a crítica deve ser constante, uma vez que o trabalho é uma categoria central de análise dos processos de constituição do sujeito, e a problemática de mulheres que moram em comunidades rurais na Amazônia ainda possui uma discussão tênue no que concerne às condições do existir e ser sujeito nesse espaço social.

A dinamicidade que encerra o tema, não pode deixar de envolver o âmbito da academia, *locus* privilegiado não somente de reflexão crítica, mas de construção de novas práxis que se referem ao desvelamento de possibilidades que interferem diretamente nas condições de vida do ser humano.

Justificou-se o fazer: da proposta a ação

Estudos revelam a face paradigmática da saúde do trabalhador, com suas inter-relações entre ciência, trabalho, homem e ambiente. Para os autores Vasconcellos e Machado (2011a, p. 40), tais interações ainda estão ausentes no debate e na construção teórica do desenvolvimento sustentável. O paradigma da saúde do trabalhador, como campo técnico e político de mudança das relações, articula-se à produção de conhecimentos vinculada à da saúde pública e ao ambiente, no seu espectro irrestrito de cidadania.

No campo da saúde coletiva, entende-se a saúde do trabalhador como relacionada ao processo de vigilância de saúde no interior do Sistema Único de Saúde – SUS. Havendo confluência entre duas construções que se complementam uma como nova forma de construir a política pública onde o trabalhador e trabalhadora são sujeitos da construção e não como reivindicante ou acompanhante dela; e outra constrói e produz conhecimentos, na mesma linha aqui considerada, da mulher trabalhadora como sujeito.

Para Vasconcellos e Machado (2011a, p.40), há vinculação permanente entre ação de saúde e ação política, com trabalhadores como sujeitos e protagonistas da ação político-institucional. Neste sentido, para atingir a condição saudável as mulheres trabalhadoras devem desvelar, conhecer e saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente, assumindo um papel de protagonistas no controle dos fatores determinantes de sua saúde.

Entendendo esse contexto, parte-se do entendimento de saúde do trabalhador como um mosaico de múltiplos saberes que intenciona conhecer e intervir nas relações entre trabalho, saúde-doença e o ambiente. Para tanto, tem-se como suporte a interdisciplinaridade que deve

permeiar e subsidiar discussões para uma consistência teórica. Nesse aspecto, a vivência e o saber dos trabalhadores assumem no cenário a “quilha da canoa”, ou seja, o direcionamento na forma de interpretar o adoecimento de seus pares, possibilitando a compreensão do binômio trabalho e saúde na realidade específica da mulher na Amazônia.

Ao realizar a análise sobre a relação entre saúde e trabalho não se pode deixar de considerar o contexto histórico, todas as relações que estão inseridas neste contexto. Logo, um aspecto importante que direcionou o estudo, foi entender que a contraposição do modo de vida rural com o urbano é traço marcante do sentido da saúde-doença.

Para tanto, reflete-se acerca da saúde do trabalhador rural, sendo assim, a mulher se apresenta como importante personagem na sustentação à família e à comunidade. Usuária dos recursos naturais, educadora e trabalhadora sua função é fundamental para o desenvolvimento local. As mulheres que residem em comunidades rurais na Amazônia possuem uma significação do lugar em que vivem e se inter-relacionam, estabelecendo vínculos que determinam seus comportamentos e sua forma de participação.

A problemática que envolve mulheres, como: trabalho, ambiente e saúde no contexto rural quanto modo de vida, desejos e participação nesse cotidiano, aponta a carência no *locus* da discussão, tão fundamental para a sustentabilidade da mulher nesse espaço, com seus significados e subjetividade.

Os motivos principais que levaram à escolha de trabalhar com mulheres trabalhadoras que residem em comunidades rurais deram-se pela necessidade de continuação de estudos com populações rurais, mais especificamente com a realidade de mulheres que ocupam esses espaços sociais e de trabalho. Desde 1993 trabalhando com populações indígenas, observou-se a importância de aprofundar estudos sobre o olhar da mulher, frente sua realidade.

A partir de 2000 o trabalho com a Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro – AMARN fortaleceu o conhecimento, possibilitando a implementação de políticas de saúde voltada para a questão assim como fortalecer o *locus* político de discussão.

Posteriormente, desde 2002, trabalhando com mulheres e adolescentes residentes em comunidades ribeirinhas, dentro da abordagem socioambiental, fortaleceu o interesse de dar continuidades em estudos referentes ao tema trabalho, ambiente e saúde do (a) trabalhador (a) rural na Amazônia.

Assume-se, aqui, que as condições de vida do trabalhador rural, aí incluindo a sua saúde, são fortemente influenciadas pela forma de organização da produção agrícola e, em consequência, do espaço agrário. Recorre-se a Moreira et.al. (1999, p. 28) que entende a

saúde dos trabalhadores rurais como um conjunto complexo de fatores socialmente determinados.

O processo saúde-doença no campo exige uma reflexão da parte de profissionais de saúde e aqui especificamente, ao que condiz o pensar a saúde do trabalhador, o comprometimento de apontar dimensões de análise que contemplem os aspectos sociais que venham determinar os agravos à saúde das trabalhadoras rurais.

Por conseguinte revela-e a concretude da vida e das atividades dos trabalhadores rurais e de suas famílias. Isto é relevante, sobretudo, porque envelhecer, adoecer e morrer possui uma historicidade, e, ao fim e ao cabo, esta historicidade corresponde ao modo como os trabalhadores se relacionam com a terra, lugar e instrumentos de trabalho e com o próprio trabalho, enquanto sujeitos sociais.

As abordagens temáticas, teóricas e metodológicas sobre mulheres e relações de gênero em áreas rurais têm alcançado ainda pouca visibilidade. Mas é evidente que as contribuições de trabalhos nesta área de estudo, de fato, ampliam o debate sobre o rural na sociedade brasileira especialmente sobre a relação saúde e trabalho da mulher, enriquecendo a análise das relações de gênero dando voz aos sujeitos, no caso a mulher trabalhadora.

As razões que motivaram a pesquisa com as trabalhadoras rurais são conhecer os diferentes lugares do trabalho da mulher rural, organização e processos de trabalho, e sua inter-relação com o processo saúde-doença, vivenciados por trabalhadoras rurais que residem na Amazônia e que reporta às estratégias de vivências e de reconhecimento enquanto trabalhadoras.

As questões centrais que movem a tese são: o processo de inserção da mulher nos diferentes lugares do trabalho na Vila do Engenho, organização e processo de trabalho, e a saúde da mulher trabalhadora. Compreender o reconhecimento das mulheres na relação de trabalho, perspectivas, resultados desta inserção no cotidiano da comunidade, é fundamental tanto para a investigação quanto para novos questionamentos e estudos na busca de identificar transformações no que se refere às melhorias de vida, com igualdade de oportunidades.

O objetivo é conhecer os diferentes lugares, formas do trabalho e as múltiplas atividades incorporadas, muitas vezes, no cotidiano da ajuda, através da criação de espaços públicos de discussão sobre o seu trabalho, que revela condições de trabalho e saúde da mulher no ambiente rural da Amazônia. E, ao ser desvelado, possibilitem a produção de caminhos do pensar e produzir políticas públicas mais próximas de uma realidade ainda periférica que é a saúde da trabalhadora rural.

Nas respostas e no encontro com a hipótese, a tese, em todos os capítulos, tece pouco a pouco o artesanato, trajetórias como um novelo de fios de tucum¹, o processo de conhecer e sistematizar o dinâmico papel da mulher na área rural que atravessa híbridas atividades e contextos de ajuda e/ou trabalho, que foi colocada como norte, sem perder a quilha que direciona toda a tese.

Como hipótese desenvolve-se a ideia que quando as formas de trabalho tornam-se complexas enquanto expressão do capital, desaparece o papel do trabalho da mulher como ajuda. Por outro lado quando essas relações se dão no espaço privado das atividades da casa, no roçado da família, naquilo que se poderia caracterizar como trabalho simples aparece mais claramente a ideia de ajuda ao marido e da ajuda à renda da família.

Para atingir os objetivos, a tese traçou seu caminho enquanto procedimentos metodológicos, dando ênfase às relações entre a mulher, trabalho e saúde, considerando as ideias e a base das relações onde elas são constituídas, num ambiente singular que atravessa um percurso contraditório e conflituoso do urbano rural, rural-urbano, onde a dialética tece relações que faz emergir o sujeito histórico, articulando condições gerais de produção e reprodução da subjetividade da mulher trabalhadora.

De forma a desvelar o trabalho da mulher configurado no cotidiano rural onde a mulher, enquanto sujeito, está inserida na agricultura, ora como trabalhadora em diferentes espaços da comunidade, ora trabalhadora, ora companheira, ora educadora, ora mãe, um fio condutor de movimento, cotidianidades e subjetividades.

Para a compreensão do trabalho e das formas de participação das mulheres da Vila do Engelho, a tese delinea-se na perspectiva da saúde do trabalhador incorporando elementos da análise subjetiva e intersubjetiva do trabalho e do reconhecimento como instrumentos de análise. Nesta pesquisa trata-se, portanto, de questões qualitativas da saúde da trabalhadora no interior amazônico ressaltando as significações quanto à releitura de suas atividades, o que significa o trabalho e onde está situado esse trabalho enquanto produto de cotidiano.

A psicodinâmica do trabalho apresenta-se como uma categoria teórica que direciona tanto o debate como as interpretações dos dados originadas por meio da pesquisa, pauta-se deste modo, o olhar, nas contradições e na dinâmica que envolve as relações intersubjetivas: sujeito, trabalho, aspectos sociais e culturais.

¹ O fio de Tucum é extraído da palmeira Tucumã, suas fibras são produzidas artesanalmente. Tecer os fios de tucum é originário dos povos indígenas da Amazônia. Até hoje essa tradição é mantida em algumas comunidades da região norte. Associação das Mulheres Indígenas do Rio Negro - Numiã Kuruá/Manaus, produzem os fios em larga escala par produção de bolsas, redes entre outros.

A pesquisa de campo subsidia a observação do espaço produzido, constituído de história, onde se produz as ideias que constituem o corpo teórico da pesquisa. A observação *in loco* proporciona a compreensão das formas historicamente diferentes, das formas e processos e condições do trabalho, instituídos nas crenças, valores e atitudes frente ao que é ressaltado por intermédio dos aspectos socioambientais que permeiam a análise, considerando que a população da pesquisa reside em ambiente rural da Amazônia.

A pesquisa da subjetividade com trabalhadoras do campo desdobra-se necessariamente como pesquisa e ação, envolvendo sujeitos-mulheres e sua objetividade, não a da epistemologia positivista e sim a do senso crítico. Desenvolve-se então a partir dos pressupostos da abordagem qualitativa, a inserção no contexto histórico e social, como resultado de ações das trabalhadoras constituído numa cultura particular. Além de ser descritiva, com enfoque analítico, descrevendo-se a realidade da mulher a partir do cotidiano de trabalho e seus significados, que subsidiam o entendimento sobre os aspectos em que o sujeito-mulher, é social e histórico.

O social constituído de tempos e lugares é histórico, enquanto perspectiva dialética, ou seja, como enfatiza Minayo (2010, p.113), tudo que ultrapassa o indivíduo para atingir a vida social, constitui acontecimento histórico.

No espaço do trabalho é o cotidiano que diz do lugar. Portanto, a Comunidade Sagrado Coração de Jesus, cenário pensado e vivido, que iniciado no movimento chamado Lavradores em Ação, num lugar na Amazônia denominada inicialmente de Bela Vista nome dado pela beleza da paisagem, em que ainda predomina a natureza, no Lago do Engenho no município de Itacoatiara, da sede do município até a Comunidade (figuras 1 e 2), fazendo-se necessário percorrer uma distância de 140 km pela Rodovia AM-010. Saindo de Manaus, a capital do Estado do Amazonas, até a comunidade, são 210 km por via terrestre, sendo 169 km na AM-010, 25 km na Estrada do Novo Remanso e 16 km na estrada da Vila do Engenho.

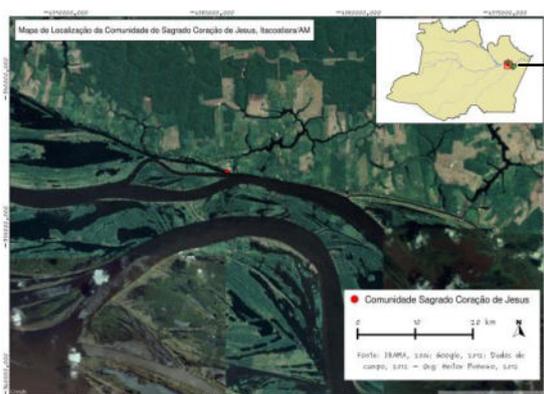


Figura 1: Mapa de localização da Comunidade Sagrado Coração de Jesus. Itacoatiara/AM.
Fonte: IBAMA, 2006.

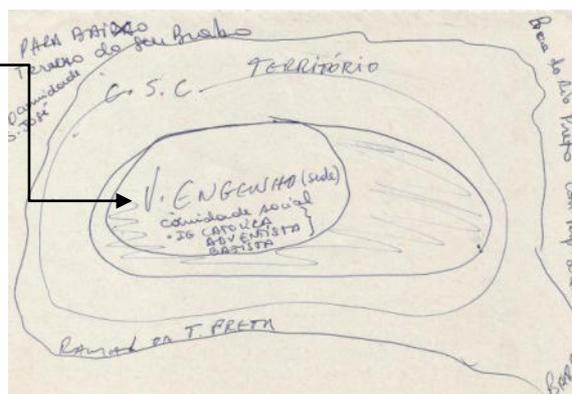


Figura 2: Desenho da localização da Comunidade Sagrado Coração de Jesus/Vila do Engenho. Itacoatiara/AM.
Fonte: Cooperado Ascope, 2012.

Nesse espaço vivido, o universo individual experienciado no espaço construído atravessou transformações locais e do olhar do sujeito, passou a ser chamado posteriormente de Comunidade Sagrado Coração de Jesus em 1968, por influência da Prelazia do Município.

A comunidade cresceu pela organização dos trabalhadores da agricultura que se fortaleceu e desde 1993 o movimento de Lavradores em Ação partiu para a formação de uma organização comunitária dos Trabalhadores Rurais do Paraná da Eva- Ascope, sendo esta a primeira associação rural do Estado do Amazonas a ser contemplada com a linha de crédito para a produção de cupuaçu e mandioca.

Para Jesus (2009, p.15), a Ascope refletiu o sucesso alcançado na agricultura por meio de técnicas de plantação que agregaram conhecimentos e saberes tradicionais, resultado de aprendizados, experiências e consciência, onde a educação não formal constitui para a autora, o pilar da organização agrícola e familiar atendendo os interesses dos moradores em sua plenitude.

Nesse espaço das relações sociais do dia a dia o espaço da produção é a própria representação da comunidade denominada atualmente de Vila do Engenho, reconhecida através de estatuto como comunidade social, sendo este espaço representado pelos moradores como o perímetro urbano da Comunidade Sagrado Coração de Jesus.

As mulheres participantes e sujeito da pesquisa exercem suas atividades em lugares que constituem diversidade de fazeres no rural amazônico, aqui constituído na e pela agricultura familiar que aglutina sua representatividade pela agroindústria da Ascope e materializa a produção das polpas de cupuaçu e abacaxi pelo Grumascopo nos serviços oferecidos pelo Grupo de Mulheres em Ação no Sagrado Coração de Jesus Paraná da Eva, e nos plantios, com mulheres trabalhadoras rurais. São mulheres em diferentes espaços de trabalho compondo o ambiente da agricultura na região.

São trabalhadoras rurais que residem na Vila do Engenho, fundada na foz do Rio Preto da Eva no Município de Itacoatiara no Estado do Amazonas, que compõem a história de resistência e luta pela organização da produção e pela qualidade de viver e trabalhar com autonomia pelo sustento da família. As mulheres sujeito da pesquisa fazem parte de uma história de vida e de trabalho.

Comunidade Sagrado Coração de Jesus: do universo a amostra

A pesquisa realizada nos espaços produtivos das mulheres, nas diferentes atividades, ora como trabalho, ora como ajuda, perfazendo-se em diferentes espaços do trabalho na

agricultura. Constituído de 12 mulheres que trabalham na Agroindústria da Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus- Ascope, 23 associadas do Grumascop, prestando serviços à comunidade com o manejo do substrato do produto da cooperativa como beneficiamento dos produtos como doces, polpas, assim como na administração e execução de eventos ligados a festividade da comunidade ou em eventos particulares onde seus serviços são solicitados e com 12 mulheres que trabalham na agricultura como trabalhadoras rurais.

Como fator de inclusão, as mulheres participantes da pesquisa, são aquelas que trabalham em diferentes espaços do trabalho rural, residentes na Comunidade Sagrado Coração de Jesus com faixa etária de 18 a 65 anos. Como fator de exclusão as mulheres cuja atividade de trabalho não estivesse associada à agricultura.

Ponto a ponto: tecendo saberes

Antes de qualquer procedimento de coleta de informações, teve-se como primeiro momento, a apresentação do projeto submetido à aprovação pela diretoria da Ascope, do Grumascop e do presidente da comunidade em reunião com lideranças locais. Na oportunidade foram expostos a todos os presentes os objetivos da pesquisa, o objeto de investigação e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo, nesse momento, solicitou-se permissão para o uso de gravador, máquina fotográfica, filmadora para registro das falas.

Ressalta-se aqui, que os comunitários e representantes de cada organização leram os objetivos da pesquisa, discutiram os procedimentos que seriam utilizados. Após a pesquisadora responder aos questionamentos quanto ao retorno dos resultados da pesquisa para a comunidade, o projeto foi submetido à votação, sendo unânime a aceitação do mesmo. E depois por segmento representado, foi assinado o documento para ser encaminhado ao Comitê de Ética.

O caminho como processo

As informações e os dados gerados em momentos específicos representa a realidade local de forma a atender ao grupos de mulheres em dimensões geográficas e espaços de vida específicos. As estratégias de coleta de informação é um contínuo e que na realidade amazônica falar e viver a pesquisa com populações que vivem em comunidades rurais requer

cuidado e respeito pelos sujeitos e pelo lugar. A pesquisa realizada se propôs a ter na história enquanto contínuo de vida que ao ter sido registrado se transformou em instrumento de conhecimento e poder para as próprias mulheres.

Respeita-se, assim, o cotidiano e a dinâmica do local, avaliando sistematicamente método e a especificidade do grupo, assim como o tempo para a sua realização. Tornando-se de tal modo, um processo complexo que teve na interdisciplinaridade, na natureza qualitativa, o arcabouço de técnicas que possibilitou a consecução dos objetivos propostos, obedecendo ao cotidiano do lugar.

Tecendo ponto a ponto o cotidiano dos fazeres

A coleta de informações e instrumentos adotados na pesquisa teve início com a pesquisa bibliográfica por meio de livros de referência informativa e de referência remissiva a outras fontes, buscando-se na literatura, informações pertinentes à questão da saúde do trabalhador.

No espaço rural, abordam-se aspectos relativos às condições de saúde e de trabalho da mulher especificamente na Vila do Engenho, como processo de trabalho, organização reconhecimento e cooperação no trabalho, questões intersubjetivas quanto o significado de trabalho, assim como sua participação na comunidade.

A fundamentação teórica realizada-se concomitantemente com o processo de definição e construção dos instrumentos mais adequados à pesquisa de campo, fundamentada em leituras para a sustentação das análises.

A observação e compartilhamento de conhecimento no cotidiano faz da pesquisa ação no cenário das mulheres, a oportunidade de conhecer e refletir o cotidiano nas múltiplas atividades das mulheres, como nas reuniões, no trabalho e nas atividades políticas tão logo amalgamado no aprendizado.

O olhar, através do ato de olhar, ouvir e escrever que o pesquisador em um processo constante de conhecer e reconhecer pôde por meio da prática reflexiva penetrar na realidade cotidiana, conhecer a história e a trama na dinâmica do trabalho, o que é trabalho e o que é ajuda, o que difere os diferentes campos de atuação da mulher e aspectos relevantes das condições de saúde.

O primeiro momento: O espaço coletivo da fala, no encontro os saberes.

Os encontros com o grupo de associadas no Grumscope foram realizados, oportunizando o espaço coletivo da fala e como enfoque o trabalho e suas dimensões na história do grupo, com questões específicas da rotina da mulher na comunidade e seus diferentes tipos de trabalho. Como critério de inclusão a participação somente das associadas e aquelas que participavam efetivamente das reuniões do grupo,.

Para mapear as experiências subjetivas e registrar a história da organização da mulher no espaço da comunidade foram realizadas entrevistas semi estruturadas abertas individuais e coletivas, específicas como as lideranças do grupo a fim de entender a história do Grumscope e sua importância para as mulheres e para a comunidade, diferentes lugares do trabalho, organização do trabalho, relação no processo saúde-doença, nos diferentes fazeres no cotidiano feminino.

O segundo momento: A subjetividade na inter-relação fala e escuta na complexidade dos saberes.

Houve encontros com o coletivo de trabalhadoras garantindo o espaço público da fala. Os encontros tiveram um roteiro semi-estruturado a fim de sistematizar o olhar do pesquisador, o grupo foi constituído com o coletivo de mulheres trabalhadoras da agroindústria.

Explora-se amplamente questões relacionadas ao processo de trabalho, saúde, e ambiente e por fim questões relacionadas ao reconhecimento no trabalho. As questões divididas em blocos nortearam aspectos sobre a organização do trabalho, saúde da trabalhadora e a subjetividade no percurso do reconhecimento.

O terceiro momento: tecendo vivências de trabalho e saúde no plantio na construção do texto cotidiano.

Para tanto, aplicou-se entrevistas semi estruturadas abertas individuais, que se tornaram coletivas, pela proximidade do grupo na colheita das pimentas, assim como, nas fileiras de plantio do maracujá, com as mulheres que trabalham nos plantios da região da Vila do Engenho, o roteiro de entrevista semi estruturada (Apêndice A) realizada em um grupo de 12 mulheres trabalhadoras. Devido à necessidade de entrevista no próprio campo de trabalho,

uma vez que as mesmas recebem por dia trabalhado, foram considerados a acessibilidade e a disponibilidade para participar da pesquisa. Como critério de inclusão foram entrevistadas mulheres que trabalham no plantio sistematicamente, aquelas que estavam escritas no caderno do patrão. Foram observadas mais amplamente questões relacionadas à organização do trabalho no campo, saúde e reconhecimento no trabalho.

Interpretação dos saberes construídos na prática da pesquisa: a fala, o olhar e o texto

Cada método responde a realidade singular e múltipla de possibilidades para a ação do pesquisador. Para Thiollent (2007), pode agregar métodos e técnicas de pesquisa social de forma a lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação. Rey (2002, p.106) indica que as etapas de coleta e análise de informação aparecem na pesquisa qualitativa como o contínuo em que se interpenetram, se construindo como curso progressivo e aberto de processo em construção e interpretação que acompanha todos os momentos da pesquisa.

Para Mendes (2007a, p. 69) e Minayo (2010, p. 19), o momento da entrevista é o processo no qual vínculo simbólico, afetivo, ideacional, social são estabelecidos, e assim foram utilizadas técnicas de entrevista, constituído de etapas como: monitoramento das situações de trabalho e saúde, incorporando a ótica de gênero, análise da demanda das tarefas cotidianas da mulher na comunidade, levantamento de dados sobre o funcionamento geral do trabalho da mulher na comunidade e análise das atividades desenvolvidas.

As técnicas para coletar dados, centrada na relação pesquisadores-pesquisados e na fala-escuta dos conteúdos manifestos e latentes, teve como objetivo compreender o que é trabalho: formas e significados, a organização e o reconhecimento da mulher no trabalho, movimento e fluidez no cotidiano do fazer.

Na entrevista o olhar para além do processo de trabalho, subsidiou a análise dos aspectos psíquicos e sociais e onde a relação com a organização do trabalho da mulher, processos de trabalho situados nos diferentes lugares, e, por vezes, as formas de precarização do trabalho favorecem a inter-relação com diferentes aspectos, como horário de trabalho, tipos e formas de situar esse trabalho favorecendo a análise dos aspectos que implicam à saúde ou adoecimento, no cotidiano do trabalho da mulher na Vila do Engenho.

As observações dos participantes consistem em desvelar o que acontece naquele ambiente, em que tipo de espaço e região estão localizados, além das condições do fazer material que é também simbólico e como se dá a movimentação dos comunitários com suas estratégias e dinâmicas de fazer acontecer seu trabalho.

A câmera fotográfica foi utilizada como ferramenta de registro e como forma de desvendar momentos, imagens do processo de trabalho, dos encontros, detectando dados a partir das fotos das trabalhadoras realizando suas atividades e manuseando instrumentos e formas de trabalho, na lente mais que o estático, significados de um ambiente em Itacoatiara que lembra Remanso, que diz da Vila do Engenho, que fala da Comunidade Sagrado Coração de Jesus, lugar que se não é específico, único nos aspectos relevantes para a compreensão da relação, saúde e trabalho na interseção com o ambiente da trabalhadora rural.

O olhar singular através da lente apresenta-se como processo de leitura e narrativa de redescoberta de si mesmo e do outro em si mesmo, ou seja, um duplo reconhecimento. E ainda a autobiografia ambiental que segundo Pinheiro (2008) é a história pessoal que inclui o ambiente no conjunto dos personagens, detalhado no capítulo que trata da produção do lugar como trajetórias de trabalho: da Comunidade Sagrado Coração de Jesus à Vila do Engenho.

Para o alcance das perspectivas de compreensão e interpretação este estudo, trabalha-se com a Análise dos Núcleos de Sentido (ANS) inspirada e adaptada na Análise de Conteúdo Categorical desenvolvida por Bardin (1970), que privilegia a palavra, a análise das vivências subjetivas e a busca do seu significado (MENDES, 2007a, p.67).

As falas são analisadas a partir da teoria crítica do trabalho, possibilitando captar a realidade aparente que camuflam relações de dominação, uma vez que estas, veladas, podem se manter e se reproduzir no cotidiano *dali* e de outros lugares *dali*. Quando se opta pela pesquisa e ação, objetiva-se desvelar, através da fala e da escuta, os possíveis lugares que o processo de trabalho da mulher na agricultura, imbricando trajetórias de sobrecarga de trabalho e de dominação.

Na psicodinâmica do trabalho o espaço coletivo da fala e da escuta é considerado como a via privilegiada para *irrigar o pensamento* dos trabalhadores: a *fala, a escuta, o pensamento e a ação* estão interligados. O espaço coletivo da fala favorece a mobilização subjetiva e a cooperação, que facilitam a construção de estratégias de ação capazes de transformar os aspectos da organização de trabalho que causam sofrimento. Assim, a abordagem psicodinâmica abrange as dimensões da construção e reconstrução das relações entre os sujeitos-trabalhadores e a realidade da produção. Os trabalhadores são percebidos como sujeitos ativos, com poder de resistência, de engajamento e de transformação da realidade a partir da construção de uma via de emancipação social no trabalho (MENDES, 2007b, p. 32; MORAES, 2010, p.153).

A utilização de métodos de interpretação em que o aporte teórico está situado no campo de investigação das subjetividades contemporâneas na sua relação com o trabalho no processo saúde-doença é dinâmico e crítico, possibilitando compreender os significados

atribuídos ao espaço, que se sobrepõem e interferem no cotidiano. Logo, ampliam os instrumentos de análises sobre o universo do trabalho da mulher e sua inter-relação saúde e ambiente.

As falas das mulheres estão gravadas em áudio e transcritas na íntegra, como veículo mediador de determinado conteúdo e pensamento verbalizado. As falas em decorrência de seu caráter subjetivo são incorporadas ao corpo do trabalho para sustentação das questões levantadas, em as (os) participantes aparecem indicadas por codinomes, Flor para as mulheres e para os homens, o prefixo Ho com um sufixo que o identifica para a pesquisadora.

As limitações no percurso são atribuídas aos aspectos do trabalho ter sido realizado no local de trabalho das mulheres, nos três campos de pesquisa (Grumascopo, agroindústria e plantio) vivenciando riscos e compartilhando estresses, ansiedades, risos, de forma que trabalhos como este requer aporte teórico e exame cuidadoso junto à convivência social, afirmações de parcerias, e se estabeleceu, portanto, relações em que a confiança e a participação nas atividades puderam permitir a aceitação quanto ao que se quis pesquisar, fundamentalmente, no que a pesquisa poderia contribuir para o cotidiano do lugar.

Foi importante entender que o tema pesquisado concentrou-se nos interesses, tanto da pesquisadora como das mulheres pesquisadas. Respeitou fundamentalmente o tempo de cada uma e as nuances do cotidiano, em que questões sobre mulher, dependências em relação ao homem, e aceitação do marido na participação da mulher no espaço público, permeiam o invisível, o espaço simbólico do cultural, do discurso e da prática.

Portanto, o tempo do trabalho compõe um ritmo afinado ao do lugar, que não é o mesmo que obriga o pesquisador a correr para a entrega do produto, a produção, mas, para além de um resultado, a possibilidade do trabalho, chamar a atenção para conquistas e transformações no espaço. A todo momento a quilha foi a cultura que situa a pesquisa e desacelera, para se afinar ao tempo daquelas mulheres e aí a paciência do pensar diferente e compreensão, do trabalho pela e com qualidade da informação e ter nos resultados como possibilidades de mudanças e permanências. A perspectiva sincrônica avalia apenas determinado momento da realidade, enquanto o comportamento humano representa o processo dinâmico.

Os capítulos articulam-se em três blocos de análise, o capítulo 1 Do rural ao urbano na Amazônia: um diálogo sobre a produção do espaço, a intrínseca relação de um rural e urbano em que proporciona a reflexão de um norte no interior amazônico dialogado, refletido no tempo, e embasando o olhar e a prática que permitiu repensá-lo. E na produção social do lugar um norte nas trajetórias de trabalho produzido na história da Comunidade Sagrado Coração de

Jesus e revelada no que se fez enquanto Vila do Engenho. A mulher marca as vivências, o território da produção social do espaço, refletido nas mudanças e nas permanências: do lavrado a autonomia em construção.

O capítulo 2 que tem como título Processos de trabalho e saúde da trabalhadora numa comunidade rural na Amazônia, traz a análise dos diferentes aspectos relacionados ao processo de trabalho e a saúde da trabalhadora, em constante interface com o ambiente rural. Do que, de imediato, se converte em importante aspecto dialógico na discussão interdisciplinar, ao trançar aspectos sobre trabalho, processo e ambientes de trabalho. Tendo na agricultura o lugar da reflexão e análise, sobre a organização e processos desse trabalho estabelecendo conexões para além do modo como o trabalho da mulher recicla as competências exigidas. Evidenciou-se neste capítulo a organização do trabalho, os processos de trabalho, a extensão do tempo do trabalho da mulher na agricultura/casa, sendo relacionado ao que será discutido no próximo capítulo sobre a sobrecarga de trabalho nas alternâncias das diferentes atividades.

Nesse capítulo é abordado o trabalho da mulher na vivenciada nos diferentes espaços do trabalho da mulher na agricultura, mais especificamente na agroindústria e nos plantios. Nas vivências subjetivas o desvelar do que é trabalhar para a mulher da Vila do Engenho, em um processo constante de compreender o que é trabalho e ajuda, para a mulher. A mobilização subjetiva da mulher enquanto processo de reconhecimento no/do trabalho, são interpretadas à luz da teoria crítica do trabalho em interface com as falas, possibilitando visibilizar desigualdades e localizar formas precarizadas no processo e nas condições de trabalho da trabalhadora.

O capítulo 3 Com o olhar reflexivo das diferentes formas de delimitação do trabalho e suas inter-relações nas condições de saúde da mulher agricultora, no que diz respeito aos agravos e exposição de riscos, observados na atividade, segundo sua delimitação espacial.

O olhar sobre a saúde das mulheres trabalhadoras, em diferentes contextos da Comunidade Sagrado Coração de Jesus, estabelece um diálogo quanto as atividades e as transformações que vem ocorrendo na área rural, refletido nos processos de trabalho que vem acarretando metamorfoses significativas em situações de trabalho na área rural. O trabalho e o reconhecimento desse trabalho no cotidiano desvelaram aspectos subjetivos de representar as trajetórias de trabalho e/ou ajuda, vivenciadas pela mulher na agricultura.

Nesse sentido, o reconhecimento do trabalho da mulher e de seu protagonismo para além da emancipação dos espaços que a ela é destinada na sociedade, tem como base o entendimento subjetivo que, ao analisar o trabalho da mulher, desvelam-se e caracterizam-se

situações de trabalho e de trabalhadores na Amazônia. Um ciclo que se fecha no gestar perguntas e parir respostas, a própria tese.

Os capítulos não são estanques não havendo separação entre eles que se articulam e se completam, do mesmo modo não há separação entre teoria e empiria, sendo um o complemento do outro como o fio do tucum que se transformam em novelos e tecem o cesto.

1 DO RURAL AO URBANO NA AMAZÔNIA: UM DIÁLOGO SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

1.1 Rural e urbano: um norte no interior amazônico

Pensar o espaço amazônico, é refletir a intensidade de sua essência enquanto verbo habitar, é a possibilidade de entender a dinâmica de lugares que contam histórias, de tempos e espaços, enquanto processo dialético com multiplicidades e heterogeneidades de espaço-tempo, pensado, vivido, construído e transformado.

Reconhecer o espaço a partir do vivido é desafiador, uma vez que é produto de relações que estão imbricadas às práticas materiais que devem ser efetivadas, num processo de fazer-se, jamais acabado.

Bachelard (1996) mostra por meio da filosofia que habitar também torna precioso aquilo que nada era. O espaço não é só superfície, é um por vir, sendo que o homem está justamente ali, naquele determinado lugar, naquele preciso momento em que eventos aleatórios transcorrem.

Da compreensão do espaço/lugar, Harvey (2009) questiona: como lugares, regiões e territórios evoluem dadas relações espaciais em mudanças? Pensando sobre a Amazônia e interpretando a relação urbano/rural, devem-se respeitar as escalas geográficas e com isso o atributo rural e urbano, pode indicar que “há sempre uma relação problemática entre, de um lado, condições locais e particulares, e, de outro, a universalidade dos valores conseguida no mercado mundial” (HARVEY, 2009, p. 51-55).

Entender como as mudanças substantivas rural/urbano, impactam de maneira definitiva no modo de vida local de pequenas vilas e cidades da Amazônia, significa identificar as tendências que impõe novas formas de viver, e, que, do ponto de vista acadêmico constitui inserir novas discussões teóricas sobre o tema.

Redimensionar a relação campo/cidade, rural/urbano é olhar o urbano que extrapola os limites da cidade, uma vez que as atividades rurais vinculam-se ao comércio, aos serviços e às outras atividades, antes identificadas prioritariamente com as cidades. Então o urbano e o rural são aqui imbricados orientando fluxos e redes na Amazônia, considerando as relações socioespaciais peculiares da região, não sendo, por isso, separadas dicotomicamente. Tal visão já foi considerada em outros estudos em rural e urbano, como pode ser inferido na citação a seguir:

O rural e urbano extrapolam os limites espaciais tradicionais. As contradições colocam a realidade plural do desenvolvimento da sociedade, uma vez que, o campo é espaço predominantemente rural, mas não exclusivamente. De forma semelhante, a cidade é espaço urbano, o que não significa que seja exclusivamente urbano. Nem tudo o que existe no campo é rural, nem tudo o que há na cidade é urbano. Tanto os que se aproximam do urbano, quanto os que se aproximam do rural, tendem a adquirir características específicas de cada espaço (BAGLI, 2006, p. 67).

"O espaço rural e a sociedade rural recriam-se, requalificam-se, tem novos conteúdos. O urbano também não deve ser entendido como uma realidade acabada, mas como um horizonte de transformações territoriais, sociais políticos e econômicos". Isto significa que pensar o rural e o urbano é trazer para a discussão o lugar da diversidade social e cultural na Amazônia, que tem sido objeto de pesquisa podendo ser analisado por diferentes ângulos, por meio da ótica social, econômica e política, e cada enfoque, se contextualiza revelando a distância do conceito em relação aos sujeitos sociais. Muitas vezes o urbano é confundido com o processo de modernização, quando novas técnicas chegam aos lugares. Não significando necessariamente a melhoria das condições de vida das populações locais (RODRIGUES, 2009, p. 299)

Estudar o urbano e o rural na Amazônia é também lembrar que os conceitos possuem sua historicidade. É no conjunto articulado de teorias que se constituem a base de estratégias para pensar, que o espaço urbano, é o resultado de processos geradores de formas e funções modificadoras da cidade encravada no meio da selva.

Na Amazônia e especialmente no Amazonas, o rural e o urbano estão sobrepostos enquanto realidades diversas, tendo como ponto de interseção, o crescimento desordenado das cidades que produz um urbano que contém o rural. São múltiplas faces da Amazônia que não podem ser compreendidas separadamente, por não serem díspares, mas complementares.

Por isso, é que o conceito rural e urbano precisa ser maturado no sentido de compreender as transformações da sociedade, enquanto concretude de realidades, de vidas singulares que dizem de lugares específicos, de uma comunidade no interior da Amazônia.

Estudos de Diegues sobre modos de vida na Amazônia ressaltam que o meio rural deve ser pensado como um todo, pois envolve além da atividade extrativista, agrícola e de pesca, todos os serviços ligados a estas atividades como: os serviços administrativos, o comércio, a rede de serviços de saúde e de ensino; as associações profissionais, políticas e culturais, todas as instituições que são típicas das aglomerações, ou seja, aqui o que antes era tipicamente urbano é agora rural (DIEGUES, 1999, p.89).

Como pode ser visto na diversidade da figura 3 a seguir:



Figura 3: Igreja, comércio e porto fluvial na Vila do Engenho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Numa visão apriorística, o rural é o campo e o urbano, a cidade, porém, tal visão deve ser relativizada visto que, na relação balizada pela construção e articulação das novas formas de ver e pensar a Amazônia, o campo e a cidade devem ser apreendidos também numa visão dialética, haja vista que cada um tem especificidades e similaridades. Além disso, o campo não é sinônimo de rural e, tampouco, a cidade abarca apenas o urbano. O rural e o urbano expressam o modo de vida e os valores, enquanto o campo e a cidade correspondem à materialização desses modos de vida. Portanto, os valores urbanos estão presentes no campo, assim como também encontramos os valores rurais na cidade (MONDARDO, 2008, p.118).

Bispo e Mendes (2012, p.20), discutem três formas de interpretação sobre a cidade e o campo, a primeira enfatiza a dicotomia, a segunda que aparece o rural e o urbano enquanto contínuo e a terceira, na qual nos alinhamos, indica o campo e a cidade como partes integrantes do todo. E enfatiza o estudo do rural e do urbano, justamente, nas relações entre as duas partes, mesmo que, às vezes, o campo já não seja tão rural e a cidade não se apresente tão urbana, o que é importante nesta interpretação, é que eles não se opõem, não se excluem, ao contrário, se completam mesmo sendo diferentes.

Portanto, as transformações econômicas que ocorrem na Comunidade Sagrado Coração de Jesus, indicam a imbricação do rural/ urbano, baseado em um modo de vida em que os moradores do lugar produzem uma centralidade, a Vila do Engenho, como espaço de negociação, que contém a agroindústria, o comércio e a cooperativa, articulados a uma área contígua em que desenvolvem atividades agrícolas de cultivo de frutíferas e hortaliças. Isto aparece na fala do morador, que diz:

... quando falamos Vila do Engenho é para dar visibilidade para o produto que negociamos é entrar nas negociações, ter mais oportunidade, então é aqui que tem o comércio... (Homed²).

² Conforme apontado na introdução os homens participantes da pesquisa são identificados por Hom com um sufixo que os identifiquem para a pesquisadora, como exemplo Homed.

Esse processo não está isento de contradições e conflitos. Algumas transformações econômicas e culturais são constatadas na Vila do Engenho³ e os efeitos atingiram em uma década, mudanças. A sobrevivência do grupo antes passava pelo trabalho e apoio coletivos, hoje ainda se tenta resgatar permanências de costumes. Mas o avanço das relações de trabalho impôs outros modos de vida e os costumes longamente estabelecidos na comunidade rural foram gradativamente sendo substituídos. Porém, esta substituição não ocorre em sua inteireza, pois, há marcas que permaneceram.

Ao compor tal reflexão, se vê ali também, vínculos de consanguinidade que se diluem paulatinamente, substituídos pelos vínculos de territorialidade, fundamentados na residência e no local de trabalho. A comunidade aos poucos se transforma, pois que atingida pelo processo de urbanização, que tende a apagar a distinção cidade-campo, em decorrência do predomínio do valor de troca sobre o uso. Todavia esse processo não é inexorável permanecendo ilhas de ruralidades, em decorrência de que a relação urbano-rural não desaparece, ao contrário intensifica-se (ENDLICH, 2010, p.22).

A Vila do Engenho era marcadamente rural, o novo chega trazendo o "de fora", especialmente o consumo de produtos e processos, antes desconhecidos, que estabelecem contradições com o modo o vida pretérito, que aos pouco vai se transformando. No lugar chamado Sagrado Coração de Jesus, o processo de agroindústria sem dúvida é o motor de transformações e com ele chegam as mudanças nos hábitos e costumes, que muda as relações sociais e familiares, com implicações no trabalho da mulher.

Neste processo, há transformações e permanências, há ainda, a forte relação com o rio, com o transporte fluvial, com a vida ribeirinha. Por outro lado, há mudanças no modo de morar, com casa de dois e até três andares; o posto de gasolina que substitui o pontão e o transporte, que passa a ser mais urbano, como se vê ilustrado na figura 4 abaixo.



Figura 4: Permanências e transformações na Comunidade Sagrado Coração de Jesus/Vila do Engenho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

³ Optou-se pelo nome Vila do Engenho pois assim chamam os moradores da Comunidade Sagrado Coração de Jesus ao centro onde fica a fábrica da Cooperativa ASCOPE, a escola, os comércios e os equipamentos sociais do lugar.

O processo de estruturação urbana ocorre na Vila, impulsionado pela a agroindústria, sem dúvida o motor de transformação que muda o modo de produção no campo, com a inserção de tecnologias, como a mecanização agrícola, o uso de defensivos, que embora sejam pontuais, ocasionam transformações importantes nas formas de trabalho, especialmente da mulher.

A gente estudava em 1999 o telecurso do ensino fundamental com outros companheiros. Para passar a produção, cavavam o igarapé e tinham que ser rápido para passar. Quando a gente começou a plantar abacaxi aqui, a gente conduzia o abacaxi com 300 e até 500 metros com paneiro na cabeça, quando secava, eles pegavam juntos cavavam aqui o igarapé, e tinha que ser rápido para levar a produção para Manaus pois estragava e podia perder a venda. Cavavam e não tinha hora, safra do abacaxi era sempre quando tava seco, hoje em dia com a técnica já hoje já pode modificar os tempos, porque só se plantava na época da chuva e só dava quando tava seco, mas era um sofrimento danado (Hombe).

Hoje o pessoal já tá com a terra mecanizada quando induz o abacaxi todinho, é tirar tudo de uma vez, o pessoal já mete o jerico pelo meio do abacaxi, olha, vai só cortando e colocando dentro, nem paneiro, praticamente não usa, então as coisas estão facilitando cada vez mais. Antes você andava um bom pedaço para chegar no roçado hoje vai de jipinho, vai de carro, já chega lá, aí a barriga olha e aí ainda come frango que é cheio de hormônio (Hombe).

Na comunidade chegaram 6 tratores. Não é comum, é, que, tudo bem, tem impacto, mas a comunidade está sendo beneficiada (Homed).

A própria fala pausada, reflexiva, mostra dúvida, ou no mínimo é o reconhecimento de que esse processo é conflitante para a comunidade, que perde o antigo modo de vida, embora aumente a produção e conseqüentemente melhore o nível da qualidade de vida da Vila. Esse aspecto é explicitado na fala do agricultor:

Nessa parte a gente era mais feliz, corte com a polpa, a mandioca é muito da nossa cultura, hoje está distanciado de plantar roça, achei melhor comprar farinha (Homben).

E a diferença entre associação e a Vila antes era tudo junto, o que foi interessante é que foi muito rápido são 10 anos de urbanização. Tem muita estrutura aqui que a gente nem imaginava. Foi coisa assim...nos planejamos em fazer a igreja em um tempo, logo isso foi feito, em 2 anos (Homed).

Neste processo de transformação da sociedade local, está embutido um processo de urbanização e da problemática do urbano que figuram “entre os efeitos induzidos e não entre as causas ou razões indutoras, as preocupações que essas palavras indicam se acentuam de tal modo que se pode definir como sociedade urbana a realidade social que nasce a nossa volta” (LEFEBVRE, 1991a, p. 3).

A passagem da Comunidade Sagrado Coração de Jesus para a Vila de Engenho, na forma e na apresentação simbólica, é muito significativa, visto que passa a se configurar como um espaço urbano, lugar de negociação com a prevalência do valor de troca sobre o valor de uso. Ganha relevância o significado Vila do Engenho com tempo e espaço que passam a ser regulados por atividades que ganham revalorização e se insere no reino da "mercadoria". Neste complexo movimento de transformações tanto das relações sociais de vivências na divisão do trabalho e nas múltiplas dimensões da vida, a Vila tende à modernização no e do espaço com a mecanização e a especialização no ato de produzir.

Como bem lembrou uma trabalhadora da agroindústria quando disse que antes as famílias se reuniam para cortar a polpa do cupuaçu, conversavam, riam e conviviam, embora o trabalho fosse desgastante e rendesse bem menos, pois a fruta despolpada era vendida a um preço baixo. Hoje com a agroindústria, o valor do fruto com caroço tem preço similar ao valor estabelecido antes quando era despolpado manualmente, isso significa que hoje o esforço é menor com maior retorno financeiro às famílias, porém o trabalho em comum e a convivência se perderam. Isso pode ser demonstrado na fala do cooperado:

Eu falei, eu saí 4h e estou chegando agora, tarde da noite e não vi minha mulher e a moça falou isso. Não pode esquecer essa parte, mas é verdade essas são coisas que para alguma parte da sociedade não tem valor, mas, ela tem valor, pois interfere na convivência de grupo de classe e na família da gente, não é uma crítica, mas a gente fica americanizado (Homed).

Faz-se necessário entender que isso é um processo dialético em que ocorrem perdas e ganhos que se refletem no movimento do lugar, que articula o urbano e o rural, como uma unidade que vai além das fragmentações, em que o conhecimento da realidade pode incidir sobre o possível, permitindo mudanças e permanências nos modos de vida. Ou seja, é necessário compreender os avanços ocasionados pela agroindústria bem com as perdas dela decorrente.



Figura 5: Comunidade Sagrado coração de Jesus/Vila do Engenho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

O rural não diz respeito apenas ao acabado, passado já concluído. Tão pouco o urbano não significa apenas o futuro, o diferente. O trajeto simbólico da Comunidade Sagrado Coração de Jesus para a representação do *locus* urbano, a Vila do Engenho, possibilita compreender esse processo como inacabado, inconcluso, permanentemente em transformação em que se imbricam passado-presente e futuro.

A forma de cidade no campo (sem ser cidade) traz formas de produzir e reproduzir uma Vila com identidade cidadina. Boaventura de Souza Santos possibilita a reflexão de urbano e rural enquanto identificação de lugar:

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso[...]. As identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação (SANTOS, 1994, p. 31).

Algumas vezes o urbano aparece como o moderno, transitório e perspectiva de mudança. Já o rural como modos de vida de campo, de trabalho e por vezes com tom pejorativo de inércia e de atraso. Como nas contradições entre norte e sul, as identidades, rural e urbano podem simbolizar campos de força, poder e subordinação. Entretanto, não podem ser vistos como dicotômicos, mas como complementares, tão pouco podem ser relacionadas ao atraso (rural) e ao progresso (urbano).

Um morador se questiona sobre o que mudou nesse processo de transformação da comunidade em Vila:

penso agora: eles têm máquina, e a mulherada televisão, o que é isso? o que é isso? é a mudança, onde as mulheres antes eram parceiras (e continuam sendo) porque depois das 4h, o trabalho dela se estende... (Homed).

Divido o trabalho da casa e o trabalho do roçado, aí é complicado, porque a gente tem ...quando a gente vai pro roçado, quando, antes de sair, antes de 8 horas, quando vai pro roçado, já tem que aprontar o almoço, quando chega já é pra aprontar, o dia praticamente só é pra ir pro roçado e pra fazer a alimentação, aí os outros trabalhos deixa, porque nem sempre, a gente trabalha a semana toda no mesmo trabalho, né, no mesmo porque é uma sequência de trabalho, aí tem que esperar, as vezes é um dia, outro não, as vezes é por mês, então dá tempo da gente cuidar da casa, cuidar das coisas, e de vez em quando, ajudar o marido, não é que a gente vai todo dia ajudar ele, ate porque fica pesado, a gente tem a obrigação da casa mesmo... é comida é roupa é tudo. Porque é muito, porque é uma agricultura

familiar , não tem como separar, porque o homem se for só ele, não vai ter muito como dar conta dos serviços, e também a mulher, é um serviço... que é tipo dividido mesmo e a gente ...nós eu e meu marido, principalmente porque nos somos só nos dois, e a gente não faz aquele plantio enorme, a gente planta o que a nossa família da conta de cuidar, não precisa tá pegando gente de fora, porque quem aumenta o número de hectares de roçado por ano, aí aumenta o trabalho, aí vai depender de pessoas de fora para ajudar, porque ele não dá conta só com a família, e aí a gente planta pouco, o máximo que a gente planta é 1 hectare por ano, e dá pra gente viver bem, não dá pra viver luxando, mas a gente tem o necessário, pra viver uma vida digna, graças a Deus (Floraur⁴).

O que denota a fala do cooperativado Homed é constatado na fala da associada do Grumascop, é, que, após a lida como trabalhadora rural diarista, ou como trabalhadora doméstica ou em outros serviços, a mulher continua a lida como agricultora, trabalhando no roçado da família e neste trabalho é reconhecida como companheira, e contraditoriamente é considerada como ajuda.

Antes, todo o trabalho era feito pela família e o trabalho da mulher era doméstico e complementado na agricultura e este aparecia como ajuda. Basicamente inexistia o trabalho agrícola como troca "diarista". Na atualidade isso mudou como pode ser visto na fala do morador:

Hoje tem 3 rapazes na minha área de cupuaçu, mas fiz isso eu e Flornazi, ela pegava os frutos e eu fazia o carreto, todos os dias duas vezes na semana. É bem dividido e o destaque para algumas funções também não tem porque misturar (Homed).

Tal processo decorre de distintos avanços da reestruturação capitalista que também atinge o rural em parte da Amazônia com suas diferentes técnicas que possibilitam mudanças espaciais com novas atividades econômicas, com transformações na vida cotidiana das populações locais.

O que ocorre na área em estudo, e que pode ocorrer em alguns lugares da Amazônia são construções, desconstruções, estruturações e reestruturações que se sucedem no espaço-tempo de um urbano que também é rural.

O rural e o urbano se constituem como unidade com potencial de se compreender o verdadeiro sentido de desenvolvimento sustentável na Amazônia, otimizando equidade social, justiça, formas de trabalho e sustentabilidade ambiental.

Na Amazônia, o rural compreende áreas dispersas e ou concentradas que não pode ser rotulado tomando-se como base uma escala espacial, pois que se expressam como relações

⁴ Conforme apontado na introdução as mulheres participantes da pesquisa são identificadas por Flor com um sufixo que as identifiquem para a pesquisadora, como exemplo Floraur.

sociais que se concretizam no cotidiano amazônico, de chuva e sol, num tempo que produz não de forma mecânica, mas pela possibilidade de os moradores se apropriarem do tempo que segue em cadência desacelerada, que foge da lógica produtiva de ritmos impostos pelo capital.

São características, dos ambientes amazônicos rurais, a dispersão populacional, assim como as relações de ajuda mútua, relações de vizinhança e de parentesco (cooperação). Para Saquet (2010, p. 159), essas características também são identitárias nas vilas e sedes distritais em alguns recortes territoriais. De igual forma, refletidas no Amazonas, especificamente na área de estudo, com diferentes formas e conjugações de mudanças e permanências, espacialidades e temporalidades. “Homens historicamente determinados, têm relações sociais, que são econômicas, políticas e culturais, cotidianas e fazem parte do rural um espaço também urbano e, deste, um espaço também rural” (SAQUET, 2010, p. 159).

No olhar acurado de quem anda através de diferentes tempos e espaços na Amazônia, pensar e escrever suas dessemelhanças, é olhar para dentro de rotinas, e perceber que o ambiente na Vila do Engenho em Itacoatiara pode proporcionar, em diferentes escalas, a construção de modos de vida e de trabalho, que não se desvinculam da forma como estão articulados com a apropriação dos recursos naturais. Compreendendo também a diversidade de setores econômicos e não econômicos, que se estabelecem ali e nas relações funcionais de inter-relação com o urbano enquanto dimensão territorial.

A abordagem territorial possibilita compreender os diferentes lugares no Amazonas, onde aparece a relação rural-urbano em uma dimensão “centrada na relação espaço-tempo e na reciprocidade das dimensões sociais: econômica, política e cultura (E-P-C) há por essa via territorialidades e temporalidades no tempo e no espaço” (SAQUET, 2010, p.158).

Na fala da mulher Flormar, moradora da Vila do Engenho, a lembrança e a descoberta de mudanças em seu cotidiano, criam um lugar de passados e presentes.

Antes a vila só era mesmo bem familiar né. As famílias que moram no Lago do Engenho vieram pra cá justamente por causa da infraestrutura, por causa de colégio, ficar melhor pros filhos, pra vim do lago era muito difícil, então quando foi pensado na vila, foi pensado nisso (Flormar).

A mudança desse lugar pressupõe transformações no cotidiano que por meio da fala é apropriada pela vida dessa mulher, não ficando explicitada na fala a separação entre urbano e rural, porque as relações que se estabelecem na vila não são dicotômicas e nem são influenciadas pela separação entre cidade e campo.

Nesse lugar amazônico as diferentes formas de entender a organização e as divisões do trabalho, propicia entender a relação campo e cidade, urbano e rural, sem convertê-la a uma

dicotômica relação, mas como um reflexo de múltiplos e diferentes modos de produção. Formas de relações sociais ilustram articulações históricas materializada no cotidiano de seus moradores.

A vila tem poucos anos, tem 10 anos só, é bem novinha, e ela foi pensada nisso pra ajudar a infraestrutura da comunidade, colégio, posto de saúde, a questão de energia, telefone tudo isso. Aí foram loteados os terrenos e vendidos os lotes. Aí era uma coisa bem de família, a gente tinha controle de tudo, era bem, ... a gente podia controlar tudo, sem muito impacto, sem ainda ter o impacto(Florlo).

Para Oliveira (2004; 2006; 2008) ao produzir suas condições de vida, a partir das relações de trabalho, a sociedade produz o espaço geográfico e com ele o modo de vida, de pensar e sentir. Assim, pensar o urbano na Amazônia significa pensar a dimensão do humano que comporta novas exigências materializadas na cotidianidade.

O rural amazônico é marcado, em suas características mais gerais, pela posse da terra ligada a forças e relações de produção específicas que se caracterizam com instrumentos de trabalho em sua maioria com instrumentos simples e pelo trabalho familiar, com uma divisão do trabalho caracterizado pela divisão sexual do trabalho uma vez que o trabalho da mulher e o trabalho do homem são delimitados pelo território de dentro e fora da casa, quando o homem trabalha é no sustento da família, na casa a mulher trabalha preparando alimentação para os trabalhadores do plantio de sua família (sistema de diária).

São em média dois a três diaristas que devem ser alimentados dependendo do trabalho, onde cabe a mulher o preparo do alimento, uma média de seis refeições dia. Quando prepara as refeições, sai para seu trabalho em outro *roçado*⁵ onde tem um patrão que determina valor e horas trabalhadas por dia, mas quando esse trabalho é o da mulher é concebido como dela, para ela:

Tenho meu dinheirinho e posso comprar o que quiser se faço uma compra venho aqui trabalho os dias e tenho dinheiro para a prestação (Florbra).

Ao chegar em casa vejo aquele montueiro de louça pra lavar, e o trabalho continua dentro de casa ...(Florai)

O rural caracterizado enquanto Comunidade Sagrado Coração de Jesus conjuga um verbo habitar que guarda no significado a sensação de tranquilidade e aconchego, que aparecem nas falas dos moradores. Esse aspecto aparece em Bauman (2003, p. 7) as palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações que permanecem. A palavra

⁵ Plantio de culturas diferenciadas

comunidade é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que comunidade signifique, é bom ter uma comunidade, estar numa comunidade. Para o autor ela sempre esteve no futuro.

Comunidade entre o perdido e o esperado, de uma maneira ou de outra, não se trata de um paraíso que habitamos e nem de um paraíso que conheçamos a partir de nossas próprias experiências.

O processo de crescimento da Vila vem ocorrendo de forma desordenada devido à expansão econômica e do crescimento demográfico. Pessoas que antes moravam na cidade de Manaus refugiam-se num porto seguro, a comunidade, dada ao desejo de um lugar tranquilo encontrado no inconsciente coletivo que proclama segurança e liberdade.

O lugar, portanto, comporta relações comunitárias pretéritas que se transformam, entendendo comunidade como categoria orientadora da ação e da reflexão e seu conteúdo é extremamente sensível ao contexto social em que se insere. A comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição (SAWAIA, 2002, p.50).

Veio a necessidade de separar interesses, para que o caminho novo fosse trilhado com identidade própria, iluminado por objetivos comuns. Dessa discussão nasceu o termo "produtores rurais", como forma de separar os interesses individuais e coletivos presentes em qualquer sociedade ou comunidade. Por definição dos próprios comunitários, trabalhadores rurais são todos os que vivem no meio rural. Produtores rurais são os que plantam, produzem, colhem, utilizam a terra como fonte de renda e vida, que acreditam no trabalho comunitário, que estão dispostos a se organizar, mesmo sabendo das grandes dificuldades (JESUS, 2000, p. 73).

A comunidade, portanto, contém individualidades e permitiu o amadurecimento das potencialidades humanas nos espaços particulares do cotidiano, apresentando uma dimensão temporal/espacial do uso daquele espaço.

Nesta concepção, comunidade é o cotidiano dos indivíduos e grupos que comungavam condições sociais comuns, e se organizaram e organizaram seu ambiente numa dinâmica própria, expressão particular daquele local.

As falas dos moradores apontam histórias singulares inspirada por um pensamento comunitário, porém, atualmente já apontam contradições em que o comunitário como lugar do rural, vem sendo transgredido.

Algumas Comunidades, como a do Sagrado Coração de Jesus, sofrem alterações nas formas de convivência, em decorrência da expansão demográfica, da perda dos referenciais históricos pelos mais novos, da saída dos adolescentes para estudar nos municípios vizinhos que descaracterizam de certa forma o tempo "comum" e determinam a perda do lugar comunitário que existia no imaginário.

A dura realidade, não tão comunitária assim chega com a modernização que determina novas formas de gerir o tempo e o espaço, causando grandes impactos ao lugar. Essa constatação já havia sido inferida por Bauman (2003, p. 48) revela o que Maurice R. Stein em 1960 já notava que "as comunidades se tornam cada vez mais dispensáveis. As lealdades pessoais diminuem seu âmbito com o enfraquecimento sucessivo dos laços nacionais, regionais, comunitários, de vizinhança, de família e, finalmente dos laços que nos ligam a uma imagem coerente de nós mesmos". No presente estudo isso pode ser aferido na fala da moradora.

Hoje a gente vê o tamanho do impacto que a vila esta causando pras famílias que nasceram e se criaram aqui. Muitas pessoas vieram por ser um local bom de se viver, muitas pessoas vieram morar, e quando elas vieram morar na vila, pessoas que não eram daqui, que não eram do grupo familiar que já existiam aqui, trouxeram com eles também os impactos da cidade grande, pra cá pra nossa vila. E hoje ta que a gente já olha assim e a gente já não vê solução, caso de prostituição, casos de drogas, já é muito visível , ta ai na nossa cara e ai a gente vê que ainda não foi nem preciso trazer a área do turismo pra cá , mas simplesmente ter se formado uma vila já veio os impactos da cidade grande(Florni).

A passagem da comunidade Sagrado Coração de Jesus à Vila do Engenho implica mudanças e transformações, seja pela ampliação do processo de produção agrícola, com a produção do abacaxi e do cupuaçu , seja pela utilização dos recursos naturais como alternativa econômica. Esse processo possibilita observar que as contradições sociais permeiam a problemática ambiental sobre a forma que reproduz o espaço geográfico, o qual socialmente reproduz as relações de produção.

Atualmente, o que se chama de Vila do Engenho situa em si e na memória uma forma de se adaptar às mudanças, como alternativa de estar no espaço guardando o que ainda tem de Comunidade do Sagrado Coração de Jesus. É tentar se diferenciar dos "de fora". Mas garantir a Vila como lugar de negociação e do urbano, da interseção com o rural, como relação não dicotômica, mas em processo onde parcerias são celebradas no exercício do dia a dia, em lugar de todas as práticas socialmente compartilhadas. Em outras palavras mudar para continuar sendo eles mesmos.

A Vila do Engenho na procura de comunidade como abrigo, contra as sucessivas correntezas de turbulência, pode encontrar em Bauman (2003, p. 128) explicações sobre estas que foram originadas em lugares distantes que nenhuma localidade pode controlar por si só. Um banzeiro⁶ forte que movimenta as fontes da irresistível sensação de insegurança dos

⁶ Um rio que se agita em pequenas ondas, que reflete os barcos ao sabor dos ventos (Poeta Francisco Perna Filho).

moradores daquele lugar antes tranquilo, estão profundamente imbricadas na crescente distância entre a condição de “individualidade de jure” e a tarefa de obter a “individualidade de fato”.

Em Lefebvre encontram-se possibilidades de discutir a realidade de um espaço amazônico onde a complexidade da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível, mas esta descrição deve estar comprometida com o processo, o residual como virtualidade do que existe em potência e as possibilidades como ideias que também não se materializaram. O espaço como deflagrador é simultaneamente, o espaço vivido – o lugar das contradições e também da resistência – as representações do espaço e o espaço abstrato, o concreto, como espaço de representações.

A discussão sobre o rural e o urbano reflete a discussão do tempo na Amazônia entre tantas histórias singulares de mudanças e permanências como em outras regiões brasileiras, passando pelo limite de qualificar o que é urbano e rural, em que o conjunto de atividades passa a ser desenvolvida no campo, incorporando novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entretenimento.

Os avanços técnicos e a atual reestruturação capitalista indicam a possibilidades de desconcentração espacial das atividades econômicas, mais especificamente, as produtivas, viabilizando cenários de desenvolvimento econômicas, mais especificamente as produtivas, viabilizando cenários de desenvolvimento econômico de áreas não densamente povoadas ou áreas metropolitanas (ENDLICH, 2010, p.12).

A história do lugar possibilita problematizar a realidade não como uma questão dada, mas produzida e que pode ser mudada/transformada com intervenção de práticas sociais menos submissas e mais autônomas. Ao mesmo tempo, determina a relação de indivíduos no/ e do grupo nos diferentes espaços, como produto e produção de relações contraditórias, que devem ser desveladas e assim permitir um olhar sobre as diferentes produções de espaço na Amazônia. Antes em ajuri, atualmente em cooperativismo:

São 43 cooperados, destes, 31 tem ligação com a agroindústria, que compra e dá emprego. Puxa o núcleo, para a compra do produto e depois os de outros produtores, busca terceiros (Homed).

Mesmo com significativas mudanças nas necessidades de investimentos tecnológico é visível o aumento no poder aquisitivo de alguns cooperados, observa-se o reflexo da trajetória pautada nas premissas do associativismo e do cooperativismo para manter a distribuição mais equitativa dos lucros entre os cooperados e outros agricultores, seguidos pelas lideranças da Ascope nos seus diferentes lugares de mando.

Carlos (2007, p. 11) enfatiza que no plano do lugar é possível, por exemplo, compreender a racionalidade homogeneizante inerente ao processo de acumulação, que não se realiza apenas a partir da produção de objetos e mercadorias, mas liga-se cada vez mais à produção de novo espaço, de nova divisão e organização do trabalho, além de produzir modelos de comportamento que induzem ao consumo e norteiam a vida cotidiana.

A questão do rural e do urbano pode orientar a mudança histórica das relações sociais e de trabalho nas comunidades amazônicas. Para Soja (1993, p. 121) o capitalismo industrial competitivo conseguiu ampliar-se e se transformar, por meio de uma série de mudanças estruturais, entretanto, o fez sem eliminar suas contradições fundamentais. Não apenas no confronto direto entre capital e o trabalho no ponto de produção, mas também, e com igual intensidade, no âmbito do consumo coletivo e da reprodução social, conforme pode ser observado na fala da moradora:

Coisas que a gente não via aqui, a gente só ouvia falar pelo rádio, que nem televisão antigamente não se tinha pra se vê, que a gente achava: ah isso é lá longe, acontece lá . E aí, hoje nós estamos no meio, estamos perdidos sem saber o que fazer com as crianças, com os filhos que estão se envolvendo com drogas, com as filhas que estão se prostituindo. E aí a gente ficou, tipo assim atordoado, perdido no que é o desenvolvimento, as consequências estão aí, as boas que estão aí visível que a gente vê, mas que veio também as ruins e que a gente não soube, não sabe o que fazer (Florlis).

Na caracterização, encontram-se os desafios de identificar e compreender o rural e o urbano que estão submetidos à lógica do capital em seus aspectos concretos que podem definir o estilo de desenvolvimento, capaz de reconhecer o rural e urbano amazônico e suas especificidades. O desafio que a Vila do Engenho enfrenta consiste em encontrar, no difícil contexto do vivido, respostas que tenham a capacidade efetiva de preservar as relações de afetividade e cooperação e produzir perspectiva de equilíbrio na relação da sociedade em mudanças. Como afirma Bauman: se a ideia de comunidade foi destruída, a de comunitarismo como “pertencer a” continua como demanda em nossa sociedade.

Para Oliveira (2006, p. 29; 2008, p.24), na discussão sobre o urbano na Amazônia, é preciso entender que o espaço e tempo, o lugar e o ambiente não podem ser separados um do outro, nem tratados como meras abstrações, fora das condições concretas da história e da geografia. Chamando atenção que a urbanização pode ser entendida como manifestação do desenvolvimento geográfico desigual, e isso é sentido pelos moradores, conforme já se expressa na fala: *Hoje a gente vê o tamanho do impacto que a vila está causando pras famílias que nasceram e se criaram aqui (Florma).*

A Comunidade Sagrado Coração de Jesus, um pedaço de terra no município de Itacoatiara, tem história de lugares e de vidas, para além do urbano, ou seja, da Vila, como pode ser aferida na fala do morador:

A gente trabalhou muito pra gente adquirir essa área, pra constituir essa vila. Porque as outras experiências que tem, é o prefeito que compra, é o prefeito que faz isso, é o prefeito que faz aquilo e nós fomos por muito anos uma comunidade muito mal tratada, muito rejeitada pelo Poder Público, porque a nossa tradição sempre foi de esquerda, aí os políticos em Itacoatiara da ultra direita. Então inimigo, arque inimigo mesmo de qualquer organização, processo de liberdade. Eu tava falando hoje de manhã pra umas organizações que está trabalhando com as nossas secretarias de assuntos especiais tava falando sobre... Eles estão trabalhando sobre economia solidária. E eu tava falando pra eles, o quanto isso é importante na vida dos pequenos, porque o mundo ainda não parou a sua política de disputa antagônica, eu sou sindicalista e a minha vida inteira foi lutando por financiamento com juros razoáveis, por linha de crédito (Homed).

Dada à realidade das relações complexas entre os lugares, que deve ser entendida com todas as nuances e com as suas especificidades, parafraseando Carlos (2004, p.13), assim, rural e urbano como momentos reais do movimento de realização da sociedade, revela os conteúdos da vida.

A construção da modernidade pode ser vista como processo de urbanização, assim como instauração, disseminação e crescimento de pequenas cidades e vilas na Amazônia. Esse processo de urbanização articula-se ao processo mais amplo de produção do espaço de expansão da fronteira econômica, apontando o crescimento das desigualdades e dos processos de segmentação socioespacial. Neste sentido, a Vila do Engenho pode resultar num ambiente no qual os comunitários estão expostos ao modo de vida que impõe o aprendizado da convivência com o diferente.

Lefebvre (1999, p. 12) descreve o tecido urbano utilizando o conceito de ecossistemas, ou seja, a sociedade urbana pode ser o modo de viver mais ou menos intenso ou degradado. Na base econômica do tecido urbano, aparecem eventos de outra ordem, outro nível, o da vida social e cultural. Dessa forma, a vida urbana comporta objetos e sistemas de valores relativos a esse tecido urbano, observar-se ainda que esse meio ambiente esteja necessariamente imbricado com o ideário do desenvolvimento sustentável.

No urbano da Amazônia se reproduz a realidade do meio natural e social, como faces da mesma moeda, onde o ser humano é parte integrante da natureza e ao mesmo tempo ser social, logo, a base de sustentabilidade da espécie humana é seu processo histórico. Desta forma, o urbanismo programa uma cotidianidade geradora de satisfações, assumindo regras do consumo, explorando as pessoas, sejam estas produtoras ou consumidoras de espaço.

Qualquer cidade, ou, no caso a Vila, só existe de fato como processo que incessantemente altera os conteúdos urbanos e as formas por eles assumidas. Em função desse processo, cada espaço do urbano representa ambivalência que o anima e determinada síntese de valores que lhe configuram a alma, o que propicia a reflexão da cidade como espaço de banalidades, e ao mesmo tempo o mais significativo dos lugares (LEFEBVRE, 1991, p. 13; SANTOS, 2006, p. 218).

Atualmente observa-se na Vila do Engenho a incorporação do conjunto de atividades que se interliga ao que antes era só agrícola, portanto, rural, e passam a incorporar, sem deixar de ser rural, serviços ligados ao entretenimento para atender demandas da festa do abacaxi, festejos da padroeira, que já se articulam como atividades de troca, onde predominam a sistematização da festa, que vai gradativamente perdendo a espontaneidade.

Isto pode ser visto, nos serviços de pousadas e comércios que vêm sendo fortalecidos pela procura da Vila do Engenho nos períodos das festas, estruturando-se como meio de vida dos moradores do lugar. De certo modo, esse processo já havia sido apontado por analistas que estudam a dinâmica do setor agrícola chamando a atenção para as mudanças de padrão do trabalho no campo, com o crescimento de atividades não agrícolas (CAIADO e SANTOS, 2003, p. 123).

Esse processo demonstra rupturas e continuidades, visto que é produzido coletivamente e resulta em transformações na dinâmica social. Isto significa que no plano das relações sociais, assim como na produção do espaço, não há processos estanques, fixos, mas relações amplas que reproduzem diferentes contextos sociais onde estes se estabelecem num movimento dialético, entendido como o centro real da práxis, em que se realiza o movimento de produção e de reprodução das relações sociais, concretizando-se em relações espaciais (OLIVEIRA, 2006, p. 27-29).

A Vila do Engenho nesse contexto pode ser entendida, para além das construções de habitação e refletir a materialização socioeconômica de cada morador, sendo resultado das transformações da paisagem e também dos acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais que se sucedem.

Mais do que um ponto no mapa, o lugar se produz e reproduz. A Comunidade Sagrado Coração de Jesus e a Vila do Engenho resultam de transformações e representações sociais, econômicas, culturais e políticas. Esse processo se dissipa e se amplia, criando produtos, mas sobretudo, modos de vida, que ao mesmo tempo em que se distancia das relações sociais pretéritas, busca se ligar a elas, num processo dialético, de produzir se produzindo, reproduzindo-se. É isso que se discute a seguir.

1. 2 A produção do lugar como trajetórias de trabalho: da Comunidade Sagrado Coração de Jesus à Vila do Engenho

A melhor coisa que tem no mundo é falar do que você vive.
(Antônio Peixoto, jul.1998)⁷

Então o Antônio⁸ como produto de identidade representa também a produção do lugar nesse chão Amazônico, representação de tantos outros agricultores, produtores rurais, trabalhadores na Amazônia, seja esse situado na terra do Lago do Engenho, na conquista da Comunidade Sagrado Coração de Jesus no Paraná da Eva ou em um território de produção chamado Vila do Engenho. De qualquer forma, a história foi plantada, a partir de cada semente lançada pelos agricultores, que trança a trama de plantadores e plantadoras, que se diferenciavam de outros, pois é só, e somente só naquele pedaço de terra de Antônio, Josés, Marias e Belas na Amazônia, que vai se produzindo espaços de vivência na Amazônia.

O espaço vivido foi produzido a partir do movimento chamado Lavradores em Ação, no lugar inicialmente denominado de Bela Vista nome dado pela beleza da paisagem, em que ainda predomina a natureza, no Lago do Engenho (figura 6) na Comunidade Sagrado Coração de Jesus, no Município de Itacoatiara.



Figura 6: Lago do Engenho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

O espaço vivido, no universo individual, e experienciado no coletivo, construído através das transformações locais e do olhar do sujeito. Por influência da Prelazia de Itacoatiara, a comunidade denominada inicialmente Bela Vista, no Lago do Engenho, cedeu lugar, em 1968, a então Comunidade Sagrado Coração de Jesus (JESUS, 2000, p. 64).

⁷ Livro *Utopia Cabocla Amazonense: Agricultura familiar em busca da economia solidária* de Claudio Portilho de Jesus.

⁸ Os sujeitos informantes da pesquisa são trabalhadores e trabalhadora rurais, seus nomes preservados e dados codinomes. Porém na seção secundária 1.2 e 1.3 do Capítulo 1 por se tratar das história do lugar e do grupo de mulheres - Grumascopo os nomes são dos próprios agricultores e agricultoras que versam sobre a comunidade.

Nesse território de relações sociais, a produção do espaço é a própria representação da comunidade agora denominada Vila do Engenho, reconhecida por meio de estatuto como comunidade social, sendo este representado pelos moradores como o perímetro urbano da Comunidade Sagrado Coração de Jesus.

Para entender a dinâmica das mudanças e permanências, tão comuns no interior do Amazonas, parte-se do texto produzido por Portilho (2000) e Jesus (2009) que reflete histórias de vida que para além das mudanças na paisagem reproduzem cenas de resistência, conflitos, solidariedade e trabalho. Essa localidade no Amazonas caracteriza-se pela matriz familiar, formada por três grupos unidos pelo sangue, pelo trabalho e pelo pilar religioso, constituindo-se por valores, formação de consciência e lideranças populares.

A comunidade foi criada e cresceu pela organização dos trabalhadores da agricultura e foi continuamente se fortalecendo até que em 1993, o movimento de Lavradores em Ação partiu para a formação de uma organização comunitária dos Trabalhadores Rurais do Paraná da Eva - Ascope, sendo esta, a primeira associação rural do Estado do Amazonas a ser contemplada com a linha de crédito para a produção agrícola de cupuaçu e mandioca.

A organização criada pelos moradores de certo modo pode ser relacionada à dimensão proposta por Baumam (2003, p. 48), o qual sustenta que nenhum agregado de seres humanos é sentido como "comunidade" a menos que seja "bem tecido" de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa.

É na produção da Vila que a discussão sobre os territórios como produtos têm seus significados que fazem do lugar específico, quando se entrelaçam as lembranças de trabalho e solidariedade. Então, o espaço para além da localização, insere-se na identidade de cada um, o que o torna diferente de qualquer outro.

A discussão permanente de produção e valorização do espaço da Comunidade Sagrado Coração de Jesus, está relacionada à análise da dinâmica ocupacional da Amazônia, de certo modo reflete a política desenvolvimentista aplicada à região, todavia é também um contraponto às relações sociais capitalistas que buscam ampliar sua esfera de domínio mediante a incorporação da produção e do mercado em novas terras e fronteiras agrícolas e econômicas para a região. É, portanto, um processo contraditório, pois aponta para transformações que inserem a comunidade nas relações de mercado e ao mesmo tempo reforça permanências como estratégias que afastam a comunidade do mercado. Trata-se de

um processo complexo, nem sempre assumido pelas lideranças locais, mas é identificado nas várias relações de trabalho cujas mulheres estão inseridas.

Esse processo faz lembrar diferentes lugares da Amazônia, mas no caso específico, engendra-se no moinho da história, na luta de trabalhadores rurais, que em 1953 chega à localidade. Neste ano família do Sr. Galego e sua esposa, D. Expedita, com o *punhado* de esperança, chegaram no território da comunidade, em busca de construir lar, organizar suas vidas, plantar e fixar raízes. Eram descendentes de nordestinos, sendo este os primeiros moradores do lugar denominado como Bela Vista, nome dado pela família.

Plantaram ali história e construíram não só casas, mas também trabalho, como semeadores de esperanças e labor. Com a plantação de cana de açúcar passaram a produzir o melado, através do trabalho familiar com filhos, genros e noras. O lugar cresceu e passou a ser identificado como Lago. Em sua tese Jesus (2009) descreve que outras famílias foram morar no lago do Engenho após 1953. Dentre essas, estão as famílias José Liberato e Antônio Pessoa, este último introduziu o cultivo de abacaxi. Foram repartidas as terras entre os filhos para a produção familiar, tornando o lugar em espaço comum.

As famílias foram dando forma ao lugar e produzindo a teia afetiva permeada de trabalho entre homens e mulheres escreveram a história atrelando famílias ao ambiente e ao trabalho e em cada corte de terçado um corte na história e em cada estaca, finca-se a construção e a organização do lugar. *Tudo parente*, que compartilha a vida num sinal de cooperação, solidariedade e cumplicidade.

A comunidade engajada nos movimentos sindicais e partidários fez história nos movimentos sociais no Amazonas. Do movimento comunitário, social e político, nasceu a organização de pequenos agricultores familiares na década de 1980, os "Lavradores em Ação", liderados e mobilizados por Antônio Peixoto, nascido no Lago do Engenho, agricultor, que desde cedo participou em defesa da organização dos trabalhadores rurais e suas famílias.

O movimento de Lavradores em Ação foi crescendo, as reuniões, encontros e cursos fortaleceram politicamente o grupo de agricultores unidos pelo trabalho na agricultura. Em 1990 identificou-se a necessidade de custear despesas para a qualificação dos sócios em reuniões e cursos, manutenção e sustentabilidade da organização, assim, passam a cobrar uma taxa de 1% sobre aquilo que cada sócio produzisse. Segundo Jesus (2000, p.79), em 1993, com a participação do Sr. Alcides, um dos líderes, no curso em Belém sobre cooperativismo e associativismo, os Lavradores em Ação partiram para a etapa de organização comunitária, criando a Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Trabalhadores Rurais do Paraná da Eva - Ascope. Passam então de uma organização social para uma organização econômica.

A comunidade toma forma construída como resistência a partir dos interesses e anseios de seus membros, buscando o contraponto às formas de opressão. Essa identidade de resistência ainda persiste na busca de permanência e transformações que garantam o sentido de pertencimento.

Na Comunidade Sagrado Coração de Jesus há um território de negociação, a Vila do Engenho:

Tiveram o projeto da agroindústria aprovado, compraram um frigorífico em Manaus solidificando sua marca, além da compra de dois caminhões para o transporte dos frutos e mais um baú frigorífico e resolveram depositar 50% do financiamento em uma poupança coletiva, em 1994 mais famílias foram contempladas com o crédito e os associados e repetiram os investimentos, com o capital disponível, criou-se um comércio flutuante para fornecer produtos aos comunitários a preços mais baixos o que acabou atraindo moradores de comunidades vizinhas e gerando mais receita para a cooperativa, vários comunitários adquiriram rabetas (canoa com motor traseiro) e outros produtos graças ao aumento na renda familiar. Por outro lado notam-se drásticas mudanças geradas por sua abertura comercial, problemas vislumbrados por trabalhos paralelos a esse (JESUS; SOUZA, 2010, p. 26).

Com parte do lucro da cooperativa, proveniente da grande produção de cupuaçu na década de 1990, seus integrantes fundaram no dia 23/06/1996 a Cantina Comunitária, conhecida como sessão de consumo, que funcionou no flutuante da cooperativa, lugar que se comercializavam alimentos, artigos escolares, vestuário, cosméticos e materiais para suprir necessidade local. Esta ação era uma forma dos cooperados terem um preço mais justo, evitando a compra pelo sistema de aviamentos⁹ e pelos comércios de regatões¹⁰ que inflacionavam os preços.

No entanto, com a cantina, os moradores passaram a pagar pelos produtos, e se não pagassem no ato da compra, ficava registrado a compra no caderno do comércio, após a venda do seu produto agrícola, a dívida era quitada. A proposta da cooperativa era fortalecer o poder econômico dos produtores associados, assim como da comunidade, que se beneficiaria por

⁹ Dentro do contexto do sistema de aviação, aviar significa fornecer mercadoria a prazo com o entendimento que o pagamento será feito em produtos extrativos dentro de um prazo especificado. O fornecedor da mercadoria é o aviador, a pessoa que está recebendo a mercadoria é o aviado. Como é implícito nessas relações, existem dois componentes no sistema de aviação: de um lado, o sistema comercial, com transações baseadas principalmente no escambo e crédito, raramente envolvendo dinheiro em moeda; do outro, a rede comercial, baseada neste tipo de relação, com produtores individuais ligados a casas aviadoras específicas através de uma rede de intermediários. (MCGRATH, 1999, p.59)

¹⁰ O regatão é um comerciante ambulante que viaja entre centros regionais e comunidades rio acima, comercializando mercadorias para pequenos produtores caboclos e comerciantes do interior em troca de “produtos regionais”, agrícolas e extrativistas (MCGRATH, 1999, p.57).

meio da sessão de consumo, da aquisição de produtos com preços mais adequados, por outro lado vendiam para a cooperativa, seus produtos agrícolas, com melhores preços.

O relato do Sr. Aristides retoma mudanças e transformações ocorridas nos anos seguintes.

Durante o mandato do atual prefeito da cidade de Manaus como governador do Estado, Sr. Amazonino Mendes, foram doados à comunidade, dois caminhões-baú para a realização do transporte da produção via estrada do Novo Remanso e, durante o governo seguinte os comunitários conseguiram a aprovação de seu projeto para a construção de sua agroindústria que começou a ser construída durante o governo de Amazonino Mendes no Novo Remanso, mas a estrutura nunca foi finalizada. Durante o governo de Eduardo Braga a obra foi transferida para o perímetro urbano da comunidade na Vila do Engenho onde foi terminada além de “forçar” a chegada de energia elétrica para a comunidade (JESUS; SOUZA, 2010, p. 26).

As conquistas da Ascope se devem ao histórico de lutas e conquistas refletindo à noção de tempos pretéritos da comunidade, tendo a Ascope como marca das permanências e transformações que culminaram na situação atual.

Em meados de 2002, a cooperativa ASCOPE recebeu incentivo do Governo do Estado do Amazonas no primeiro mandato do atual governador Eduardo Braga, onde tiveram como empreendimento perante a comunidade a criação da Agroindústria, tendo como parcerias estruturas do estado com IDAM/SEPROR, CODESAV (Comissão Executiva de Defesa Sanitária Animal e Vegetal), AGROAMAZON (Agência de Agronegócio do Estado do Amazonas), para realização da industrialização dos derivados do abacaxi e cupuaçu, como o abacaxi em calda, embalado das poupas e suco concentrado, esses produtos são comercializados com produtores cooperados e não-cooperados com a SEDUC e SEMED, para o abastecimento da merenda escolar nos municípios de Itacoatiara e Manaus, UFAM no apoio a pesquisa acadêmica, a EMBRAPA no preparo das mudas, e técnicas para a procriação da monocultura do abacaxi, e apoio técnico, os adubos químicos e venenos para abater o capim que cresce ao redor da plantação, e para induzir nos frutos para o controle de pragas (AMORIM, 2010, p. 9).

A Vila foi apropriada pelos movimentos de mobilização e agregação solidária. O caráter comunitário inovador teve a solidariedade e ajuda mútua na raiz de todo o movimento, que deu origem a Ascope. Atualmente a Comunidade do Sagrado é reconhecida pelos órgãos governamentais pela denominação que foi dada para simbolizar a comunidade social, Vila do Engenho (figura 7).



Figura 7: Sinalização de via de acesso a Vila do Engenho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Em decorrência do desenvolvimento socioeconômico local, os moradores da Vila do Engenho passam a usufruir de coleta de lixo, abastecimento de água, serviços de água encanada, energia elétrica 24 horas, sinal para telefonia celular, radioamador, lanchonetes, mercearias, posto policial, posto do IDAM, igrejas católica e evangélica, estrada asfaltada, uma agroindústria para beneficiamento de frutos, escola de ensino fundamental mantida pela prefeitura, na época com 751 alunos matriculados (2013), ensino médio e ensino superior à distância, com sistema de aulas presenciais em módulos específicos (instituição particular).



Figura 8: Escola Municipal Luiza Mendes, ônibus escolar da comunidade. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina, 2013.

Em 2013 a comunidade possuía 837 famílias totalizando 2935 pessoas. Deste total, a Vila, correspondendo à área urbana, possuía 225 famílias, com 860 pessoas, que na maioria vive da agricultura familiar, os dados populacionais foram obtidos em campo a partir de informações do IDAM/Novo Remanso, presidente da comunidade, cotejados e sistematizado pela Fundação de Vigilância em Saúde - FVS/AM.

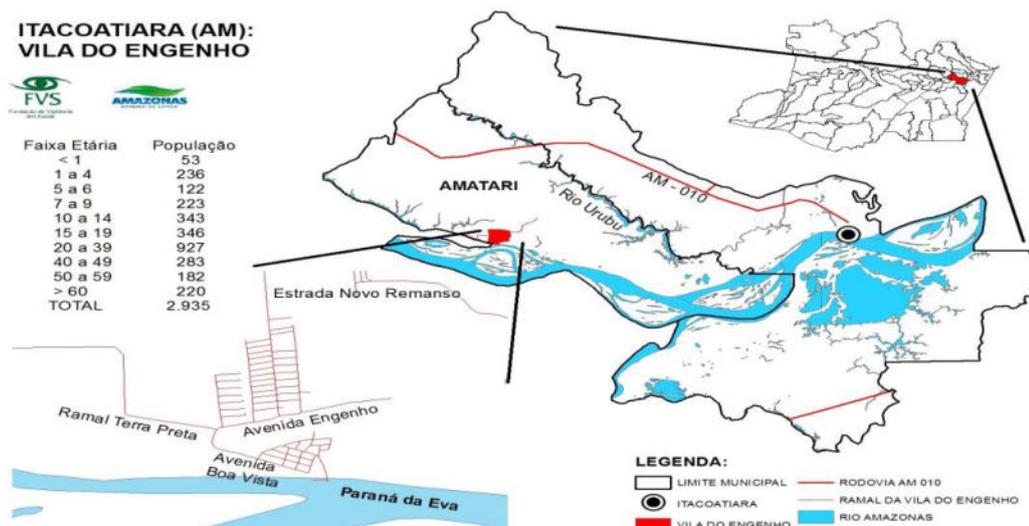


Figura 9: Mapa da área de estudo com população.
Fonte: FVS/SUSAM, 2014.

Hoje a localidade desponta como um dos grandes produtores de abacaxi, juntamente com o Distrito de Novo Remanso. “Em 2011 de acordo com os dados da Secretaria de Estado da Produção Rural do Amazonas (SEPROR) o Município de Itacoatiara, mais precisamente a localidade Novo Remanso, obteve de 23.040 (ton./ano), em uma área de 1.440 ha” (MACHADO, 2014, p. 14).

Além do cultivo do abacaxi, outras culturas como o cupuaçu, o maracujá, a banana, o mamão, a pimenta cheirosa, o maxixe e o feijão de corda estão sendo cultivadas pelos agricultores visando a diversificação da produção e da rentabilidade nas unidades de produção ao longo de todo ano.

A inserção de diferentes culturas, com diferentes ciclos de produção e de manejo (figura 10), implica em uma demanda por novos conhecimentos, utilização de insumos e maquinários e adequação aos processos de gerenciamento e comercialização.



Figura 10: Produção agrícola. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Esta nova lógica de produção visando atender o mercado consumidor, principalmente amazonense, tem ocasionado rápidas mudanças nas formas de relação social e de uso dos recursos para fins de produção.

As relações que antes eram baseadas na dimensão do uso, agora são caracterizadas pelas trocas com a inserção de maquinários (figura 11) que contribui para aumento dos rendimentos dos trabalhos e de produção, mais ao mesmo tempo acelera processos de diminuição de solidariedade e cooperação, visto que passa das atividades de trabalho na produção que antes se davam pela realização de mutirão, troca de dia agora são substituídas por diarista e assalariado.



Figura 11: Trabalhadores diaristas em diferentes atividades agrícolas na comunidade. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

E nos territórios da produção, os reflexos dessas novas formas de relação sociais precarizam condições de trabalho, estas transformações são perceptíveis pelos próprios trabalhadores como revelada na fala do agricultor:

Pra ver como evoluiu a comunidade. A vila, os lotes de terra, quando a gente loteou em 2000 pra vender, de 15 por 20 era 150 reais e hoje de 15 por 25 [metros], que é o caso dessa primeira quadra, onde está a casa do Bento, já botaram 40.000 e ele não quis vender. Esse pessoal que quer fazer um empreendimento, um supermercado, uma loja de eletrodoméstico, eles dão qualquer valor para querer comprar, mas o pessoal não vende, não querem vender por nada. Tá muito valorizado.

Do local herdado, ao local construído, a pesquisa e o trabalho de campo dão visibilidade aos aspectos referentes às mudanças ocorridas na Vila, pelo trabalho dos produtores e das produtoras rurais, que se fez e se faz presente no cenário do Amazonas, como sujeitos na construção de um lugar, resgatando a todo instante, práticas e vivências agrícolas, que pulsa entre o novo, que não é totalmente novo, e as lembranças do passado, as formas comunitárias, colaborativas e solidárias faz parte da história e das vivências de hoje. O

trabalho torna visível o confronto constante da invisibilidade de políticas públicas que atendam as necessidades de homem e mulheres do lugar na Amazônia.

Compreender as transformações e as permanências ocorridas na Comunidade Sagrado Coração de Jesus é aproximar o imaginário que se tem do interior amazônico à realidade significada pelos processos de exploração e luta de uma gente ainda invisibilizada. Assim, as questões analisadas podem balizar formulações de princípios ou de uma política de ação, um norte, a quilha da canoa no remanso de diferentes Amazonas.

1.3 A vida da mulher na agricultura: caminhos (in)visibilizados nos trajetos de trabalho

A arte de reconhecer o trabalho de mulheres nos reporta a Paul Kleen (1879-1940) quando escreve que "a arte não existe para produzir o visível, e sim para tornar visível o que está além" e aqui então a arte de escrever e captar o in-visível no cotidiano da agricultura pela ótica do trabalho da mulher.

Ao trançar a história local, entendendo a transformação de formas em um paneiro dos fios da palha, ou a palmeira em fios de tucum, assim são os detalhes, que em cada trançado produzido, se amarra um segmento de história, de subjetividades que dizem daquele lugar, na produção do trabalho e do fazer.

A sociedade produz histórias de trabalho, onde trabalhar na Amazônia é produção subjetiva e objetiva de diferentes tipos e formas, e é no trabalho da mulher que se produz a história do lugar, pois o lugar é a história de cada uma. A trabalhadora relembra as mudanças da Vila do Engenho que é a história da mulher trabalhadora rural.

Porque era tudo muito mais dificultoso, era assim, no meu caso. Meu pai tinha que ir lá do meio do lago aqui, nós tínhamos que trabalhar daqui, tinha que carregar uma distância imensa! Como daqui, lá na Vila, eu acho! Carregando por terra abacaxi nas costas, no paneiro. E hoje as pessoas tem carro, já vão no ramal, as mulheres não trabalham mais como antigamente. E lá não tinha essas coisas todas, a gente tinha que ajudar mesmo, aí era aquela mulherada no roçado, trabalhavam... ajudar o marido a carregar o abacaxi, porque só tinha um barco que levava na segunda-feira, e na segunda-feira o barco tinha que ir, tava todo mundo lá, porque se não perdia seus... sua produção. Aí eles trabalhavam muito... elas trabalhavam muito assim. Minha mãe, eu lembro que minha mãe trabalhava muito. Minhas cunhadas, a maioria delas, trabalhavam muito em roçado. E hoje já tem carro, o carro já vai na estrada, já vai pegar lá dentro, às vezes você tira, o caminhão vai buscar, pra levar a produção... e elas já se afastaram um pouco mais do roçado. São poucas mesmo as mulheres que voltam a trabalhar no roçado (Floran).

No relato acima se expressa a vida cotidiana, que para Santos (2006, p.127), abrange várias temporalidades simultâneas, o que permite considerar, paralela e solidariamente, a

existência de cada um e de todos, como, ao mesmo tempo, sua origem e finalidade expressasse a produção do espaço urbano, interligado ao rural.

A centralidade do trabalho foi e é constatada na articulação entre a esfera privada, aqui, identificada como as relacionadas à doméstica, à casa e ao roçado da família. E a esfera pública, que é a associação, a cooperativa, o emprego público, o trabalho como diarista no roçado do patrão ou nos serviços na comunidade:

Ah, o que eu mais... eu digo pra ele “o que é uma mulher na vida de um homem, né?”. Que às vezes o casamento desanda não é pelo homem, é a mulher que não ajuda. Porque se a mulher ajudar, com certeza vai durar muito. Eu vou fazer 19 anos de casada, mas nós dois estamos ali, um do lado do outro, nenhum passa na frente. Os dois saem caminhando um do lado do outro, atrás de um objetivo de ter crédito, ter saúde, ter confiança de todo mundo, porque ele vem da Cooperativa [...]Nunca ele ficou sem nenhum cargo (Flornaz).

Para Dejours (2008a, p. 140) o trabalho é um poderoso operador de inteligibilidade da sociedade, o que pode ser observado, na área em estudo, onde de modo paradoxal, o trabalho é a mediação das relações de dominação dos homens sobre as mulheres, mas é ao mesmo tempo, o instrumento decisivo da reapropriação, pelas mulheres, de seus direitos:

Olha, o trabalho da mulher, eu acho que pelo nosso patrão é reconhecido. Só que os homens, eles tem assim um tipo de preconceito. Porque se a gente tá trabalhando... olha, aconteceu uma situação comigo. Eu comecei a trabalhar no roçado e vi uma macharada que trabalhava com a gente, aqueles homens, e o quê que eles falavam... que no roçado a gente não ia trabalhar, que a gente ia pra lá pra se encontrar com os homens, ficava com os homens lá... essas coisas assim. Então eu acho que tem alguns homens assim que ainda pensam que o nosso trabalho não tem valor nenhum, que a gente vai pra lá pra se divertir com os outros homens, essas coisas assim (Flornei).

Eu gosto do serviço que eu faço. Eu não sou muito de lidar com a casa, eu gosto mesmo... ou, eu to mexendo com papel, ou eu tô lá, na área de produção. Não gosto de ficar em casa não. Se eu não estiver aqui, eu tô no roçado ou então viajando. Eu prefiro estar nesses lugares do que estar no trabalho de casa...é minha opção. Porque tem muita gente que vive uma... é... como que eu quero dizer... um... escolhe uma opção e não é aquilo que a pessoa quer[...]Mas eu sou por opção, sou produtora rural por opção, porque eu gosto de trabalhar com o roçado (Flornaz).

Ao falar sobre seu trabalho, a mulher reflete sua jornada de trabalho doméstico, sem identificá-lo como trabalho, entendendo-o como um dever de mulher, do que é prescrito pelo social. O essencial do que se busca avaliar, escapa à observação direta, nas situações de trabalho, ocorrendo a discrepância entre o prescrito e o real, onde o trabalhar é preencher esse espaço descoberto pela mulher que trabalha.

Quando tem duas ou três pessoas ajudando o marido, é claro que a gente tem que dar refeição e a gente faz isso, essa comida a gente dá é...alimento cedo né, porque o agricultor pra aguentar o sol quente tem que se alimentar bem e aí 11 horas outro almoço e aí a tarde também é merenda ...e quando chego toda a louça pra lavar, tudinho (Florauri).

O real do trabalho da mulher na agricultura, subverte a ordem de dentro para fora, de tal maneira, observa-se o início de um movimento de resistência ao prescrito, ao buscar outras formas de trabalho, divisão de tempos e tarefas, embora isso também represente sobrecarga de trabalho.

Nas diferentes atividades no rural existe a propriedade do saber-fazer, do conhecimento da segurança que está assentada na visibilidade dos ajustes singulares para fazer frente às insuficiências e às contradições desse mundo do trabalho no campo, onde o prescrito e o real requerem visibilidade (DEJOURS, 2008a, p. 134).

Do trabalho prescrito ao real do trabalho:

Aí venho pra cá, trabalho até as 5h, e quando chego lá em casa já tem tudo pra fazer, desde a louça do café, roupa pra lavar as vezes, as vezes dar 9 h da noite, mas tem dias que eu digo não, eu não tenho marido pra reclamar, só os meus filhos lá, então eu vou aproveitar, descansar pra amanhã ir de novo, mas nossa (pausa longa)...a vida da maioria é assim (Flormari)

O mundo real resiste, ele obriga o sujeito a enfrentar o fracasso, de onde surge um sentimento de impotência, visto que a mulher passa a falar de um sofrimento invisibilizado. Pergunta-se, para que sofrer se é sua sina, é o que tem de ser feito? Nas comunidades a sociedade prescreve enquanto organização o que é trabalho de mulher, a submissão e as tarefas domésticas já de muito, é prescrito.

Arendt (2010) afirma que a condição humana não é a mesma coisa que natureza humana. A condição humana diz respeito às formas de vida que o homem impõe a si mesmo para sobreviver. Neste sentido, à mulher agricultora na área rural impõe a si, práticas prescritas pela cultura do local onde estabelecem as divisões do trabalho de homem, (dever de homem) e trabalho de mulher (obrigação da dona de casa) mesmo que esta trabalhe com o marido nas atividades agrícolas de plantio e colheita, o outro trabalho (de dentro de casa) não é identificado, nem reconhecido, já que a condição é de ajuda, é para casa, então é de todos.

As condições de trabalho da mulher na Vila do Engenho guardam relações com o lugar e com o momento histórico em que vivem, mediado pela cultura, pelas relações sociais estabelecidas pelos outros (de fora) e pelos da casa/família, já que são os elementos externos e internos que condicionam o trabalho da mulher.

Portanto, o significado do trabalho da mulher é histórico, datado e culturalmente localizado e tem implicações nas transformações do lugar. Compreende também o sentido de liberdade. A essência desse processo escapa à observação direta nas situações de trabalho, mas aos poucos vai sendo identificado pela mulher que trabalha como possibilidade de emancipação, como pode ser aferida na fala a seguir:

Pra mim trabalhar significa...sei lá, acho... acho, que é assim uma liberdade tipo, que eu tenho de me libertar das coisas. Porque tem muitas mulheres que o marido trabalha, e só porque trabalha, eu tenho o direito assim 'não, eu não vou trabalhar, porque meu marido já trabalha e eu quero ficar em casa'. Eu não, eu trabalho pra mim... não pra mim ter o meu dinheiro, mas pra mim ser livre, pra mim dizer assim 'não, eu vou trabalhar, eu vou comprar o que eu quero' e tá com esse negócio assim, de toda vez que eu for pra algum canto, ou querer alguma coisa, pedir dinheiro do meu marido. Então, eu acho que é um tipo de liberdade que eu tenho pra mim ter o meu próprio dinheiro (Floran).

O trabalho da mulher na agricultura iniciou um movimento de resistência ao que é prescrito pelo outro, ao buscar outras formas de trabalhar, de divisão de tempos e tarefas, embora isso corresponda em sobrecarga de trabalho.

Compreende-se então que o cotidiano de mulheres trabalhadoras rurais, produz e reproduz espaço na cotidianidade de uma comunidade amazônica. A singularidade do espaço vivido, cheio de sentidos, de representações, de particularidades, de individualidades, que expressam aspectos de histórias de vida, e se concretiza nas falas e nas vivências, daquelas que são produtoras, no sentido mais amplo possível, produtoras de vida. O que reforça a perspectiva de Michel de Certeau, para quem:

[...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior...É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história irracional, ou desta 'não história', como o diz ainda A. Dupont. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU, 2012, p. 31).

O que é invisível no trabalho da mulher? Algumas vezes, os movimentos e as expressões da comunidade são indicativos, inconscientes das concepções do invisível, destas e dos grupos aos quais pertencem, nas vivências cotidianas. Uma das formas mais importantes dessa invisibilidade é quando há a desqualificação e ocultação do trabalho feminino pela naturalização das competências da mulher.

Hirata (1995) e Kergoat (1996) afirmam que tal naturalização consiste em considerar certas habilidades ou qualificações femininas como aptidões naturais ligadas à anatomia das mulheres ou seu sexo. Todavia, no processo de organização da comunidade, nada é invisível,

tudo é aparente e revela-se quando se atenta aos diferentes cenários do lugar do trabalho da mulher na Vila do Engenho, como o plantio, a associação de mulheres, os afazeres domésticos, no roçado da família, na agroindústria, nas organização das festas e na produção do artesanato.

Nesse cotidiano a jornada de trabalho da mulher inicia bem antes da ida para o roçado, pois prepara o alimento para o marido e outros membros da família. Neste processo a mulher prepara e serve de 3 a 4 refeições ao dia, sendo que em determinados momentos chega a trabalhar 8 horas/dia, no trabalho de ajuda/apoio aos trabalhadores de seu plantio. Aqui se retoma a ideia já discutida do domínio público e privado e recorre-se a Arendt (2010) que reflete sobre os domínios do público e do privado:

O significado mais elementar dos dois domínios indica que há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência. Se examinarmos essas coisas independentemente de onde as encontrarmos em qualquer civilização, veremos que cada atividade humana assinala sua localização adequada ao mundo (ARENDR, 2010, p.90).

Nesta localização do aparente e do invisível, a fala de Florauri reforça a visibilidade, mesmo quando esse trabalho é na esfera do privado, por exemplo, no roçado da família, em que a mulher identifica a importância de seu trabalho manual simples, mesmo que o considere como leve:

[...] a mulher auxilia o marido no roçado lá mesmo, é a adubação que é com a colher, você aduba o pé ... é manual ...esse é o trabalho da adubação ainda não é um trabalho feito com máquina né ...então é feito com a mão, então é um serviço leve, não se torna pesado pra mulher (Florauri).

Ana Fani A. Carlos em seu livro *O lugar do/no mundo*, abre caminho do pensar a história da mulher na agricultura, quando aponta que a história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica, por isso pode ser apropriada. Mas é também a história contraditória de poder e de lutas, de resistências, compostas por pequenas formas de apropriação (CARLOS, 2007, p.16-19).

Como se observa ao ouvir a história, contada pela trabalhadora:

Quando eu não trabalhava na diária, assim...meu outro serviço era trabalhar como secretária do lar como chamam... lá na cozinha dos outros, como a gente chama aqui, aí eu digo que sinceramente que eu enjoei este serviço. Eu já faço na minha casa, que eu acordo as vezes 5 horas da manhã, aí já começo fazer lá pra ter quer vir pra cá, dia de segunda e quinta, as vezes eu venho quarta, quando tem um outro

serviço pra fazer eu venho, aí tem que chegar lá pro almoço agente, olha hoje eu cheguei lá em casa faltava 5 pra meio dia, não deu tempo de fazer nada, nem almoço eu não fiz, porque o que tinha pra fazer era uma coisa que ia custar um pouquinho, aí meu almoço... ohh (Flordavila)

A fala acima reflete os múltiplos lugares, dos múltiplos trabalhos das mulheres da Vila do Engenho e remetem aos tipos de dominação e condições de vida que retratam dias de lutas e dominações, relações contraditórias de um discurso emancipatório e uma prática ainda de dominação. A mesma mulher fala das relações em casa onde tem dois filhos, a menina com dez já inicia suas atividades desde cedo ajudando a mãe nas atividades domésticas.

Tenho um menino de 7 anos e uma menina de 10, vão pro colégio pela manha, aí chega, a minha filha as vezes faz um arrozinho, outro dia eu disse minha filha faz o arroz, uma das primeiras vezes que eu coloquei ela pra fazer né, eu cheguei o arroz não tava feito, outro dia ela fez o arroz tava mole demais, mais é assim né. Hoje em dia eu já prefiro ficar aqui e fazer esse serviço, que é só aquilo, a gente não tem aquela... a minha patroa era exigente, há eu quero assim, há eu quero assim, aí eu enjoei esse serviço que já tem na minha casa, e não era só em uma casa, eu trabalhava em 3, 4 casas (Flor).

A fala acima nos remete a análise de Max Weber (2004) sobre dominação e cotidiano, em que o autor chama dominação “a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas [...] pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito do inconsciente até considerações puramente racionais”. Para o autor, existe um mínimo de vontade de obedecer que faz parte de toda relação autêntica de dominação e “no cotidiano essas e outras relações são dominadas pelo costume e, além disso, por interesses materiais e racionais referentes a fins” (WEBER, 2000, p. 139).

Todavia, no processo de mudança, os costumes aos poucos se perdem, e assim vai se estabelecendo uma ação contraditória que é mais bem compreendida ao entender que ser macho ou ser fêmea, é encarado como fator determinante da dominação política entre homens e mulheres. Entende-se então que as eventuais limitações impostas a um ou a outro gênero são ideológicas, portanto, a mulher, historicamente, ainda é o alvo mais constante, pela própria cultura do lugar, nessa questão, uma vez que valores ideológicos impõem à mulher restrições.

A mesma trabalhadora retrata a sua condição pretérita quando trabalhava em duas ou quatro casas e preferiu trabalho na agricultura como diarista, porque segundo ela, é só uma coisa. *No roçado chego de manhã pego o balde da pimenta, polinizo o maracujá à tarde, lavo o mamão colhido, coloco na caixa a pimenta e o maxixe (Flordavila).*

Na fala se confirma que, mesmo sendo diarista, há uma minimização do pensar sobre o trabalho, de reconhecer as múltiplas atividades e afazeres como trabalho (é coisa leve, é só uma coisa) e quando fala do trabalho, da complexidade das atividades, afirma a condição histórica, isto não significa que haja um processo de dominação ao identificar que preferem o trabalho de diarista, mesmo que de forma subjetiva, sendo, portanto, uma superação da dominação.

As mulheres demonstram e admiração àqueles que abriram postos de trabalho na Vila para contratação tanto no trabalho, no plantio, como na agroindústria, homens que acreditaram no potencial e isso criou campos de trabalho, antes desconhecido e desvalorizado na Vila, restava às mulheres apenas o trabalho doméstico (diaristas) e o trabalho com a família.

A abertura de frentes de trabalho, no plantio, na agroindústria e na área de serviços representou a possibilidade de independência do dinheiro do marido e também como diz a mulher: *de ajudar em casa, não dá mais só viver do trabalho do marido.*

A possibilidade de ganhar diária pelo trabalho na agricultura, passou a ser também um elo de gratidão ao patrão que reconheceu o serviço da mulher como necessário, produz complexidade quando aponta a dominação/relação na esfera pública do trabalho.

Quando chove exemplo assim, que o dia de vim fazer a polinização chegar 2h 3h da tarde dar uma chuva tem que parar, não tem mais condições de fazer porque o pozinho molha e não tem condições de botar, aí a gente vai fazer um outro serviço, como outro dia aqui a gente se orgulha de dizer isso que a gente faz o trabalho pra eles e o que ele pedir pra gente fazer, outro dia ele tava comentando ...né, ele já botou as mulheres pra fazer de tudo, só falta uma experiência fazer que é colher o abacaxi, lá no meio do abacaxizal, outro dia né como eu falei da chuva, choveu ele tava ali limpando essa área aqui que depois de queimado tinha muito pau, aqui a gente chama de coivara né, aí ele foi no tratozinho dele dirigindo e a mulherada jogando pau dentro da carroça, a mulherada aqui faz de tudo mana, carrega maracujá, junta maracujá, se ele pedisse pra capinar, capinava, se pedisse pra ir adubar assim como os meninos adubaram, adubava, tudo que ele pedir pra gente, a gente vai fazer não tem esse negócio não (Flolisi).

Ao analisar a fala sobre essa gratidão, tem-se uma dependência afetiva em que reproduz a dominação no espaço do trabalho. Na Vila do Engenho como já dito anteriormente, as mulheres exercem múltiplos serviços, mas é na agricultura que a identidade de trabalhadora se constitui, é onde se produz o saber-fazer feminino, atribuídos às mulheres, as habilidades femininas, que na maioria das vezes são desqualificadas pelos homens.

Por outro lado, a abertura de frentes de trabalho, no plantio, na agricultura e na área de serviços representou a possibilidades de independência da mulher em relação ao dinheiro do

marido e aqui retomamos a fala de uma das mulheres entrevistadas: *de ajudar em casa, não dá mais só viver do trabalho do marido* (Floran).

Nos estudos realizados por Fraxe e Witkoski et al (2008), as mulheres realizam atividades fora de sua unidade de produção, trabalham em algumas instituições locais de forma a agregar renda. Na pesquisa, as mulheres das microrregiões do Alto Solimões, Médio Solimões, Baixo Solimões, Rio Negro e Uatumã, se identificam também, como agricultoras.

Embora exerçam outras funções na comunidade, revelando uma estrutura que esta sendo moldada dentro da relação de gênero, bem como a dupla atividade realizada pelas mulheres camponesas que possuem trabalhos que lhe proporcionam renda fixa, sendo o trabalho na roça um complemento para a renda familiar. Isto pode ser verificado no relato de F.M., 56 anos, agricultura e líder sindical, moradora de Presidente Figueiredo. 'Nós somos agricultoras familiar, porque nós, e toda a família vivemos nessa atividade, independente das outras atividades que nós temos, eu sou dirigente da Central Única dos Trabalhadores do Amazonas, da Secretaria de Mulheres e também sou agricultora' (FRAXE, 2008, p.110).

Na pesquisa realizada na Vila do Engenho foi constatado nos múltiplos fazeres, como aparece na fala de uma das mulheres, Floran, que trabalha no posto de polícia, plantio e quando se tem necessidade vai para agroindústria, apontando mudança, transformações periódicas das mulheres agricultoras, em trabalhadoras assalariadas como diaristas, que recebem por jornada de trabalho.

Ocorre o deslocamento dos trabalhadores rurais, dos trabalhos em seu roçado, para outros setores de trabalho, como de certo modo ocorre em outros lugares do Brasil. Na Vila, o processo de urbanização produz necessidades dentre outros, o reequilíbrio do orçamento familiar.

O *part-time farmer* que podemos traduzir por agricultores em tempo parcial. A sua característica fundamental é que ele não é mais somente um agricultor ou um pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não-agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano- industriais, como nas novas atividades que vem se desenvolvendo no meio rural, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais. Em resumo, o part-time não é mais um fazendeiro especializado, mas um trabalhador autônomo que combina diversas formas de ocupação (assalariadas ou não). Essa é a sua característica nova: uma pluriatividade que combina atividades agrícolas e não-agrícolas (SILVA, 1997, p.4).

Realidade que paulatinamente vem sendo observada na Vila do Engenho pela ótica dos diferentes trabalhos da mulher no roçado, nas pousadas como arrumadeira, lavadeira, no restaurante da família, extensão do trabalho privado, sendo para algumas, identificado como

trabalho, outras como ajuda, como se constata na fala: *E quando não tem nada mais o que fazer vou ajudar o marido na produção da família* (Flauri) .

No cotidiano de seu serviço, as que trabalham na agricultura identificam no plantio a autonomia de ir ou não para o trabalho, e na atividade da casa, a obrigação, a responsabilidade do lar, sem escolhas, identificando-o, como cansativo. Nas falas, constatam-se diferentes fazeres da mulher na identidade de agricultora, em determinado tempo e espaço.

As mulheres estão tecendo na vida da comunidade lugares de trabalhos e saúde, para Harvey (2009, p. 263), que pensa homens e mulheres como “arquitetos de nosso próprio destino e de nossa própria sorte”, é adotar a imagem do arquiteto como metáfora de nossa condição de sujeitos no curso de nossas práticas cotidianas e, por meio delas, efetivamente preservar, construir e reconstruir o mundo da vida. Portanto, o arquiteto, construtor da obra, concepção de espaço e de vida, entende como morada, lugar onde a obra pressupõe existência.

Na compreensão da temática cabe o olhar interdisciplinar sobre a mulher e seu espaço rural/local de um mundo global, assim sendo, entender que “a continuidade das relações espaciais se tornou de repente... um fato fundamental da vida” (HARVEY, 2009, p. 80).

E ao investigar produção dos fazeres na Vila, a mulher reflete o corpo como centro de todas as coisas, sendo ele mesmo a resposta, portanto, ver-se a mulher como o *locus* irredutível da determinação de todos os valores, significados e significações, ou seja, é pensar essa mulher, trabalhadora, situada na história articulando o local ao global (HARVEY, p.29).

As mulheres institucionalizam os espaços discursivos a partir do trabalho e discursos e instauram conceitos e práticas, valorizando as experiências sobre seu corpo. Para Harvey (2009, p. 145), Marx tem plena consciência de que os corpos são diferenciados e marcados por diferentes capacidades e qualidades produtivas de cunho físico, a depender da história, da geografia, da cultura e da tradição.

*mutatis mutandis*¹¹, a teoria das relações sociais de sexo e de trabalho está no direito de exigir da psicologia e da psicanálise que ambas integrem o real do social na teoria do sujeito, uma vez que a teoria das relações sociais pode demonstrar que a luta pela identidade, pela normalidade não se apresenta da mesma forma para um homem e para uma mulher (DEJOURS, 2008b, p.366).

Neste contexto, o reconhecimento social do trabalho da mulher no campo propicia repensar o trato e o enfrentamento dos problemas concebidos de forma integral, o que exige desenvolvimento de ações multidisciplinares e o olhar interdisciplinar, como questões que

¹¹ mudando o que precisa ser mudado. fonte: < <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/294837/mutatis-mutandis>> acesso 09 de julho de 2013.

perpassam por condições sociais de produção e reprodução das formas de viver e trabalhar que priorizam questões que podem intervir na condição desta como ser integral.

Harvey (2009) afirma que:

O estudo do corpo tem de basear-se na compreensão das relações espaço-temporais concretas entre práticas materiais, representações, imaginários, instituições, relações sociais e estruturas vigentes de poder político-econômico. Pode-se ver o corpo como um nexos por meio do qual abordar possibilidades de uma política emancipadora (HARVEY, 2009, p.178).

O nexos subjetivo de corpo e trabalho, que se processa, se articula em histórias de trabalho, às vezes retrata fora da casa, o visível, por outras vezes, o torna in-visível nas tarefas de casa, incluídas aí, todo o processo da produção da família. A invisibilidade atrelada ao sistema de produção, navegando neste rio de constatações, às formas de trabalho, como cozinheira, arrumadeira, agricultora no plantio, em um trabalho para si e para os seus, que causa sobrecarga é invisibilizado. Todavia a visibilidade do trabalho da mulher aparece enquanto reprodutora e produtora de bens na Vila do Engenho.

Na parte dois da tese o processo saúde/doença, se inter-relacionam com a história e com os processos de trabalho de cada lugar, onde se efetiva o trabalho da mulher. Dando consistência as análises, utilizou-se o aporte teórico da saúde do trabalhador, da saúde coletiva e da psicodinâmica do trabalho, produzindo um corpo de conhecimento interdisciplinar, sobre o trabalho da mulher na Vila do Engenho, nos espaços específicos que se fragmentam e se articulam, afastam e aproximam teorias e ações, em constante vir a ser.

Falar de trabalho e saúde da mulher na Vila do Engenho, é constatar estruturas de poder, que se manifestam nas estruturas de organizações nos diferentes espaços de trabalho, revelando desigualdades. E revelá-lo, é possibilitar construções de igualdades e reconhecimentos, nas diferentes trajetórias desse trabalho. Desvelar e revelar relações marcadas por superações, é também dar possibilidades de transposição dos diferentes quadros desse cotidiano da mulher na agricultura.

2 O ESPAÇO DA PRODUÇÃO: PROCESSOS DE TRABALHO E SAÚDE DA TRABALHADORA NUMA COMUNIDADE RURAL NA AMAZÔNIA

Na primeira parte da tese, a história da Comunidade Sagrado Coração de Jesus é entrelaçada à dinâmica da cooperativa, com protagonismo das mulheres no cenário de trajetórias de trabalho, processos de organização e de participação na Vila do Engenho.

Na segunda parte, pensar processo de trabalho e reconhecê-lo como determinante no processo saúde/doença de trabalhadores agrícolas. Da mesma forma a tese traz para o visível o processo objetivo e subjetivo de diferentes lugares do trabalho da mulher, revelando questões específicas da Vila do Engenho, no município de Itacoatiara no Estado do Amazonas.

Para cada ambiente de trabalho, existe uma realidade específica, falas, expressões, gestos, que é só daquele lugar, vivências da realidade. À arte de tornar visível, fez-se necessário, métodos e técnicas adequadas, para consecução de cada objetivo proposto. Respondendo a cada realidade e aqui, a cada lugar do trabalho.

Para sistematização dos diferentes lugares do trabalho, o registro fotográfico demonstra-se um recurso utilizado para possibilitar a compreensão da dinâmica do trabalho, na agroindústria no processamento das polpas, assim como nos plantios de pimenta maracujá, articulando imagem e o espaço às falas das trabalhadoras.

Conhecer o processo e analisá-los a partir da psicodinâmica do trabalho, possibilita captar a sequência, o entendimento da dinâmica do processo, das relações e das vivências do trabalho da mulher na agroindústria,

Dar conta do método, foi antes, um processo planejado para conhecer, pensar técnicas, e colocar em ação a partir de cada realidade, de forma a respeitar o tempo e a cultura local, de cada lugar do trabalho. Na resposta da hipótese, a responsabilidade de refinar o olhar e colocar a disposição da pesquisa todos os instrumentos a partir das experiências pretéritas.

A pesquisa de campo foi histórica, dialética, com sujeitos em ação, um vir a ser. Banzeiros e canoas, quilha e caminho. Os resultados sistematizados passo a passo, trazem respostas, ou foi o banzeiro que firmou a canoa, ou firmou-se pela quilha, no direcionamento do método, trazendo respostas quanto ao cotidiano do trabalho e da saúde da trabalhadora rural na Amazônia.

Nos três lugares do trabalho da mulher na Vila do Engenho, sistematizou-se de forma a responder aos objetivos da tese:

No Grumscope, foram realizadas entrevistas coletivas semi-estruturadas com as lideranças da Associação e oficinas de trabalho com 23 associadas, que trabalham na produção de compotas, artesanatos e organização de festas. Trouxe a história do grupo, as formas de participação, e a visibilidade ao trabalho de mulheres, a saída da mulher para a associação.

Com as 12 trabalhadoras da agroindústria realizou-se a observação sistemática do processo de trabalho no processamento das polpas, a fotografia sobre o trabalho. Nos cinco encontros temáticos, em que era lançado um tema de discussão sobre o contexto do trabalho, com periodicidade semanal, realizado na própria agroindústria, possibilitou criar um espaço público de discussão daquele coletivo de trabalho.

Com as 12 trabalhadoras dos plantios, a fotografia compôs as narrativas sobre o processo de trabalho, foram realizadas rodas de entrevistas coletivas no plantio, em volta aos pés de pimenta e das fileiras de maracujá, inserindo a entrevista na rotina da colheita da pimenta e da polinização do maracujá, de forma que ao mesmo tempo da entrevista, a observação dos movimentos e da rotina daquele trabalho, sistematizou o olhar cuidadoso do processo e das relações sociais daquele trabalho.

Ao sistematizar o estudo sobre os lugares do trabalho da mulher e sua organização no cotidiano da Vila do Engenho, capítulo 2, têm-se em cada lugar, o registro do processo de trabalho e da organização do trabalho. Sistematiza-se a partir dos núcleos de sentidos, a partir das narrativas, analisando para além da imagem fotografada, às vivências subjetivas. Através das falas, o desvelar sobre as condições da saúde da trabalhadora rural.

Como referido anteriormente, foram três lugares de trabalho, sendo categorizados em dois grupos: os interligados à Ascope, composto pelas trabalhadoras do Grupo de Mulheres da Ascope- Grumscope e trabalhadoras da agroindústria e outro, com as trabalhadoras dos plantios, fazendo uma interligação com todos eles, o trabalho na casa, no roçado da família e a ação política, como nexos do mesmo processo, mas, como múltiplos trabalhos.

As trabalhadoras do Grumscope trabalham na associação, com produção de compotas, doces, artesanatos e organização de eventos, o outro grupo, também ligado à Cooperativa, que são das trabalhadoras da Agroindústria, trabalham no processamento das polpas de frutas do abacaxi e cupuaçu. Tanto no Grumscope como na agroindústria, as mulheres possuem grau de parentesco com os cooperados, sendo companheiras, filhas, sobrinhas, raro são as que trabalham no Grumscope ou na agroindústria que não tenha vínculo com os cooperados.

O outro grupo é composto por mulheres que trabalham como diaristas nas atividades agrícolas, nos plantios da Comunidade. São trabalhadoras das propriedades de extensa área de cultivo, com diferentes culturas. O processo de trabalho da mulher concentra-se, mais especificamente, em dois ramos de atividades, do maracujá e o da pimenta de cheiro. Pela necessidade de safra, podem executar diferentes atividades em distintas culturas, como lavar o mamão, semear e colher maxixe, entre outras culturas priorizadas pela época de cultivo.

Floran, retrata muito bem o perfil das mulheres da Vila, casada, teve 4 filhos, estuda no Ensino de Jovens e Adultos - EJA, nascida no Lago do Engenho e reside desde que nasceu na comunidade, há 31 anos. Casou-se com 18 anos e em seguida parou de estudar para cuidar da família, sua história, são contos da vida que se identificam com as de outras mulheres, no sentido da necessidade de parar de estudar logo depois do casamento, e da chegada dos filhos, para cuidar da família, hoje algumas retomam o estudo, após o crescimento dos filhos, com a entrada destes na escola ou pela condição de saída de casa para o trabalho, em todo caso, também para a escola.

Encontram-se distintas relações de trabalho na agricultura, no que reporta aos meios de produção, no caso a terra ou à condição da propriedade. Encontram-se ainda proprietários que trabalham diretamente na sua terra, com sua força de trabalho e a de seus familiares, que não recebem remuneração pela atividade. E aqueles cujo aumento da área plantada, força o contrato de mão de obra temporária. As mulheres diaristas no plantio, tanto as que possuíam vínculo de parentesco com o dono da terra, como as que não possuem, recebem diárias pelo dia trabalhado.

Deste modo, nos grupos de mulheres pesquisadas, agroindústria e plantio, em sua maioria, são assalariadas do tipo diarista, uma vez que se caracteriza pela venda de sua força de trabalho em troca de uma remuneração em dinheiro, assim como pela sua exclusão na participação da produção.

Existem as que recebem por tarefas e aquelas que recebem por mês. Na agroindústria, três trabalhadoras recebem por mês, o equivalente a 1 salário mínimo, além de executarem funções na área administrativa. Observa-se que mesmo com o período do plantio e colheita o ano todo, prevalece o contrato temporário, o que difere essa mulher que trabalha na Vila, de um trabalhador fixo.

Entender os diferentes processos de trabalho, a trabalhadora e os diferentes ambientes de produção e reprodução do trabalho, é estabelecer um diálogo entre subjetividade, trabalho e saúde, interface do constante diálogo dos aspectos sociais, culturais e da organização onde este trabalho se efetiva como um determinante de saúde para a trabalhadora.

De tal maneira, é analisada a organização desse trabalho, nos diferentes espaços onde se localizam na Comunidade Sagrado Coração de Jesus. Em todos os lugares existe uma organização do trabalho que possui um papel determinante no processo saúde/doença das trabalhadoras uma vez que o conceito está atrelado à divisão social do trabalho, sendo o escopo de procedimentos das atividades, no que concerne a ritmos e prescrições dadas ao trabalhador pela organização do trabalho.

Ao falarem sobre o trabalho e do trabalhar, as mulheres expressam o valor de cada lugar onde se localiza o trabalho pela alternativa de trabalho na comunidade, de modo especial, quando diz: *nós temos que dá valor ao trabalho, pois é uma fonte de ganho, é um lugar que se tem para trabalhar (trabalhadora da agroindústria)*. A fala remete-nos àquelas que trabalham nas plantações de pimenta, como o lugar que dá o trabalho, tão presente no relato seguinte: *a mulher merece oportunidade (trabalhadora do plantio de maracujá e pimenta)*.

Portanto, ao analisar o que significa trabalhar, faz-se também uma relação no trabalho/ajuda, na associação, na agroindústria, ou no plantio, proporciona compreender o trabalho, localizado na dinâmica das relações sociais, onde o sujeito, aqui, é a mulher trabalhadora da área rural, frente ao trabalho prescrito nos diferentes lugares do trabalho, é olhar para além, da ajuda, que pode invisibilizar direitos de trabalho e inviabilizar políticas públicas de saúde.

A discussão em cada parte a seguir, vai revelando diferentes lugares do trabalho da mulher. No Grumascopo, na agroindústria e nos plantios, cada lugar um trabalho, uma realidade: o olhar, a escuta e a fala, desvelando aspectos fundamentais para entender a relação saúde e ambiente das trabalhadoras na agricultura, na Amazônia. Dentro de cada especificidade, histórias que se diferenciam e se aproximam do lugar: a Vila do Engenho.

2.1 Trabalho, saúde e ambiente rural amazônico

Nas sociedades contemporâneas, o trabalho é a categoria central para pensar a vida social, pois ao vincular o processo de relações do homem com a natureza, e dos homens entre si, torna o homem “verdadeiramente humano”, ao atuar, por intermédio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Em *O Capital*, Marx demonstra os pólos que delimitam os movimentos reprodutivos do *modus operandis* a produção da existência material e a produção de si dos indivíduos na história (MARX, 1985, p. 149).

O trabalho implica histórias, que comportam interesses, e, dessa forma, homens e mulheres, com subjetividades complexas, e, mergulhados num conjunto de relações sociais, alteram desejos e necessidades, agindo tanto como produto de uma base natural quanto produtor da sociedade, transformando a natureza e o mundo que o cerca.

Nessa concepção tem-se a compreensão do trabalho enquanto meio de vivência e uso das potencialidades e capacidades criadoras de homens e mulheres. Sendo assim, o trabalho deveria permitir o desenvolvimento de todas as capacidades humanas, incluindo as imaginativas e criativas. Porém, no decorrer da história o trabalho vem assumindo diferentes conotações de acordo com especificidades sociais, políticas e econômicas que mais contribui para a alienação que para a libertação.

O conceito de trabalho como em uma arquitetura teórica, permeia diferentes campos de natureza transdisciplinar, isento de ortodoxia teórica no sentido que sustenta Ferreira (2000), para quem não existe uma definição canônica. O autor expõe um complexo recorte da noção de trabalho do mesmo modo como o fazem Teiger (1992), Dejours e Molinier (1994) e Schwartz (2004) que sustentam a transversalidade do conceito trabalho visando enriquecer a discussão, uma vez que permite pensar como objeto da pesquisa em diferentes enfoques.

Em Marx (2008, p. 149-150), o trabalho passou a ser a fonte de toda produtividade e a expressão da própria humanidade do homem, para ele a produtividade não reside em qualquer um dos produtos do trabalho, mas na força humana, cujo vigor não se esgota depois que ela produz os meios de sua subsistência, mas é capaz de produzir excedente, isto é, mais que o necessário à sua própria reprodução. Ainda para Marx (2008, p. 26), o trabalho é tanto mais produtivo quanto está baseado em uma combinação mais lata de trabalhadores que funcionam juntos com o mesmo objetivo.

Em Teiger (1992, p.113) a noção de trabalho aparece como uma atividade finalística, realizada de modo individual ou coletiva situada em um contexto particular que estabelece as exigências imediatas da situação. Esta atividade não é neutra, ela engaja e transforma, quem a executa. O trabalho da mulher é ter o corpo como *locus* irredutível da determinação de todos os valores, significados e significações, ou seja, pensar a mulher trabalhadora situada na história articulando ao lugar.

Contribuindo com a reflexão sobre trabalho, Harvey (2009, p.29) introduz a discussão do trabalho a partir do corpo enquanto expressão de vida. A mulher reflete o corpo como centro de todas as coisas, como lugar da atividade e do pensamento humano. Como se observa na fala da trabalhadora:

Trabalhar , é ganhar dinheiro pra ir pro rodeio, pagar as contas, comprar roupas. É um trabalho sabe, que da pra ganhar meu dinheiro, e me sinto feliz, a gente merenda ai com as meninas a gente brinca, a gente bagunça, pra mim assim é um trabalho normal, o que me deixa mais feliz é ta com as meninas ...é a amizade, a gente brinca muito, aparece umas novatas, e a gente vai fazendo amizade (Flornaza)

Em síntese, o trabalho, e o corpo que produz o trabalho está inserido em um tempo ambiente que reflete diversidade de ações. O corpo da mulher reproduz e produz trabalho, contendo as relações espaços-temporais concretas e práticas materiais, representações, imaginários, relações sociais e econômicas. O corpo produz trabalho:

Há essa vida de trabalho, é tão sofrida mas é bem significativa, pra nós aqui é a luta pra ter alguma coisa. Na medida que a gente tá lutando porque tem assim...porque as pessoas que tem condições, elas não estão aqui nessa vida, aqui no sol ardente até o meio dia, ate uma da tarde; a gente não tem, porque tem que trabalhar por alguma coisa. Por isso, nós estamos aqui no meio desse sol (Flormarile).

A necessidade transforma modos de vida, e o corpo é o nexo, por meio do qual as necessidades, tornam-se, possibilidades emancipadoras. Concorda-se com Harvey quando este alega ser “inevitável que o *status* e a compreensão do 'corpo' viessem a constituir o centro do debate teórico. Questões de gênero, de sexualidade, do poder das ordens simbólicas e das significações da psicanálise, também reposicionaram o corpo como sujeito de discussão e de debate" (HARVEY, 2009, p.29).

A fala da mulher trabalhadora que reposiciona escolha, que dá significado ao seu olhar sobre o trabalho:

Trabalhar pra mim significa, fui trabalhar pra outro, mas era o mesmo trabalho, apanhar pimenta, assim esse trabalho, porque eu trabalho, as vezes falam que eu não tenho precisão de trabalhar, mas eu já fui criada assim, porque eu com 12 anos perdi meu pai, com 26 anos perdi minha mãe, então fui acostumada assim a trabalhar desde pequena (Floran)

A fala remete à compreensão do trabalho enquanto potencialidade e capacidade criadora da mulher, que embora assuma um discurso da não necessidade, vê no trabalho a possibilidade de realização. Harvey (2009, p.272) assevera que "somos uma espécie como todas as que hão na terra, dotada, como elas, de capacidades e potencialidades específicas que são empregadas como vistas a modificar ambientes de maneira que levem às nossas próprias sobrevivências e reprodução".

Trabalhar, portanto, "constitui para a subjetividade uma provação que transforma. Trabalhar não é apenas produzir, mas ainda, transformar-se a si próprio e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade de provar-se a si mesma, de realizar-se" (DEJOURS, 2012a, p. 34).

A trabalhadora na agricultura, com sua subjetividade complexa e mergulhada no conjunto de relações sociais decorrentes de singularidades locais, altera seus desejos, interesses e necessidades pelo lugar, pelas oportunidades ou por falta de oportunidades. Na fala da mulher, o trabalho reflete as experiências de vida:

Trabalhar é uma coisa que a gente já é acostumada, trabalhar chegar o final de semana ter dinheiro, pra mim eu acho maravilhoso, to acostumada desde pequenininha. Já trabalhei muito em embarcação, entrei com 9 sai com 18anos, embarcação de Nova Olinda pra Manaus, trabalhava assim ...eu morava com eles e eles botavam a gente pra ajudar, assim as meninas, eles tinham um bocado de meninas, por exemplo, pra limpar os camarotes, pegar nome de passageiros, ajudar eles assim, na hora da cobrança trabalhar com dinheiro, ele tinha muita confiança... (Florbran).

A mulher trabalha desde criança com aqueles que a criaram, estabelecendo vínculo e dependência. Para Antunes (2004, p. 336), o trabalho vem sofrendo mutações na objetividade e subjetividade, de forma a apreender as principais determinações concretas da crise e das metamorfoses do trabalho. Tal aspecto, levantado pelo autor, observa-se também na área rural, lugar onde há diferentes formas de contratação da força de trabalho.

Na Vila, no geral, há duas formas de contratação de trabalhadores homens e mulheres. No primeiro caso, os produtores rurais contratam pessoal para complementar as atividades da mão de obra familiar, sejam como diaristas seja como avulsos, contratados eventualmente na época da colheita, plantação ou limpeza de terreno. No segundo caso, há produtores que contratam trabalhadores diarista e mensalistas ou avulsos de modo mais permanente visto que, embora disponha de mão de obra familiar esta não é suficiente e, por isso, necessitam contratar força de trabalho para garantir a sua produção.

Em algumas propriedades, as formas de contratos são informais, sem a relação de complementaridade, o que se aplica às trabalhadoras da pimenta e do maracujá, sendo contratadas para exercerem atividades agrícolas específicas, com um valor predeterminado.

Na Vila, a necessidade pelo trabalho, revela o outro lado da vida. Agora é a vida de trabalho da mulher, não apenas na casa ou no roçado da família, mas na lida fora de casa. Tal mudança decorre da necessidade imposta pelo mundo do trabalho, que traz formas precarizadas de contrato. Tal dimensão é comum em formas de trabalho reguladas por

relações capitalistas avançadas, todavia, já podem ser vistas no rural amazônico nas diferentes formas de trabalho existente na Vila do Engenho, como pode ser aferido na fala da trabalhadora:

Eu trabalho aqui, porque a senhora nem sabe, é a necessidade que é grande mana...pra trabalhar, pra pagar as contas (Florariva).

Na Vila do Engenho, no cotidiano da agroindústria, observam-se duas formas de contratação: mulheres que são mensalistas e as diaristas que trabalham por períodos específicos, basicamente quando a agroindústria está funcionando, pois esta depende da safra e das condições de armazenamento e venda das polpas.

Das mulheres entrevistadas na agroindústria, no total de 12, 90% eram diaristas, e apenas 1 possuía contrato mensal. Observou-se que há uma relação de reciprocidade, por serem esposas, filhas, sobrinhas dos cooperativados, existe um sentimento de contrapartida, de contribuir com a cooperativa, do total, 3 não possuem grau de parentesco com os sócios da cooperativa.

Das mulheres que possuem vínculos com os cooperados, o espaço de trabalho simboliza sua parcela de contribuição para a cooperativa, portanto, devem gratidão a quem lhes possibilita o trabalho. A fala da trabalhadora demonstra o valor ao lugar do trabalho:

A gente tem que dar mais valor pra essa fabrica que dá trabalho pra nós mulheres pra não ficar lá no meio do sol quente. Vamos dar valor, vamos ajudar, vamos cooperar, vamos nos dedicar aquilo, não penso só em mim, ate porque a metade que tá aqui...é filha de cooperado... essa aqui é mulher de cooperado, ali também. Vamos entender isso e valorizar o que é nosso e entender e valorizar (Florbe).

A fala demonstra o simbólico, o investimento em cada lugar do trabalho. Na agroindústria, o trabalho é a representação de família, de grupo e da valorização do lugar, enquanto coletivo de trabalho.

Para as trabalhadoras, o plantio é a condição de sobreviver pelo trabalho, o investimento do corpo enquanto resistência às novas configurações do trabalho. De acordo com Antunes (2009), o trabalho é o elemento mediador entre a esfera da necessidade e a da realização e neste aspecto o valor recebido pelo trabalho produzido é acrescido de sentido de onde a mulher executa seu trabalho e onde intencionalmente diz sobre o trabalho, ora se constituindo de autorrealização, ora constituído de dura resposta ao existir, como é expresso pela mulher:

O que significa o trabalho pra mim na delegacia eu gosto de lá porque é uma coisa que gosto de trabalhar é fazer comida mais a maioria fico sozinha fazendo a comida e no roçado eu gosto de trabalhar porque é aquela mulherada toda, trabalhando conversando e passa rápido, o dia quando se vê já é 5 horas e lá na delegacia é só. Mas o trabalho que gosto mais é no roçado que a gente conversa a gente troca ideia faz bagunça conversa brinca com uma brinca com outra é uma coisa legal (Floran).

O que se observa na Vila é a diversidade de trabalhos na agroindústria, no Grumascopo, na agricultura, que se expressam nas formas de contrato, nas atividades, no tempo e na disponibilidade de articular conjuntamente o exercício dos diversos papéis da mulher na casa, na família e no trabalho fora.

O trabalho não é apenas uma atividade, é ainda uma relação social, pois ele se expande em um mundo humano caracterizado pelas relações de iniquidade, poder e de dominação, define-se como aquilo que o sujeito deve acrescentar às prescrições para atingir os objetivos que lhe são confiados (DEJOURS, 2012a, p. 179).

O trabalho da mulher, portanto, pauta-se em diferentes visões nos diversos contextos como o histórico, o cultural, o econômico e o social. E nessas molduras conceituais, a trabalhadora rural ganha visibilidade em decorrência das mediações entre o saber fazer, o mundo produtivo e os diferentes processos de trabalho. Segundo Arendt (2010), não importa o que se faça, supostamente será feito com vistas a prover o próprio sustento, esse é o veredito da sociedade. Articula-se o texto de Arendt à fala da trabalhadora:

Rapa... tem uns que dizem...tem uma colega minha que diz, Deus me defenda, eu não trabalharia em um lugar daquele, sol quente, chuva, Deus me livre, eu não aguentaria. Realmente tem gente que não aguenta mesmo, às vezes a gente faz das tripas coração pra aguentar, a gente precisa aguentar e a gente precisa e trabalho hoje em dia... assim, trabalho em outros lugares, hoje em dia, só quem tem os estudos completo, né, eu fiz até a 8ª série. E como não tenho os estudos completos, o jeito é trabalhar assim, e eu não terminei o estudo porque eu tinha marido e o marido não deixava, brigava muito, tinha ciúme, e eu fui desistindo, era pra ter concluído mas ele não deixou mais, brigava muito, tinha ciúme...agora eu tenho vontade de voltar a estudar, se Deus quiser, quando o meu menino tiver maior eu vou voltar a estudar (Florda)

Os outros, quando falo, já me pede pra arranjar um trabalha aqui . Trabalhar aqui é importante porque pelo menos, eu ganho o dinheiro e compro o que eu quero. Eu ainda não sei, quando ganho por semana, mais se trabalho no dia todo é R\$ 35,00 e meio dia R\$15,00. O marido não fala nada, não agora, mas logo no começo, ele não queria que eu viesse pra cá, porque minha família não ia gostar, porque vai trabalhar no sol, (haa) porque minha filha não ia gostar...olha é que eu sempre trabalhei com minha vó no roçado. Ele logo no começo, dizia que eu ia pegar muito sol, que minha família não ia gostar, que a minha família ia falar e eu disse não tem nada a ver, porque eu vou trabalhar, eu não vou fazer coisa errada, é só isso mesmo. No começo ele não gostava, agora ele acostumou (Florle).

A fala da trabalhadora nos faz retomar a de Antunes (2010, p.24), ao discorrer sobre a classe trabalhadora, ajuizando sobre as mutações do mundo do trabalho e a classe trabalhadora hoje marcada por uma fase da produção do capital, caracterizada pela nova divisão de mercados, desemprego, divisão global do trabalho, entre tantas mutações, que senão atingem diretamente a Vila, o fazem de modo indireto, pelo número de pessoas que chegam ao local, como desempregados, não incorporados ao mercado de trabalho nas cidades vizinhas (Manaus, Itacoatiara) e que são absorvidos como mão de obra na agricultura, retornando para o que antes faziam, assim como se vê na fala da agricultora, quando se refere ao marido e sua condição de vida.

Eu vim porque ele veio e o dinheiro em Manaus não tava dando. Desde janeiro tô aqui ele é da comunidade, foi para Manaus trabalhar, voltou ...ele pediu pra ajudar ele e eu meti a cara e vim (Florisau).

Quando cheguei aqui não tinha trabalho. Porque nem todo mundo quer trabalhar no sol quente, outros pouco falam sobre isso, mas é o jeito. Mas como eu queria ajudar ele aí ele disse Flor tu vai, eu disse vou. E a gente tinha aquele dinheirinho contado e aquilo me revoltava, e eu disse eu vou meter a cara e meti mesmo ...não vou dizer que é uma maravilha mas ajudou, compensa, é gratificante entendeu, quando meus filhos diziam mamãe quero isso..não tem não, dinheiro pra isso. Então hoje em dia, já mudou entendeu eles dizem mamãe eu quero isso eu digo: - não posso comprar nessa semana mas na outra (Florisau).

A realidade da Vila do Engenho remete ao que Ricardo Antunes (2009, p.101) chama de "a classe-que-vive-do-trabalho" analisando uma noção ampliada de classe trabalhadora, dando contemporaneidade e amplitude ao ser social que trabalha à totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos.

Ela não se restringe, portanto ao trabalhador manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado[...] Engloba tanto o proletariado industrial, como o conjunto dos assalariados que vendem a sua força de trabalho (e, naturalmente, os desempregados, pela vigência da lógica destrutiva do capital) Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o **proletariado rural**, que vende sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o proletariado precarizado... part time, os trabalhadores assalariados da chamada economia informal, que muitas vezes são diretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do desemprego estrutural (ANTUNES, 2009, p.103).

Refletindo sobre o processo de trabalho rural, pra além daqueles que vendem sua força de trabalho. Têm-se os donos das terras que são agricultores familiares e que contam com a

família e com diaristas. Aqui há a vida do trabalho e a vida de quem vive do trabalho rural que também passa por mudança especialmente do caráter coletivo da agricultura familiar, para o trabalho assalariado e para a apropriação privada dos produtos. Ver-se chegar à Vila um mundo antes distante e que muda a configuração do mundo do trabalho no lugar:

Quando a gente começou a plantar abacaxi aqui a gente conduzia o abacaxi com 300 e ate 500 metros com paneiro na cabeça, quando secava, eles pegavam juntos cavavam aqui o igarapé e tinha que ser rápido para levar a produção para Manaus pois estragavam e podia perder a venda, cavavam e não tinha hora, a safra do abacaxi era sempre quando tava seco hoje em dia com a técnica já hoje, já pode modificar os tempos, porque só se plantava na época da chuva e só dava quando tava seco, mas era um sofrimento danado (Homjo).

Hoje o pessoal já tá com a terra mecanizada quando induz o abacaxi todinho, é tirar tudo de uma vez, o pessoal já mete o jerico pelo meio do abacaxi, olha vai só cortando e colocando dentro, nem paneiro praticamente, não usa, então as coisas estão facilitando cada vez mais, antes você andava um bom pedaço para chegar no roçado hoje vai de jipinho, vai de carro (Homben).

As falas comprovam que ao longo dos anos a comunidade vem sofrendo mudanças de diferentes formas de trabalho e de vida. Polarizam-se as forças de solidariedade impulsionadas pelo Movimento Lavradores em Ação, e, hoje, verifica-se transformações, muitas vezes mascaradas de avanço e desenvolvimento, em escalas visíveis, que modificam a maneira de produzir. Isso desencadeia de tal modo, um novo padrão produtivo, revelando-se outras formas de organização do trabalho na agricultura do lugar. Há a necessidade de trabalhadores, não só da família, mas da força de trabalho que chega à comunidade:

Trabalhava em casa de família, lá no Varre Vento, abaixo do Carreiro da Várzea. A enchente lá alagou tudo, em casa dava o banheiro, quando bate entra água em casa, arrastou tudo. E nesse alagado vim pra Itacoatiara, vim permanente, mudamos de vez. Ele (o marido) trabalhava com gado tirando leite, fazendo queijo e agora está trabalhando com o abacaxi (Flortali).

O abrigo dado pela Vila aos de fora vem trazendo resultados que podem ser desastrosos, se não observados pelas lideranças locais, que se assustam com o crescimento do lugar estabelecendo com isso, novos cenários e novos desafios.

Eu vim no ano passado já tem 1 ano, antes a gente ficava em casa, cuidando de casa, e então esse trabalho foi uma oportunidade de ter o dinheiro, a gente tava precisando como eu to e aí ele tava precisando e nós fomos falar de trabalho para ele, ele disse pode vim, pode vim que eu to precisando, aí uma foi chamando a outra (Flordal).

Aqui estou ainda, com nem 2 meses e aqui eu to achando legal, porque antes eu trabalhava em casa de família e aqui eu achei muito melhor que trabalhar em casa de família. Só é ruim por causa do sol, muito quente, achei legal trabalhar com as plantações, pimenta, antes disso eu já trabalhei com meu pai e minha mãe morava lá em Autazes e trabalhava com pimenta, assim... trabalhava com a roça e já tava acostumada, já conheço o trabalho né...(Flormal).

Trabalhadores e trabalhadoras agrícolas vivem como nas sazonalidades dos rios, mudanças advindas da natureza, mudanças trazidas pelo capital em vivências de um interior amazônico. Porém, na Vila do Engenho, as adversidades nem sempre rimam com tristezas ou entregas, antagonicamente criam na poética, estrofes de uma vida rural, motivos para recomeçar.

E nesse recomeço, o papel feminino no mundo do trabalho, na Vila do Engenho, é marcado por múltiplos trabalhos, revelando-se como a possibilita da realização de tarefas no domicílio, uma vez que a mulher pode dividir seu tempo de trabalho entre as atividades da casa, na associação, na agroindústria e no plantio, sobrecarregando seu dia de trabalho, com um quantitativo de horas invisibilizadas entre os processos de produção e reprodução na vida cotidiana.

Contemporaneamente se configura, nesse processo, a estreita relação entre a saúde, trabalho e ambiente, que por vezes são ainda tratados ou entendidos como esferas diferentes, todavia, observa-se que existe um elo que os une, que é justamente a relação entre processo de produção e consumo, saúde ou adoecimento, quando se trata das repercussões dos procedimentos produtivos sobre o ambiente e a saúde de trabalhadores.

Os processos de trabalho ganham visibilidade para analisar as condições de saúde e doenças, que nem sempre é reconhecida ou percebida, uma vez que os sintomas muitas vezes são comuns a outras patologias, dificultando a identificação do processo que as geraram já que o adoecer na agricultura é silencioso, do mesmo modo como também é silenciado pela necessidade de somente viver.

Para Machado (2011), o conceito fundamental do campo da saúde do trabalhador, é o processo de trabalho e sua relação com a saúde. Para o autor:

O processo de trabalho estabelecido por Marx, na sua obra *O Capital*, que define como o momento de transformação da natureza pelo homem, que, ao mesmo tempo, se transforma. essa transformação de si no contato com o processo de transformação da natureza define a possibilidade de situações potencialmente negativas para a saúde, relacionada a um desfecho de determinado tipo de agravo. Tal transformação é ainda mediada por condicionantes referentes a uma atividade laboral e a mecanismos de proteção, como a própria cultura do setor em relação à saúde e segurança no trabalho (MACHADO, 2011, p. 79).

Ao analisar a saúde de trabalhadoras rurais, se pressupõe uma preocupação com os vários aspectos que compõem a existência da mulher nos diferentes lugares do trabalho na Vila do Engenho. É conectar saúde aos processos e organização do trabalho, condições, ambientes e agravos provenientes de onde estejam localizadas as atividades laborais.

Deve-se, portanto, conhecer os diferentes lugares e processos de trabalho no qual a mulher está inserida, como associada no grupo de mulheres, como trabalhadoras da cooperativa, e como trabalhadoras na agricultura, diferentes espaços e tempos, como será demonstrado, analisado e refletido a seguir. A cada parte, uma parte de história de trabalho, saúde e vida no cotidiano do trabalho.

2.2 Grumascopes: processo de vida e de trabalho na participação de mulheres trabalhadoras

Não tínhamos o saber, mas tínhamos o querer. O que é importante de tudo isso, é o querer. Quem não pensa no nós, saiu. O difícil é ser Ascope ou Grumascopes, porque nas flores tem espinhos. Toda história tem seus espinhos (Flordavila).

A presença de mulheres em ambientes antes só ocupados por homens se nota também na Vila do Engenho, confirmando a constatação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), segundo o qual as cooperativas e associações se tornaram ambientes da presença da mulher, indicando que esta presença contribui para harmonizar as diferenças, atenuar as tensões e realçar os interesses comuns (BRASIL, 2012).

O universo de mulheres, que firmam presença em lugares de associações, ainda é tímido por conta de se vincular o papel da mulher aos espaços domésticos, viés tradicional da manutenção e naturalização da mulher no lugar “casa”, ainda socialmente compartilhado e aceito. Porém, constata-se que a atuação da mulher vem adquirindo maior relevo na redistribuição de tarefas e espaços de trabalho, emergindo transformações no cotidiano de mulheres trabalhadoras na Vila do Engenho.

O cotidiano da mulher na Vila não é fragmentado, mas integrado, sistêmico e revela condições e situações de vulnerabilidade e superações, constituindo-se como uma extensa rede de inter-relações em movimento.

Entrelaçada a histórias da comunidade, pensamento e cultura, fez-se a criação de um grupo de mulheres da Cooperativa dos Produtores do Sagrado Coração do Paraná da Eva-

Ascope; alinhando-se lembranças, constatam-se trilhas de organização, participação e autonomia.

Sua origem faz interseção com a própria história da cooperativa dos produtores, movimento de lavradores em ação, produtores rurais, que possuem uma trajetória política, de organização, solidariedade e cooperação. Nele criaram no cotidiano do campo, alternativas que os levaram a competir no mundo do trabalho com uma responsabilidade da partilha, sem perder sua base histórica no movimento de trabalhadores rurais, tendo em comum o ato de luta e solidariedade.

Com base nos preceitos da Ascope, suas lideranças, quando participavam de encontros regionais e nacionais, começaram a ser cobrados por organizações, tanto no nível local como nacional, sobre a não participação das mulheres nas reuniões e nos encontros de agricultores e agricultoras. Assim, ressoava a cada encontro o questionamento sobre a participação das mulheres ou da não participação destas nos movimentos sociais. Esta constatação não se articulava com as premissas da trajetória de luta da cooperativa.

Desse modo, para responder à demanda externa, a Ascope criou um grupo de mulheres ligado à cooperativa, mobilizando o grupo de esposas dos sócios, para se organizarem em torno do beneficiamento da produção da cooperativa. Na fala da liderança, essas mudanças são expressões que marcam diferentes caminhos, entre obrigação, superação e reconhecimento:

No início não sei se elas tinham essa ideia, mas foi criado (Homben).

Hoje, o grupo tem capacidade hoje, a partir dos cursos, de trabalhar a questão de artes, doces. Hoje qualquer programação o grupo faz ornamentação: festa, casamento, formatura. Na arte culinária podem organizar e coordenar qualquer evento. No artesanato da casca do cupuaçu fazem muitas coisas. Ultimamente o IPAAM deu um curso sobre reaproveitamento de garrafas pet no mês de março houve atendimento específico para o Grumscope (Homed).

A trajetória histórica do Grumscope, enquanto lugar de participação das mulheres, se constituiu a partir da necessidade de dar visibilidade à mulher na cooperativa. Pois, até então, sua participação nas atividades da cooperativa se restringia à esfera privada, como ajudantes no trabalho, no âmbito da casa, no trabalho doméstico e das rotinas de trabalho, quais sejam: preparação do alimento para os trabalhadores diaristas da propriedade de sua família, participando nas discussões sobre o plantio e na agricultura familiar, semeando e colhendo. Trabalho invisível, frente ao processo de organização do trabalho dentro da cooperativa. O

trabalho da mulher se restringia à casa, no lar enquanto mãe, e como ajudante do trabalho no plantio, na esfera doméstica, fora do círculo político de fortalecimento da organização, enquanto coparticipe do processo.

Arendt em sua obra, *A condição humana*, escreve:

Traz na história o fato de que a manutenção individual devesse ser a tarefa do homem e a sobrevivência da espécie a tarefa da mulher era tido como óbvio, e ambas as funções naturais, o trabalho do homem para fornecer o sustento e o trabalho da mulher no parto, eram sujeito à mesma premência da vida. Portanto, a comunidade natural do lar nascia da necessidade, e a necessidade governava todas as atividades nela (ARENDDT, 2010, p.36).

Arendt (2010, p.36 - 39) traçou a dessimetria quando mostra que há muito, ao homem, era reservado o lugar da *polis* e à mulher, o lar. A *Pólis* diferencia-se do lar pelo fato de somente conhecer "iguais", ao passo que o lar é o centro da mais severa desigualdade. Dentro desse domínio a autora revela que "a liberdade não existia, pois o chefe do lar, seu governante, só era considerado livre na medida em que tinha o poder de deixar o lar e ingressar no domínio político, no qual todos eram iguais".

No espaço da liberdade os sócios da *Ascope* eram os homens e em qualquer reunião eles representavam a associação, as mulheres e toda a comunidade; estas até participavam, no entanto, de maneira restrita: dentro da comunidade. Das reuniões do movimento dos lavradores participavam indiretamente, através das conversas em casa passando suas ideias, enquanto companheiras, na esfera doméstica. As idéias eram incorporadas ao discurso do marido, que recebia o mérito de sua autoria.

Em uma nítida oposição, as compreensões moderna e antiga de política, o domínio político e social no mundo moderno diferem muito menos entre si [...]. Essa funcionalização torna impossível perceber qualquer abismo relevante entre as duas esferas; e não se trata de uma questão de teoria ou de ideologia, pois, "com a ascendência da sociedade, isto é, do lar (*oikia*) ou das atividades econômicas ao domínio público, a administração doméstica e todas as antes pertinentes à esfera privada da família transforma-se em preocupações 'coletivas'. No mundo moderno, os dois domínios constantemente recobrem um ao outro, como ondas no perene fluir do processo da vida (ARENDDT, 2010, p.40-41).

O processo coletivo traz a reflexão acerca das conquistas no cotidiano da Vila do Engenho, das mulheres em ação, corroborado pelo processo constante de transformações. Demonstra, além de narrativas de um lugar, um espaço em que a participação das mulheres foi revelada e o de trabalhadoras, conquistado.

A necessidade da participação da mulher frente à cooperativa se deu pela influência de outras mulheres organizadas que já participam dos movimentos de associações e cooperativas. A fala de outras mulheres mobilizou cobranças à direção da Ascope, como: onde estava a mulher na cooperativa? Sendo que estas já estavam presentes na imagem, e nas histórias no lugar. Então como se explicava a não participação destas, tão presentes no dia a dia da localidade?

Como resposta, compartilhou-se a ideia de um grupo de mulheres que viabilizassem algo permanente e politicamente necessário, para além de participar da ASCOPE; a possibilidade de sustentação do trabalho de mulheres em associação. Esse foi o norte de tantas outras lutas na comunidade onde a mulher já transitava, em sua aparente invisibilidade, desarticulada das grandes decisões, atuando apenas como coadjuvante na casa; passa agora a protagonizar histórias de organização no trabalho do grupo articulado, mobilizado, trazendo visibilidade à sua trajetória.

2.2.1 O grupo de mulheres em associação

Esse grupo, organizado com mulheres dos cooperados, foi chamado de Grupo de Mulheres da Ascope- Grumascopo, criado em 01/05/2006, reunindo trabalhadoras rurais. A primeira estratégia foi chamar outras mulheres para participarem de cursos e atividades voltadas para as necessidades do lugar; reunir mulheres que quisessem trabalhar em associação. Foi uma oportunidade para qualificação, para aprendizagem e geração de renda, que possibilitou às mulheres entrarem em um espaço na comunidade antes delimitado para homens: o lado de fora da comunidade, o espaço público.

A história da sociedade e a história de mulheres na comunidade oferecem possibilidades de descrever uma nítida oposição, uma profunda diferença entre espaços do homem e da mulher no interior da Amazônia.

Já fui dois anos coordenadora do grupo e eu tenho liberdade de aprender e dar conta do grupo; porque, muitas vezes, eu só saía se o marido fosse comigo; e hoje saio sem ele se não puder ir. Muitas coisas eu só decidia se ele dissesse. Eu aprendi a decidir as coisas. O papel da mulher é de companheirismo do marido, e sempre tínhamos que consultar se deveríamos fazer alguma coisa. Ficamos acostumadas não em ser submissa, mas em estar em segundo lugar. Aqui nas reuniões estamos sós, pra decidir, sem os maridos (Flornaz).

Na Vila se vê mudanças e permanências de paradigmas de dominação e emancipação, produzidas pelas transformações do lugar e pela sistemática organização e participação das mulheres em diferentes espaços da comunidade.



Figura 12: Quadros informativos sobre planejamento 2013 e organização do Grumascopo; participação da mulher em reunião da comunidade. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Ao exercerem o papel de representar a Ascope nas atividades da produção de serviços, as mulheres, transpuseram o prescrito pelos cooperativados, para além da rigidez do mando, criaram oportunidades.

Ainda existe o controle por parte dos homens, quanto à participação efetiva da mulher na cooperativa, pois apenas um membro da família tem direito a voto, e este é definido pelo "cabeça do casal" como expressam a representação dada para o homem.

A família toda participa da cooperativa, mas a cabeça é o homem (Floreliã).

No meu pensamento, a gente só fazia o serviço de casa, poucas iam para o roçado. Vamos então nos reunir, desenvolver o grupo pra nós ter alguma coisa pra trabalhar, pra não ficar só naquela rotina do dia-a-dia de limpar a casa e fazer comida e cuidar de menino. Foi quando nós começamos pensar dessa forma. Tanto é que surgiu o Grumascopo, a necessidade de sair daquela rotina de casa (Flornaz).

Então, eu acho... A nossa boa vontade de organizar, juntar, nós mulheres, de mostrar o nosso trabalho, de dizer para sociedade que a mulher, hoje... Mandamos no Brasil! Nossa presidência é uma mulher! A gente colocou essa regra pra, justamente, fortalecer (Flormaris).

Mesmo existindo uma relação de dependência, visualiza-se também, formas criativas de transpor ordens e, mesmo na cobrança pactuada pela participação da mulher na representação da cooperativa, esta reelabora sua fala, muitas vezes, a fala em casa é o voto do marido na cooperativa.

Com a experiência do Grumascoppe, a parceria com a cooperativa se estabeleceu em diferentes desejos e estratégias; os caminhos foram trilhados em diferentes práticas e modos de fazer, trazendo a discussão, a valorização e a possibilidade, agora, da voz da mulher na cooperativa.

Nas reuniões da Ascope ainda está faltando a mulher, porque mesmo sendo grupo informal, poderiam participar sem direito a voto e somente a voz (Homben).

Observa-se também que mudanças são possíveis e que formas e modo de fazer podem ser modificados, como se observa na reflexão dos cooperados. Novas estratégias de participação abrem campos de diálogos e possíveis mudanças, ainda que só com voz.

Numa parte do estatuto diz assim, ou homem ou a mulher; e aí foi o homem. Mas é algo que pode ser diferente porque, em outra parte do estatuto, ele ampara, mas inicialmente, ela não pode votar por causa da inscrição, tá o Homed, então Florna não pode votar; ela, na inscrição tá escrita, isso, agora nas outras partes elas são iguais. Ficou assim, podia ser ela, podia ser eu, mas no entendimento ficou assim... como nos exercemos agricultura. Foi uma coisa que veio lá da igreja, tinha clube de mães, clube de jovens e comissão dos homens, então muitos grupos que se organizavam nessa época, saíram com esse entendimento que é interessante, mas não é comum, tem muitas comunidades, cooperativas que lá, estão como presidente a mulher. E a Ascope, ainda que bom tempo, não vai ter presidente mulher, a não ser que mude o estatuto, aí sim, pode ser, por enquanto ainda não (Homed).

Neste espaço vivido, de produção do trabalho, enquanto definições dos papéis do homem e da mulher são elaboradas pela cultura, concebida pelo viver grupal ou pela reprodução conceitual construída pela comunidade. Implica na concepção de um espaço masculino e de um espaço feminino no interior do grupo, ou seja, a existência de um mundo de fora e de um mundo de dentro da casa respectivamente, interrogando, entre si, onde homens e mulheres dominam e interagem.

Quando surgiu pra ser o grupo de lavradores, aí seguiu essa orientação, pra cá com as mulheres, quando o grupo foi formado deram só 6 meses. Ascope quando foi formado também só deram 6 meses, vai fazer 23 anos. Só permaneceram isso aí porque todos se interessaram (Flormar).

Todo esse processo foi mediado por ações que se desenrolam no ambiente e que se expressam no cotidiano. O cotidiano é aqui tratado como o conjunto de atividades, produto e obras, sendo o *locus* da produção do viver num contínuo vir a ser. Lefebvre (1991b), quanto à investigação sobre o cotidiano propõe uma atitude crítica. Para o autor, é impossível apreender o cotidiano como tal, aceitando-o e vivendo-o passivamente, sem tomar distância crítica, comparar e contestar.

O cotidiano reflete nas falas das lideranças o movimento, conquistas, reflexão sobre os papéis de participação da mulher, fora da casa, a partir de seu trabalho em associação. Assim como, dar resposta a possíveis transformações do que está estabelecido e de possíveis vir a ser.

2.2.2 A organização do trabalho

O Grumascoppe trabalha com o beneficiamento da produção da agricultura da família, ganha com a venda de doces, de derivados do cupuaçu e do abacaxi. As mulheres se firmam e vinculam sua história e seu trabalho com a história dos homens, enquanto trabalhadoras rurais que vivem do que cultivam e do que produzem na agricultura familiar.

O grupo de mulheres buscou se organizar com atividades específicas para geração de renda, com objetivos de prestação de serviços para a comunidade, possibilitando um ganho financeiro para a mulher; igualmente, sustentabilidade para a organização - Grumascoppe.

Para tal fim estabeleceram padrões de trabalho, rotinas e critérios de inserção das novas associadas. Para darem conta do que primeiramente foi demandado pela ASCOPE, sistematizaram rotinas e regras:

Durante 5 anos abrimos 3 vezes para novas sócias. Elas entraram com 5,00 como as primeiras e geralmente quem quer participar do grupo tem um conhecimento com artesanato, culinária e tem interesse em aprender mais. Quando estávamos com 30 e poucas mulheres a gente dividia em grupos de trabalho para crochê, bordado e outros; as outras que não sabem vão para artesanato de flores. Uma venda certa no dia de finados com flores, grinaldas vendidas nesse dia. No dia de fazer doce é só pra isso, com trabalhos divididos pra essa finalidade. Cada uma vai pro trabalho que sabe. Na massa de biscoit uns fazem a massa, vão tingir, confeccionar peças. Umhas têm facilidade de aprender e outras não (Florauri).

É regra que tudo que conversarmos fica lá, pra evitar falacão, fofocas e isso é regra, faz a gente viver até hoje. Algumas quiseram se esquentar mas passou. Colocamos a regra pra gente crescer e se fortalecer (Flormaris).

Mendes ressalta que (2011, p.32) para trabalhar, as regras precisam ser internalizadas e fazer parte da vida psíquica da trabalhadora, para que, com essas internalização e as condições oferecidas pelo grupo, enquanto organização, oportunize gratificações.



Figura 13: Cartaz sobre o que faz o Grumascopo; produção de artesanatos do grupo. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

Nada nasceu só de nós, eu convidei o Homed, Homonil, e fizemos as regras. Tudo tem que ter uma regra. É o caso da Florelia e da tia Florbe, a Florerle, a Florjandi, todas faltam, mas sabemos que estão fazendo outras atividades, mas vão voltar para o grupo. Ela está liberada para trabalhar na comunidade e depois ela retorna. A liderança é assumida pelo desempenho e participação do grupo. Não temos formação de liderança (Flornaz)

Ao sistematizar regras, passou a existir no grupo, um plano de trabalho que deveria ser cumprido e executado, para tanto foram pactuadas por todas, as prioridades e a direção do trabalho, foram, realizações de eventos, fabricações de doces e artesanatos, sendo que o arrecadado ficava no grupo, como patrimônio. Tal rotina culminou com o registro de conquistas, como relata a associada:

O Grumascopo possui hoje dois terrenos que ficam na Vila, próximo ao campo de futebol e da arena, na beira da estrada com 30x20 ou 40x20 comprado por R\$ 3.000,00, os dois, pra fazer a sede social, para o grupo se autossustentar, com a renda (Flormaris).

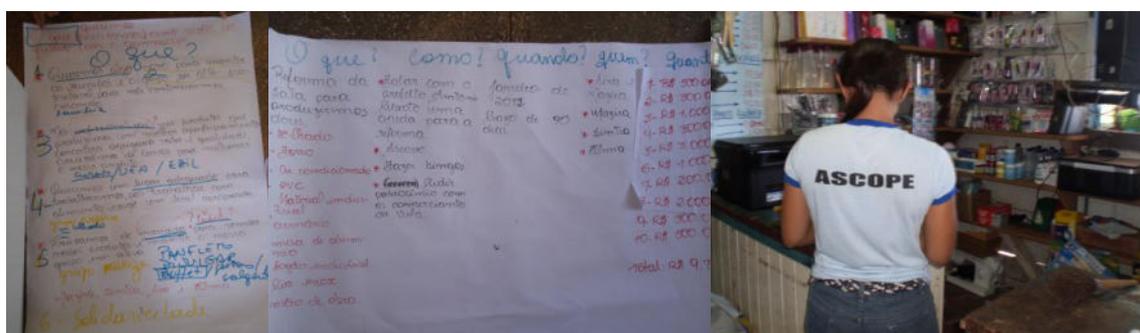


Figura 14: Resultado da oficina de planejamento 2013 com orçamento para construção da sede do Grumascopo; associada trabalhando na seção de consumo. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

Além do ganho material há o aprendizado, a superação quanto às críticas externas, resultante da condição feminina, reflexo da cultura local. E a fala expressa a conquista:

As atuais membros do grupo, que totalizam 22, aprenderam a ouvir as críticas, a escutar opiniões contrárias e respeitar as ideias divergentes. A gente sabe respeitar o lado de cada uma (Florauri).

Quando eram 30 mulheres havia opinião de todos os tipos. Saíram 8 e as que ficaram aprenderam ouvir e nem sempre concordando, mas aceitando o que cada uma tem a dizer (Florauri).

As mulheres fizeram do mando, a ação de possíveis lugares de trabalho, escreveram com todas as outras, a necessidade de continuação de novos caminhos e oportunidades. Na fala do grupo, a história de tantas mulheres, na Vila do Engenho, que transpuseram de submissão, visibilidades e mobilizações, de novos caminhos na história.

2.2.3 Mobilização da subjetividade no trabalho de ser Grumascopé

Entre a subjetividade e o sujeito do trabalho, a diferença consiste nas singularidades do engajamento de cada corpo, enquanto totalidade, no lidar com diferentes esferas de trabalho e de mando, dentro e fora da esfera doméstica.

Lancman (2008, p.33) reflete acerca do conteúdo simbólico do trabalho, com seus aspectos invisíveis, com as relações subjetivas; aqui, da trabalhadora rural, com suas novas formas de lidar com o sofrimento gerado pelo trabalho novo ou por outro trabalho na associação, podendo gerar efeitos sobre a saúde física e mental.

A autora diz que:

Aprender e compreender as relações de trabalho exige mais do que a simples observação, e sobretudo, exige uma escuta voltada para quem executa o trabalho. Para apreender o trabalho em sua complexidade, é necessário entendê-lo e explicá-lo para além do que pode ser visível e mensurável: é necessário que se considere a qualidade das relações que ele propicia (LANCMAN, 2008, p.35)

É muito dolorido sair e deixar os filhos (Florsi)

O núcleo do sentido na fala da associada reflete que o Grumascopé passou a ter como rotina, um dia de trabalho para a associação. E quando se faz necessário mais que um dia, para obtenção de recursos financeiros, gera então sofrimento na condição dessa mulher em optar pelo trabalho no Grumascopé em detrimento ao do lar. Isso quando se fala em 1 dia especificamente, uma tarde, nesse contexto, o sofrimento é de não cumprir ao final do dia com as tarefas dentro e fora de casa.

A alternância e gestão casa e Grumасcope, focaliza mulheres donas de casa que introjetaram a responsabilidade cuidando de filhos, do marido, da produção da família, no que concerne ao preparo dos alimentos para casa e para os trabalhadores do plantio da família.

No início passávamos o dia todo no Grumасcope e abandonávamos a casa e o marido pra ficarmos juntas. Foi muito difícil conciliar as coisas e por isso muitas desistiram. Elas diziam que não conseguiam fazer o trabalho da casa e participar do grupo(Florauri).

Esta fala concretiza o que é deixar a casa para participar do Grumасcope ou de trabalhar em outra atividade fora de casa. Ressaltam que o dia a dia é cansativo e são exigidas pela representação social do cuidado pela casa e família.

Aqui as mulheres do Sagrado são diferentes de outras porque tem participação no desenvolvimento. Ao entrar numa casa aqui na comunidade dá pra sentir a diferença de outra região, por exemplo, do Rio Madeira. Se todas vão pra roça a casa nem sempre fica limpa, encerada. Aqui a grande porcentagem não vai pra roça, mas a casa, as crianças são mais bem cuidadas, a alimentação é mais bem feita (Florben).

As daqui são guerreiras, porque contribuem com a parte do crescimento financeiro da família, o esposo e trabalhadores que estão no roçado, elas tem o tempo do investimento pra outras coisas como roupa pra ajudar no orçamento da casa. Elas agregam uma outra fonte de renda na família. São mulheres guerreiras (Homben).



Figura 15: Padrão de casa com toalhas e pegadores bordados; confeccionados pelas mulheres da Vila. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

Mesmo que no olhar do outro, o ficar em casa *é ter tempo*, não se dando conta das inúmeras atividades da mulher no âmbito da casa e da família, reconhecer que o trabalho fora de casa, contribui no orçamento da família.

Diante da diversidade de tarefas e cobranças, as associadas no Grumascopo, comprometeram-se, como representado na fala, *em não abandonar o barco, aqui a associação (Flormaris)*.

O que se constata é que a saída de casa para outra atividade, causa sofrimento, vivenciado por outras mulheres da associação, provenientes de dois fatores, uma das expectativas que os homens compartilham sobre o que é ser guerreira, e outra que da sobrecarga que se acumula para responder às expectativas. Acumuladas as obrigações domésticas com o trabalho no Grumascopo, tinha a situação da mulher frente à família, e do dar conta da produção estipulada de artesanato, além da dura realidade, que nem sempre se lucraria:

No próximo instante que mulher foi pra lá e tinha que doar seu serviço e solidarizar com o grupo, muitas saíram porque só foram com interesse de situação financeira. Não queriam o grupo pra nós, queriam pro eu (Flornaz).

Mendes (2011, p. 88) ressalta que narrar o trabalho é condição para desvelar o sofrimento vivenciado, é possibilidade de resgate da capacidade de pensar e partilhar o sentir.

Falar de seu cotidiano de trabalho dentro e fora da associação é constatar, para si e para o outro, que este ocupa grande parte do tempo e da história dessa mulher, que enfrenta rotinas complexas na articulação de diferentes papéis.

É muito difícil fazer um trabalho junto, porque as mulheres trabalham. As mulheres são todas agricultoras e somente duas são funcionárias públicas. Duas fazem faculdade em Manaus e continuam ligadas participando, principalmente nas férias. Elas pretendem voltar, Florelia faz agronomia e a Florerle faz turismo (Flornaz).

Esse processo tem que ser enfrentado não apenas com recursos psicológicos, mas reelaborando a visão de grupo, enquanto espaço de mobilização e conquistas a partir de um entendimento de totalidade sócio-histórica e cultural.

2.2.4 Mobilização de coletivos

De porto em porto, como uma imagem que se faz: o Grumascopo, o barco encadeado em rotinas, traz e leva notícias, possibilita o de fora chegar devagar, na mansidão do lugar, o apito avisa sua chegada na beira do rio. Trocas, notícias, negociações se fazem, a dinamicidade dialética de ir e vir, às vezes só é possível por barcos de linha, que trazem de

fora mudanças em sequenciadas movimentações: a Vila como o porto, o lugar de trocas; o Grumascopé é o lugar que alinha esperanças, mudanças e solidariedade; e em cada parada há possibilidades de refazer um novo.

O Grumascopé ao ser criado, respondeu também ao desejo das mulheres de sair de uma rotina que adoecesse, de um trabalho solitário, articulado nas falas como estresse, à um trabalho solidário, criativo, que promovesse prazer, alegria de compartilhar vivências e superações.

Fazíamos o serviço de casa e pra sair dos trabalhos de casa, as mulheres estavam estressados em casa. No primeiro dia estabelecemos o dia de reunirmos no salão da igreja porque não tínhamos sala (Florelí).

*Elas diziam: eu rezo pra chegar a quinta-feira porque eu saio do estresse de casa e **aqui a gente conversa, se diverte**. Algumas saíram por causa de religião e saíram, o pastor não deixou ficar. Outras porque viam apenas o dinheiro. Outras porque faltavam muito. Quando iniciamos contribuimos com 5,00 e hoje temos muitas coisas (Flormaris).*

Dejours (2012a, p.178) afirma que "o milagre da palavra, ao final, pode se produzir quando, entre aquele que assume o risco de falar e aquele que escuta, existe uma relação de equidade". O espaço da fala transforma sentidos comuns de vivências, o espaço da palavra interpreta e produz, movimenta a ação de coletivos produzindo cooperação e mobiliza ações.

Embora vivenciassem o sofrimento e o medo de não darem conta da associação e das suas obrigações, tarefas e responsabilidade, predefinidas pelo costume e pela tradição do papel da mulher no lugar. O Grumascopé, enquanto coletivo de trabalhadoras se mobilizou, o que de muito facilitou a garantia de continuidade das atividades no grupo.

Depois da nossa vinda da UEA duas semanas as mulheres voltam a ter medo de dar um passo a frente, tem medo da mudança. Temos medo da mudança de dar um passo a frente e quebrar a cara. Será que vamos dar conta, vai dar certo? A responsabilidade em assumir as coisas novas atrapalha (Flormari).

Nas narrativas de medos e superações, o coletivo se transforma, são processos de conquistas, como verbalizado. Quanto a vinda à universidade, as mulheres foram em grupo, a procura de cursos de planejamento e encontrara formas de organização mais elaborada, para fortalecer a trajetória do Grumascopé, porém, quando voltam ao cotidiano das obrigações e rotinas, o real contradiz a vontade. E é nesse sentido que a experiência do vivido se revela na *praxis*, e transpõem medos. O movimento articulado é também produtor de saúde da mulher, uma vez que é mediador de realização de si mesma e de construção da identidade, de trabalhadora rural e associada.

A necessidade era sair da rotina doméstica. A cooperativa começou com os Lavradores em Ação e as mulheres ficavam em casa cuidando dos filhos e da casa (Floreli).

A partir do momento que aceitamos o desafio as pessoas foram nos orientando, eu ia com a Florna, o papai, e assim íamos ajudando umas as outras a partir do momento que nós aceitamos desafios; todo mundo chegou ali no mesmo patamar, e a partir, daí foram vindos novos cursos, uma ajudando. E assim a gente ia ajudando umas a outra todo tempo, mas também tem essa parte de formação que acrescentam a nos o desafio (Florerl)

Constata-se na história do Grumscope que a criação de um grupo passivo seguindo mandos, por muito, se desvela em ação, fortalecido, no dia-a-dia de partilhas, de mulheres em organização.

Quantas mulheres a partir do Grumscope começaram a ter essa visão assim: a Flornaz tá como contratada da Ascope, Florel fazendo faculdade de agronomia, a própria Florna, administra a questão daqueles tanques de peixe, de certa forma ela tá administrando também. Tem outras mulheres que estão na frente de trabalho junto com seus maridos ou bem mais na frente, assim contribuindo, de uma forma mais independente pra dar condição, melhoria da família (Floraaur)

Estudos revelam que a ação coletiva das mulheres agricultoras foi, sem dúvida, uma das grandes novidades do cenário político da época. Em vários locais do País, no início dos anos de 1980, assim como aconteceu na Vila do Engenho, pequenos grupos de mulheres passaram a se reunir para conversar sobre as suas vidas e o trabalho (CORDEIRO e SCOTT, 2007, p. 421).

A ideia era formalizar e desestressar (Floreli)

Processo de criação, que ao pensar se fez o agir, sobre os desafios da natureza e sobre os desafios sociais, onde esta mulher está situada. Como tal, o processo é dinâmico e contraditório. Registrou-se na organização do trabalho das mulheres, alternância de gestão e aprendizado, as mulheres saem do *rebojo* e seguem o caminho como na imagem dos barcos de linha na Amazônia, as mulheres desatracaram as cordas para seguir seu caminho. Vê-se que já há caminhos percorridos por outras mulheres:

As lutas que alcançaram uma maior visibilidade política ocorreram em torno de quatro eixos: reconhecimento do trabalho na agricultura e nos sistemas agroextrativistas; lutas pelo direito à terra e pela reforma agrária; acesso aos benefícios da Previdência Social; participação das mulheres na estrutura sindical, seja como associadas a sindicatos, seja como diretoras de sindicatos e federações (CORDEIRO e SCOTT, 2006, p.421).

O Grumascoppe foi o lugar de referência das mulheres para o encontro, para as decisões; não só do grupo, enquanto organização, mas o lugar do reconhecimento conferido pelo outro.

O Grumascoppe está presente na vida da Comunidade. São muitas coisas. Também nas datas como finados... A gente pode contar com esse serviço tanto na capacidade de fazer, quando de se aperfeiçoar. O Grumascoppe é prestação de serviços para a Comunidade (Homben).

Para Dejours (2008c, p.343), por trás desta expectativa de levar uma contribuição singular para o campo do trabalho, há, de forma irreduzível, uma busca de identidade.

As mulheres têm ocupações fora de casa para se sentir útil, precisa se sentir reconhecida e na quinta é uma oportunidade de sair da rotina (Floraaur).

Eu sou presidente e em casa eu administro junto com o Homil no peixe eu cuido do peixe fazendo biometria, quantia de ração etc. eu ajudo ele quando o técnico vem fazer biometria que ele não está, passo as coordenadas pro técnico e jogo ração pros peixes (Flormaris).

Ao sair de casa, assumem demandas de trabalho distanciadas de sua rotina pretérita, as mulheres se identificaram com o trabalho, com a identidade de ser Grumascoppe, e do reconhecimento pela ASCOPE, pela capacidade organizativa do grupo.

Quem não participa fica mangando, porque mulher junta, é só pra fofocar. Mas estão vendo agora, que não é bem assim (Florni).

Quando estamos tristes é aqui que conversamos... os maridos dizem lá vão ficar conversando, mas não, é mais que isso, é aqui que olhamos o que cada uma está passando e precisa, além do que, ganhamos um dinheirinho (Florsi).

É conferido no olhar do outro, o espaço da partilha, lugar de referência para as associadas, que ali encontram para além da fala, o que é comum, tristezas, riso e solidariedade. O que mobiliza o sujeito em sua relação com as tarefas, é o desejo subjetivo fundamental de obter em retribuição de seu engajamento e de sua contribuição um benefício em termo de sentido para si. Atrás da mobilização subjetiva, há a busca da identidade (DEJOURS, 2008c, p. 343).

Em relação aos maridos eles colaboram porque veem o resultado do grupo e que não é só pra fofocar. Quando tem curso de uma semana eles não reclamam [...] tem que, não aceitar as críticas ou, saber lidar com elas (Flornaz).

No lidar com situações adversas ao cotidiano da mulher da Vila, houve um aprendizado no fazer a articulação, nos cotidianos do trabalho, da organização, no reconhecimento, dentro e fora da casa. Se produziram associação, se produziram coletivo, formas de superação, no exercício mesmo, do trabalhar no Grumascopo.

2.2.5 Grumascopo: espaço e participação no coletivo de trabalho

É ingênuo acreditar que se tratou de uma prática simplesmente metodológica, politicamente neutra, pois a mulheres associadas participaram de todo o processo gerador de novos espaços públicos e políticos, nos quais se recriou o imaginário democrático dos quais se construíram e se constroem novas opções para promover mudanças.

Os outros conseguem ver sim, depois da criação do grupo, foi chegando também a escola foi se unificando fundamental, ensino médio, curso EJA¹². Então, através do nosso grupo algumas foram perdendo a vergonha, começaram a estudar. Eu por exemplo fiz ensino fundamental, na época eu parei na quarta serie primária, fiz o fundamental, fiz o ensino médio. Quase todas as mulheres hoje do grupo tem o ensino médio, as que não têm, tão a caminho porque estão fazendo ensino fundamental e outras meninas que já saíram do grupo e foram fazer faculdade em Manaus, já tudo através que iniciou o grupo(Flornaz).

Nesse cotidiano, O Grumascopo, se fortaleceu pela participação da mulher, que teve papel relevante como gerador de novos processos sociopolíticos, e, assim, quando são implementadas atividades tem o enfoque participativo, que elas dizem: *do nós e não apenas de uma.*

Por causa da faculdade dela, não ia poder participar do grupo, mas nós reunimos, todo mundo junto, decidimos que ela não ia sair do grupo. Ela estava se afastando do grupo porque ia fazer a faculdade, fazer os cursos dela pra depois voltar e ajudar nós mesmo (Floraaur)

Fico feliz porque todas tem que subir degraus através do conhecimento e não apenas umas (Flornaz).

¹² A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é voltada para jovens e adultos que não puderam concluir seus estudos na idade própria, proporciona ao aluno a oportunidade de elevar sua escolaridade por meio de novos conhecimentos, que podem ser utilizados nas diferentes relações cotidianas.



Figura 16: Lideranças locais na festa de 5 anos do Grumascopo com exposição dos produtos comercializados pelas mulheres. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

A participação, para além da difusão de vivências individualizadas, implicou cooperação, mudanças por parte das lideranças da Vila. A construção do papel mulher que diz: *ainda requer um processo permanente de aprendizado (Floreli).*

Já tem algumas pessoas no grupo se desenvolvendo, mostrando trabalho; não é certo uma se desenvolver e outras ficarem lá, daquele mesmo jeitinho, não sobe nenhum nível. Temos que começar empregar, através do conhecimento; mas pra ter o conhecimento, a gente precisa se doar, pra fazer alguma coisa, se não, a gente não tem o conhecimento (Florerl).

A capacidade de mobilização social, foi pronunciada como processo que, através da conscientização e capacitação, possibilitou melhor estrutura organizacional, neste caso, visualizou-se a participação das mulheres, com suas especificidades, diante da realidade rural, pôde permitir o exercício de atividades autogestionadas, e assim, fortalecer sua cidadania.

Florjan é gerente do consumo, mas é do Grumascopo. Todas as vezes que as mulheres foram pra organização melhorou muito mais do que só o homem. Mas isso é trabalho (Floreli).

A viabilidade deste processo surgiu de ações nascidas do outro, e possibilitou na experiência concreta, o reconhecimento de suas capacidades e potencialidades, que pode ser observada através das participações destas, tanto no cotidiano dentro de casa como nas ações exercidas na comunidade nas diversas formas de participação, foi o desvelar de suas práticas em casa e na comunidade, que possibilitou o reconhecimento de seu valor, e, conseqüentemente, possibilitou o crescimento pessoal e coletivo que se dá através do aprender – aprendendo, do fazer – fazendo.

A princípio quando a gente começou eram mulheres bem tímidas, chegou lá com a maioria com a cabeça assim... uma sementinha, mas era muito pequena, do que era organização, do que é o trabalho social, e do que era desenvolvimento, a partir do trabalhos que foram sendo feito de cursos, que foram levados para lá, as mulheres que se destacaram, como a Florma e Florelia, na feira no Rio de Janeiro (Flornaz).

A elaboração de um constitutivo da mulher, no engajamento do coletivo, viabilizando mudanças, um processo social que expressa a busca pela cidadania, é uma realidade que na Amazônia ainda vem sendo conquistada. As desigualdades representam a necessidade de uma consciência política acerca do papel e da importância da mulher na sociedade e na Vila do Engenho; a visibilidade consciente de sua capacidade, expressa em seu discurso:

Hoje a mulher já chega em casa, muitas, a maioria já conversa com seu marido: olha, marido, vejo que as coisas são assim lá na cooperativa. Por exemplo: da uma opinião disso, assim é melhor. Já chega, já tem sua participação, não fica tão calada só aceitando o que tão impondo, mas ela já chega e coloca o lado dela. Tendo uma voz pelo marido na assembleia (Flornaz).

A mulher se refere à transposição de receios, na constatação da capacidade da realização de seu trabalho. A intervenção junto à comunidade se deu a partir do conhecimento e das necessidades das próprias mulheres, como sujeitos de processo de desenvolvimento e de mudanças.

Para Dejours (2012a, p. 95), os seres humanos tecem ligações para junto trabalharem, o fazer junto, "as ligações entre os indivíduos são fundadas na experiência dividida do real do trabalho, porque é desta experiência que nasce a sensibilidade comum que permite posteriormente a formação de uma habilidade coletiva".

Manifesta-se a inteligência de transformar um espaço de trabalho, como ação de reconhecimento coletivo, de estratégias criativas, compartilhadas no coletivo do trabalho, no cotidiano, e na produção do espaço, chamado do Grumascopo.

Aprendemos trabalho artesanal, fazer comidas, doces. Fomos ao Rio de Janeiro participar numa feira de produtos regionais e levamos doces, compotas, licor e bombons. A compra desses produtos e o elogio das pessoas e a qualidade dizendo vocês são do Amazonas, motiva o trabalho (Florerl).

Neste sentido fala-se aqui de um espaço material como conjunto de lugares exteriores à pessoa, a seu corpo, nos quais se desenvolvem atividades e as maneiras de ser; esse é também representado como espaço imaginário, em que exprime uma realidade interior. Enquanto espaço social é o conjunto dos comportamentos e das relações que se desenvolvem num dado território e que caracterizam as diversas modalidades de ações no interior de uma organização definida.

Destaca-se a práxis, na qual o ser humano se produz na sua relação com a natureza, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo. Reprodução, tanto dos

instrumentos técnicos e materiais necessários à produção como de relações sociais, compreendendo que estas se mantêm não por inércia ou passividade mas que esse movimento é complexo e passa pela necessidade da sociedade de viver a sua cotidianidade.

Não são todas que pensam assim, mas a gente tem que continuar firme, não é por isso que vamos desistir. No exercício já fui dois anos coordenadora do grupo e eu tenho liberdade de aprender e dar conta do grupo porque muitas vezes eu só saía se o marido fosse comigo e hoje saio sem ele se não puder ir. Muitas coisas eu só decidia se ele dissesse. Eu aprendi a decidir as coisas. O papel da mulher é de companheirismo do marido e sempre temos que consultar se deveríamos fazer alguma coisa. Ficamos acostumadas não em ser submissa, mas em estar em segundo lugar. Nas reuniões estamos só pra decidir sem os maridos (Floraurile).

O trabalho no Grumascoppe apresentara dimensões que vão além do acesso aos benefícios materiais e do alcance de objetivos imediatos. A abordagem não dicotômica entre meios e fins e a ênfase na participação comunitária em todas as fases do ciclo de determinado projeto, pôde direcioná-las para a consecução de objetivos cada vez mais amplos e mais complexos.

O Grumascoppe nasceu em um contexto historicamente dado. Encontraram em tal contexto, o conjunto de relações e instituições, que as fizeram ocupar posições que independem a tomada de decisões próprias, assumem determinado sistema de pensar e agir de um grupo.

O nosso maior desafio é o nosso aprendizado aquilo que a gente vai ganhar, benefícios que vai ficar pra gente como mulher, crescimento, de evolução mesmo, chegar no canto e saber conversar se expressar, saber colocar suas ideias. A mulher se sente mais valorizada, ela se senti mais feliz quando é valorizada, tudo que vier de benefícios para o Grumascoppe só vai ajudar a nossa auto estima, bem estar, felizes, mais integrada com a sociedade, não são mais aquela mulher tímida lá do começo(Flornaz).

E nele, as mulheres respondem as demandas da cooperativa mas querem em suas falas o reconhecimento de seu papel de protagonizar histórias. Na organização das mulheres, superaram as críticas sobre a condição feminina,

O Grumascoppe foi elogiado em sua história, na pessoa das coordenadoras que viajam e isso ninguém vai tirar da gente. (Floraurile).

O reconhecimento, criou no funcionamento do grupo de trabalho, o sentido de uma comunidade de pertencimento. As mulheres construíram regras e as compartilharam na gestão de capacidades coletivas de constantes aprendizados. O processo de participar, ousar,

acreditar, foi mediado pelo enfrentamento de dadas situações, expressas na vida social, na realização da própria mulher em seus diversos papéis e trabalho.

Meu sonho é a gente permanecer esse grupo cada vez crescendo, cada ano que se passa. A gente permanecer lutando pelo grupo, se depender da minha pessoa estou disposta ajudar. A gente quer que cada uma se desenvolva recebendo esse cargo como coordenadora que aí a pessoa si empenha e si dar valor, “rodízio de coordenação” de “liderança”, porque a gente fazendo isso a gente vai formar liderança dentro do grupo (Florleia).

O que se constata nas falas é o visível tecido por palavras, resultando em formas de autonomia na realidade da Vila do Engenho. O Grupo de Mulheres da Ascope – Grumascoppe, foi tecendo ponto a ponto, escrevendo suas histórias de vida e de trabalho.

Nos contextos amazônicos, os contornos de uma Vila propiciam reflexões das formas diferenciadas de participação de homens e mulheres refletidas no cotidiano de trabalho e de organização, que pode referendar a mobilização de cada coletivo, aqui, a história:

Presidentas do Grumascoppe

1ª Eliane da Silva Oliveira - 2 meses (2006)

2ª Nazira da Silva de Mendonça - 2 anos (2006-2008)

3ª Aurilélia Vieira de Oliveira – 2 anos (2008-2010)

4ª Marisa de Oliveira Pessoa - 2 anos (2010-2012)

5ª Sítia 2012 - 2 anos(2012 -2014)

Em seus sonhos: continuando histórias de Edilenes na adolescência e de Belas, na maturidade, conta o tempo de lutas e conquistas na Vila do Engenho.

O sentimento de pertencer ao lugar, significa, que é nesse cotidiano de vivências, que as mulheres se identificam, produzem e reproduzem subjetividades nos diferentes espaços em que vivem. As cotidianidades dessas mulheres são, ao mesmo tempo, o agora e o futuro, que ao mesmo tempo se relacionam com o lugar e aos modos de viver.

2.3 Agroindústria da Ascope: contextos e processos de trabalho

A Agroindústria da Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus Paraná da Eva – Ascope, desenvolve um conjunto de atividades relacionadas à transformação de matérias primas provenientes da agricultura. A concretização da Agroindústria se consolidou com o programa federal "Luz para todos", implantado na Vila do Engenho em 17 de agosto de 2005, "sete meses depois, em 17 de março de 2006 acontece o primeiro dia de processamento da agroindústria" (SILVA, 2010, p.1).

O cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e o abacaxi (*Ananas comosus*) são os principais produtos comercializados pela agroindústria, que passou de um processo manual e artesanal, despolpados e descaroçados com cortes de tesoura, para um processo mecanizado, realizado por máquinas. Antes esse trabalho era feito pela família onde a mulher tinha expressão principal, a de organizar o trabalho. Hoje, o agricultor vende o fruto *in natura* para a cooperativa e lá o produto é beneficiado em polpas para revenda.

O fruto do cupuaçu é uma baga capsulácea de 12 a 25 cm de comprimento e 10 a 12 cm de diâmetro, pesando em média 1.200g. O epicarpo é lenhoso, coberto por um indumento ferrugíneo, [...]. As sementes em média 36 por fruto, com aproximadamente 2,5 cm de largura x 0,9 cm de espessura, são superpostas em cinco colunas em torno de um eixo central, vulgarmente chamado de talo (COSTA, 2002, p. 4).

Para cada tipo de fruto um processo, uma cadeia que vai desde o fornecimento de insumos agrícolas, até o consumidor.

O abacaxi (*Ananas comosus*) faz parte do hábito alimentar da região sendo apreciado pelo sabor e composição nutricional [...]. Segundo dados do IBGE/2011, o Amazonas é o oitavo maior produtor de abacaxi do Brasil. Atualmente o município de Itacoatiara é o maior produtor de abacaxi do estado do Amazonas. Em 2011 de acordo com dados da Secretaria de Estado da Produção Rural do Amazonas (SEPROR) o município de Itacoatiara, mais precisamente a localidade Novo Remanso, obteve uma produção de 23.040 (ton./ano), em uma área de 1.440 ha (MACHADO, 2014, p. 14).

Segundo líderes da comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva, a agroindústria foi o processo coletivo de autogestão para a comunidade e para as lideranças, sendo gerida pelos cooperados sob a presidência de um agricultor familiar, que também é o presidente da Ascope.

2.3.1 Processo de trabalho na Agroindústria

A rotina de trabalho na agroindústria inicia logo pela manhã. As trabalhadoras ao chegarem ao local de trabalho se dirigem à sala do coordenador da agroindústria e presidente da cooperativa, que elas denominam de patrão. Pegam seus uniformes e equipamentos disponibilizados para cada atividade e se dirigem para as salas de recebimento e processamento dos frutos, como diz a trabalhadora sobre o início do trabalho:

O patrão dá a roupa nossa, pega suas roupas, suas luvas, suas máscaras ai cada um já vai para seu canto, fazer o trabalho, ai tem que higienizar a

mesa, os vasos, as máquinas, ai esperar a poupa para começar a trabalhar, para às 9h, merenda, e retorna de novo (trabalhadora da agroindústria).

A sala de recebimento dos frutos é ampla, arejada, com piso cimentado. Nesta sala trabalham em média 3 a 4 trabalhadores (homens e mulheres) no processo de higienização dos frutos.

Os frutos chegam à agroindústria, acondicionados em sacos de rafia de 50 kg e são levados diretamente para a sala de recebimento, onde são retirados dos sacos pelos homens e colocados dentro de tanques plásticos com capacidade de 500 litros de água. Em seguida, as mulheres realizam a lavagem e escovação dos frutos para retirada de “impurezas” da casca. Após a higienização, as mulheres colocam de 40 a 50 frutos por caixas plásticas vazadas e repassam para a sala de processamento que fica anexo a sala de recebimento (Figura 17).



Figura 17: Frutos de cupuaçu na sala de recebimento da agroindústria. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Para o processamento do cupuaçu, o movimento de retirar os frutos do tanque, lavá-los e em seguida colocar de 3 a 5 frutos nas caixas vazadas numa sequência repetitiva de 40 a 50 vezes no período de 5 minutos proporcionam movimentos que geram dor e desconforto.



Figura 18: Higienização dos frutos de cupuaçu. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Além do esforço repetitivo, as mulheres trabalham em contato direto com água, e apesar de utilizarem um equipamento de proteção individual, composto por um avental

impermeável e botas, as mulheres ficam na maior parte do tempo molhadas, pois, além do trabalho de lavagem dos frutos, ao término de cada turno de trabalho, realizam também a limpeza e organização da sala, a qual deve estar pronta para uso no próximo turno (Figura 19).



Figura 19: Limpeza e higienização do ambiente de trabalho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Ao serem questionadas sobre a roupa molhada em seu dia de trabalho, uma das trabalhadoras respondeu, que não sentia o molhado no dia a dia, porque quando era criança trabalhava na juta, na malva e na realidade nem sentia o molhado, e, portanto, não reconhecia o fato de trabalhar molhada como uma situação de riscos à saúde. Constatou-se o aspecto subjetivo de minimizar o risco, associando-o às vivências do passado. Enquanto trabalho árduo, justificando a condição de trabalho atual, sem risco, aceitável, e que assim lhe permite a saída de casa e parcial autonomia econômica.

Na sala de processamento de frutos, trabalham de 7 a 12 pessoas. A sala é pequena e quente, quase todo o trabalho requer força e habilidade. A retirada da polpa do cupuaçu é realizada por duas mulheres que executam movimentos de levantar e baixar os braços, para a quebra do fruto, nesse processo, elas batem o fruto sobre uma ponta de ferro pontiaguda, até a quebra da casca dos mesmos, e em seguida é realizado o despulpamento manual (Figura 20).



Figura 20: Processo de retirada das cascas do fruto de cupuaçu. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

O despulpamento requer um movimento de cavar o fruto com a mão para retirar a polpa. As mulheres retiram em média a polpa de 7 frutos por minuto, a cada processo elas fazem uma breve parada, porque sentiam dores nas mãos e nos braços (Figura 21).



Figura 21: Despulpamento do fruto do cupuaçu. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

O ritmo de trabalho é intenso, pois desta sala dependia a quantidade de polpas para o processamento em máquinas. Na época da pesquisa de campo, ocorrido de novembro de 2012 à outubro de 2013, as trabalhadoras se ressentiam de um rodízio entre salas na agroindústria, o que facilitaria o trabalho de despulpamento, uma vez que pelo número de pessoas e o tipo de trabalho executado, era visto como a “sala problema”, pelas trabalhadoras, por vezes indicada como a “sala da fofoca”.

Após a retirada das polpas dos frutos, as cascas são colocadas em recipientes de 5 kg e quando estão cheios, uma mulher o carrega e repassa pela janela de comunicação para serem descartados (Figura 22), outra mulher do lado de fora, junta as cascas com uma pá e coloca dentro de sacos de ráfia. Este material é levado para uma área para compostar e ser utilizado como adubo orgânico nos plantios.



Figura 22: Descarte das cascas dos frutos de cupuaçu. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Ainda nesta sala, as polpas retiradas dos frutos são colocadas em uma esteira de alumínio não automatizada (Figura 23), caindo por gravidade sobre a mesa para a retirada da parte mais fibrosa do centro da polpa denominada localmente de talos.



Figura 23: Esteira não mecânica e separação das fibras e sementes. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Para o despulpamento, quatro trabalhadoras em duplas, dividem-se na retirada dos talos da seguinte forma: duas mulheres retiram os talos das sementes e passam para outras duas, que conseqüentemente amassam as polpas.



Figura 24: Trabalhadoras amolgam as polpas do cupuaçu. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Após a sequência, há uma trabalhadora responsável por colocar a massa do fruto em um recipiente de plástico, em seguida o despejando na esteira, localizada na próxima sala.



Figura 25: Transporte da polpa para a sala de despulpamento em máquinas. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Observa-se, que para o repasse de uma sala para outra, a mulher responsável deve fazer um esforço de carregar o recipiente para despejá-lo, porém, como a comunicação entre as salas é feita por janelas, a trabalhadora deve adaptar postura e movimento à janela que ficava na altura de seus ombros, sendo necessário que a mesma fizesse um esforço no braço e alongasse o corpo para dar conta de despejar o conteúdo na esteira da sala, onde ocorre o processamento em máquinas e as embalagens das polpas.

Anexo à sala de processamento em máquinas, uma trabalhadora, carimba a data e lote nas embalagens. Constata-se ainda, que o movimento com as mãos torna-se intensa requerendo agilidade e atenção, a trabalhadora nesta sala relata que em tal processo as mãos ficam doloridas e os pés cansados pela posição e pelo tempo em que fica sentada (Figura 26).

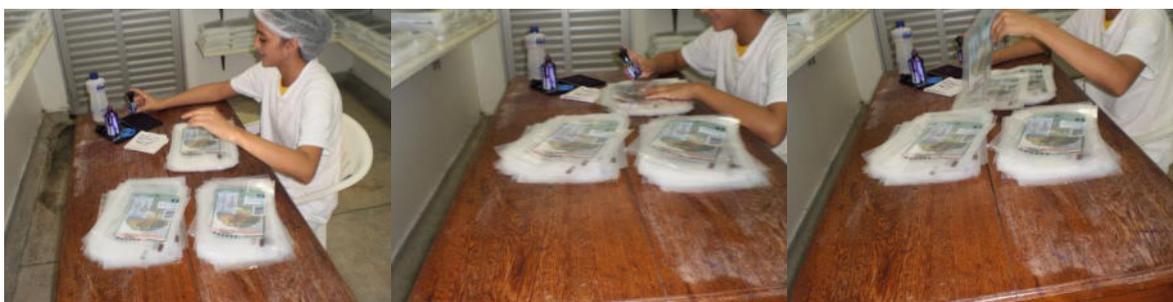


Figura 26: Identificação e preparo das embalagens. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

O processamento e embalagens com máquinas iniciam com as polpas sendo deslocadas manualmente, até o final da esteira, ao cair em recipiente com capacidade para 20 kg é carregado até a balança para ser pesado. Nesta atividade a trabalhadora fica curvada para aferir o peso, (Figura 27). Este movimento repetitivo, segundo as trabalhadoras causa dores lombares.



Figura 27: Aferição do peso das polpas em recipiente de aço inox. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Após a pesagem a polpa é levada até a máquina chamada de despoldadeira, que fica a uma distância de 1 metro da balança. A máquina separa as sementes da polpa, onde as sementes são armazenadas em sacos de 10 kg.



Figura 28 Transporte para as máquinas de separação fruto e caroço. Itacoatiara/AM, 2012/2013
Foto: Socorro Moraes Nina.

Logo em seguida a polpa é colocada na máquina para refinar (refinadora), e na sequência na máquina dosadora (Figura 29). Após o refinamento, a polpa é transportada para a máquina dosadeira, o transporte dos recipientes, de uma máquina a outra, é realizado por um trabalhador, pois depende de força física.



Figura 29: Transporte das polpas processadas para os recipientes em diferentes máquinas. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Na linha de trabalho, onde o processo consiste em dosagem, pesagem e selagem das embalagens, requerem habilidade e atenção, tendo a seguinte sequência: a trabalhadora descola a embalagem, abre a embalagem com a mão direita, passa para a mão esquerda e liga a máquina com a mão direita, em seguida enche a embalagem com a mão esquerda, onde a mão direita já pega outra embalagem. Observa-se que nesta sequência de movimentos, os braços se cruzam 8 vezes em cada minuto, até não ter mais polpa na máquina para embalar (Figura 30).



Figura 30: Embalagem da polpa e aferição do peso. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Em seguida a polpa é pesada, na embalagem de 1 kg, pela trabalhadora responsável por tal serviço. Verifica-se ainda que o ato de confirmar o quilo na embalagem, de modo “visual” requer habilidade, mesmo a trabalhadora experiente nesta atividade, tem que dosar com colheres em uma sequência de retirada do excesso da polpa, com uma colher, e pesa novamente até atingir um quilo. (Figura 30).

Após a pesagem, a embalagem é selada, da seguinte forma: pega-se a embalagem, coloca no friso de selagem, que é acionado manualmente com um pedal, até o fechamento total. Após a selagem, a trabalhadora passa os dedos sobre o local para verificar se não houve falha no processo. Esta atividade requer habilidade nas trocas de movimento de pé e mão (Figuras 31A e 31 B).



Figura 31A: Movimento de pés e mão para o processo de selagem das embalagens. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.



Figura 31B: Movimento de pés e mão para o processo de selagem das embalagens. Itacoatiara/AM, 2012/2013. Foto: Socorro Moraes Nina.

As embalagens seladas são transportadas em um carrinho de mão até a câmara fria para armazenamento e congelamento das polpas de frutas, chamada pelos trabalhadores de túnel de congelamento. Este trabalho é realizado por homens, por ser uma atividade que requer força física, no transporte da polpa até armazenagem na câmara (Figura 32).



Figura 32 Transporte da polpa para armazenagem na câmara fria. Itacoatiara/AM, 2012/2013. Foto: Socorro Moraes Nina.

Já no caso do processamento do abacaxi, o preparo das polpas para embalagem e armazenamento segue o mesmo processo, considerando a diferenças dos frutos, conforme já foi descrito anteriormente.



Figura 33: Chegada dos frutos de abacaxi para processamento das polpas. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Pela especificidade do fruto as trabalhadoras dizem que este trabalho requer maior cuidado, uma vez que os frutos são descascados com facões. E o contato da casca espinhosa do fruto, machuca as mãos, algumas mulheres disseram sentir coceira e alergia, no contato com o produto (Figura 34).



Figura 34: Retirada das cascas e corte da polpa dos frutos de abacaxi. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Ainda bem que estamos trabalhando com a polpa do cupuaçu. E quando era com abacaxi, que era com faca, e aquele talo do abacaxi quando encosta em você deixa em carne viva(trabalhadora da agroindústria).

As trabalhadoras demonstraram a preferência de trabalhar com o cupuaçu, já que os riscos no trabalho com abacaxi, não é só pela especificidade quanto a característica do fruto, mas na forma do corte e pelas ferramentas utilizadas.



Figura 35: Processamento de liquidificar as polpas de abacaxi. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Na agroindústria, o trabalho de homens e mulheres é definido e se inter-relacionam de acordo com as atividades específicas.



Figura 36 Dosagem, pesagem e selamento das embalagens com as polpas de abacaxi. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

A colaboração entre homens e mulheres na agroindústria e as parcerias existentes nas relações de trabalho, podem estar associadas às relações familiares: "tudo família, tudo cooperativa". Portanto, os laços sociais do viver junto ao trabalho e as relações de parentesco, podem facilitar a manutenção das relações entre trabalhadores, dentro do grupo, de forma cooperativa.

2.3.2 Subjetividade, trabalho e saúde da mulher na Agroindústria

Nós mulheres somos trabalhadoras, trabalhamos como agricultoras porque nós trabalhamos aqui na fábrica, mas é cultura da agricultura, e trabalha com o produto (Florcle).

A consolidação da Agroindústria se estabeleceu com o programa do Governo Federal nominado "Luz para todos", implantado na Vila do Engenho em 17 de agosto de 2005. É partir desse momento, mais especificamente em 17 de março de 2006, que ocorre o primeiro dia de processamento. A Agroindústria da Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva – ASCOPE, ademais, passa a realizar uma série de atividades ligadas à transformação de matérias-primas originárias da agricultura.

Principais produtos comercializados pela agroindústria, o cupuaçu e o abacaxi, passam de um processo artesanal, despulpados e descaroçados com cortes de tesoura, para um processo realizado por máquinas. Hoje, o agricultor vende o fruto in natura para a cooperativa e lá ele é beneficiado, com retirada da polpa, para revenda. Nem sempre foi assim, já que esse

trabalho era realizado anteriormente pela família onde a mulher tinha uma expressão principal, a de organizar o trabalho.

Para cada fruto acontece um processo, numa cadeia que vai desde o fornecimento de insumos agrícolas, até o consumidor. A agroindústria, de certo modo, foi o registro coletivo para a comunidade, e para suas lideranças, de autogestão. É gerida pelos cooperados sob a presidência de um agricultor familiar, também presidente da ASCOPE. A cooperativa possui uma estrutura composta de caminhões baú e de carroceria, dentre outros equipamentos, beneficiando cooperativados e a comunidade.

Na agroindústria as mulheres trabalham em todo o processamento da polpa para revenda. Deste coletivo de trabalho, participaram dos cinco encontros semanais, 12 mulheres, destas 80% possuíam o ensino médio, e a maioria são esposas, filhas, sobrinhas, ou seja, integrantes da família de cooperativados, que trabalham como assalariadas, do tipo diaristas.

2.3.2.1 O sentido do trabalho

Para as trabalhadoras, o sentido do trabalho é a história de vida na agricultura, trabalham com as culturas do abacaxi e do cupuaçu, viabilizam, com isso, projeção econômica para a Vila do Engenho. Logo, fazem parte da história de trabalho, como expressam nas falas, mesmo no trabalho fora do roçado. A agroindústria é trabalho da agricultura familiar, onde se reconhecem fazendo parte dessa história como trabalhadoras rurais.

Brito (1999, p. 30) aponta a relação entre saúde e trabalho das mulheres que deveria ser compreendida na complexidade que envolve suas histórias de vida, a importância do trabalho na construção da identidade, assim como, refere-se à saúde das trabalhadoras com um olhar acurado sobre os processos de trabalho, bem como a forma muitas vezes insidiosa de adoecimento a que estão expostas.

A Psicodinâmica do trabalho, por ser uma teoria crítica, possibilitou a transversalidade do direcionamento teórico sobre a organização, o processo e a inter-relação saúde/doença através da fala, da escuta e das discussões no coletivo do trabalho. Os encontros possibilitaram a escuta e é um modo de colocar o trabalho em análise, segundo Mendes (2007a, p. 65), como um processo que traduz aspectos visíveis e invisíveis, que expressam uma dinâmica particular, inserida numa intersubjetividade a cada contexto, que permitiu o acesso aos processos de subjetivação, às vivências de prazer-sofrimento, e ao processo de saúde-adoecimento (Figura 37).



Figura 37: Encontros coletivos com grupos de trabalhadoras da agroindústria. Itacoatiara/AM, 2012/2013. Foto: Socorro Moraes Nina.

O trabalho significa alegria, significa dores nas pernas, estresse e dinheiro (Florai)

As trabalhadoras ao falarem do seu trabalho, falam de significados desse trabalhar, falam de si, expressam gratidão e sentimentos de alegria pelas amizades que se fortalecem no cotidiano do trabalho. Como pode se observar no relato da trabalhadora, no primeiro encontro, quando o grupo fala sobre o que é trabalhar.

Porque às vezes a gente vem pra cá, a gente tá na casa da gente estressada vem pra cá se divertir e fica alegre, e têm outros dias que a gente vem e tá tão cansada, a gente só aguenta... porque a gente aguenta porque é forte, hoje é um dia que tava, que só eu e Deus, mas a gente , a gente tenta e consegue a enfrentar o trabalho, porque as vezes...pensei assim ontem ...se eu sair não vai ter ninguém pra trabalhar que nem a gente eu sei que vai ficar difícil então, eu vou aguentar, e eu aguentei e quando foi de tarde, eu tava bem, graças a Deus (Florcle).

Trabalhar constitui para a subjetividade uma provação que transforma. Trabalhar não é apenas produzir, mas ainda transformar a si próprio e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade de provar-se a si mesma, de realizar-se (DEJOURS, 2012a, p. 34).

Por vezes, e da mesma forma, como reconhecem alegrias compartilhadas, expressam sentimentos de tristeza, irritabilidade e cansaço provenientes de situações vivenciadas no trabalho.

As vezes como a Florcle já falou a gente chega , bem de casa e as vezes vem estressada, frustrada, ta que ninguém tem nada haver com o problema que tá acontecendo na casa da gente, mais nem todo mundo entende assim , chega e já vai despejando em cima dos outros, as vezes ate com o olhar ...incomoda né... (Florbe)

É bom pra distrair, pra ganhar dinheiro, pra tudo, mas tem horas que Jesus... só Jesus (Florcle) .

Para Merlo (2009, p.147), o uso da psicodinâmica do trabalho, deve ser pautado na análise das contradições e na dinâmica que envolve as relações intersubjetivas: o sujeito, o trabalho, o sofrimento, a patologia e a normalidade.

Os encontros realizados com as trabalhadoras rurais da Vila do Engenho, mobilizam falas: de sobrecarga de trabalho, por conciliarem trabalho da agroindústria, com as diferentes atividades desenvolvidas em suas casas, acumulando a rotina de apoio ao roçado da família. As duplas jornadas de trabalho invisibilizadas causam estresse e irritabilidade. Outro ponto recorrente nos encontros foi a não comunicação por parte de algumas trabalhadoras, associado a não cooperação.

2.3.2.2 Organização do trabalho

Por organização do trabalho, como a divisão desse trabalho, entende-se o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade. Exercendo sobre o sujeito uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. "Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora (DEJOURS, 1992, p. 133).

Ao chegarem ao local de trabalho vão para a sala do coordenador da agroindústria que administra toda a produção. Iniciam a rotina quando pegam as roupas no armário, vestem por cima de suas roupas de casa e outras apenas complementam com toucas e botas.

O patrão dá a roupa nossa... pega suas roupas, suas luvas, suas mascaras, aí... cada uma já vai para seu canto faz o trabalho, ai tem que higienizar a mesa, os vasos, as máquinas, aí é esperar a polpa para começar a trabalhar, para nove, merenda, retorna de novo (Florbea).

Constatam-se no processo do trabalho, ritmos de serviço denso, diferenciados por salas de produção, com necessidade de precisão, agilidade e atenção nas sequências das atividades desenvolvidas nos cinco compartimentos.

O trabalho é realizado por homens e mulheres, sendo que aos homens cabem como incumbência as tarefas que demandam maior força física, como descarregar o fruto para dentro da agroindústria, manuseios de baldes acima de 20 quilos, dirigirem carros de mão carregados de polpas e outras atividades que demandam força física.

A agroindústria possui um horário fixo com entrada às 7:00 horas e saída às 16:30 horas. No processo de trabalho, demandam tarefas repetitivas com alto nível de exigência e precisão, e em algumas salas necessitam de maior força, e em outras, maior atenção e agilidade, como na pesagem e na atividade de selar os sacos. Possuem de tal modo, uma sistemática quanto a horários, tarefas e divisões de trabalho.

Na prescrição das rotinas, há horários de entrada e saída, porém no cotidiano a rotina apresenta mudanças de acordo com a produção, em alguns dias, ultrapassando a hora estipulada, flexibilizando horas de saída.

Ao ultrapassar a hora da saída, pois o processo só acaba quando a polpa é armazenada na câmara frigorífica e toda a agroindústria higienizada para o próximo dia de trabalho. Sendo que uma sala depende da outra, ou seja, o trabalho deve parar primeiro na primeira sala de limpeza do fruto, porém até chegar à sala de congelamento, ciclo final, tem um tempo que é diferente do que foi parado o processo.

Nos dias normais ele da ordem de parar lá 4:30, até chegar aqui é quase 6h. A sala, o salão, tem que limpar tudo, primeira sala que é do o fruto do cupuaçu [lavar e quebrar o fruto do abacaxi] de lá até terminar aqui é quase 6 horas, tem que limpar tudo pra deixar tudo limpinho, ele fala 4:30 mas ate lavar tudinho, ate a hora de ir pra casa, é 5, 6 horas (Florine).

Nos horários fixados em turnos de trabalho, pela manhã de 7:00 horas às 11:30 horas e o turno da tarde de 13:00 horas às 16:30 horas, possibilitam as mulheres a escolha do horário que podem se dividir entre trabalhos de casa e da agroindústria.

Existem aquelas que trabalham só pela tarde outras apenas pela manhã. As trabalhadoras são assalariadas do tipo diaristas, se organizam entre os trabalhos de casa e da agroindústria. Embora as trabalhadoras sejam diaristas, observa-se, existir um acordo de trabalho, que se constitui no coletivo, que é cumprido, o da responsabilidade, de não faltarem e de cumprirem normas e rotinas da organização, em contrapartida o coordenador da agroindústria tem certo, aquelas que sempre são chamadas no período em que a agroindústria está funcionando.

Verifica-se que em determinadas funções, pela especificidade e necessidade de prática e habilidade, no manuseio da máquina, só algumas mulheres ficam naquela função. Assim como também, nos tempos de pico da produção, as trabalhadoras, em sua maioria, ficam o dia todo, concluindo, no espaço de tempo que vai das 17:00 horas até às 18:00 horas.

Eu coloquei a minha... que o que me irrita é esse barulho aqui, ai chega assim quando chega 4:00 h, 4:15 h, ai o patrão e diz (tá pra sair) _nós vamos até 4:30, 5:00 horas, ai aquilo me irrita, me da vontade de deixar tudo e...pra mim o horário é 4:30,então eu já quero tá saindo, ai uma olha pra cara da outra "HAM" _tá que eu fico, não fico aqui nem mais um segundo, ai a outra diz: _ Se tu não ficar, eu é que não fico, _eu vou já embora para fora ...vou deixar tudo sujo (risos). Isso irrita a gente, porque são 3 dias que a gente trabalha, né? e ai, aquilo vai dando um estresse, no último dia, ai quando penso que vai chegar em casa, e tem que ir para a aula novamente...ai que estressa mesmo (Florai).

Em tempos de muita produção, enquanto houver abacaxi ou cupuaçu (de acordo com a época) para processamento, a produção deve ser concluída, como falaram por dono daquela produção. O que significa que, mesmo o patrão mandando parar às 16:00 horas não significa retorno para casa as 16:30 horas, pois da primeira sala de higienização até a sala de congelamento, o processo leva mais tempo que o estipulado para saída do trabalho. Acumulando, assim, a necessidade de higienização de cada sala, por equipe, para o outro dia de trabalho.

Convém destacar que a gerência programa uma meta de produção que extrapola a jornada de trabalho diária, sendo desta forma, as trabalhadoras submetidas a assumirem a sobrecarga da hora extra (não remunerada). A fala, portanto, confirma que implica interferência negativa em sua vida fora do trabalho, como a casa, a família e o estudo.

Mobilização subjetiva, a fala do coletivo: *Quando chego em casa, aí a coisa pega.*

A mulher trabalhadora encontra-se em meio ao conjunto de atribuições atuais, em que se desenvolvem novas formas de trabalho, distanciada da realidade no roçado, atribuindo a esta angústias, estresses, sobrecarga de trabalho, transformando-se em vivências de sofrimento, tendo em vista que a atual organização do trabalho impõe à trabalhadora novas condições para a realização das suas tarefas cotidianas.

A fim de suplantar ansiedades e receio, quanto dar conta do trabalho fora e dentro de casa, percebe-se nesse grupo um desejo de ação. Para Mendes (2011, p.109) a mobilização subjetiva inclui a capacidade de tolerar o sofrimento e investir em novas tentativas até encontrar ou criar uma solução, portanto, abrange esferas afetiva, cognitiva e física. Ressalta ainda a autora que é a construção de um saber prático no exercício da atividade, medo, como pode ser inferido na fala a seguir:

Pego às treze, largo quatro e meia, quando chego atrasada [em casa] ai o negocio pega . Porque você se programou para chegar naquela hora , chega

atrasada ... tem que lavar a louça para os trabalhadores, que vêm do roçado, tem que lavar roupa, tem que dar uma namoradinha [risos] (Florcle).

É sempre assim, todo o dia, de segunda a sexta. Ai no sábado é alimentação...não dá para falar não, porque se eu for falar...(Florlo)

o meu ainda é pior do que o dela, porque ainda, de ser sozinha, pra fazer tudo, ainda estudo a noite, vou dormir meia noite. Quando é semana vou estudar ai, é sábado. Agora, é tudo eu, agora é, comida, é merenda, é almoço...os filhos foram estudar fora, ai ...só eu (Florma).

O trabalho foi reconhecido como estressante pelo cotidiano de rotinas e condições do trabalho, dada a tensão acumulada em função do contínuo e intenso esforço da mulher em se adaptar às demandas internas e externas que lhe são impostas pelas dimensões da organização do trabalho, articuladas às relações sociais fora e dentro do espaço da casa.

2.3.2.3 A sobrecarga do trabalho

Além de gerar insatisfação, estresse e sobrecarga para a mulher, ao chegar à sua casa fora do horário, há o medo de perder a possibilidade de trabalhar, este é velado, e até mesmo silenciado, uma vez que são autorizadas a trabalharem pelo marido, e este, pode restringir ou até mesmo proibir, seu trabalho na agroindústria, o que causaria mais sofrimento. Já que, mesmo às vezes existindo situações de conflito no ambiente de trabalho, a agroindústria para a trabalhadora da Vila do Engenho simboliza oportunidade de trabalho, lugar que gera saúde, auto-estima e retorno financeiro. Como expressado na fala da trabalhadora da agroindústria:

A agroindústria dá trabalho pra gente e pra comunidade, pois é uma fonte de ganho, é um lugar que se tem pra trabalhar (Florca).

A sobrecarga de trabalho que cansa e estressa, pois trabalham fora e são responsáveis por todas as atividades domésticas, são agricultoras, e sendo da agricultura familiar tem dentre suas atividades a incumbência de cozinhar para os trabalhadores do roçado da família:

Somos trabalhadoras rurais, nossa agricultura é familiar e ai temos que ajudar na cozinha e na arrumação da casa (Florair).

Nesse cotidiano, o trabalho ocupa grande parte do tempo e da história das mulheres que enfrentam rotinas complexas tendo que ser enfrentado não apenas com recursos psicológicos, mas com um entendimento de totalidade sócio-histórica e cultural.

Eu tiro por mim eu chego em casa ai eu vou fazer o almoço querendo ou não tem que prepara o almoço pra quem vai pro roçado ai levanto as 4 horas preparo e levam o almoço e a merenda, quando volta a tarde aquela louça vem tudo, pacote de louça suja, isso antes de vir para o trabalho (Florci).

Por ser da família cabe a administração e organização desse trabalho, pela trabalhadora rural, companheira no roçado e ajudante do marido nas exigências e na execução de suas tarefas, sobretudo no que diz respeito ao cumprimento de suas tarefas, que estão interligadas à prévia aprovação do homem nas exigências implícitas quanto ao papel da mulher.

Na gestão do trabalho da mulher, pelo sistema compartilhado de tarefas, há um padrão de horário que deve ser obedecido, gerando um sobretrabalho invisibilizado e não reconhecido. O acúmulo de atividades no espaço de dentro da casa e no espaço de fora que se interligam.

Portanto, quando as mulheres chegam fora do horário em suas casas, a voz de Florbe, diz, *ai a coisa pega*. Nesse momento o sentido foi compartilhado nos risos, chegou a causar tensão, nas falas que reviviam a tensão causada pelo atraso da saída do trabalho, no acúmulo de outros afazeres:

Eu na verdade aqui ...eu não sinto é nada, eu quero ficar bem cansada, pra chegar em casa. Tenho roupa, louça pra lavar, limpar casa... quando pedir pra tomar banho é pra dormir, quando me deitar...a perna fica bem cansada mesmo, não sinto mais nada....e eu quero mesmo, é ficar bem cansada, pra chegar em casa, e não sentir mais nada, só dormir, ai meu marido diz vai sentar mulher... risos... deixa quando eu me deitar, quero tomar banho, dormir e não sentir mais nada (Florse).

As mulheres, ao falarem do trabalho dentro de casa, o identificam como cansativo, enfadonho e rotineiro, sempre a mesma coisa, "ai chega é tudo de novo". Nesse excerto do relato, observa-se que a trabalhadora liga "o automático" para dar conta de todas as atribuições dada a ela enquanto dona da casa, por outro lado, o trabalho fora de casa, é a oportunidade para além do ganho, são parcerias e amizades que se estabelecem.

Para algumas mulheres gera sofrimento, entre as escolhas de continuar ou desistir do trabalho, pois para o marido é um trabalho que pode ser dispensado, em função das obrigações domésticas. Então no real do trabalho, que requer processos contínuos na produção, até o final das sacas por dono, "ai a coisa pega",

Porque você se programou para chegar naquela hora, chega atrasada tem que lavar louça para trabalhador que vem do roçado, tem que lavar roupa, eu digo por mim eu saio daqui chego em casa ai eu vou fazer o almoço e merenda faço só preparar mais ou menos, quando é 4 horas (da manhã) eu levanto preparo e quando vem a tarde, vem aquela louça vem tudo um monte de louça suja ai tem que lavar ai

tem que fazer tudo pro outro dia. Quando saio 17:30 (cinco e meia) é o tempo de lavar louça, prepara comida e ainda de arrumara a casa ...quando chego 6 horas (risos compartilhados) dá só pra tomar banho, me fala...ainda tem que fazer o jantar...(Flordavila).

Para lidar com as questões casa/agroindústria articulam parcerias, formas de cooperarem entre si, e ali, mais que o trabalho em conjunto, é o espaço do riso, da fala e de cooperação, que se via nas formas solidárias de lidar com o cotidiano do trabalho, como uma regulação do grupo.

Na oportunidade da fala sobre sua labuta e fadiga, compartilhada com os diferentes afazeres dentro e fora de casa, constata-se que as trabalhadoras, ao verbalizarem suas atividades dentro de casa, a qualificam como outro trabalho, portanto, começam a perceber que as tarefas de casa, são trabalho, embora não remunerado.

2.3.2.4 Falta de cooperação, individualismo

A pessoa tem que entender que se pego um palito ele tem um ponto de quebrar, agora se pegar um bolo eu não consigo quebrar. Vamos ajudar, vamos ser cooperados! Quando isso não acontece fica cansativo (Florbe).

As falas em sequência das trabalhadoras da Agroindústria clarifica, o porquê que o silêncio, a falta de comunicação, é interligada com cooperação:

Então vem despejar em cima de mim pra ver se não leva uma sapatada (risos).

É isso que entendo, se alguém tá naquela máquina, eu tô aqui, eu tô vendo que aquela máquina tá derramando a massa, e eu tô aqui, sentada de braço cruzado, e nem tô nem vendo, não sou eu que tô trabalhando lá. A gente não tem que fazer isso, a gente tem ser positivo com todo mundo, e ajudar um ao outro. E às vezes. Hum! De vez em quando tá derramando ali e fica gritando. E fica ali olhando. E fica ali lesando. E aí trabalho, a gente trabalha todo mundo junto, vamos, todo mundo trabalhar nessa mesa aqui, tá faltando gente ali. Puxa eu vou já pra lá ajudar, não tô fazendo nada, eu vou pra lá eu vou já pra lá ajudar aquela pessoa lá porque nós estamos trabalhando em grupo, é junto porque naquela sala, se um não ajuda vai ofender o outro, e assim vai dar problema, por isso o patrão disse que ia ter uma reunião com a agente pra conversar porque tava dando muito problemas, porque, dá pra sentar, pra conversar, por isso que nos temos chefe (Florbe).

Até o terceiro encontro o lugar da diversão, contradizia as expressões como: falta de cooperação, direcionada a algumas trabalhadoras do grupo. Nas falas *sobrecarregando o grupo*, percebe-se que ocorria a quebra de um acordo de revezamento na execução de tarefas.

O uso do termo cansativo, expressa mais que um estado físico, mas mental, de não ter os recursos de falar de argumentar com as trabalhadoras, de não estarem sendo compreendidas pelas que não pensam da mesma forma, ignorando o coletivo, executando formas de trabalho individualizadas, com obediência apenas às ordens do patrão, ignorando os pactos daquele coletivo do trabalho.

Não era pra ser assim também, mas nem todo mundo pensa da mesma forma, eu corto talo, tiro o talo e boto na outra sala [é porque sua sala não é assim] só porque é assim ...tem gente que pensa que fui lá pra fazer um só serviço, mas não é a gente que tem que ajudar todo mundo, tem que estralar (quebrar) tirar da casca, revezar, tem que ser pau para toda obra (Florcle).

Existia um acerto coletivo, de revezamento de atividades, de trabalharem rindo, de ser também um espaço para falarem de suas dores, quando precisavam mudar até o local de trabalho, inovavam. Tudo pactuado simbolicamente pelo coletivo de trabalhadoras.

O coletivo constitui uma regra de trabalho, de viver junto, onde se estabelece o apoio mútuo, o revezamento, para beneficiar o trabalho coletivo. Para Dejourns (2012a, p. 84) toda regra de trabalho é um só tempo, regra, técnica e regra de saber viver. Para o autor:

Há os espaços formal e o informal, quando a cooperação é efetiva, constata-se que o espaço formal é um espaço no qual as ordens são dadas, na frente de todos, ordens que, ao propiciarem o contorno oficial à coordenação, torna-se a referência comum para todos os membros do coletivo. O espaço de deliberação informal, é o lugar do reajustamento, da sintonia fina, ou ainda de interpretações coletivas das ordens constitutivas da coordenação (DEJOURS, 2012a, p.85).

Quando três destas trabalhadoras não comungam da mesma dinâmica, por dever obediência ao patrão, gera conflito. Nas falas verifica-se o entendimento da obediência ao prescrito pelo patrão:

eu trabalho dentro da fabrica porque foi ele que me contratou pra trabalhar ai, então o que eu venho fazer dentro da fabrica, é o que ele me passou, eu vou fazer como ele me mandou não vou fazer como der na minha cabeça, coisa que ele me passou, procuro fazer as coisas direito pra depois ninguém ficar reclamando de mim (Florel).

O grupo estabeleceu regras de convivência e, quando entram novas trabalhadoras estas, na maioria dos casos, entendem ou não percebem que aquele espaço de trabalho na agroindústria, está para além das rotinas prescritas e ditadas. Tal fato gera conflitos, e quando se inicia o espaço coletivo da oportunidade da palavra, o dito: *é pra lascar*, ressoa conflituoso

e dolorido. E mesmo as trabalhadoras não entendem. Como não querer trabalhar no grupo? Como é sinalizado nas falas, naquele complexo momento:

Porque nem todo mundo tá lá pra fazer um só serviço, né? Ou não vê assim. Isso não é para cooperar, é pra lascar! (Flobe).

Na fala o sofrimento e a indignação da não cooperação por mulheres que contradiz a dinâmica do grupo. Observa-se, portanto, que esse conflito com as novas ocorre, porque o coletivo não repassa as regras, não há a compreensão de que o grupo constrói um saber para preencher a distância entre o trabalho prescrito e o real do trabalho.

Então, é só o patrão que resolve? O questionamento, como afirmação, despertou nas mulheres a reflexão sobre o que se queria. Se elas já estabeleceram mudanças, a inteligência em ação, encontra um lugar da não solidão da casa. Há com isso, um repensar sobre o coletivo, refletindo o que Dejours (2012a, p. 85) trabalhar não é apenas produzir, é também viver junto.

2.3.2.5 Cooperação

A organização do trabalho permite negociações. Quanto à troca de postos e posição entre os trabalhadores, observa-se que, quando é necessário a troca de lugares e fazeres, em determinadas atividades na agroindústria, os trabalhadores fazem seus acertos. Antes de trocar sua atividade pela a do outro, é ensinado sobre aquele trabalho e a troca da atividade é negociada no coletivo por sala.

Quando lá nós 4 a gente troca, quando tô muito cansada troco e fico revezando, fico na balança, a gente sente. Eu se que o que eu sinto, a colega tá sentindo, a minha posição tá ruim, eu troco com ela aí já melhora a minha posição, e a posição dela, aí ela não tava bem, com dor na perna, aí ela foi para a outra máquina, ela tava na geladeira, ela tava com dor na perna aí ela foi para lá (Florcle).

Para Mendes (2007b, p. 42) o homem somente pode transformar um trabalho que faz sofrer em um trabalho prazeroso, se a organização do trabalho lhe propiciar maior liberdade para reengajar seu modo operatório, usar sua inteligência prática e engajar-se no coletivo.

De forma que, ao olhar os processos de produção da polpa do cupuaçu e do abacaxi na agroindústria, entende-se quando Dejours (2012b, p. 179) afirma que, ao ter acesso, graças ao corpo subjetivo, à familiaridade e à intimidade com a ferramenta, aquele que trabalha

descobre em si habilidades, e aprende a conhecer seus próprios limites, suas imperícias frente ao trabalho realizado.

O trabalho se revela no cotidiano rural, em especificidades e rotinas, em precisão e máquinas, mesmo distanciados de um pólo industrial, as características nas rotinas se assemelham e se diferenciam nas relações sociais. O saber fazer se interliga com as provocações no real daquele cotidiano. E em constante relação com o ambiente onde esse trabalho se efetiva, propicia relações colaborativas e engajamento subjetivo.

As trabalhadoras desvelam para si qual o lugar e em que situação requer mais habilidade e mais força física, no segmento do processo de trabalho, nas salas da agroindústria. Negociam entre si e o patrão mudanças nas rotinas que se apresentam e se transformam. Constantemente se mobilizam para enfrentar o inesperado, o que incomoda no cotidiano do trabalho, ou seja, as contradições do trabalho que provocam sofrimento, uma vez que as relações conquistadas no espaço do trabalho permitem negociações e mudanças.

De acordo com Dejours (2008):

A mobilização subjetiva diante dos desafios que constitui a organização do trabalho supõe: esforços de inteligência; esforços de elaboração para construção de opiniões (a partir da experiência pessoal do trabalho, das interpretações que implicam a referência às prescrições da organização do trabalho, dos valores aos quais cada indivíduo está ligado, das obrigações morais em relação aos outros...) sobre a melhor maneira de arbitrar as contradições e de acertar as dificuldades da organização do trabalho; esforços para inteirar e participar do debate de opiniões necessárias à deliberação que deve preceder ou acompanhar as escolhas ou as decisões em matéria de organização do trabalho (DEJOURS, 2008d, p.71).

2.3.2.6 Os encontros: intersubjetividade e saúde no coletivo

Caminhando para a finalização dos encontros, ficam clarificadas questões anteriores, díspares a cada encontro. Utiliza-se, nesse momento, uma caixa, chamada de caixa surpresa. Após ligar a fala às surpresas, também se relacionam a essas falas, os risos e em cada fala, o diálogo, sistematiza *o encontro*, e a desejada comunicação. Através do conteúdo trazido até ali, por meio da escuta qualificada, para entender, além do manifesto, o que está latente nas falas significadas. O mote do trabalhar na agroindústria, para o grupo de trabalhadoras rurais da agricultura familiar da Vila do Engenho, se explica quando uma trabalhadora, dentre as que menos falavam do grupo diz:

Eu vou falar. Eu trabalho. O trabalho significou pra minha vida um refúgio, porque como foi relatado desde a primeira reunião, o que tava acontecendo aqui na sala, não tava havendo comunicação, e como eu disse muitas vezes a gente não sabe o que se passa na casa do outro, não é da conta de ninguém. Então eu tava entrando

numa depressão, aonde eu achei no trabalho um escape, aonde aqui a gente conversa coisas diferente, sem ser só os problemas (a trabalhadora chora) sem ser o que se passa na vida da gente, e eu não deixei transparecer as coisas da minha vida. Tá rindo. Tá bem. Mas as vezes, então, o trabalho virou pra mim um escape. É uma forma de ajudar? É. É uma forma de ser ajudado? É, sim. Ajudar o marido, ajuda a gente a se tornar independente, né? mas pra mim no meu ponto de ver, foi um refúgio e hoje eu me sinto muito melhor, é cansativo é estressante, mas eu me sinto melhor as vezes eu chego em casa, cheia de dores nas pernas, dor nas costas, mas só de saber, que a gente ocupou a mente, com outra coisa... pra mim é bom, no meu ponto de ver pra mim foi bom (Flofan).

A dor daquela mulher, em todos os encontros calada, desvelou a realidade de outras, e disse então, ri de quê? Brincar por quê? Compreenderam que mesmo naquele lugar que criaram para movimentar prazer, alegria e fuga, existe solidão.

Eu, porque eu me senti uma dor no estômago, aí eu fui fazer uns exames, aí deu uma úlcera no meu estômago, bactéria, deu uma bactéria, aí deu uma gastrite nervosa, aí eu tava com depressão aí, eu tava na menopausa, tudo junto. Aí, o papai e a mamãe toda vida brigava pra eu não trabalhar aqui, porque eu tinha depressão, aí quando foi esse ano, já disseram pra eu vim, porque disseram que eu me senti bem aqui, no meio das meninas, aí o papai e mamãe disse que eu vinha, aí eu melhorei aqui, porque eu vinha pra cá passava o dia aqui, aí eu nem ia mais em casa direto, com elas aqui, também muito bem. Porque as meninas, uma sai com o namorado, aí eu fico sozinha em casa, aí não tem como, na cabeça da gente, aí passa pensamentos, que você quer tirar da cabeça e não consegue, e aí eu sai vim embora, deixei, só nos três, eu fecho a casa, até meu marido brigava pra eu não vim, que não tinha precisão, mas eu disse vou experimentar, se eu garantir, aí eu vou. Eu vim. Eu me senti outra (Flormar).

Observa-se o desejo de ter a agroindústria como o lugar do encontro, da amizade, pela força das companheiras de trabalho. Entre os pares o respeito às individualidades começa a dar lugar às cobranças, reconhecendo-se na outra. A construção de opiniões torna-se compreensiva, e percebe-se o reconhecimento da partilha, que cooperar é entender individualidades, compreender para além da comunicação, quando existe o socorro.

Por isso eu falei naquele ponto, que as vezes não venho só pelo dinheiro, é um lugar pra gente se distrair, mudar como eu tava, pra conversar, porque, muitas noites saía assim vagava, não sei como contar, isolada. Aí ficava assim rodando, aí o lugar que eu gosto de vim é pra cá. Ai as mulheres todas elas já vinha pra brincar e tudo...por isso que eu disse naquele dia não é só por causa do dinheiro, talvez pra me distrair mesmo, para conversar pra brincar pra tantas coisas assim (Florcle).

Percebe-se que se reconhecem, se olham e se abrem, voltam a ri com todas, fazendo-se então um elo. Para dar conta do que lhe é atribuído, a mulher recorre ao trabalho como lugar que possibilita saúde, criam nos espaços do trabalho, da agroindústria, o fortalecimento de seu papel de mulher, trabalhadora, dona de casa e como disseram guerreiras, lá elas escutam umas

as outras, sua condição de mulher compartilhada, suas dores têm eco e a sobrecarga de uma é a realidade da outra. Rotinas de uma casa vivenciadas na casa da outra, o olhar para o trabalho da outra, também tão sofrido quanto o seu, contribui para criação de laços de partilha, e de autorreconhecimento como trabalhadoras naquele espaço coletivo onde cada uma tem sua história de trabalhadora e aquele lugar é onde as falas ressoam e levam à cooperação.

Dejours afirma em diferentes pesquisas (1986, 2007, 2008), que o caminho que conduz ao trabalho saudável é aquele que respeita a identidade em construção e os limites da condição humana. Sendo imprescindível a flexibilidade das organizações de trabalho na dinâmica das relações dos trabalhadores, visto que a prescrição e o controle das tarefas abram o espaço de liberdade para atender as necessidades dos indivíduos. Entendendo o trabalho não apenas como desencadeador de sofrimento e doenças, mas também como mediador para a saúde.

O trabalho, portanto, atravessa a vida social, moldam e diferenciam contextos socioeconômicos e culturais. A partir dos encontros, observou-se que ali se criou um espaço de diálogo entre as trabalhadoras e, entre elas e o patrão, quanto às formas de reorganizar salas que estavam com mais conflito, levando para o coordenador, alternativas de gestão.

A mobilização das trabalhadoras ao criarem espaços de discussão e solidariedade, foi também a oportunidade de criar meios para possibilitar um ambiente mais saudável de trabalho e de convívio, sendo este o lugar que gera trabalho para mulher e resultado do sentido, da conquista dos agricultores, que fazem a história na comunidade, portanto, é de todos e todas que fazem parte dela.

A mobilização das trabalhadoras acontece na ação, na cotidianidade, com investimento de recursos psicológicos e pela existência de um espaço na agroindústria, que possibilita à fala e à participação coletiva. Disso, resulta a vontade de reunir para falarem sobre os horários de parada na produção, além de outras questões referentes à organização do trabalho, na agroindústria, como rodízio de trabalhadoras por salas, tendo como referência o que foi falado na experiência das que trabalhavam na terceira sala.

Essa experiência dos encontros, da pesquisa e da ação, depende da observação e da escuta dos processos coletivos, na construção de novas formas de olhar sobre o trabalho em diferentes ambientes, já que quando se tem a vida na agricultura, a escuta se fez e se faz necessária para enxergar além dos processos e riscos à saúde, na voz de quem vivencia aquele trabalho, criar critérios de priorizar o que é demandado.

Para Mendes (2011, p.143), a saúde, nesse sentido, é a possibilidade de o sujeito colocar-se em condições de habitar as multiplicidades, de construir recursos capazes de reconfigurar suas práticas psíquicas e sociais de modo mais criativo.

Dar voz às trabalhadoras, é registrar de onde está vindo as dores, o incômodo, trabalhar não apenas os sintomas, mas as causas. Para Mendes (2011, p.143), isso possibilita o espaço da fala, que simboliza que é possível um momento para que as trabalhadoras possam se escutar, uma pausa entre a execução e a reflexão, ação indispensável para a mobilização.

As questões referidas e mais específicas, aquelas sobre condições de trabalho no processo saúde/doença das trabalhadoras agrícolas, será abordado na próxima parte da tese, coadunando-se às questões também trazidas nas experiências das trabalhadoras dos plantios de pimenta e do maracujá.

2.4 Processos e vivências do trabalho da mulher no plantio

Em estudos realizados por Machado (2014, p.30), apontam que principal fonte de renda dos agricultores da Vila do Engenho, advém da monocultura do abacaxi (82,5%), destinado exclusivamente à comercialização, enquanto, 17,5% utilizam o sistema de rotação de cultura, com o cultivo de pimenta de cheiro, mamão e maracujá.

Com a expansão das áreas de cultivo na Vila, houve aumento da demanda por contratação de mão de obra temporária para a execução de atividades, como polinização do maracujá e a colheita da pimenta de cheiro, entre outras, que já se estabeleceram como trabalho de mulher, pois requer atenção e delicadeza nos manuseios das plantas.

As trabalhadoras dos plantios de pimenta de cheiro e de maracujá possuem um horário fixo de entrada no serviço, que é das 07:00 horas às 11:30 horas, com pausa para o almoço, retornando às 13:30 horas e concluindo às 17:00 horas. No início da pesquisa em 2012/2013, observa-se que o patrão busca as trabalhadoras em um carro de carga (figura 38), onde estas se acomodam na carroceria. Em 2013, devido ao maior número de trabalhadoras houve a necessidade de se utilizar um micro ônibus para o transporte, reduzindo, assim o desconforto e aumentando a segurança no deslocamento para as áreas de trabalho (figura 38).



Figura 38: Transporte das trabalhadoras dos plantios de pimenta cheirosa e maracujá na Vila do Engenho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

O dia do trabalho das mulheres se divide entre as várias culturas da época, porém são chamadas para trabalharem, quase que exclusivamente com pimenta e maracujá, como descreve um dos proprietários:

A semeadura que eu chamo é semear a semente, fazer muda, preparar as mudas, elas fazem também esse tipo de serviço. Na hora de fazer as mudas para fazer o plantio, agora por último eu estou com uma área preparada para plantar um pimentão, uma que elas eram 4 ficam até 11h para semear a semente do pimentão. Aqui no plantio tem maracujá, pimenta, mamão, aí tem hora que eu tenho maxixe, pimentão, eu vou começar agora, fazer um plantio para fazer uma experiência, é o abacaxi. O abacaxi é o carro forte e depois do abacaxi vem o maracujá e por terceiro a pimenta (Floran).

No contexto de trabalho, verifica-se que ao chegarem às áreas de plantio, as trabalhadoras reúnem-se, e o responsável determina a divisão de tarefa do turno. Em seguida, colocam as roupas do trabalho, tais como: blusas de mangas compridas, calças, chapéu/lenços e botas. Algumas delas também compartilham o protetor solar. Observa-se também que as vestimentas e os alimentos consumidos no local, são de responsabilidade das trabalhadoras.

Primeiro pega o balde, o boné, a calça e a camisa de manga comprida. Pegue seu balde e vai ali pro roçado. Se a senhora vai trabalhar com maxixe eu digo pra senhora usar uma luva e faça pra cortar e colocar no balde, porque maxixe tem pico ai fura. No trabalho da pimenta e no trabalho da flor é do jeito que eu to aqui, oh. A gente enche 2, 3 baldes (Florni),

O trabalho aqui é dividido, quanto umas vão catar pimenta outras vão fazer flor, conforme ele manda, a gente vai fazendo. O que gosto mais é apanhar pimenta, porque na flor ela cansa muito, porque é em pé, e vai pro lado e vai pro outro, passa o pó pro outro, o braço cansa mais, fica todo tempo, levantado, e na pimenta senta (Floris).

O dia de trabalho nos plantios são descritos nas narrativas das trabalhadoras, no instante em que ocorre o processo do trabalho, vivenciado naquele contexto:



Figura 39: Trabalhadoras vestidas para a colheita da pimenta de cheiro, com seus utensílios de trabalho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Fonte: Socorro Moraes Nina.

Bom, quando a gente chega lá, na manhã de manhã cedo, a gente tem que tomar o café em casa, tudinho e levar uma merenda 9h, que 9h a gente para pra dar uma descansada e dar uma merendada. Aí o que acontece, quando chegamos lá... quando a gente chega lá, a gente vai... a gente apanha a pimenta cheirosa. Você iria pegar um balde que tem lá pro patrão não tá chamando atenção “ah, tem que fazer isso!”, então tem um balde que tem lá, veste tua roupa, é... calça, camisa, chapéu e a gente leva negócio de protetor solar por causa do sol, né?! E vai apanhar as pimentas. As pimentas cheirosas é... é apanhada, a gente pega na pimenta, a gente percebe que ela tá ou não tá mole... quando ela tiver molezinha, é porque ela não tá boa. Quando ela tá durinha, é porque ela já tá boa (Floran).

O patrão já tá lá e diz - tem que fazer isso! A gente sabe que a pimenta quando tá mole não tá boa, só quando ta durinha, ela já tá boa (Floris).



Figura 40: Trabalhadoras distribuídas por fileiras de pimenta. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Vai derrubando as pimentas, as verdes e as amarelas, vai jogando no chão, e com chapéu, blusa de manga e melhor a bota porque...de tanto eu vim só de sandália que eu peguei frieira no meu pé, porque quando ta no tempo da chuva fica muito molhado, e quando ta no tempos da chuva eu não paro não, só quando eu estou nos meus dias que eu paro, quando eu to menstruada eu não venho não, nem que ele mande. Pega o balde e duas carreiras (é de dois em dois) acho assim duas carreiras pra cada dupla, duas fileira, da assim 7 horas da manhã até 11: 30, 11 horas, dez pras 11 h, 7 balde pela manha e sete a tarde, quando a gente passa assim o dia todo, quando é só meio dia faz uns 5 baldes, por ai assim. Cada uma tem um jeito de produzir tem gente que é mais rápido (Flordal)



Figura 41: Colheita da pimenta de cheiro. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

É um trabalho leve...é mais ruim assim o sol mas é um trabalho leve a gente enche o balde coloca ali, ai vem, enche de novo, enche em uma tarde até três, que a gente leva numa carreira, as vezes até antes de findar a gente enche dois balde ...até quando finda dá três por tarde em uma carreira (Flornei).



Figura 42 Diferentes posturas corporais das trabalhadoras rurais na colheita da pimenta de cheiro. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

A fala da trabalhadora qualificando seu trabalho como leve é refletido em outras falas, tais narrativas podem ser atribuídas ao trabalho similar partilhado em seu cotidiano doméstico, com atividades de roçado e casa.

Quando as trabalhadoras do plantio de pimenta de cheiro finalizam sua rotina da manhã, procedem da seguinte maneira: ensacam as pimentas de cheiro e lavam seus baldes para a próxima jornada da tarde.



Figura 43: Ensacamento das pimentas de cheiro e higienização dos utensílios de trabalho. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Quando retornam à tarde, a lida é na produção do maracujá. Da mesma forma que foi observada pela parte da manhã, primeiramente em grupo, estabelecem quantas e quem ficará na polinização da flor e quantas darão continuidade à colheita da pimenta de cheiro.

O cotidiano do trabalho no maracujá é relatado pelas trabalhadoras, que revelam práticas do fazer e de sua organização.

As mulheres que trabalham na polinização são as mesmas que trabalham na pimenta, embora sejam escolhidas quem faz meia diária e quem ganha a diária cheia. O dia todo só para algumas é dada a oportunidade, ou são escolhidas pelo critério de agilidade, de tempo no plantio, ou pelo critério de amizade pela trabalhadora que fica à frente da organização do trabalho, direcionada pelo dono do plantio.

Ele diz a quantidade de mulheres, pela quantidade de flor que tem, a gente tem uma base, se tiver pouca flor, ele já sabe mais ou menos quantas funcionárias vai precisar pra aquela quantidade, pra que dê pra fazer tudo, o essencial do trabalho é que, dê pra fazer todas as flores, o dia todo, a tarde toda, a flor só abre a tarde, do maracujá só abre a tarde, segredo eu acho. Ele diz qual é a mulher que vem... aí (risos), hum quando ele diz, ele faz mais a preferência pelas que moram lá próximo da casa dele, porque ele já vem pegando todo mundo, mais a gente tá dividindo agora, por exemplo tinha 12 mulheres de manhã a gente dividiu, aí 6 vem hoje e as outras 6 vem amanhã, pra não ficar ninguém sem trabalhar né o resto da semana, aí fica assim e hoje foi eu que falei pras meninas fazer o mesmo que na semana passada (Floris)



Figura 44: Organização do trabalho e das mulheres no plantio de maracujá. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

Na flor é de duas pessoas em cada carreira as vezes a gente não chega ate no final, por que é muito... Tem norma lá, tem que ser feito, tem que ser feito do jeito que ele manda, se ele diz tem que ser feito ate aqui ...é do jeito que ele mandou, se for de duas tem que ser de duas, se for de uma só, é uma, tem que ser. Para 3 h para merendar e vai até 17h. Trabalho a 2 meses. Se for o dia todo é 30, 15 se meio dia (Flora).



Figura 45: Distribuição das trabalhadoras por duplas nas fileiras de polinização do maracujá. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

A trabalhadora fala do processo de polinização do Maracujá. Seu trabalho sistematizado de um saber fazer apreendido na prática de quem detém o conhecimento daquele trabalho tão específico.

É esse pó, mais da outra carreira, vai passar nessa cabeça aqui ó. Tira esse daqui debaixo pra passar aqui em cima. Mais no caso seria da outra carreira, são duas aí que vão, elas por exemplo já começam aí, dar teu jeito aí, faz aí. Uma pega daí o pó, e passa lá e a outra vem de lá pra cá. Não tem que pegar ela, tem que triscar nela, é como se estivesse limpando o dedo.. Tem que ser passado nessa parte mais verdezinha aqui, no verde mais escuro(Flordi)



Figura 46: Técnica de retirada do pólen. Itacoatiara/ AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

Tem que ser o pozinho de lá daquela carreira, eu não posso pegar daqui dessa carreira e passar nela mesma, tem que ser dali, passar a tarde todinha (risos). Aí quando elas não fazem assim, porque a gente que já tem um pouco mais de prática, a gente já faz isso aqui as vezes sem quebrar e ainda quebra.., pode quebrar esse negocinho, aí elas vem só de uma por uma (Flortal).



Figura 47: Transporte do pólen de uma flor para outra flor. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

A gente chama aqui de anteninha, cabecinha, aí ele fala que ela abre mais ou menos nesse horário aqui, de meio dia pra uma hora e só vai fechar 9 h 10 horas da noite, aí todo dia uma nova flor, e a gente ta sempre esperando que tenha muitas, pra poder todo mundo ter emprego, senão, não tendo flor não tem trabalho (Florli).



Figura 48: Transporte do pólen entre as fileiras, realizado pelas mulheres no plantio de maracujá. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

É de duas carreiras, assim na carreira do maracujá uma desse lado e outro daquele, desse lado tem que tirar o pó do maracujá e passa para aquele lado e esse lado aqui tem que tirar o pó do maracujá e passar pro outro não pode ser do mesmo lado (Florale).



Figura 49: Movimento de braços e mãos na técnica de polinização artificial do maracujá. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

O dono quando chega as vezes aqui, eu até me admiro, assim, ele faz a conta, tem muita flor, quantas carreiras fizeram, quantas mulheres vieram, aí ele faz a conta

assim, tantos dias de maracujá, vai dar tantas quantidades de maracujá, o tanto de maracujá que tem na arvore, aí ele já vai fazendo a conta de quantos maracujá vai dar (Florbra).

Aí depois quando já vai desocupando aqui a colheita do maracujá já pra ensacar e é tudo pesado, como a menina tava perguntando de manhã pra mim, é tudo é no peso, pimenta naquela saquinha, tem que ser pesada, o maracujá na saquinha, tem que ser pesado, o mamão na caçapa, é tudo pesado é tudo por peso (Florel).

Constata-se que a Vila do engenho sofre transformações na agricultura com reflexo nas relações de trabalho. Antes o parente, agora o patrão, antes só agricultor, hoje o dono da produção, assim mudanças ocorrem lentamente, mas de forma significativa, com novos processos produtivos que resultam em transformações na sociedade e no ambiente. Esse processo foi observado de modo pontual na Vila, mas é possível que esteja ocorrendo em outros lugares da Amazônia, não necessariamente em decorrência dos grandes projetos ou dos grandes negócios.

2.4.1 Organização do trabalho nos plantios de pimenta de cheiro e maracujá

As mulheres trabalham na colheita da pimenta de cheiro, na polinização do maracujá, quando tem bastante produção elas também ajudam na colheita do maracujá, elas fazem adubação às vezes na pimenta também, faz semeadura de semente, todo serviço mais leve (Homed).

O número de mulheres para execução do trabalho é por turno, tanto na colheita de pimenta como na polinização da flor do maracujá, ocorre de acordo com a quantidade da produção dia, quando há muita produção, fica em média 12 trabalhadoras, sendo 6 para a colheita da pimenta de cheiro e 6 na polinização da flor do maracujá.

O ritmo de trabalho nas áreas de plantio, é excessivo, em que as trabalhadoras enchem de 3 a 5 baldes por turno, percorrendo uma distância que chega a 200 metros, com tarefas repetitivas, tanto na colheita da pimenta, onde a mulher deve retirar o maior número de pimentas e colocá-las no balde, até enchê-lo, em seguida leva-as para um recipiente maior, para serem ensacadas.

Da mesma forma também na polinização da flor do maracujá, realizada por fileiras entre 100 a 200 metros, onde existe a técnica desenvolvida no local, experienciada pelo dono da propriedade, e apreendido de mulher para mulher, aprimorando a prática. Para Dejours (2012, p 40), a inteligência na prática é obtida mediante um esforço obstinado que mobiliza toda a subjetividade, ultrapassando a dificuldade. As trabalhadoras apreendem portanto, novas

formas do fazer pela ausência do inseto que polinizava a planta, concordando-se com o autor, quando afirma que trabalhar é continuar indefinidamente a buscar, a recomeçar, e, sobretudo, a encontrar uma solução.

Para o desempenho das atividades, nos plantios de pimenta, as mulheres se reúnem em rodas, grupos, ou duplas dependendo da pimenteira, a colheita exige agilidade e destreza para detectar se a pimenta está boa para ser colhida, como esclarece a trabalhadora, *e também olhar aqui por baixo desses galhos, não é só pegar a de cima, então se pegar só as de cima e deixar as de baixo, então ele vem olhar e diz que o trabalho não tá direito (Florar).*



Figura 50: Mulheres colhendo pimenta de cheiro e polinizando a flor do maracujá. Itacoatiara/AM, 2012/2013.

Foto: Socorro Moraes Nina.

Nos plantios de maracujás, como explica a trabalhadora, *é de duas (mulheres) numa carreira como a gente fala aqui (Floran)*, o detalhamento refinado da polinização manual cria, pela prática, sequências de movimentos com as mãos, em sistemática repetição de troca de flor e ao mesmo tempo de fileiras, como são distribuídos no desenho da produção.

Existem nos trabalhos constante inspeção no manuseio com as culturas, assim como com o tempo gasto para cumprimento das tarefas e da quantidade produzida, por fim, um controle constante dos estragos e das perdas de pimenta ou da flor. A fiscalização é realizada pelo patrão, dono da propriedade, ou por umas das trabalhadoras indicada por ele. *Ele é muito assim positivo, se tiver bom é bom, se não tiver, é ruim (Florar).*

O patrão ele é sincero quando tá bem feito ele diz que tá bem feito não ele diz quando é uma novata que tá chegando né ele observa ele manda uma de nós que já sabe fazer o trabalho observar também. Quando ele diz que o trabalho tá bem, bem feito, ele contrata mulher porque tem mais jeito, e com a flor também o homem tem a mão mais pesada (Flordal).

Quando diz que tá bom, significa...quando nós apanha pimenta pequenininha ele chega logo e reclama, quando nós apanha essa daqui e coloca nos meios da grande

ele não aceita então nosso trabalho não é aprovado quando a gente faz isso. Tem um controle aí a gente apanha umas maduras que elas estão durinha olha.. oh tá dura, essa aqui (amarela) já não tá, já não tá bom (Florar).

Também, constata-se que, mesmo sendo uma rotina de trabalho pré-fixada, as tarefas sempre são definidas a cada dia de trabalho, pelo dono da propriedade, no início do dia de trabalho, cabendo à trabalhadora o cumprimento das tarefas.

O dia que devem vir, é ele que determina, eu não, eu sou difícil faltar, ele já conta comigo, eu moro bem próxima a casa dele, aí então, ele já conta, na flor é terça e sexta a tarde, já nos outros dias, segunda, quarta e quinta de manhã é a pimenta. No abacaxi é só os meninos (Florli).

Por existir pressão pela quantidade produzida, qualquer erro pode determinar a continuação daquela diária para o dia seguinte, pois o dono é que define, o que, quem, e quantas trabalhadoras são necessárias por dia de trabalho, portanto, o cumprimento correto da atividade é o que determina a tranquilidade de ouvir o patrão dizer, *volte amanhã (Florbra)*.

Cada dia passa a ser mais que uma diária, é também a representação do sustento, daquela que vive do trabalho. É, que, mesmo na pressão de prazo, agilidade e cuidado no manuseio das culturas, esse trabalho passa a ser um dos poucos campos de trabalho que são oferecidos na Vila, onde a trabalhadora possa conciliar atribuições de casa, com um outro trabalho, que de certa forma, facilite a articulação das atividades casa e fora de casa.

Foram evidenciadas desigualdades no valor das diárias entre homens e mulheres, justificadas, principalmente pela especificidade de algumas tarefas, umas requerem força física, outras justificadas pelo risco da atividade, como na aplicação do agrotóxico. Homens e mulheres nas propriedades agrícolas são diaristas, porém, para o trabalhador é facultado um tempo maior e valores diferenciados. Para a trabalhadora, o patrão escolhe quem trabalha e quantas são necessárias para cada dia de trabalho.

Nos estudos sobre divisão sexual de trabalho, há análises que se tencionam, enquanto constatação das desigualdades, e outras que procuram remontar à origem dessas desigualdades, e, conseqüentemente, compreender a natureza do sistema que dá origem a elas.

Hirata e Kergoat (2007, p. 399), afirmam que a divisão social do trabalho, tem dois princípios organizadores: o princípio de separação, existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e o princípio hierárquico, o trabalho de homem “vale” mais que o trabalho de mulher.

Evidencia-se tal fato na Vila do Engenho, nas atividades do homem, algumas como a capina, cova, adubação, colheita e dentre outras a aplicar agrotóxico. O salário é diferenciado,

em média R\$ 35,00 a R\$ 40,00 dependendo do tipo de trabalho, em trabalhos como aplicação dos defensivos agrícolas, o dia de trabalho vale mais, chegando até a R\$ 60,00 em alguns casos. O dia de trabalho da mulher gira em torno dos R\$ 30,00 e R\$ 35,00 reais, as tarefas priorizadas são as de colheita da pimenta cheirosa, lavagem das frutas e polinização manual do maracujá. Dependendo da safra fazem outras atividades como lavagem das hortaliças, colheita do quiabo, maxixe, melancia, couve para o comércio (figura 51).



Figura 51: Mulher lavando couve, uma das atividades desenvolvidas pela mulher e homem aplicando agroquímico. Itacoatiara/AM, 2012/2013.
Foto: Socorro Moraes Nina.

2.4.2 Mobilização subjetiva: dor e alegria de ser trabalhadora rural

As condições do ambiente de trabalho são penosas, uma vez que o tipo de trabalho exercido ao sol ou sob chuva o torna desconfortável e por vezes nocivo, pelos perigos de constante contato com animais perçõnetos, comprometendo dentre outros fatores a segurança na saúde dessa trabalhadora. Entende-se por ambiente de trabalho, o conjunto das condições de produção em que a força de trabalho e o capital se transforma em mercadorias e em lucro, e se diferem segundo os modos de produção (ODONNE, 1986, p.19).

As trabalhadoras relatam o fato de sentirem o esforço físico, da posição curvada ao apanhar pimenta, ou das horas em pé com os braços levantados para polinizar as flores de maracujá, causando desconforto e dores, embora não percebam consequências, ou articulações, com doenças que poderiam surgir daquele trabalho. As falas confirmam que as trabalhadoras não associam as condições e ambiente de trabalho ao processo saúde/doença.

Acidente aqui, não, mas uma senhora ja tinha se cortado com a furadeira, o filho dele, mas foi em um outro trabalho, não aqui, nesse que estamos fazendo. Foi fazendo buraco pra fazer adubação, mas aqui com a gente, que eu me lembre. Só uma vez, que eu fui arrastar o carro que estava cheio de maracujá, teimosice minha mesmo, que ele disse que não era pra encher bem cheio, porque pesa.. mas a gente queria fazer o trabalho logo...fui enchendo o carro, fui levando, ai foi me dando uma dor, uma dor, uma dor, ai eu parei, mas ai foi que me dismentiu ...mais ai eu fui no pegador e ficou tudo bem. Foi...mas foi teimosice mesmo (Florli) .

As observações, ganham sentido, quando incorporadas às falas das trabalhadoras, nos pés da pimenta de cheiro ou no trânsito entre as fileiras de maracujá, naquele espaço da fala, o coletivo de trabalho levanta aspectos para além daquele trabalho.

Para análise da organização, processos e ambiente do trabalho, é primordial conjugar sobre o trabalho as falas de quem vive aquele trabalho. Oddone (1986, p. 18) afirma que para que o ambiente de trabalho fique livre da nocividade, que sempre o acompanhou, é necessário que as descobertas científicas nesse campo, sejam trazidas ao conhecimento dos trabalhadores, entende-se aqui, do mesmo modo, pela própria fala de quem protagoniza o trabalho.

Dejours (1992, p.148) assevera ainda que o dito pelo trabalhador sobre seu trabalho, é reconhecido na palavra, a formulação viva que nos toca, engajada, subjetiva, vinda do grupo de trabalhadores.

Mendes (2011, p.88) escreve que narrar o trabalho é condição para desvelar o sofrimento vivenciado, é a possibilidade de resgate da capacidade de pensar e partilhar o sentir. Contribui para a articulação de soluções no nível intersubjetivo, pressupondo, assim, a construção da cooperação.

Para as trabalhadoras dos plantios, trabalhar é uma necessidade, presente e necessária para a sobrevivência de algumas famílias na Vila, mesmo abrindo o comércio, e outros estabelecimentos de trabalho, a Vila oferece pouquíssimos lugares de trabalho, e, na maioria, as pessoas que emprega, possuem algum laço de parentesco, influenciando na hora do contrato. Como se observa na fala de Florisi:

Lá mesmo não tem emprego não, se for é assim, como eu falei, na cozinha dos outros, aqui não tem não. E no comércio é pouco ainda, que são aquelas pessoas... sempre assim por exemplo, se eu for colocar um comércio eu vou colocar meu parente, aquela pessoa mais chegada, ou o meu parente já indica outra pessoa né, aí fica só aqueles funcionários restrito. Tem muita gente na vila, muita mulher ainda que quer trabalhar, mas não tem onde né.

Já teve uma moça uma senhora né, que o esposo dela, trabalhava os dois aqui, que era a Florro, teve uma época que era só nós duas mesmos, o serviço que tinha era lavar mamão, a gente vinha, quando era os dias de lavar mamão a gente vinha, ele trabalhava aqui, ele apanhava o mamão e ela lavava aqui.

Quando há trabalho, a mulher aceita as condições impostas pelo dono da propriedade, tanto no valor, como nos dias que são necessários. O que viabiliza formas sofridas e precarizadas de contratos, e condições de trabalho, semelhantes à realidade de trabalhadores rurais em outros lugares na Amazônia e no Brasil.

Olha, todo dia em casa tem serviço, quando ele tá em casa que ele não vai trabalhar, que não é trabalho fixo, hoje ele não foi trabalhar, quando ele tá em casa eu acho até bom porque quando eu chego, inda mais na segunda que é o dia todo que chego em casa e tenho que voltar. Ele termina de fazer o almoço quando chego o almoço já está pronto, almoço pra voltar, mas quando ele não tá em casa tenho que fazer almoço e voltar, é uma agonia, os 4 filhos todos estudam e a minha filha mais velha (13 anos) quando ela vem eu divido com ela, ela vem não por mandado dele, é ela que quer vim, mas ela, o pai dela tá em casa, e a professora dela pra Manaus, e aí ela vem. (Florlean).

A fala demonstra que essa realidade, esta configuração do trabalho na Vila, vem produzindo. O onde, e quem trabalha, configura-se pela necessidade e pela oportunidade da diária naquele dia, passa-se a conviver, com o que tem, e, com o que está sendo oferecido.

Para Hirata (2011, p.4), a precariedade do trabalho (ou precarização salarial) e a precarização familiar são indissociáveis e devem ser analisadas conjuntamente, o que possibilita análise das condições que já se observa nas áreas de plantios da Vila. Para a autora, a intensificação do trabalho é uma das consequências da precarização e da flexibilidade do emprego, tendo também causas relacionadas com o processo de trabalho propriamente dito e as novas formas de organização do trabalho num sentido estrito.

2.4.3 Vivências sobre o trabalho e o trabalhar

Trabalho pra nós aqui, significa, mana, é muita necessidade (Florari).

A Amazônia se apresenta no mundo de descompasso, lugares em que as transformações se apresentam de forma rápida e, contraditoriamente, outros que ocorrem lentamente, um universo de paradoxos. A realidade da Vila do Engenho, nesse contexto, demonstra que, os agricultores em meio de uma situação de crise, retornam ou permanecem na atividade agrícola, por possuírem o conhecimento da agricultura, além do que na Vila possuem maiores condições de sobreviver do que na cidade.

O que se constata, parte a parte desta tese, é que paulatinamente as novas configurações da Comunidade Sagrado Coração de Jesus ao se transformar em Vila do Engenho, implica perdas da dimensão do comum, a *comunidade social chamada Vila do Engenho*, muda progressivamente as formas de organização, relações de trabalho e processo de trabalho, nos diferentes lugares do trabalho.

A gente trabalha aqui por dinheiro todas nos, o dinheiro é muito. No meu caso eu tenho o meu filho, tem filho pequeno que mama leite mingau entao eu to aqui ainda não recebi mas já to contando com ele (Flordal).

Quando as mulheres dizem o que significa o trabalho nos plantios, a questão financeira se sobressai e é significanda como: " a necessidade mana que é grande". A fala de uma, muito se vê refletida na necessidade da outra:

Significa que tenho conta pra pagar, derramo meu suor... e é meu trabalho e ganho meu dinheiro com o suor do meu trabalho...não vai se prostituir pra ganhar dinheiro e a gente ta ganhando dinheiro aqui do trabalho da gente, e é assim (Florgle).

Eu vim porque ele veio e o dinheiro em Manaus não tava dando (Florisa).

Algumas famílias, após a tentativa de emprego no município de Manaus, retornam à Comunidade Sagrado Coração de Jesus, devido a oportunidade de trabalho que a produção agrícola oferece.

Nas narrativas das trabalhadoras, observa-se que entre faxinas e o trabalho como doméstica, preferiam o trabalho nos plantios, como uma melhor alternativa.

Se é pra fazer faxina, muito melhor aqui, apesar do pior, é o sol né, mais ali é um serviço muito bom de fazer, eu digo sempre pras meninas que qualquer criança faz isso aqui, tem mulher novata que diz assim, ah, eu não sei como é que é que elas fazem e como é que é. É muito fácil de fazer. Teve só uma senhora que não conseguiu fazer parece que ela tinha nervoso, não sei o que foi, ela não conseguia de jeito nenhum, porque lá elas vão explicar, que não pode pegar o pó da mesma carreira que tem as flores, você tem que passar pro outro lado, não pode ser do mesmo lado, e ela não, já confundia tudo, eu achava era graça dela, já era uma senhora assim de idade (Flolis).

A dimensão da mobilização das trabalhadoras no mundo do trabalho, da agricultura, vem mostrando um engajamento do agir. Para Dejours (2005, p. 96) trata-se aqui da mobilização subjetiva das personalidades e das inteligências nos atos de trabalho, isto é, a dimensão subjetiva das trabalhadoras rurais.

O trabalho sofrido de sol a sol também oportuniza o encontro e as parcerias, e os laços de confiança se estabelece, significados pelas trabalhadoras como relações de amizade, por estarem entre trabalhadoras, mulheres rurais, falando de suas realidades, que por muito, se entrelaçam na vida, e nas histórias da outra.

Mesmo as famílias, nem sempre aprovando o trabalho no plantio, observa-se que a saída de casa para o plantio foi uma conquista, e, ao mesmo tempo, o reflexo das mudanças ocorridas na região, chamadas de *necessidades*.

Logo, duas realidades que se cruzam nas falas: a necessidade, que representa o sofrimento do trabalho de sol a sol e o prazer de encontrar na amizade e na cooperação, formas mais saudáveis de lidar com as ditas dificuldades.

O bom sabe aqui que tem a união que uma pode contar com a outra tem algumas coisas, que nem tudo é perfeito né, mas dá pra levar. No outro, dia tá tudo bem, aqui além de ser pequeno, todo mundo se conhece. Eu vim porque ele veio e o dinheiro em Manaus não tava dando (Flormari).

O que deixa feliz é tá todo mundo junto como estamos agora trabalhando, conversando, brincadeira por mais que seja no sol quente, na chuva mas a gente é feliz por esta aqui trabalhando. Triste quando tem uma discutindo uma com a outra né e aí a gente fica triste porque ninguém quer isso e as vezes é assim alguma brincadeira e a outra não gosta, mas a gente vai relevando tudo isso e quando é no outro dia tá todo mundo bem ..tudo de novo (Florlis) .

Meu marido fala...ele perguntou se eu tava feliz aqui, e eu disse que tava, mas ele disse é bom. Eu disse é... só que o sol maltrata qualquer um, mas é bom (Florgle).

2.4.4 A cooperação e a valorização na agricultura

Nos plantios, as trabalhadoras encontram formas solidárias, o encontro de outras mulheres, que vivem próximas, e não se conhecem, na convivência passam a compartilhar, viver em grupo, se fortalecer nas escolhas, dividirem tempos de vida e de trabalho. O trabalho, portanto, passou a ser o lugar de diálogo, nem sempre experienciado dentro de casa.

Eu prefiro ficar aqui, porque a gente cria mais amizade com as pessoas, a gente já vai fazendo muita amizade, porque graças a Deus, a gente até se entende, mais ou menos, e vai tentando... melhor que em casa, porque em casa, você tem mais trabalho que aqui (Flora).

O trabalhar pra mim é importante porque só fica em casa é porque aqui eu ganho alguma coisa não vou trabalhar de graça, porque se eu ficar em casa tudo bem que vou cuidar do serviço doméstico, mas aí, eu não vou ganhar, o que ganho aqui, eu já vou é gastar, entendeu? (Flomari).

A dinâmica de partilhar com as outras trabalhadoras a oportunidade do trabalho e do intento de como e onde trabalhar, da garantia do sustento, concretiza o dar conta naquele dia do que foi demandado, para (Mendes, 2011, 102) é nesse conviver que se estabelece confiança, solidariedade, construídas a partir do viverem juntos no cotidiano do trabalho, como se observa nas falas:

Isso, aí tem sempre uma paradinha, pouco pras 3 horas, a gente para pra dar uma lanchadinha, todo mundo traz alguma coisa e quem não traz reparte com quem não trouxe e assim a gente vai dividindo (Florlis).

A gente trabalha junto, é feliz se gosta entre o serviço de casa e aqui eu prefiro aqui, serviço de casa é muito enjoado nunca acaba, todo dia a gente faz a mesma coisa. E aqui a gente se dá muito bem com as amigas, todo muito se respeita e o patrão trata a gente com respeito. Aqui o que me cansa é o sol quando é quente...não sinto cansaço eu me sinto melhor aqui que trabalhar em casa (Florale).

Além da oportunidade de escolhas de onde trabalhar e dos ganhos financeiros, aprender a lidar com as adversidades da atividade no plantio, possibilita o convívio de relações de trabalho, espaços coletivos, onde se estabelece a cooperação. Para Dejours (2005, p. 97; 2008, p. 70), a cooperação é o nível de conjugação das qualidades singulares e de compensação das falhas singulares, o que exige relações de confiança entre os indivíduos, como as falas demonstram:

A senhora carregou três a outra carregou uma...aqui uma ajuda a outra é assim quando o balde tá seco e da outra, vê que tá cheio, então a gente só sai quando o da outra tá cheio. É todo um companheirismo. Uma coloca pimenta no balde da outra. Uma merenda é a merenda da outra, uma trás café a outra não trás. Se eu pudesse pegar o balde da D. Flormari eu pegava (Florisa)

Uma ajuda a outra...rapaz no momento da comida (risos) é que precisa de ajuda, todo mundo se arruma, a gente ajuda quando uma fica pra traz, quando uma termina a carreira pra voltar, a gente ajuda a outra, somos muito unidas as vezes (risos) quando uma fica pra trás a gente volta pra ajudar a outra, até terminar todo mundo junto (Flornaza).

A cooperação, "não cai do céu", segundo Dejours (2007, p.19), é uma construção, supõe comprometer-se no funcionamento coletivo, na construção, na estabilização, na adaptação, na transmissão e no respeito às regras de trabalho. É preciso construí-las, adaptá-las transforma-las. É a própria essência da cooperação.

Uns valoriza bem, outros não, ficam tipo criticando a pessoa, manga, e aqui ele valoriza (Flora).

Dejours (2008e, p. 253) afirma que a transformação das vivências de sofrimento, dores de trabalho, dores da vida, em vivências de prazer, condições mais solidárias, só pode advir pelo ganho obtido pelo trabalho no registro da construção da identidade e da realização de si mesma como trabalhadora.

Para as trabalhadoras estar naquele lugar, é mais que só trabalhar, é mobilizar desejos, é colocar a subjetividade em ação, reconhecer perdas e lutas de sobrevivência. Nesse cotidiano de trabalho as falas indicaram que se sentem valorizadas pelas colegas, pelo patrão,

porém nem sempre, pela comunidade, da qual fazem parte, as trabalhadoras se ressentem reconhecidas.

Porém, pelas colegas de trabalho e pelo patrão, se sentem valorizadas, e esse reconhecimento favorece o prazer, de fazer parte daquele trabalho, no contexto e nas condições de trabalho que são oferecidas, como o sol quente e as dores no corpo, isso é suplantado pelo poder de trabalhar, de ganharem dinheiro, e, também, por terem conquistado, a liberdade na condição de trabalhadora.

Uns dizem vai trabalhar no roçado, vixe! eu não nasci pra isso, eu digo pois eu nasci. Penso assim, eles não chegam com a gente e perguntam, como é o trabalho... tipo ...a critica deles é que a gente vai roçar, de tesado, é assim trabalho pesado (Flormar).

Eu digo... não é esse trabalho que vocês estão pensando, é apanhar pimenta, é trabalhar com a flor e o trabalho não é assim como vocês pensam (Flordia).

Eu não tenho muito intimidade com ele com agente. O patrão valoriza agora na comunidade tens umas pessoas que critica (Florta).

Se identificam, portanto, com o trabalho, como trabalhadoras rurais, Martins (2007, p.143) afirma que os processos identificatórios, ao longo da vida da pessoa, determina sua identidade e sustentam a posição subjetiva no contexto de suas relações. No campo do trabalho, as trabalhadoras em troca de seu envolvimento e dos riscos que correm mobilizam toda sua personalidade para a realização da tarefa. Isto é, em troca de sua inteligência, engajamento de sua subjetividade e contribuição para a organização do trabalho, o sujeito que trabalha espera um retorno (SILVA e FREITAS 2011, p. 436).

Dejours (2008f, p. 262), diz que o reconhecimento no contexto do trabalho exige o funcionamento de uma formação na ordem do coletivo. Aponta o reconhecimento a partir de duas dimensões, sistematizadas por Moraes e Rosas:

A primeira é no sentido de constatação e requer uma contribuição individual a organização do trabalho. Essa dimensão, no entanto, esbarra nas resistências hierárquicas, visto que reconhecer a contribuição do trabalhador para a organização do trabalho implica no reconhecimento das imperfeições da ciência, da técnica e da falha quanto ao controle, ao mesmo tempo em que, admite-se que o trabalhador é indispensável à manutenção dos processos

A Segunda dimensão aparece como forma de gratidão pela contribuição dos trabalhadores a organização do trabalho. As relações intersubjetivas que se estabelecem no campo do trabalho implicam a busca de um julgamento, que confirme não apenas as atitudes do indivíduo frente ao real, mas, que, além disso, evidencie a importância de sua atividade para a manutenção da organização do trabalho. Portanto, é fundamental que haja uma reformulação constante sobre o ato de julgar (MORAES; ROSAS, 2011, p. 215-216)

De acordo com Dejours (2008f, p. 263) há dois tipos de julgamento, que atribui ao sujeito a condição de pertencer a uma comunidade, imbuído por dois sentidos: um que diz respeito ao valor utilitário da contribuição do sujeito, relacionado à utilidade técnica, à utilidade social, e à utilidade econômica, que envolve o juízo dos superiores, aqui, a figura do patrão e dos proprietários que contratam trabalhadoras.

O segundo sentido é atribuído à estética ou à beleza do trabalho, é um julgamento realizado pelos pares, sendo considerado o mais importante, uma vez que para reconhecer é preciso antes conhecer o trabalho. Sendo assim, ninguém melhor para analisar a execução do trabalho dos plantios, da colheita da pimenta cheirosa e da polinização da flor do maracujá que a própria trabalhadora que faz o trabalho, e sabe quanto de esforço e de empenho é necessário para concretizá-lo (DEJOURS, 2008f, p. 263; MORAES, ROSAS, 2011, p. 216).

Este julgamento de estética/beleza pode ser alcançado em dois níveis: no primeiro nível o foco recai sobre a *conformidade do trabalho*, o julgamento destina-se a verificar se o trabalho foi feito de acordo com as normas da “arte do ofício”, levando em conta principalmente sua qualidade. O trabalhador que recebe este reconhecimento é visto pelos pares como detentor dos atributos necessários a um saber-fazer que é comum a todos os trabalhadores que atuam naquele ofício. Já no segundo nível, a atenção destina-se a *originalidade do trabalho*, a apreciação, neste caso, busca verificar se a atividade realizada vai além das qualidades comuns, isto é, se há alguma inovação no desempenho da atividade ou uma marca criativa e inédita impressa pelo trabalhador (DEJOURS, 2008f, p.263; MORAES, ROSAS, p.217.)

O reconhecimento, enquanto valorização do trabalho, para as trabalhadoras rurais, não é relacionado ao valor pago/recebido, mas à necessidade do patrão de tê-las no trabalho, de ter um grupo com quem possa contar. O reconhecimento vem dos pares quando reconhecem a importância de estarem aprendendo uma com a outra, de cada uma repassar formas de fazer. O aprendizado na prática é repassado e a prática compartilhada cria laços de confiança, relações mais solidárias.

O que eu gosto ...Eu gosto assim de tá no meio delas ... é que eu sou meio esquentada e eu já tô até mais, meio, (risos) e quando eu não venho elas dizem que elas sentem falta, o que me alegra é de tá todo mundo junto, quando falta uma a gente já sente, é assim eu me sinto feliz (Flocla).

Então o nosso trabalho é bem valorizado, ate porque quando a gente pede assim pra sair, ele já não quer deixar a gente sair, é valorizado. O patrão valoriza, agora a comunidade critica. Mas, agora tem gente que já está de olho assim na gente, porque sabe que a gente aqui já tem aquela experiência né, ...já sabe como lidar com as plantas (Flordia).

O contrato de mulheres que foi iniciado na propriedade de Homed, passou a ser reproduzido por outros proprietários que também passaram a contratar mulheres para seus plantios, mobilizou o aumentando do valor da diária, antes na Vila apenas os valores entre R\$

30,00 a R\$ 35,00, alguns plantios passaram a oferecer R\$ 40,00 e com alimentação, de forma a conseguir, aquelas mais experientes.

É valorizado, se não fosse valorizado, a gente já tinha pegado o beco (Florani).

As mulheres entendem que por ter sido o primeiro a acreditar no potencial da mulher trabalhadora, o patrão reconhece o seu trabalho, pois acredita e valoriza a capacidade do trabalho da mulher, observa-se que foi construída uma relação de gratidão e respeito entre patrão e trabalhadoras.

O reconhecimento diz respeito à valorização do esforço e do sofrimento investido para a realização do trabalho e relaciona-se à contribuição/retribuição. As mulheres verbalizam que se sentem valorizadas pelo patrão, que acredita na capacidade delas, e atualmente só contrata mulheres, para determinado tipo de atividade. Segundo o dono da propriedade, os homens têm mãos pesadas e nem sempre são tão responsáveis quanto as trabalhadoras, que além de não faltarem, possuem mais facilidade de seguir as regras pré estabelecidas.

O patrão valoriza meu trabalho, por eu ter muito tempo de trabalho, eu acho assim, que ele confia em mim, de tudo que acontece aqui, que dá pra resolver, me dá pra eu resolver, eu resolvo. As vezes pergunto, se posso falar, as vezes ele diz que sim, as vezes diz que não, mas assim mesmo eu falo pra ele, até porque ele é o dono, né, então ele deve estar a par de tudo que acontece (Flornei).

Sim com certeza dão valor sim, o meu patrão dá valor quando falta uma mulher ele já sabe, no meio de tantas ele coloca o olho e sabe quem esta faltando (Flordal).

Quando a gente trabalha bem, ele diz... ah, sim! Hoje vocês... vocês apanharam, tá certo o maxixe, a pimenta tá bem apanhada, hoje vocês se saíram... ou então assim, quando a gente faz fertilização do maracujá que dá muita flor, que carrega muito, ele diz, olha, vocês fizeram um trabalho muito bom, porque essa semana o maracujá floriu muito e carregou tudo! Não caiu uma flor. É isso. Os elogios a gente recebe...é isso (Floran).

Por fim, o reconhecimento é a passagem obrigatória para a renovação da mobilização subjetiva no registro da atividade e da ação (DEJOURS, 2008f, p.265).

Ao ouvir as trabalhadoras, entende-se para além do contexto do trabalho, a oportunidade das entrevistas ao pé da pimenta de cheiro ou nas fileiras de maracujá oportuniza conhecer a dinâmica do trabalho, na ação do trabalhar, no ato das entrevistas. O grupo de trabalhadoras, responde no grupo, uma voz, complementa o pensamento da outra, constatada no pedido "fala aí o que tu pensa disso".

A realidade constata um trabalho coletivo, onde as trabalhadoras estão se adequando à realidade do trabalho, já vivido e reproduzido para a família, agora na produção do fazer e fazer-se. No trabalho, a partilha de contribuir com as despesas, um trabalho chamado ajuda, pois no contexto de necessidades estas se ajudam, ajudam a família e se reconhecem no papel de trabalhadoras.

3 SAÚDE E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO DA MULHER NA VILA DO ENGENHO - AM

Nos capítulos anteriores, tratou-se do ambiente e do processo de trabalho, neste capítulo, como consequência do desdobramento da pesquisa, será tratado da saúde da mulher trabalhadora da Vila do Engenho, tomando-se como parâmetros de análise as condições objetivos de trabalho, na dinamicidade do campo da saúde do trabalhador como política pública, privilegiando as visões diferenciadas que se comunicam com a realidade de distintos espaços da Amazônia, não tendo um lugar comum, mas interconexões de subjetivos modos de ver o trabalho e do olhar sobre o processo de saúde/doença. Tais aspectos, exigem aprofundamento teórico sobre os agravos no cotidiano do trabalho da mulher na área rural.

A saúde do trabalhador torna-se papel determinante da saúde – doença da população. Esses processos de trabalhos foram conhecidos, articulados e discutidos nos capítulos anteriores, segundo a especificidade histórica do lugar, valorizando as experiências da trabalhadora, na organização do trabalho, e a mobilização da subjetividade nos diferentes espaços do trabalho e da vida política.

O trabalho da mulher no ambiente rural envolve questões de saúde relacionadas aos ciclos de vida, e, sendo socialmente determinada, devem-se levar em conta os fatores socioeconômicos, culturais e ambientais que definem as condições de vida e de saúde da trabalhadora rural.

Para Lacaz (2007, p.760), "a abordagem em Saúde do Trabalhador busca resgatar o lado humano do trabalho e sua capacidade protetora de agravos à saúde dos trabalhadores, tais como mal-estares, incômodos, desgastes, para além, dos acidentes e doença"

Nesta direção, a saúde da trabalhadora na Vila do Engenho, abarca a multiplicidade de agravos e adoecimentos no trabalho, sem, contudo ser percebido por ela, a relação de seus aspectos inter-relacionados, saúde/trabalho/adoecimento, como a exposição de horas ao sol, de forma constante, exposição aos agrotóxicos, acidentes de trabalho, sobrecarga de trabalho,

ansiedade e estresse, decorrentes das novas configurações do mundo do trabalho, que vem se apresentando na Vila.

3.1 Saúde do trabalhador no contexto amazônico

De acordo com Brito (1999, p. 37), a saúde da mulher trabalhadora, como área de estudo, modifica o olhar sobre o mundo do trabalho, em sua articulação com a saúde, atravessando a problemática das relações intersubjetivas, e esferas de produção e reprodução, permitindo, assim, que multiplicidades e diferenças sejam percebidas.

A autora afirma que:

Sobre o campo de estudos na área de saúde do trabalhador, penso que o conteúdo fortemente crítico da corrente latino-americana poderá ser mais potencializado se for acompanhado de reflexões sobre a centralidade, na dinâmica de conquistas da saúde, tanto do processo de trabalho quanto das relações de gênero. Este enfoque possibilitará abrir espaço para a percepção de nuances e diversidades que compõem o mundo do trabalho e da experiência (BRITO, 1999, p.31)

Diante dessa afirmativa, tem-se a imagem de trabalhadoras rurais, onde existem diferentes inserções de mulheres, nos processos produtivos no rural amazônico, em que definem padrões diversos de morbimortalidade, para os quais contribuem outros fatores decorrentes das condições de vida condicionantes de saúde que estão presentes no cotidiano de quem vive do trabalho na Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva, um lugar, uma Vila, uma Amazônia que lembra outros lugares, no que cabe a vivências e saberes do trabalho na agricultura.

Minayo-Gomez e Thedim-Costa, em 1977, apresentaram reflexões que permitem investigar práticas comuns e aspirações que insurgem o pensar em saúde/doença, o trabalho, o lugar e nele contido quem trabalha, e os diferentes processos de trabalho. Um fluxo contínuo de investigações interdisciplinares transformando conteúdo e forma, na construção do campo da saúde do trabalhador que possui um percurso nos movimentos sociais, marcado por resistências, conquistas e limitações nas lutas coletivas por melhores condições de vida.

A área da Saúde do Trabalhador, pode ser entendida como área de conhecimento e aplicação técnica dos múltiplos fatores que afetam a saúde dos trabalhadores e seus familiares, independente das fontes de onde provenham, das consequências da ação desses fatores sobre a população, as várias maneiras de atuar sobre estas condições, (determinantes e

doenças), no sentido de prevenir e identificar sua ocorrência e reparar resultados.

Cabe lembrar que a área da Saúde do Trabalhador surgiu no contexto do Movimento da Reforma Sanitária, que tinha como proposta nova concepção de Saúde Pública para o conjunto da sociedade brasileira. Foi a resposta institucional aos diversos movimentos sociais que, entre a metade dos anos de 1970 e os anos de 1990, já reivindicavam a Saúde do Trabalhador como parte do direito universal à saúde e não mais meras ações dissociadas da atenção individual, resumidas a campanhas e programas.

Como objeto de intervenção na Saúde Coletiva no contexto das correntes de pensamento marxistas e estruturalistas, o subsistema que deu maior ênfase à abordagem histórico-estrutural foi o de Saúde do Trabalhador, como cita Minayo (2010, p.128):

Seu eixo básico é o conceito *Processo de Trabalho* visto que a partir das unidades de produção e como determinante para o desgaste, os riscos e o quadro de morbidade dos trabalhadores [...]. O paradigma ancorado no conceito de processo de trabalho (principalmente de caráter industrial) vem demandando mudanças conceituais e de abrangência de objetos para dar conta dos problemas trazidos pela globalização, pelas novas formas de produção e por uma série de outros fatores [...] (MINAYO, 2010, p.129).

A trabalhadora e a saúde do trabalhador são aqui relacional, ação-interação de um contexto social, em que o sentido do eu e da identidade dessa trabalhadora é socialmente construída e culturalmente aceita, posta a partir de padrões e formas de regular e pensar o trabalho na Vila do Engenho.

Ao articular Harvey (2009) à realidade do trabalho das mulheres em seus diferentes trabalhos e lugares do trabalho, admite-se que

é o trabalhador como pessoa o detentor da mercadoria força de trabalho, e essa pessoa é a sede de ideias e aspirações relativos, por exemplo, à dignidade do trabalho e ao anseio por ser tratado por respeito e consideração como ser humano integral, bem como a tratar os outros da mesma maneira (HARVEY, 2009, p.163).

Tal afirmação, articula-se aos preceitos da Saúde do Trabalhador que compreende um campo de saberes e práticas com claros compromissos teóricos, éticos e políticos, inserido como política pública em saúde que demanda articulações intersetoriais. Portanto, como afirma Minayo-Gomes (2010) na atual conjuntura esse campo, agrega a concepção clássica de Bourdieu (1996, p.50) "como um conjunto de forças cujas necessidades se impõem aos agentes que se encontram envolvidos; e como uma arena de lutas, no interior da qual os agentes se enfrentam", está a saúde do trabalhador como proposta da saúde coletiva, "composto por um coletivo desigual, estruturalmente determinado por conflitos e embates de

concepções práticas condicionadas pelos recursos que os agentes e instituições possuem". (MINAYO-GOMES, 2010, p.29).

Tal afirmação, articula-se aos preceitos da Saúde do Trabalhador que compreende um campo de saberes e práticas com claros compromissos teóricos, éticos e políticos, inserido como política pública em saúde que demanda articulações intersetoriais, portanto, a "Saúde do Trabalhador compreende um corpo de práticas teóricas interdisciplinares – técnicas, sociais, humanas – e interinstitucionais, desenvolvidas por diversos atores situados em lugares sociais distintos e informados por uma perspectiva comum" (MINAYO-GOMES & LACAZ, 2005, p.5).

E nesse campo, quem são os trabalhadores? Conceitualmente, são todos os homens e mulheres que exercem atividades para sustento próprio e/ou de seus dependentes, qualquer que seja sua forma de inserção no mercado de trabalho, nos setores formais ou informais da economia. Estão incluídos nesse grupo todos os indivíduos que trabalham ou trabalharam como: empregados assalariados; trabalhadores domésticos; trabalhadores avulsos; trabalhadores agrícolas, autônomos, servidores públicos, trabalhadores cooperativados e empregadores, particularmente os proprietários de micro e pequenas unidades de produção (BRASIL, 2004, p. 4; 2012, p. 1).

Consideram-se também trabalhadores aqueles que exercem atividades não remuneradas habitualmente, em ajuda a membro da unidade domiciliar que tem uma atividade econômica; como aprendiz ou estagiário; e aqueles temporária ou definitivamente afastados do mercado de trabalho por doença, aposentadoria ou desemprego (BRASIL, 2004, p. 4; 2012, p. 1).

Com base neste conceito, se reconhecem como trabalhadoras rurais, mulheres cuja experiência de vida, esteve e está ligada predominantemente ao mundo rural, ao trabalho na agricultura, que residem no lugar, compreendendo contextos que revelam modos e condição de vida, em um tempo/lugar da ajuda, outras vezes em um tempo/lugar de trabalho.

É no trabalho que se efetiva a subjetividade do fazer, justificada pelas consequências do modo como o espaço agrário vem sendo produzido e organizado na Amazônia. Pelas condições históricas e objetivas de sua produção, a Vila do Engenho, é também um espaço de exploração, determinando um ambiente de vida tecido pelas diversas articulações existentes entre as variáveis econômicas, sociais, políticas e culturais que podem se tornar gravoso aos modos de vida de trabalhadores, e, aqui, especificamente, um olhar sobre a saúde da trabalhadora.

As condições de saúde da trabalhadora na Comunidade Coração de Jesus/Vila do Engenho, não diferem de modo substancial das encontradas em outras áreas do Brasil, retratadas em estudos realizados pelo Ministério da Saúde, que evidenciam condições precarizadas, encontradas no trabalho rural. Traz assim, uma reflexão, que aponta para afirmativas em que a população que vive e/ou trabalha no interior da Amazônia, encontra-se mais descoberta e vulnerável aos problemas de saúde relacionados ao trabalho.

No mundo do trabalho na agricultura, vem sendo revelado as incomensuráveis diferenças presentes na sociedade, tendem a se reproduzir, inclusive em seus antagonismos.

Refletir sobre a saúde, implica reconhecer as diversas formas de desigualdades que permeiam a sociedade, refletidos nos agravos e mortes, o que de muito requer proteção e promoção da vida daqueles que trabalham na agricultura, a partir dos processos, organização do trabalho da mulher e suas vivências no cotidiano de diferentes lugares.

Não cabe mais a concepção naturalista do processo saúde-doença, onde nascer, viver e o morrer depende do biológico puro, mas é imprescindível compreender a teia da vida não apenas por um prisma cartesiano, dissociado, mas socialmente determinados pelas condições concretas de inclusão ou exclusão do trabalhador no processo produtivo e de suas articulações com o lugar onde vive.

Portanto, da mesma forma que é fundamental reduzir desigualdades que fazem com que alguns agravos e doenças atinjam principalmente os meios socioeconômicos mais desfavorecidos, há de se pensar também na redução de outros tipos de desigualdades que interferem na realização de um estado mais igualitário de produção da saúde.

É visível a desigualdade vivenciada por populações que moram em ambientes rurais, comunidades distanciadas da equidade, universalidade e do acesso à saúde, por vários fatores que permeiam uma barreira que impede atingir nível mais elevado de igualdade e de justiça social. No entanto, essa assimetria não é dada pela natureza, ela é uma construção social passível de ser modificada.

A interface saúde e trabalho das populações rurais na Amazônia, encontra dificuldades significativas do acesso e do entendimento, ainda desconhecida para a maioria dos profissionais, por causa de especificidades locais e culturais. Vencer essas restrições significa pensar o Sistema Único de Saúde (SUS), que considere os determinantes e condicionantes de saúde nas especificidades do trabalho rural e da vida no interior da Amazônia.

Dar visibilidade à necessária articulação entre saúde, trabalho e ambiente para viabilizar políticas voltadas para a população do campo e da floresta, devem estar para além

de um olhar desses espaços constituintes e constituídos de sujeitos. Faz-se necessário construir redes de conhecimento político, crítico e orientador da atuação do setor saúde, no campo da saúde do trabalhador, voltado para a área rural na Amazônia, com participação das falas, das vivências desses trabalhadores e dessas trabalhadoras, de modo a dar sustentação à questão de participação e de efetivo controle social.

3.2 Agravos relacionados à saúde reconhecidos por meio da experiência da trabalhadora rural

A saúde das trabalhadoras rurais na Vila do Engenho é imbricada pelo cotidiano do trabalho de produtores e produtoras rurais, que se interligam com histórias de saúde e modos de viver.

Viu-se na pesquisa a história da Vila, o papel da mulher trabalhadora rural, os diferentes processos de trabalho e a organização que impactam na saúde das trabalhadoras. Relacionados ao processo e a organização do trabalho, articulados, a determinação social, enquanto processo saúde-doença e, da problematização dessa, com o trabalho/saúde.

Tem-se como referência à teoria social para compreender o processo saúde/doença, demarcado pelo seu caráter histórico, dinâmicas das relações sociais e do trabalho na agricultura, relacionado aos processos de diferentes formas de trabalho, e as mudanças que vem ocorrendo no lugar. Constata-se que as novas configurações do trabalho, vem mudando as relações sociais pretéritas de convívio, como nos mutirões, ajuris e/ou troca de dia, ajuda mútua, e passaram a existir outras formas de trabalho, assim, como outras formas de pensar a saúde da trabalhadora rural e o ambiente que implica em agravos à saúde da mulher trabalhadora:

Rapá, as vezes quando a gente pega muita chuva, muito sol fica assim como eu tô rouca...dor? ...quando a gente se acostuma com a dor pra gente... já não é nem dor...assim quando a gente é a primeira vez que vai trabalhar assim a gente sente...ta dolorido aqui, ali, mas depois, já passa é ...normal. Vai acostumando (Flornaza).

O costume pode naturalizar doenças e o perigo passa a não ser reconhecido em decorrência de contornos socioculturais, que são definidores das relações particulares com o ambiente do trabalho e segundo processos saúde/doença.

A saúde como um completo estado de bem estar físico, psíquico e social como define a Organização Mundial da Saúde (1946), baliza a busca do ideal desejável. Para Dejours

(2007, p.16), a saúde, neste sentido, para um conjunto da população, não existe, é antes, um ideal que se deseja, constitui-se como um ponto de referência ou de partida.

Para o autor:

O mesmo se dá com o ideal de justiça, sem o qual não se pode pensar a justiça - aquele ponto geométrico fora da figura, necessário para orientar a ação. O ideal de saúde tem um papel preponderante na orientação de nossas ações e de nossas condutas individuais para a conquistar essa saúde (DEJOURS, 2007, p.16)

As ações e formas de como os sujeitos se mobilizam para execução e obtenção do que se revela no cotidiano do trabalho, onde trabalhar é sempre enfrentar situações reais que se apresentam como agravos provenientes da organização, do processo, do ambiente, e das relações sociais do trabalho, provocando incidentes, anomalias, panes e condições que movimentam o sujeito para lidar com demandas, tarefas e atividades, pondo em xeque as previsões e as predições.

Para Minayo (2010, p. 258), "saúde e doença constituem metáforas privilegiadas para explicação da sociedade: engendram atitudes, comportamentos e revelam concepção de mundo. Mediante a experiência do viver, do adoecer e do morrer", neste sentido, as trabalhadoras falam de si, das suas condições de vida, compondo o quadro de experiências do cotidiano.

No sol é um pouco sofrido, mas como a gente tem aquele costume vai fazendo. Eu não era acostumada. Dói (Florari).

Falar de saúde e doença é relacionar aspectos interligados aos lugares do trabalho da mulher, no Grumascopo, na agroindústria e nos plantios, especificidades que dizem do trabalhar, entendendo como Carvalho e Moraes (2011, p. 467) que o trabalho é central na vida humana, e nunca é neutro em relação à saúde. Pode conduzir ao melhor ou ao pior, dependendo dos processos desenvolvidos no trabalhar.

Apreender o trabalho e suas relações intersubjetivas, é desvelar aspectos da saúde que refletem para além do visível no processo e no ambiente de trabalho, é qualificar escuta, e olhares, que envolvem determinantes sociais, históricos, econômicos e culturais no cotidiano da mulher na Vila do Engenho. Como exemplo da trabalhadora que expõem sobre conflito no local de trabalho e, de certa forma faz uma reflexão, do por quê:

Muitas vezes acontece desavença, sem futuro, sem futuro. E a gente tem que pensar uma coisa..a gente tem que pensar uma coisa, no aspecto, pro certo, pro trabalho que a mulher dá, a gente vem estressada, chega lá, as vezes, só por causa de alguém que olha, um olhar, me olha, eu já tô com raiva (Florbe).

A fala mostra um estresse que é de fora da agroindústria, refletindo nas relações de trabalho, possibilitando conflitos entre as trabalhadoras, que ali são vizinhas, parentes, conhecidas, portanto, refletindo também a vida cotidiana.

Um aspecto importante é que, dependendo do lugar onde se localizava o trabalho, determinados agravos são referenciados com maior frequência pelas trabalhadoras. Dentre as queixas comuns, foram sistematizadas em: doenças relacionadas ao trabalho rural e acidentes de trabalho.

Os agravos referenciados pelas trabalhadoras são sobrecarga de trabalho, dores nos membros superiores e inferiores, assim como nas costas, que podem desencadear quadros de Lesões por Esforços Repetitivos/ Doenças Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT), estresse, exposição às radiações solares e ao calor por longos períodos, exposição a ruídos, que pode desencadear Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR) e destaca-se aqui, a possibilidade da exposição crônica a agrotóxico.

Segundo Silva et al (2013, p. 346), a exposição pode causar uma série de problemas de saúde conhecida, destacando-se aqui, os "problemas ligados à fertilidade, reações alérgicas, efeitos deletérios sobre o sistema nervoso, distúrbios mentais e psiquiátricos, respiratórios, cardiovasculares, geniturinários, gastrointestinais, problemas na pele, e nos olhos". Segundo o Ministério da Saúde, de modo esquemático, pode-se dizer que o perfil de morbimortalidade dos trabalhadores no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela coexistência de:

agravos que têm relação com condições de trabalho específicas, como os acidentes de trabalho típicos e as doenças profissionais; doenças que têm frequência, surgimento e/ou gravidade modificadas pelo trabalho, denominadas doenças relacionadas ao trabalho; doenças comuns ao conjunto da população, que não guardam relação de causa com o trabalho, mas que também impactam a saúde dos trabalhadores. A escassez e inadequação das informações sobre a real situação de saúde dos trabalhadores dificultam a definição de prioridades para o planejamento e intervenções em saúde, além de omitir à sociedade instrumentos importantes para a melhoria das condições de trabalho (BRASIL, 2004, p. 6).

Quanto aos acidentes de trabalho na área rural também abrange o que está submerso, desconhecido, quanto a relação trabalho e saúde. As trabalhadoras estão expostas a lesões traumáticas de diferentes graus de intensidade pelo uso de ferramentas manuais. Na agroindústria, observa-se a exposição a fios elétricos e manuseio de máquinas, sendo necessária a atenção ao manuseio nas áreas de plantios, onde são comuns os acidentes com animais peçonhentos e a exposição e intoxicação por agrotóxicos.

Os quadros de agravos e riscos de acidente, observados e referenciados, serão discutidos por local de trabalho de acordo com as falas das trabalhadoras. Cabe lembrar a

afirmação de Brito (1999) quando ressalta que o conhecimento das diferentes formas de adoecimento que atingem as trabalhadoras, é dificultado por vários fatores, desde a subnotificação até a necessidade de transpor obstáculos resultantes da condição de gênero. Afirma ainda que:

Há evidências, por exemplo, de que grande parte dos casos de lesões por esforços repetitivos permanece submersa e que muitos dos atingidos são mulheres. Por outro lado, a sobrecarga das mulheres com acúmulo das tarefas domésticas e remuneradas, assim como responsabilidade e ocupação permanente com a educação e atendimento aos filhos está ligada a formas inespecíficas de adoecimento, como estresse e a hipertensão arterial, que não constam da legislação brasileira (BRITO, 1999, p.143).

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER), também conhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), ou ainda, como Patologias por Hipersolicitação,

tornaram-se uma epidemia a partir da entrada nos processos produtivos do modelo de acumulação flexível, da reestruturação produtiva e da terceirização e são ainda alvo de muitos questionamentos. São afecções ocupacionais que expressam um dos sofrimentos advindos da relação do trabalhador com o trabalho e que já podem ser consideradas uma epidemia de saúde pública. As LER/DORT abrangem quadros clínicos do sistema músculo esquelético adquiridos pelo trabalhador submetido a determinadas condições de trabalho e não há uma causa única para sua ocorrência (GHISLENI; MERLO, 2005, p.171) .

No trabalho na agricultura, observa-se que as trabalhadoras evidenciam dores decorrentes das posturas inadequadas por tempo prolongado, ao esforço físico, e à pressão mecânica sobre determinados segmentos do corpo, como os membros superiores e inferiores, assim como relacionados aos fatores organizacionais e fatores psicossociais de cada trabalho, associado à sobrecarga de trabalho comum em todos os lugares de trabalho na Vila.

Dentre os agravos, destaca-se a sobrecarga, indicada pelas trabalhadoras em todos os lugares do trabalho das mulheres do Grumascopo, da agroindústria e dos plantios da Vila do Engenho. O significado do termo sobrecarga relaciona-se ao excesso de trabalho que não inclui apenas quantidade de trabalho, mas também a avaliação da trabalhadora das tarefas a serem realizadas. Para Monteiro e Jacoby (2013):

As cargas de trabalho representam um conjunto de esforços desenvolvidos para atender as exigências das tarefas, abrangendo os esforços físicos, cognitivos e psicoafetivos (emocionais) que são medidas, muitas vezes pelo desgaste. A sobrecarga de trabalho está entre os fatores intrínsecos relacionados ao excesso de tarefas realizadas a partir momento em que estas se encontram além da disponibilidade do trabalhador (MONTEIRO; JACOBY, 2013, p.405).

3.3 Saúde e sobrecarga de trabalho da mulher

A sobrecarga decorrente do trabalho constante e intenso das trabalhadoras rurais em suas múltiplas atividades, fora e dentro de casa, foi reconhecida pelas trabalhadoras nos seus múltiplos afazeres, tanto no Grumascopo, como na Ascope e nos plantios.

Antes de tratar especificamente da trabalhadora da Vila do Engenho, vale ressaltar que a sobrecarga de trabalho de mulheres foi tema no Seminário Internacional Políticas Públicas para Mulheres Rurais na América Latina e Caribe, realizado em março de 2013 em Brasília. Nascimento (2013) em reportagem a Agencia do Brasil destacou que:

'A jornada de trabalho das mulheres do campo costuma começar por volta das 5 horas da manhã e termina em torno da meia-noite. Além do trabalho com os maridos, elas ainda são responsáveis por cuidar das crianças e das atividades domésticas', disse Carmen Foro, representante da Marcha das Margaridas, movimento que reúne trabalhadoras rurais no Brasil (NASCIMENTO, 2013).

Quando se analisa a sobrecarga do trabalho da mulher na área rural, assemelhar-se aos dados anunciados pelas agências do governo e seminários quanto ao trato da temática mulher e trabalho, corroborando com tal informação, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, ao analisar a jornada de trabalho de mulheres e homens, quanto ao trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, afirma que a divisão sexual do trabalho naturaliza os cuidados da casa e da família como tarefa feminina, o que se traduz em sobrecarga, uma vez que as trabalhadoras procuram trabalhos com horários mais flexíveis ou com jornadas parciais para darem conta das demandas dos cuidados, casa e família, apontando que,

Estas tarefas realizadas no interior das famílias e domicílios são definidas pela economia feminista com 'trabalho reprodutivo', em contraponto ao 'trabalho produtivo de bens e serviços para o mercado', este último gerador de valor, enquanto o trabalho reprodutivo é gratuito. Analisando apenas as mulheres ocupadas nota-se que elas, em média, dedicam 22,3 horas semanais para este trabalho, enquanto que os homens, gastam, em média, 10,2 horas semanais. Portanto, as mulheres têm uma jornada de trabalho reprodutivo que é mais que o dobro da masculina, o que marca profundamente suas vidas (BRASIL, 2013, p. 51).

Refletir sobre a saúde de trabalhadoras rurais, é fazer a inter-relação com sobrecarga de trabalho, na dimensão de conciliar, diversos fazeres na agricultura. Nas narrativas as trabalhadoras, citam dores de cabeça, nas costas, braços e pernas, ansiedade, estresse, cansaço, mal estar, sensação de desânimo e náuseas.

Ao analisar as queixas, relacionou-se ao ambiente e cotidiano do trabalho, podem ser agravados e configurados, em um processo de adoecimento, quando associado ao modo como a mulher lida com o trabalho, com as pressões de casa e de si para dar conta do que é incumbido:

O trabalho fica mais pra gente que tem que encarar, a gente tem que encarar muita coisa, encarar em casa e encarar aqui, encarar no sol e virar aquariquara mesmo (Flormar).

No final do dia sinto cansaço quando pego muito sol meu Deus do céu, se eu pudesse só comer e dormir, fico muito mole, o corpo sinto aquela moleza do sol, aquele desanimo, mal estar, as vezes não é que não tenho fome é que não dá, perco o apetite (Floris).

O encarar relacionado a ser forte, e aguentar, comparando-se à árvore de casca grossa, seca, porém altamente resistente que sustenta como viga as casas na região, como comparando, ao que deve ser sustentado na labuta do dia a dia, na sobrecarga de trabalho, das nas alternâncias de trabalho/mais trabalho, pois não se observou nas falas das mulheres, alternância de trabalho/tempo livre, uma vez que a maioria de seu tempo livre, é dedicado às atividades domésticas.

Brito (1999, p. 73) confirma tal fato, refletindo, que quando se trata de mulheres, a alternância significativa é a de trabalho fora de casa e trabalho doméstico, ou seja, o que é central é uma visão global do tempo cotidiano.

porque as vezes eu chego cansada, ele reconhece que a gente ta cansada, ai os filhos ajudam até que eles cooperam, não é tudo, toda hora mas, até que cooperam (ri), o trabalho fica mais pra gente que tem que encarar (Flormar).

Aufere ressonância em uma cultura pautada pela submissão, pressões de seu papel de mulher e às exigências de cada lugar do trabalho, o que pode contribuir significativamente para possíveis processos de adoecimentos.

Mendes (2007c, p. 55) chama a atenção do que Christophe Dejourns conceituou de patologias sociais da sobrecarga, que são as lesões relacionadas à hipersolicitação. A sobrecarga é neste contexto de origem social, cuja dinâmica, relaciona-se ao excesso de tarefas realizadas pelas mulheres nos diferentes lugares do trabalho, assumindo uma demanda acima de sua capacidade, que não chega a ser reconhecida como algo que potencializa adoecimento. Mas em todos os grupos da pesquisa verbaliza-se a queixa dos múltiplos fazeres, e o dar conta de tantas atividades, onde gera cansaço, estresse, irritação, para as trabalhadoras rurais.

Mendes cita ainda que é na relação da adversidade e liberdade que pode instalar-se a sobrecarga. A liberdade é limitada pelas exigências do trabalho, que resgata os registros de exigência do sujeito para consigo mesmo.

Tenho 4 filhos, quando chego faço o serviço doméstico que é sempre todo o dia a mesma coisa arrumar, a casa quando não dá tempo de arrumar de manhã, arrumo a tarde e levo pela noite. Venho pra cá manha e tarde, eu e meu esposo trabalhamos, ele não tem trabalho fixo, ele trabalha com balsa, no roçado, no campo (Florle).

Meu marido, no pensamento dele, se ele tivesse condições eu não estaria aqui, de jeito nenhum, como não tem, o jeito é dividir esse lado, tem as contas, tem o comércio, tem a luz, a água pra pagar (Flormar).

As verbalizações das trabalhadoras demonstram aquilo que a autora enfatiza: quando o sentido do trabalho é o ganha-pão, pode ocorrer essa patologia, considerando a trabalhadora e as características de determinados trabalhos, como a precarização dos contratos de trabalho, ou situações articuladas ao trabalho, que podem causar sofrimento.

Na mesma direção, mas em perspectivas diferentes, a centralidade do trabalho pode levar a trabalhadora, pela necessidade de realização e reconhecimento, elementos nucleares para a identidade, subjetividade e emancipação, a considerar que todas as oportunidades devem aproveitadas, usando seu talento e competência intensamente, o que pode implicar uma expropriação exploração do trabalho pela aceitação das demandas que vão além das suas condições físicas, psicológicas e sociais (MENDES, 2007c, p. 55).

Portanto, existem fatores que aumentam o grau de exploração dessa força de trabalho, potencializando fatores de riscos, e acidentes invisíveis, na engrenagem do trabalho, casa-associação - agroindústria - plantio, tão associados pela trabalhadora como a parte que lhes cabe. Como relata a trabalhadora do Grumascoppe:

Trabalho em casa, na Ascope, no campo e no Grumascoppe. Gosto mais dos papeis da cooperativa e da agricultura. A noite eu faço os trabalhos de casa. Eu capino, tiro a bruxa do cupuaçu, na época da melancia eu também trabalho (Flornaz).

Destaca-se que no Grumascoppe, quando ao analisar o espaço de trabalho e a sobrecarga, as mulheres se ressentiam de dividir responsabilidades intrínsecas de seu cotidiano de casa com as tarefas da associação, gerava sobrecarga ao conciliar diferentes atividades e dar conta dos diversos afazeres. Porém, por outro lado, a associação, permitia também o relaxamento, a amizade, a liberdade, e as realizações advindas do trabalho no

grupo, era como uma descarga das múltiplas tarefas domésticas, por conseguinte, constata-se nessa dinâmica que o Grumascopoe potencializava saúde.

Para Dejours (2009) "se um trabalho permite diminuição da carga psíquica, ele é equilibrante. Se ele se opõe a essa diminuição, ele é fatigante". O autor afirma ainda que:

Um trabalho livremente escolhido ou livremente organizado oferece, geralmente, vias de descarga mais adaptadas às necessidades: o trabalho torna-se então um meio de relaxamento, às vezes a um tal ponto que a tarefa terminada, o trabalhador se sente melhor que antes de tê-la começado: é o caso do artista, do pesquisador, do cirurgião, quando estão satisfeitos com seu trabalho. É preciso então postular a existência de uma carga psíquica negativa do trabalho, ou de uma "descarga psíquica" de trabalho. Esse é o caso do trabalho que reveste em proveito da homeostasia. Estamos aqui dentro do enfoque do trabalho equilibrante (DEJOURS, 2009, p. 25).

Para as trabalhadoras do Grumascopoe quando se fala sobre o trabalho na organização configura-se, de tal modo, o sentimento de lutas, apropriando-se de conhecimentos novos e espaços conquistados dentro da Comunidade, o que possibilita saúde, pela obtenção de auto-estima e confiança ao gerir um grupo, mesmo com todo estresse, ansiedades e tendo a conciliação de diferentes atividades, via finalidades a serem alcançadas:

O que queremos e precisamos como visão de futuro para o Grumascopoe? Queremos algo novo para manter o grupo, queremos um grupo autossustentável para continuar crescendo, nos especializar nos produtos que fazemos a fim de agregar valor e qualidade ao nosso produto, precisamos de curso para melhorar nosso produto, queremos um lugar apropriado para trabalharmos com os alimentos, precisamos de mercado para venda dos nossos produtos e assim manter o grupo em atividade constante e solidariedade (Florna, Florsi, Florai, Florel).

Vale refletir uma condição em que o agravo a saúde ganha diferentes aspectos e significações, a partir de quem executa. O trabalho da mulher, efetivado junto com o marido, dito como ajuda, gera renda, para si, e para a família. Porém, nele, computa-se a sobrecarga de múltiplos fazeres e deveres, que tornam invisíveis os processos de adoecimento, por não estarem atrelados aos trabalhos, com jornadas fixas, e, sim, como uma renda extra para si, logo, não identificado como trabalho, mas como ajuda. No caso do homem, o marido, realizando a mesma atividade, há visibilidade da exploração no trabalho, se reconhece a possibilidade de adoecer, naquilo que faz.

3.4 Saúde da mulher e o trabalho na agroindústria

Segundo o coletivo de trabalho, evidencia-se uma variedade de agravos à saúde, provenientes das posições na execução do trabalho, abrangendo dores em diferentes partes do corpo, em um amplo leque de problemas referenciados, que podem causar danos e doenças relacionadas ao trabalho.

Deste modo, foram verbalizados sintomas, tais como: dores nas costas e lombalgias, que estão relacionadas ao trabalho físico/pesado e às posições incômodas, na realização de determinadas atividades, por ficarem muito tempo em pé ou sentadas em posições inadequadas. Como pode ser comprovado pelas falas das trabalhadoras da agroindústria:

A dor fica muito tempo em pé, dor nas costas de ficar carregando caçapa, que muitas vezes nós carregamos (risos) as pernas ficam doloridas, quando ficamos muito tempo em pé, dor na cabeça de ficar no lugar muito quente, e o estresse porque chegamos em casa muito estressada (Flormari)

Quando carimbo os sacos, nossa! minha mão, meu braço, nem sinto (Florcle)

Na agroindústria, dependendo da sala, existem determinados trabalhos que implicam movimentar e/ou levantar objetos pesados de forma intensa, como nas atividades de ensacar, pesar e selar as polpas.

Associado ao processo, também é exposto as cobranças por produtividade e jornadas de trabalho prolongadas, que acarreta situações de irritabilidade, ansiedade e estresse, que é definido por Mendes (2008e, p.166) como um fenômeno resultante de uma tensão acumulada em função do contínuo e intenso esforço do indivíduo para se adaptar às demandas internas ou externas que lhe são impostas pelas dimensões da organização, das condições e das relações sociais do trabalho e, aqui também, de vida.

Brasileiro e Macedo (2010) recorrem a Dejours (1992) quando indicam que a ansiedade e a insatisfação são sintomas constantes nas vivências dos trabalhadores:

A insatisfação pode estar relacionada ao conteúdo significativo da tarefa, que engendra um sofrimento cujo ponto do impacto é, antes de tudo, mental, em oposição ao sofrer resultante do conteúdo ergonômico, o qual se relaciona com as exigências de ordem física e psicomotora (BRASILEIRO & MACEDO, 2010, p.420).

Ao fazer correlação com o que foi relatado pelas trabalhadoras, pode-se relacionar o sofrimento de conteúdo mental à inadequação do conteúdo das atividades, às potencialidades das trabalhadoras, além do conteúdo ergonômico, como exigências físicas, químicas e

biológicas. "A insatisfação está na origem de numerosos distúrbios somáticos, além de outras doenças do corpo" (DEJOURS, 1992, p.78; BRASILEIRO & MACEDO, 2010, p.420)

Ao olhar para além do que é expresso, confirma-se que a ansiedade responde aos ritmos de trabalho, como observa-se nos relatos:

Aí à tarde a gente tá cansada, tarde, a gente tá com as pernas, socorro, insuportável, ai! Ai as minhas costas, eu tô sentada aqui mais as minhas costas aqui, tá horrível, quando chega em casa você vai fazer comida pra trabalhadora, você vai lavar roupa, você vai lavar louça, você vai arrumar casa, você vai fazer tudo. E aí é assim que é estresse, é muito estresse, porque é o trabalho da mulher trabalhadora (Florbe)

Tem dias que ela está tão estressada, que é só olhar, ela fica na dela, toda sufocada (Florcle)

Os problemas de saúde estão relacionados a diversos tipos e condições de cargas de trabalho de natureza diversa, como verbalizado pelas trabalhadoras da agroindústria, além das dores nas pernas e costas, também expostas como outros fatores que causam incômodos e irritação, é o ruído de algumas máquinas ou mesmo no manuseio dos recipientes:

O que me irrita é esse barulho aqui, aí chega assim quando chega 4:00h e 4:15h, aí o patrão diz: vamos até 4:30, 5:00 horas [...] vai dando um estresse, quando penso que vai chegar em casa e tem que ir pra a aula novamente...aí que estressa mesmo (Florai).

Ave Maria! a gente fica escutando até quando esta em casa. Eu passo sábado e domingo e segunda parece que tem um grude aqui, ainda tem um menino que trabalha com a máquina, aqui, é plei, plei, plei, ai meu Deus aquilo parece que vai dentro do miolo da gente e essa zuada, ou então aquele barulho, batendo, Nossa Senhora! Curumim pula aí pra dentro (Florcle).

Associando o ruído das máquinas à sensação térmica dentro da sala fechada, intensifica o que chamam de nervosismo, além de potencializar dores de cabeça proveniente das condições do ambiente de trabalho.

Aqui é estressante, aquela sala é quente, quente que ninguém aguenta. Aqui então, tem essa seladeira que é quente, mas a gente aguenta (Florcleo).

Verifica-se que as atividades no contexto da agroindústria, que podem causar dano à saúde, estão relacionadas a vários fatores nocivos que podem acarretar distintos agravos e acidentes de trabalho. Para Brito (1999, p. 154), a relação entre saúde e trabalho da mulher nem sempre se apresenta de forma suficientemente transparente, as queixas inespecíficas, devem ser analisadas como sinais de alerta, tendo nas informações, subsídios que devem ser

compreendidos qualitativamente, como indicativos dos efeitos do processo de trabalho sobre o corpo feminino.

3.5 Saúde das trabalhadoras nos plantios da Vila do Engenho

Em outro campo de trabalho na Vila, as trabalhadoras dos plantios, também fazem referências a dores nas costas, nas pernas, nos braços, provenientes das posições que são necessárias para efetivação de seu trabalho.

Eu acho que um pouco, que nem eu já sentir né, eu tenho, já teve uns dias aí que eu não vou fazer é de eu apanhar pimenta na posição que eu apanho, eu não consigo eu não faço porque eu não consigo eu sinto muitas dores na perna de ficar ali acocada (Floris).

Elas sentam assim na beira do balde abre a perna e vai botando a pimenta aqui né, e eu não só ponho a pimenta aqui nessa posição, as vezes eu vou, vou, apanho, apanho é que é muita, muita pimenta aí eu fico ali 5, 10 minutos só naquela posição quando eu vou voltar, minha costa dói. Teve dias de a gente apanhar pimenta o dia todo pela manhã eu não sentir nada, mas a tarde, eu começo a sentir dores nas costas. É só a única posição que eu não, mais porque eu não consigo mais as vezes eu ainda fico um pouquinho ali acocada, mais a maioria das vezes a maior parte do tempo eu não consigo (Floris).

As dores são referenciadas pelas posições em relação a postura necessária para execução da tarefa, que obriga a ficarem horas sentadas em cima de latas, para colheita da pimenta, ou horas agachadas, causando incômodo e inchaço nos membros inferiores. Além disso, quando não davam conta de executar a atividade, optavam pela posição de curvatura da coluna, o que refletia em dores nas costas, além de não conseguirem colher pimentas nas plantas mais baixas, precisando quase sempre da cooperação das outras mulheres, para melhor executarem o trabalho.

Não pode pegar por cima, mas não posso pegar por baixo ... eu sento na beira do balde (ri nervosa) para pegar... pegar em baixo, agora pra pegar em cima eu fico em pé, dali, que ele bota a gente pra lá, que desde começaram apanhar, ele me bota pra lá (pimental novo, tem que tirar por baixo, os antigos é mais por cima) e eu acho meio....mas é que eu não falo, pra ele, porque as meninas quando não querem um serviço elas falam, já eu não gosto, assim de falar, por mais que eu não aguente, eu fico (duas fileiras por dupla). Eu levo... não tenho nem ideia, tipo assim eu tiro um balde (Flocla)

As dores de articulações, muitas das vezes, são reconhecidas e associadas a outros fatores, não ligados ao trabalho, ou quando se acostumam com a situação do trabalho dissipando para esta, riscos e danos:

Eu mesma estava com uma dor no joelho tava dizendo que era até reumatismo, porque essa posição de ficar na lata, da dor no joelho (Flornaz).

Eu estou tão acostumada as vezes, vou de pés, as vezes vou de cócoras, aí a gente se acostuma, eu não era acostumada (Flornel)

Nos plantios de maracujá, na atividade de polinização da flor, foram citados, principalmente, dores nos braços, por permanecerem quase sempre esticados, assim como dores nas mãos, pelos constantes movimentos com as pontas dos dedos para coleta do pólen das plantas.

Outro aspecto está relacionado à necessidade de andarem em média cerca de 100 a 200 metros na polinização do maracujá, assim como referenciam dores nas pernas, relacionadas às horas que ficam em pé, uma vez que o trabalho exige que estas andem, de uma fileira para a outra, causando uma sensação de peso nas pernas, e inchaço.

Não tem nada que me deixa chateada aqui, eu gosto, o que cansa mais é o maracujá, porque fica andando, e aqui (na pimenta) você não anda muito, é quase todo tempo no lugar.No maracujá as pernas ficam 'quentando' um pouquinho que fica andando de um lado pro outro (Flortal)

Outras queixas relacionando trabalho e saúde, estão pautadas ao trabalho no campo aberto e aos longos períodos de exposição ao sol, causando fadiga pelo calor, fortes dores de cabeça, dores nos olhos relacionados à claridade, além de irritação e nervosismo, como expressado na fala: *O sol aguneaia, eu fico chateada (Flortal).*

Haa, mana, se eu pegar muito sol, dói minha cabeça, inclusive eu tô até gripada, ai eu fico quebrada (Florari).

Eu tenho uma dor no meio do espinhaço, que eu não sei de onde vem essa dor, eu acho que é da anestesia, que eu sou operada, acho que é disso ...ai é que dói mesmo, a noite, quando eu fico abaixando e levantando, abaixando e levantando... aiii, a noite. Mas ai, tem outras coisas em casa, pra fazer, ai tem que tentar, ai em casa trabalha, tem que acordar cedo, e tem que acordar mais cedo pra fazer uma merendinha, pra merendar (ovo frito com negócio né) e a gente chega cedo 6:15 horas até 11:00 horas e pouco, e depois de 13:00 até 17:00 horas (Florari,).

Todo o tempo, me dá dor no quadril e o sol esquenta e não tem como sentar, é sempre assim curvada, o tempo todo, e assim, nessa fileira (Flordal).

Mendes (2007c, p. 59) afirma que a fala não pode funcionar como um simples meio da tradução da realidade dos sujeitos, mas como um modo de clarificar as redes de relações que os sustentam, modos e meios de trabalho.

Eu trabalho aqui porque eu gosto de trabalhar eu nasci e me criei trabalhando no pesado, trabalho no roçado desde quando eu me entendi, meu pais eram pobre e me criaram no roçado trabalhando, e agora estou com essa idade, mas não gosto de ficar em casa prefiro tá trabalhando, que cuidando de casa, eu cuido da minha casa, mas prefiro vim pra cá. O trabalho aqui é leve, o trabalho pesado é de roçar capinar de enxada, tesado, e aqui é maneiro. Eu carrego o balde pra cá quando tá cheio, eu levo esse balde, umas 4 vezes, eu encho esse balde. Trabalhar um trabalho honesto é bom, fico feliz, me sinto com saúde, porque se eu fico só em casa comendo, eu fico cheia de dor, eu me sinto preguiçosa, eu trabalhando aqui, eu me sinto bem.(Floreiz, mulher trabalhadora da colheita de pimenta).

Ao descreverem seu trabalho, as trabalhadoras deixam entrever as exigências das atividades e as consequências à saúde, no entanto, ao descrevem o que fazem e o que sentem, não são facilmente articuladas a condição do trabalho. Todavia, ao refletirem e verbalizarem sobre o trabalho, estabelecem agravos decorrentes de uma série de atividades e situações de trabalho que põem em risco a saúde da trabalhadora rural.

Na construção permanente de um quadro de agravos, as trabalhadoras reconhecem as dores e os problemas de saúde em relação às atividades, porém ao serem caracterizadas como simples, leve, evidencia-se, falta de clareza, quanto a associá-las a atividade específica, que pode colocar em risco, causar agravos e acidentes de trabalho, naquele coletivo. No caso das agricultoras, as condições de trabalho colocam a trabalhadora de frente a riscos decorrentes da especificidade do trabalho, além da exposição cotidianas de sol, chuva, risco de picadas de animais peçonhentos, acidentes de diversas causas, como também em relação à exposição aos agrotóxicos que pode propiciar o aumento do índice de morbidade e doenças ocupacionais.

O veneno, usam ai... chega, ai vem matando a gente aquele veneno (Florari).

Pesquisas na área de Saúde do Trabalhador têm apontado para a preocupação com os agravos à saúde de agricultores decorrentes da utilização de agrotóxicos, pois o trabalho agrícola é uma das mais perigosas ocupações na atualidade. Os autores apontam que a problemática da saúde do trabalhador rural com uso de agrotóxico é uma situação grave com medidas ainda tímidas para resolução dos problemas (SCHMIDT E GODINHO, p. 28, 2006; FARIA, FASSA & FACCINI, 2007, p. 26; SILVA E RAMOS, 2008, p.161).

Os agravos narrados mais visíveis são aqueles relacionados ao uso de agrotóxicos, tais como: dores de cabeça, náuseas, coceiras, incômodo na região dos olhos (chamado de

ardência). Verifica-se que as trabalhadoras embora se preocupem com o veneno pelos efeitos orgânicos imediatos que sentem, não o identificam como perigo para a saúde, apenas como incômodo, como expressa a fala a seguir:

As coisas que vê que pode causar doença aqui... as vezes a gente é que tem que se proteger a gente as vezes é alérgica, por causa do sol e fica espirando (Florari)

Para a trabalhadora, como fica evidente no discurso acima, quem tem que se proteger é o trabalhador. Evidencia-se que há um desconhecimento quanto aos perigos da exposição ao uso do agrotóxico, de forma que são relatados sinais e sintomas relacionados à exposição do produto como dores de cabeça, entretanto, passam a automedicarem-se e assim continuam a trabalhar, como demonstra a pesquisa de Nina (2002, p. 59):

a automedicação é uma prática comum para 18,44% dos entrevistados, os quais fazem uso de analgésicos sem orientação médica para aliviar dor na cabeça. Outros 35,50% declararam que nada fazem para amenizar os sintomas de intoxicação.

Para Waichman (2003; 2008), a automedicação correlacionada ao desconhecimento dos profissionais de saúde quanto aos cuidados e notificação de casos, são diluídas nas estatísticas, compondo o quadro de desconhecimento e despreparo quanto aos cuidados e tratamento de trabalhadores intoxicados na área rural.

O número de casos derivados da exposição ocupacional é desconhecido, pois a maioria deles não é registrada devido a que acontecem nas áreas rurais longe dos serviços de saúde. No caso de envenenamento crônico, são mal diagnosticados porque raramente os agrotóxicos são identificados como agentes causadores dos sintomas, principalmente quando a diagnose é baseada unicamente nos sintomas apresentados pelo paciente. Os serviços de saúde dos municípios do interior do Estado do Amazonas sempre atuaram em condições precárias frente à realidade do estado de saúde da população local e os riscos impostos pelas condições ambientais da região (WAICHMAN, 2008, p.46).

A subnotificação faz parte do cenário da região, a enfermeira da Unidade Básica de Saúde da Família Expedita de Holanda, no período da pesquisa, informou que os sintomas informados pelos trabalhadores, não são registrados ou notificados como decorrente ao uso de agrotóxico, disse da necessidade de treinamento na área para melhor identificação dos casos.

Machado (2013, p. 61), em pesquisa realizada na área, constatou que na Unidade Básica de Saúde da Comunidade (UBSF - micro área 10) as principais doenças e agravos são subnotificados, não constando informações realísticas nos dados oficiais da localidade e

consequentemente município, aparentando uma baixa ocorrência de acidentes de trabalho, intoxicações e correlatos.

Quanto aos sintomas relatados na área rural do Amazonas, observa-se que não se distancia da realidade constatada em estudos realizados por Schmidt e Godinho (2006, p.35), com produtores rurais quanto aos sintomas e medidas preventivas, sobre intoxicações pelo uso de agrotóxicos, os principais sintomas apresentados pelos entrevistados são: dores de cabeça, irritação nos olhos, tonturas, náuseas, excesso de saliva, desatenção.

Nina (2002) corrobora com as pesquisas realizadas, com dados sobre os produtores rurais, no ambiente de Várzea, no município de Manacapuru/Amazonas, quando constatou que:

De um modo geral foi observado o relato de sintomas de intoxicação por parte dos produtores rurais. A grande maioria 57,93% declarou sentir dor de cabeça, tonteira, enjôo e dor no estômago durante ou após as pulverizações dos cultivos com agrotóxicos (NINA, 2012, p. 57).

Os dados das pesquisas, quanto as queixas, também foram identificados pelas trabalhadoras da Vila do Engenho, quando dizem ter com frequência dores de cabeça, coceiras nos olhos, enjoo, coceira no rosto e irritação na pele, os relatos coincidentemente são vinculados à aplicação.

No andamento das entrevistas, faziam uma pulverização e o vento estava na direção das pimenteirias, trazendo a solução pulverizada em direção das trabalhadoras que entram em contato indireto com o produto aspergido, causando ardência nos olhos e irritação na pele:

Sinto muito cansaço do sol, porque borrifam muito que nem tá aqui, olhe...a gente pega, arde o rosto da gente, a gente tá aqui e dá uma coceirinha, vai coçar ...olhe aqui isso branco, é veneno que eles borrifam, e quando pega no olho fica ardendo (Flordal)

Outros sintomas relacionados aos agrotóxicos pelas trabalhadoras, também traduzem um quadro comum de agravos evidenciados através dos relatos, pela exposição indireta do uso:

O veneno, usam, aí chega, aí vem matando a gente aquele veneno, aquele cheiro forte, aquele abacaxi vem (homem) arranhado, fede, também é o veneno quando eles passam por ai aquele veneno, eu só falto morrer de colocar os bofes pra fora ...é lógico (Florari)

Tais sintomas, relatados pelas trabalhadoras dos plantios na Vila do Engenho, relacionam-se aos perigos do uso de agrotóxico, como as náuseas identificadas, em

decorrência da aplicação do veneno, uma vez que quando se faz a aplicação do produto, nas culturas, as mulheres quase sempre estão presentes na área no momento da aplicação, potencializando doenças provenientes da exposição às substâncias.

Os agravos ou danos à saúde das trabalhadoras devem ser compreendidos como expressão do social e cultural, das mudanças de tecnologias, transformações das novas necessidades no mundo do trabalho agrícola, sua organização e processos, tudo interligado na Vila do Engenho.

No caso da saúde da mulher trabalhadora tudo é vinculado como processo sociocultural, trabalho-saúde-doença. Com propriedade, Vasconcellos (2011b, p.415) ressalta que a saúde do trabalhador, na medida de sua vinculação ao conceito irrestrito de saúde, tende a se ampliar na mesma direção da base conceitual em saúde de si mesma.

Por tudo isso, concorda-se com Silva et al (2013, p.347), quando afirma que o trabalho na agricultura pode constituir-se num trabalho perigoso para a saúde das trabalhadoras. Assim como as situações específicas do processo e da organização do trabalho, somam-se as condições de vida, saúde e trabalho como baixos salários, o despreparo dos profissionais de saúde para lidar com os problemas causados pelo trabalho e ainda o reconhecimento de seu papel de trabalhadora.

Neste contexto, o reconhecimento do trabalho para a mulher é fundamental, instituindo-as como trabalhadoras, dando, portanto, a visibilidade e assim garantindo direitos. Cabe então entender que a ajuda é trabalho e o trabalho é para ajudar, dando sentido e significações, nos diferentes lugares desse fazer, constituindo trabalho. Questões que são para além do semântico, onde indica reconhecimento, portanto, constitui-se saúde e visibilidade aos direitos das mulheres trabalhadoras.

3.6 Reconhecimento do trabalho na híbrida relação: ajuda ou trabalho

Para quem tem marido é uma ajuda pro esposo e quem não tem é uma ajuda pra ela mesma (Florani).

As mulheres se auto reconhecem e são reconhecidas como agricultoras, assim como são valorizadas nos diferentes espaços do trabalho, como a tese evidencia. Na condição de ser trabalho, a ajuda foi identificada nas diferentes atividades, onde o status de trabalhadora foi se constituindo.

O provimento enquanto viver é ajuda para o outro e para si, na condição intrínseca do trabalho. A renda complementar, no discurso da trabalhadora, que entra como ajuda, esconde uma realidade das mulheres que vivem do trabalho, visto que na verdade se constitui como sustento da casa e às vezes como a única fonte de renda da família. Como, observa-se na fala da trabalhadora:

Como aqui, na segunda a gente tem que vim mesmo já é fixo, pra bem dizer, aí o meu já conta mais com água, luz, essas coisas aí, prestação de eletrodoméstico. E nisso de trabalho ou ajuda, pra mim é trabalho, trabalhar pra mim, hum, é como uma ajuda porque diferencia assim, trabalho é emprego entendeu, emprego eu digo que é de carteira assinada, agora trabalho aqui, eu trabalho, porque eu digo assim eu venho quando eu quero, assim na segunda, e dia de quarta e quinta eu venho quando eu quero, eu acho assim que na minha opinião diferencia trabalho pra emprego e pra ajuda (Florisau).

Eu não vou dizer que ajuda que, a necessidade é muita, não chega a suprir a minha necessidade, que eu tenho 2 filhos, por uma parte sou grata mas não dá pra suprir a necessidade dos meus filhos e a gente tem isso, aquilo outro, o meu marido também é daqui do plantio (Florisau).

Como a quilha da canoa que dá direção, há uma trajetória de questionamentos sobre o trabalho da mulher na agricultura, onde se constitui o encontro do que se viu e vê, e daquilo que se escuta sobre o seu trabalho. Apresenta a reflexão, e constata-se que, o que é verbalizado como ajuda, é trabalho, neste sentido, o que se desenha como ajuda está no conteúdo, um sentido de horas de trabalho da lida da mulher, a palavra decifra para além do conceito, e outorga a intersubjetividade, sendo possível a compreensão do que é esse ato de trabalhar, que nas falas de quem confere a este trabalho, se diz “ajuda”. E a ajuda, é o próprio trabalho.

Na realidade dessas trabalhadoras, poderia ser questionado, do que adoecer e no que se adoecer no trabalho, se não existe o trabalho e sim a ajuda, relativizando-se dessa forma o adoecimento, uma vez que não aparecem riscos no que não é considerado trabalho. Então, possivelmente, as estatísticas não revelam a realidade de agravos e doenças de mulheres na agricultura, números estes que são invisibilizado nas estatísticas, no cotidiano da ajuda.

O reconhecimento que tudo é trabalho, tem aqui conexões entre saúde e doença, uma vez que no caráter secundário que é atribuído ao trabalho da mulher, o não reconhecimento deste como trabalho, em geral, não corresponde à sua importância em termos de geração de renda e invisibilizando registros de agravos dessas trabalhadoras e acesso a benefícios sociais.

Na relação trabalho/ajuda, constata-se que quando se faz atividades para a vida doméstica ou quando trabalha para os trabalhadores de seu roçado, tanto na produção de

alimentos, como no plantio de culturas no seu roçado, ora fazendo covas ora colhendo a produção, ou seja, quando as relações são menos complexas, é ajuda.

Eu digo assim que não é trabalho porque não é escritório. Eu digo assim, é aqui com o marido é ajuda ou ali, ele é primo do meu marido (Flores).

Só que extrapola agora as linhas do quintal, já que há mulheres trabalhando diariamente fora de casa, na linha imaginária de trabalho enquanto ajuda, para a família, um apoio que ganha elasticidade e aí, a relação do ganho como ajuda. Porém, a ordem é do padrão, mesmo parente. Então ajuda, é trabalho.

Recorrendo a Ricoeur (2006, p.17), têm-se conceitos reconhecer a partir do conhecer, reconhecer, que permitem a direção do que se conhece ou reconhece na discussão do trabalho e da ajuda na Vila do engenho.

Para o autor, o conhecer se dá por algum sinal, por alguma marca, por alguma indicação, uma pessoa ou uma coisa jamais vista antes. Aqui então, é o conhecer novas/velhas formas de trabalho feminino o que era considerado de menor importância, caracterizado como ajuda. Conhecer um trabalho que entrou na demanda dos plantios da Vila, se tem agora, a presença das mulheres em números cada vez maiores nas plantações da comunidade.

Reconhecer, colocar novamente na mente a ideia de alguém ou de algo que se conhece. Então, se reconhecem mulheres na Vila que contribuem para o equilíbrio e estabilização do orçamento doméstico em períodos de colheitas, e que vem se apresentando agora, intermitentemente, não mais só nos períodos de safra, mas também pelo período da necessidade.

São reconhecidas como trabalhadoras, em seus diferentes afazeres, como comprova o relato de um produtor agrícola, *"na agricultura, elas são agricultoras, tem as que participam do processo todo, tem algumas senhoras que até participam de borrifação, mas isso já é uma parte, exclusivamente pelo homem" (homed).*

Para Ricoeur (2006, p.17), chegar a conhecer, a pertencer, a descobrir a verdade de algo, ou seja, reconhecer, é comprovar a importância deste trabalho, que não se trata apenas de uma questão de valorização econômica e produtiva, mas se apresenta como afirmações de direitos e da própria identidade social da trabalhadora rural da Vila do Engenho.

Na agricultura familiar o homem é responsável pela preparação da terra, aplicação dos agrotóxicos e todas as atividades que demandam força física. As mulheres compõem uma participação em diferentes etapas dos processos de trabalho na agricultura, porém, em todas

estas, direcionadas à subsistência da família, são vistas como ajuda, mesmo quando as mulheres estão em um contexto de trabalho em que exige esforço físico e ritmo de trabalho excessivo. Verbaliza-se ajuda, a um trabalho executado pela mulher, por vezes penoso, tal qual ao realizado por homens.

É no território da simbolização expressa pela linguagem, do que é trabalho, e de que é trabalhar, que se constitui como problema, de modo especial, ao defini-lo como trabalho ou como ajuda. Quando o trabalhador fala de trabalho, estabelecem-se alguns termos, expressos de diversas formas como: troca de dia, diária, plantio de meia, dentre outras denominações, observa-se ainda o termo ajuda, como trabalho.

Na rotina do trabalho, quando um trabalhador chama outro homem para o trabalho, chama para fazer trabalho de meia, troca de dia, e é trabalho. Quanto a mulher se referia a um trabalho similar dizia: *vou fazer uma ajuda*, e era trabalho, como diária. A expressão ajuda ocultar diferentes formas de trabalho, e se faz presente nas relações de trabalho na Vila do Engenho.

Por outro lado, a mulher no espaço de reprodução social da casa e do quintal, onde ela vivencia o seu cotidiano e como assume uma função central de administrar e executar os afazeres domésticos, é considerado um trabalho fadigoso e árduo. Neste contexto, a palavra ajuda, não se faz clara. Porém, quando exercer atividades fora do espaço doméstico, independentemente do motivo, elas classificam e identificam suas atividades como ajuda ao marido que trabalha.

É difícil ter pirão separado (Flores)

No núcleo do sentido expresso na fala, o encontro significado do trabalho da mulher, expressando, para além do que é visibilizado nos processos de produção, quando a mulher exerce outras funções, como o da sementeira, transportar o carrinho de mão ou carregar sacas para dentro do caminhão, sentem-se valorizadas e transitam nesse campo de poder, quase que exclusivo do homem, principalmente no tocante à cultura interiorana.

Na interseção do trabalho com a ajuda, os espaços são permeados de significações, aceitos pela cultura. A fala transforma, a palavra ajuda o sentido de partilha, de troca, o sentido da ajuda sendo semeado nas histórias de vida das trabalhadoras.

Para desvelar tal condição de trabalho, que impacta em invisibilidades e reconhecimentos, questiona-se a trabalhadora, que trabalha no plantio: "ali, o marido e a mulher, o que ela está fazendo?" A mulher responde: "ajudando". E continua-se a perguntar:

"E o homem?" Ela responde: "trabalhando". Observam-se no mesmo trabalho, significações diferentes, que estão para além, do que se vê, um retrato do cotidiano na Vila do Engenho: *eu ajudo e ele trabalha* (Flores), expressões da realidade do lugar para entender o trabalho.

Para as mulheres, o trabalho é situado em relações mais complexas, com contratos de trabalho regulamentados pelas leis trabalhistas, como no comércio e em outros lugares em que a complexidade do processo de trabalho seja assinalada, não pelo parentesco, mas pelo contrato. Por isso, para algumas mulheres na propriedade agrícola de Homed, algumas trabalhadoras identificam como trabalho e para outras como ajuda. Assim como verifica-se na agroindústria, por ser da família cooperativada, identifica-se como ajuda e as que não tinham parentesco, identifica-se como trabalho.

O dinheiro pra mim não influencia não, trabalho... eu ajudo quem trabalha é ele (Flores).

A gente vive nesse mundo pra servir uns aos outros , eu não digo vou trabalhar eu digo marido vou dá uma ajuda pra Florrize (Floran).

Tudo parente, então tudo é ajuda (Florrize).

A tese de que a ajuda dizia mais que o papel secundário na divisão das tarefas, revestiu-se em fato, uma vez que se concentrou ao encontro do sentido/significado expresso nas palavras das mulheres quando dizem que *se ajudam* quando não têm marido ou *ajudam o marido* no cotidiano do trabalho. Então, a ajuda, nas falas narram mais que o ato ou o papel coadjuvante, ali está expresso a correspondência de coletivo, de estar junto, da partilha.

A diferença está no espaço da ajuda e do trabalho dito e pensado, enquanto enigma, a linguagem se reveste em poder, naquele espaço da agricultura, *se ajudo, participo, se trabalho eu divido. Tudo é trabalho.*

O que muda entre trabalho e ajuda é a maneira como a mulher define o trabalhar. E no sentido da cultura local, para quem administra os ganhos é trabalho, independente do espaço deste trabalho, trabalho é ajuda, e ajuda é trabalho. Quando ela dá uma ajuda ela ganha, e vê o ganho como contrapartida sua, no orçamento da família.

Na composição das falas são considerados trabalhos, as atividades desenvolvidas tanto no seu roçado, como nas propriedades em que atuam como diaristas, fluxo de oposição às atividades próprias da casa. Porém dentro das atividades agrícolas existem as que atendem as especificidades femininas, tais quais colher pimenta, polinizar maracujá, semeadura ou

limpeza dos cultivos, e, portanto, as tarefas podem perder o caráter de trabalho e passam a ser denominadas ajuda, equivalente ao que é, se constitui como leve ou pesado.

Na Vila do Engenho, as mulheres respondem às responsabilidades de diferentes papéis onde a condição de muitas, só o ajudar na casa, já não garante o sustento da família, então saem para exercerem outras atividades, fora do seu plantio e se deparam com processos diferenciados e sistematizados, assim como a organização, as condições de trabalho, prescrições e normas, tempos diferenciados do vivido em casa, em que essa complementaridade que é trabalho e ganho, é ajuda.

O reconhecimento do papel de trabalhadora é garantir melhores condições de vida e de saúde, assim como de direitos e benefícios decorrentes de seu trabalho, uma vez que:

A constituição de 1988 garantiu o acesso das mulheres rurais ao benefício da aposentadoria por idade aos 55, e a outros benefícios, tal como licença-maternidade remunerada. Uma das condições necessárias para o acesso aos benefícios da Previdência Social, principalmente no que diz respeito à aposentadoria, é a comprovação da condição de trabalhadoras rurais (BRUNER, 2004, p. 222).

Porém, culturalmente, as condições que se observam na área rural, trazem a lógica da condição de ajuda, que deve ser rediscutido com o coletivo de mulheres, uma vez que na agricultura, as mulheres trabalham tanto quanto os homens e por vezes executam as mesmas atividades, o reconhecer deve ser instrumentalizado, formalizado, e neste sentido os papéis habituais identificados como ajuda, pode mitigar consequências. A condição da ajuda, escamoteia e dificulta a comprovação de sua condição de trabalhadora rural e por conseguinte, limita direitos sociais e consequentemente intervêm na condição de saúde.

Para Maia e Lopes (2001, p.11), o trabalho das mulheres sendo considerado como ajuda, não aparece nas estatísticas oficiais como trabalho produtivo, dificultando o seu reconhecimento enquanto trabalhadora rural, consequentemente o acesso destas aos direitos mais essenciais de saúde e previdência, como por exemplo, o salário maternidade ou aposentadoria, garantidos por lei desde a constituição de 1988.

É complexo pensar o trabalho e as suas interconexões como a produção saúde doença, nas comunidades rurais na Amazônia. Embora na visibilidade, o desvelar que entre a ajuda e o trabalho, existe o complementar, de constantes interações e significações dos fazeres da mulher. Na Vila do Engenho, observam-se mudanças significativas no reconhecimento do trabalho da mulher na história do lugar, sua organização e sua participação nos diferentes espaços sociais

Em muitas comunidades, principalmente naquelas onde há a atuação de movimentos de mulheres [...] as mulheres começam a romper com os padrões comportamentais, a medida que passam a reconhecer-se enquanto trabalhadoras rurais ou agricultoras, e produzir maior igualdade nas divisões das atividades [...] (MAIA; LOPES, 2001, p.11).

Tudo é trabalho, seja quando a mulher ajuda, seja quando a mulher trabalha em casa, no roçado da família, na produção de alimentos, no plantio de culturas no seu roçado, em que passa horas fazendo covas ou colhendo a produção, seja quando trabalha/ajuda como diarista. Uma realidade invisibilizando, o trabalho, o sobretrabalho, uma relação complexa, que incide no processo saúde/doença na área rural, revestido em sentidos do trabalho ou do trabalhar na agricultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese discutiu o trabalho e sua inter-relação com a saúde numa perspectiva crítica, analisando superações paradigmáticas que compõem as vivências e a saúde da trabalhadora na agricultura, questões subjetivas ligadas aos processos e à organização do trabalho na agricultura, em diversos lugares onde este se efetivou.

Nesta pesquisa, objetivou-se identificar e caracterizar as relações existentes entre os espaços do trabalho, saúde e ambiente da trabalhadora rural, na organização do trabalho da mulher da Comunidade Sagrado Coração de Jesus e seu reconhecimento. De forma a conhecer os diferentes lugares, processo de trabalho e suas múltiplas atividades, determinante em sua condição de saúde. Através da criação de espaços públicos de discussão sobre o seu cotidiano, tornou-se visível as condições de trabalho e de saúde daquela que vive neste ambiente rural da Amazônia.

Ao ser desvelado, permite a produção de conhecimento que pode se desdobrar em caminhos do pensar e produzir políticas públicas mais próximas de uma realidade ainda periférica que é a saúde da trabalhadora rural. Os sentidos concebidos se traduzem, através das falas, que contribuiram para catalisar o processo de revelação-construção do vivido.

A pesquisa respondeu aos objetivos desde o primeiro capítulo, quando se relaciona as mudanças estruturais, discutido através do urbano/rural, desdobrando-se no segundo capítulo, em que se traçou nos lugares os processos de trabalho e o lugar da trabalhadora, dando visibilidade ao lugar do trabalho no cotidiano da mulher rural, que culminou com o terceiro quadro sobre a saúde da trabalhadora, a partir das falas sobre os problemas de saúde

referenciados por estas, onde o reconhecimento do trabalho da mulher propõem caminhos de direitos sociais.

As questões esclarecidas nos capítulos direcionaram o entendimento sobre qual o lugar do trabalho da mulher na Vila do Engenho, qual o sentido do trabalho no cotidiano de suas ações quando o trabalho é concebido como trabalho, ou ajuda, na dinâmica de suas múltiplas atividades. De forma que, a cada capítulo, foi se encontrando as questões postas como problemas, que a pesquisa desvelou.

Neste sentido, concebe-se a mulher como agente de mudanças, com saberes e vivências sobre seu trabalho, compartilhadas coletivamente, onde intervém, e vem transformando a realidade do trabalho e do lugar, de forma que estas, enquanto trabalhadoras, verbalizaram dores, alegrias, e apontaram a direção do que se deve intervir, em pesquisas futuras.

Constatado-se que, enquanto mulher trabalhadora rural, podem participar, intervindo no controle da nocividade, na definição de prioridades de intervenção e na elaboração de estratégias que transformam o olhar sobre a saúde da trabalhadora rural, conferindo a esta o direito de ser trabalhadora, onde se efetiva o trabalho, dentro e fora do espaço do roçado, da agroindústria e da casa.

As questões norteadoras da tese foram sendo respondidas, revelando a cada capítulo qual o lugar do trabalho da mulher na Vila do Engenho, onde esse trabalho era reconhecido como trabalho, na dinâmica de múltiplas atividades, o sentido do trabalho no cotidiano das ações na sistemática articulação com a saúde da trabalhadora rural.

Constatou-se que trabalhar é antes uma experiência com o real, o que se revela àquela que trabalha por sua resistência ao domínio da atividade, posto que, "quando um modo operatório convenientemente assimilado e elaborado não funciona adequadamente, colocando-nos diante do inesperado, encontramos-nos, sem dúvida, diante do real", portanto trabalhar é a construção de sujeitos, transformando formas para além da aplicação de procedimentos padronizados (MENDES, 2007d, p.17).

De forma que a mulher trabalhadora rural, convive com o paradoxo do enfrentamento, de se confrontar com obstáculos, de experimentar mudanças, sofrimentos e transformações advindas de novas formas de trabalho.

A tese evidencia que na Vila do Engenho, há histórias entrelaçadas à dinâmica da cooperativa, com protagonismo das mulheres no cenário das trajetórias de trabalho, nos processos de organização e de participação na comunidade. Constituindo a dinâmica de vida e

trabalho, onde a mulher vive a contradição e as condições não superadas que a geram de um modo, por meio da reflexão delas enquanto sujeitos, e, de outro, pela ação do sujeito que busca transformar as condições materiais que geraram tais contradições.

A fala de *Carmem Foro (2013) Vice-Presidenta da Central Única dos Trabalhadores e Secretária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CONTAG*, no Seminário internacional políticas públicas para mulheres rurais na América Latina e Caribe, afirmou que "no Brasil não se vive apenas um único modelo de agricultura, e queremos ser incluídas como agricultoras familiares em políticas de governo que se assemelham ao nosso projeto de desenvolvimento", tal afirmação promove visibilidade ao trabalho e aos processos de saúde/doença da mulher trabalhadora, que articular com a realidade das trabalhadoras rurais da Vila do Engenho, em seus diversos lugares do trabalho.

Ao problematizar o trabalho da mulher na agricultura e sua condição de saúde, verifica-se que a temática ainda é alijada das discussões e das políticas públicas direcionadas para aquela que mora no interior e trabalha como agricultora, com um conjunto diverso de atividades que se afoga num rio pouco conhecido, que é o fazer cotidiano, incorporado como necessário, por isso natural.

Tem-se nas comunidades na Amazônia a estreita relação entre esferas do público e do privado, espaços permitidos e transitáveis e espaços invisibilizados, neles contêm histórias de mulheres, tanto quanto mostra, o essencialmente moderno da história do lugar, que se refere ao transcender do estreito domínio do lar como espaço e ascender ao domínio do público, a agroindústria, o Grumascop e o trabalho como agricultora remunerada.

O espaço da vida rural, é o mundo que as identifica entre si, o mundo do trabalho no rural amazônico, com diferenças e similitudes, de outros lugares, à medida que, seus cotidianos de trabalho, de saúde e modos de viver na agricultura, são socialmente internalizados e por isso intersubjetivamente compartilhados.

Revela-se que o antigo e o moderno misturam-se ainda na qualidade de essenciais formas de dominação na Amazônia, tracejam-se linhas tênues do moderno que reflete lugares de trabalhos ocultados, e que cada vez mais, vem ganhando visibilidade nas esferas comuns do privado e do público. A mulher, na Vila do Engenho, reflete outro lugar, revelado, o da trabalhadora rural, reconhecendo-se nos diferentes papéis, registrando sua localização no mundo do trabalho.

As mulheres na Vila do Engenho constituem-se nesse mundo rural e reproduzem um universo simbólico de estar perto, na ajuda, no conselho, na criação de filhos, na participação

na comunidade, e nos diferentes lugares de trabalho em seus diversos formatos de reprodução e produção das formas de vida e de trabalho de um mundo rural, que ganham a visibilidade.

Um social constituído de tempos e lugares, é histórico, é transformador, enquanto perspectiva dialética, que se constituiu e vem se constituindo na vida social, do cotidiano. Deram os primeiros passos e crescem na comunidade no reconhecimento de serem trabalhadoras, sim, na agroindústria, nos plantios da comunidade e nos outros lugares da Vila do Engenho.

Quando os homens chamaram as mulheres para a associação, mesmo sendo por pressão externa, possibilitou a elas, um espaço público e político, enquanto sustentação da produção e da reprodução de formas de viver, onde a mulher tem seu papel dentro de casa, na criação dos filhos e na administração da propriedade com o marido, em todos os lugares de trabalho. Nas histórias do lavrado a fala da mulher em associação registrou um grupo que no dia a dia queriam registrar mais que a história do Grumascopo, mas reviver tempos de luta e vitórias, de mulheres, que fizeram nascer, na fala a responsabilidade do fortalecimento, de espaços de conversas, risos e trabalho, o lugar de autonomia.

Comungando com outros estudos sobre trabalhadoras rurais as mulheres que participaram da pesquisa, trabalhavam com o compartilhamento de saberes com outras mulheres, em espaços culturalmente revelados e delimitados na cultura do lugar. Nas constatações visíveis de trabalho, os movimentos constantes de mudanças no papel e no trabalho da mulher na Vila, não se trataram de uma prática simplesmente do fazer sem sentido ou politicamente neutra. Contatou-se, que foi geradora de novos espaços evidenciados e politicamente conquistados, nos quais foi se construindo no imaginário público/cultural, novas opções para promover transformações.

Neste lugar o trabalho da mulher é reconhecido como determinante no processo saúde/doença de trabalhadores agrícolas. De forma que a tese trouxe para o visível o processo de trabalho, revelando questões específicas da Vila do Engenho, no Município de Itacoatiara no Estado do Amazonas, sistematizando, refletindo o trabalho, registrou-se a compreensão da dinâmica e a necessidade de políticas públicas voltadas para as trabalhadoras rurais.

As mulheres trabalhadoras rurais que exercem suas atividades em lugares que constituem diversidade de fazeres no rural amazônico, aqui constituído pela agricultura familiar, no Grumascopo nos serviços oferecidos pelo Grupo de Mulheres em Ação no Sagrado Coração de Jesus Paraná da Eva, na agroindústria da Ascope lugar da produção dos insumos, polpas de cupuaçu e abacaxi. Essas mulheres trabalham no processo de beneficiamento dos frutos para serem comercializados, na agricultura, nos plantios, são

responsáveis por atividades de colheita e polinização, assim como em todas as atividades demandada pelo dono da propriedade, sendo de tal modo reconhecido nesses espaços como trabalhadoras rurais.

As mulheres na Vila do Engenho revelam o processo saúde/doença, condicionada pelo trabalho e pelo ambiente, compondo um cenário reflexo do ambiente na agricultura do lugar.

O Grumscope foi um investimento da mulher na superaração de medos, dando visibilidade da mulher enquanto trabalhadora, abrindo espaços de trabalho, constituindo-se um primeiro movimento de saída da mulher do lugar comum da casa. Para tanto, tiveram que acreditar em seu potencial e dando condições de grupo de sustentação de possibilidades do retorno ao estudo, de ganhar seu dinheiro e de ser reconhecida como trabalhadora e membro de uma cooperativa no trabalho com artesanatos, doces e serviços, em interlocução com a cooperativa.

Na agroindústria, constatou-se que o trabalho realizado pelas mulheres apresentava uma exigência de movimentos repetitivos, como na lavagem dos frutos, na quebra da casca do cupuaçu, no despulpamento do fruto e na sequências de etiquetar, dosar, pesar, e selar as embalagens para o processo de congelamento e em todos os procedimentos, proporcionando movimentos que causam dores e desconforto nas mãos, nas costas e pernas. Alguns movimentos, por exigir esforço físico, acentuam a condição de sofrimento pela repetição e sequência destes.

O ruído das máquinas na agroindústria verbalizado pelas trabalhadoras requer uma investigação mais acurada a fim de prevenir agravos relacionados à Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR), uma vez que as trabalhadoras disseram: *a gente fica escutando até quando esta em casa [...]tem um menino que trabalha com a máquina, aqui, é plei, plei, plei, ai meu Deus aquilo parece que vai dentro do miolo da gente e essa zuada.*

Segundo o Ministério da Saúde (2006), quando o ruído é intenso e a exposição a ele é continuada, há um risco da Pair, sendo um agravo mais frequente à saúde dos trabalhadores, estando presente em diversos ramos de atividade.

A partir do que foi observado e verbalizado pelas trabalhadoras no capítulo 2, no que concerne a organização do trabalho na Agroindústria, há a necessidade de se estabelecer um planejamento de execução de tarefas, observando execução das atividades pelas trabalhadoras de forma a possibilitar rodízios entre estas, em determinadas atividades, que requerem mais esforço físico e movimentos repetitivos, como foi sugerido pelas próprias trabalhadoras, pois já tiveram a experiência de rodízio em algumas salas, e este foi avaliado, como saudável e produtivo.

Ressalta-se, que nos encontros realizados, as mulheres afirmaram que quando necessário isto ocorre de forma articulada entre os pares, porém, sentiam a necessidade de ser formalizado a fim de atenuar riscos e acidentes.

O planejamento e redefinições de formas de fazer o mesmo trabalho devem conceber as experiências dos trabalhadores da agroindústria, que mostraram conhecimento da prática, no exercício do seu trabalho.

Nos plantios, quanto ao processo de trabalho, evidenciou-se que há cooperação entre as trabalhadoras, de forma a darem conta do dia de trabalho, se estabelecem formas solidárias de lidar com o cotidiano de trabalho, como foi discorrido no capítulo 2 da solidária espera para que todas concluam sua atividade mais próxima uma das outras, que se fazem quando uma mulher colhe mais devagar, outras mais rápidas dividem as pimentas de seus baldes para que todas saiam para descarregar seu balde juntas.

No processo de trabalho, o registro de agravos decorridos das condições de trabalho, e da execução das tarefas. A fim de subsidiar tomada de decisão sobre as queixas principais relacionadas às dores nos membros superiores e inferiores e coluna e as caracterizadas pelo contato com o agrotóxico.

Observou-se que o processo saúde-doença extrapola os limites biomédicos, aponta para as condições de vida, em especial o trabalho, onde ao campo da saúde do trabalhador e da trabalhadora, dar o *status* que confere sua importância.

Fez-se, portanto, a interface ao processo saúde-doença, o trabalho das mulheres rurais na Vila do Engenho, que respondem a plasticidade das condições em que vivem e em seus diferentes tipos de trabalho de onde elas atuam e de onde e como elas ajudam, sem que elas entendam qual o tempo que foi gasto no trabalho e na ajuda, de forma que a invisibilidade de explorações incorporadas e naturalizadas, causando prejuízos à saúde da mulher rural nos diferentes campos de direitos.

A invisibilidade se dá na história, não só dessas mulheres, no que confere papéis de trabalhadora, mas em um número de mulheres na Amazônia, que ainda vivem uma in-visível exploração, incorporada e naturalizada, nos diferentes processos, que apontam consequências, como prejuízos na saúde da mulher rural.

Uma das consequências do não reconhecimento do trabalho das mulheres na agricultura, é a ocultação de doenças e de perdas de direitos sociais, de direitos trabalhistas, ou seja, dos direitos à vida mais saudável, destas que vivem do trabalho. Assim como, a ajuda em relação ao não trabalho, incidem em relações precárias de trabalho, decorrente da

informalidade do trabalho, que dificulta, direitos quanto ao reconhecimento de agravos e, acidente, incidindo em perdas de benefícios a trabalhadora.

O trabalho das mulheres, sendo considerado como ajuda, não aparece em estatísticas oficiais como trabalho produtivo, e dificultando o seu reconhecimento enquanto trabalhadora rural, restringe o acesso dessas agricultoras aos direitos mais efetivos de saúde. Sendo, portanto, fundamental conferir, reconhecimento ao trabalho e visibilidade aos direitos, dessas mulheres trabalhadoras rurais.

A tese aponta a necessidade de pesquisas sobre a desproteção social marcada pelas vivências de trabalho das mulheres rurais, como as dificuldades impostas pela comprovação de múltiplos trabalhos, ainda de difícil comprovação do exercício rural. Para Souza (2008, p.18), comprovar com documentação, no campo, não é uma prática comum na agricultura, a prática oral permeia as negociações. No caso específico da mulher agricultora, a situação se agrava, uma vez que as diversas atividades podem permear o cenário da ajuda, onde no real o trabalho se efetiva.

A pesquisa confirma a hipótese posta, comprovando-se que quando as formas de trabalho tornam-se complexas enquanto expressão do capital, desaparece o papel do trabalho da mulher como ajuda. Por outro lado quando essas relações se dão no espaço privado das atividades da casa, no roçado da família, naquilo que poder-se-ia caracterizar como trabalho simples aparece mais claramente a ideia de ajuda ao marido e da ajuda à renda da família.

Com o desenvolvimento social das atividades na Vila do Engenho, o trabalho torna-se cada vez mais complexo, de forma que a interação da mulher nos diferentes espaços de trabalho inter-relacionam o público e o privado, onde se instituem complexas relações do dentro e fora de casa, complexo parcial, de várias atividades, complexas em si mesmo, em uma totalidade, composta por inúmeros outros complexos, tais como: produção, distribuição, consumo e troca, que constituem o complexo econômico do trabalho.

Ao conhecer e reconhecer os diferentes espaços do trabalho, se constatou que o papel da mulher na área rural se constitui de híbridas atividades e contextos de trabalho. Para elas há uma falta de clareza acerca de quais as funções desempenhadas no seu cotidiano podem ser identificadas por si e pelo outro como ajuda e trabalho.

Portanto a concepção de trabalho, não atrelado ao processo de produção e reprodução nos moldes do capital, tem por consequência a sobrecarga no exercício dos múltiplos papéis da mulher no interior da Amazônia.

Nessa dinâmica de vida e trabalho, a mulher encerra a contradição e as condições não superadas que a geram de um modo, por meio da reflexão delas enquanto sujeitos, e, de outro,

pela ação do sujeito que busca transformar as condições materiais que geraram tais contradições.

No seu trabalho fora da casa o visível é permitido e o trabalho invisibilizado, como as tarefas de casa, incluído aí, todo o processo da produção da família em que lhe cabe o fazer da alimentação de todos que trabalham para a família e a ajuda no plantio. A terceirização invisível para a mulher de um trabalho leve consta o peso de toda a casa.

A sobrecarga que se observou na pesquisa e a invisibilidade na produção de doença e/ou saúde da mulher trabalhadora rural, desvela-se pelo não reconhecimento de um trabalho atrelado a produção do capital e pode gerar sobrecarga e adoecimento.

Quando sai do papel de parceira na roça, onde é reconhecida em seu trabalho comendo junto, dividindo tarefas com seu marido, produzindo junto, elas mudam do lugar de trabalhar junto e passam a trabalhar para o roçado do marido ou em outros lugares sem estar dentro dele como parceira na produção, passando para um papel coadjuvante, com um quantitativo de horas trabalhadas e não reconhecidas como trabalho.

Fica o dever subtraindo o reconhecimento das múltiplas horas, das múltiplas atividades e agora incorporadas e naturalizadas. Nas falas, expressa-se o estresse, a dor de cabeça a solidão e a tristeza "*do não ter muito o que fazer*", o trabalho existe, porém mudou-se o status de parceira, para a coadjuvante, e nesse papel não existem escolhas, em fazer e no não fazer, porque o fazer é obrigação, se não o fizer, quem o fará? As respostas aparecem em cada lugar do trabalho, constatou-se que dá invisibilidade à visibilidade dos diferentes fazeres nos diferentes lugares.

O papel da mulher como ajudante e/ou como trabalhadora, a cada parte do trabalho se desvelou, se esclareceu, e se reconheceu o trabalho e sua imbricação na produção de saúde ou de doenças. Na realidade pesquisada, constatou-se a necessidade de políticas públicas para trabalhadoras rurais, mais próximas da realidade, de mulheres que vivem e trabalham na Amazônia.

As trabalhadoras rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva/Vila do Engenho, estão compondo histórias de superação, de autonomia, histórias de vida. Nos diversos lugares se faz o conhecer, e o reconhecer, o trabalho de auto sustentação de si, da família, e, portanto, da comunidade, que compõem o cotidiano das mulheres da Vila. Todo esse processo, mediado por ações que se desenrolam no ambiente e que se expressam no cotidiano, como um conjunto das atividades, produtos e obras, sendo o lugar da produção do viver, assumindo na composição, uma atitude crítica na transformação do lugar.

A tese se propôs e deu visibilidade às condições de trabalho e à saúde das mulheres que protagonizam com seus homens, histórias de trabalhadores, agricultores na/da Vila do Engenho, na Amazônia, que vem assumindo publicamente transformações nos costumes e práticas, mas que querem preservar as tradições do cooperativismo, de ser produtor e produtora rural e de lutar pelo direito de ter qualidade na forma de produzir e viver da agricultura.

Cartografar caminhos interdisciplinares que mobilizem pesquisas com trabalhadoras rurais, no âmbito do trabalho, do ambiente e da saúde, é, de certa forma, questionar e transformar realidades, ainda pouco conhecidas. Dar visibilidade ao que está posto, é incomodar e ainda possibilitar, cotidianos mais saudáveis e autossustentáveis para uma população trabalhadora rural que vive na Amazônia.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Renato Silva. A espacialização da Cadeia Produtiva do Abacaxi, Itacoatiara (AM). *Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, 2010.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educ. soc.*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.
- ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. IN: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes (Orgs.) *O avesso do trabalho*. 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAGLI, Priscilla. *Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações*. São Paulo: UNESP, 2006.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.
- BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e rural: In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magnon (Org.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- BISPO, Cláudia Luiz de Souza; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Rural/Urbano e Campo/Cidade: Característica e diferenciação em debate. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Territórios em disputa: *Os desafios da geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012. p.1-22*. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1123_1.pdf> . Acesso em 23/06/2013.
- BRASIL Ministério de Estado da Saúde. *Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora*. Portaria nº 1823 D.O.U. - Ano CXLIX Nº 165, Seção I, págs. 46-51 - Brasília - DF, sexta-feira, 24 de agosto de 2012.
- BRASIL. Doenças relacionadas ao trabalho. *Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Série A Normas e Manuais técnicos; n114. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2001.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Gênero, cooperativismo e associativismo: cooper gênero, integrando a família*. Brasília: Mapa/ACS, 2012.

BRASIL. Ministério de Estado da Saúde. *Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador*: Versão pronta após sugestões, incluídas as sugestões do Seminário Preparatório, dos AFTs e das DRTs. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério de Estado da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Perda auditiva induzida por ruído (Pair) / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.* – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 40 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) Saúde do Trabalhador; 5. Protocolos de Complexidade.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS.gov.br. Agricultura Familiar. *O que é Agricultura Familiar?* <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/bolsa-familia/programas-complementares/beneficiario/agricultura-familiar>; acesso 21 de janeiro de 2014.

BRASIL. *Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora*. Portaria nº 1823 D.O.U. - Ano CXLIX nº 165, Seção I, págs. 46-51 - Brasília - DF, sexta-feira, 24 de agosto de 2012.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Relatório Anual Socioeconômico da Mulher*. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Novembro, 2013. p. 170. ISSN 2318-5619.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. *Relatório Seminário Internacional Políticas Públicas para Mulheres Rurais na ALC*. Brasília. 19 a 20 março 2013.

BRASILEIRO, Juliana Evangelista; MACEDO, Katia Barbosa. A vida no circo e a psicodinâmica do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.) *Psicodinâmica e clínica do trabalho*: temas e interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2010.

BRITO, Jussara. *Saúde, trabalho e modos sexuais de viver*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

BRITO, Jussara. Trabalho e Saúde Coletiva: o ponto de vista da atividade e das relações de gênero. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, n.4, pp. 879-890. ISSN 1413-8123.

BRUMER, Anita. *Gênero e agricultura*: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2004, vol.12, n.1, pp. 205-227. ISSN 0104-026X.

CAIADO, Aurílio Sérgio Costa; SANTOS, Sarah Maria Monteiro dos. *Fim da dicotomia rural-urbano? um olhar sobre os processos socioespaciais*. São Paulo em perspectiva, 17 (3-4): 115-124, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A questão da cidade e do campo: teoria e política. *Mercator - Revista de geografia da UFC*, ano 03, n. 05, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARMO, Renato Miguel do. *Do espaço abstrato ao espaço compósito*: refletindo sobre a tensão entre modalidades e espacialidades. VI Congresso português de sociologia: mundos sociais saberes e práticas. Lisboa: UNLB, 2008.

- CARVALHO, Gerusa Menezes de; MORAES, Rosângela Dutra de. Sobrecarga de trabalho e adoecimento no Pólo Industrial de Manaus. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 465-482, dez. 2011.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; NETTO, José Paulo. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v.2.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CORDEIRO, Rosineide de L.M.; SCOTT, Russel Parry. Mulheres em áreas rurais nas regiões norte e nordeste do Brasil. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, 15 (2): 240, maio-agosto/2007.
- COSTA, Marta Cristina. *Conservação de polpas de cupuaçu (Theobroma Grandiflorum) por métodos combinados do emprego de tecnologia de obstáculos*. Dissertação apresentada na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2002.
- DEJOURS, Christophe. *A Banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1999.
- DEJOURS, Christophe. A Carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elizabeth; JAYET, Christian; BETIOL, Maria Irene Stocco (Coord.). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 2009.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DEJOURS, Christophe. Addendum. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR; SZNELWAR, Laerte Idal. *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008d.
- DEJOURS, Christophe. Análise psicodinâmica das situações de trabalho e sociologia da linguagem. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal. *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008f.
- DEJOURS, Christophe. As relações domésticas: Entre amor e dominação. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.). *Christophe Dejours: da Psicopatologia a psicodinâmica do Trabalho*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Paralelo 15, 2008b.
- DEJOURS, Christophe. Cadernos de TTO, nº2. *Avaliação do trabalho submetida aprova do real: críticas aos fundamentos da avaliação*. São Paulo: Blucher, 2008e.

- DEJOURS, Christophe. Inteligência prática e sabedoria prática: Duas dimensões desconhecidas do trabalho. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.). *Christophe Dejours: da Psicopatologia a psicodinâmica do Trabalho*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Paralelo 15, 2008c.
- DEJOURS, Christophe. *O Fator Humano*. 5ª Reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- Dejours, Christophe. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. Vol. 14 n. 54, p.7-11, abril/maio/jun, 1986.
- DEJOURS, Christophe. Psicodinâmica do Trabalho e pós-modernidade. In: MENDES, Ana Magnólia. LIMA, Suzana Canez da Cruz; FACAS, Emílio Peres (Orgs.). *Diálogos em Psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007.
- DEJOURS, Christophe. *Trabalho Vivo. Sexualidade e trabalho*. Tomo I. Brasília:Paralelo 15, 2012b.
- DEJOURS, Christophe. *Trabalho Vivo. Trabalho e emancipação*. Tomo II. Brasília:Paralelo 15, 2012a.
- DEJOURS, Christophe; MOLINIER, Pascale. Le travail comme énigme. *Sociol. trav.*, v. 36, HS, p. 35-44, 1994.
- DEJOURS, Christophe; MOLINIER, Pascale. O Trabalho como enigma. In: LANCMAN, Selma e SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008a.
- DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Desmatamento e modos de vida na Amazônia*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1999.
- ECHEVERRI PERICO, Rafael; RIBEIRO, María Pilar. *Ruralidade, territorialidade e desenvolvimento sustentável: Visão do território na América Latina e no Caribe*. Brasília: IICA, 2005.
- ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magnon (Orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- FARIA, Neice Müller Xavier; FACCHINI, Luiz Augusto; FASSA, Ana Claudia Gastal; TOMASI, Elaine. Trabalho rural e intoxicações por agrotóxicos. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2004, vol.20, n.5, pp. 1298-1308. ISSN 0102-311X.
- FARIA, Neice Müller Xavier; FASSA, Ana Claudia Gastal; FACCHINI, Luiz Augusto. Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2007, vol.12, n.1, pp. 25-38. ISSN 1413-8123.
- FERREIRA, Mário César. Atividade, categoria central na conceituação de trabalho em ergonomia. *Revista Alethéia*, Canoas - RS, v. 1, n. 11, p. 71-82, 2000.

- FORO, Carmem. Mulheres rurais e a luta por autonomia. In *Relatório Seminário Internacional Políticas Públicas para Mulheres Rurais na América Latina e Caribe* - ALC, Brasília/DF, 19 a 20 de março de 2013.
- FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto et al (Orgs.). *Agroecologia, extensão rural e sustentabilidade na Amazônia*. Manaus: UFAM, 2008.
- GHISLENI, Angela Peña e MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalhador contemporâneo e patologias por hipersolicitação. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2005, vol.18, n.2, pp. 171-176. ISSN 0102-7972.
- HARVEY, David. *Espaços de Esperança*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. *Sociologias*, on-line, Porto Alegre, ano 11, n.21, jan-junho, 2009. Disponível: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8854>. Acesso em: 27abr. 2014. ISSN 1807-0337.
- HIRATA, Helena. Divisão - relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Em Aberto*, Brasília, ano 15, n.65, jan./mar. 1995.
- HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. *Caderno CRH*, Salvador, v.24, n. spe 01, p.13-20, 2011.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, on-line, São Paulo, n.132, set-dezembro, 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2014. ISSN 0100-1574.
- HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs.). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produção Agrícola Municipal*. Vol 38. 2011. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Producao_Agricola_Municipal_\[anual\]/2011/tabelas_pdf/tabela02.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Producao_Agricola_Municipal_[anual]/2011/tabelas_pdf/tabela02.pdf). Acesso em: 15 mar. 2013.
- JESUS, Cláudio Portilho. *Utopia cabocla amazonense: agricultura familiar em busca da economia solidária*. Canoas, RS: ULBRA, 2000.
- JESUS, Edilza Laray de. *Educação e desenvolvimento em áreas agrícolas no Amazonas*. Tese de doutorado. UFRGS – PPGEDU, 2009.
- JESUS, Edilza Laray de; SOUZA, Ruan Carlos Ramalho de. *Experiência solidária na Vila do Engenho - Fundação e histórico de cooperativismo*. Relatório de pesquisa. Manaus: UEA, 2010.
- KEORGAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do Trabalho. In: LOPES, Marta Julia et al. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KLEE, Paul. *A Arte Fundamentada no Processo criativo*. Disponível em: http://www.abric.org.br/skyportal_v1/article_read.asp?item=43. Acesso em: 15 jun. 2013.

LACAZ, Francisco Antonio de Castro. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2007, vol.23, n.4, pp. 757-766. ISSN 0102-311X.

LANCMAN, Selma. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática.1991b.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. 4. ed. Barcelona: Península, 1978.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 1991a.

LOPES, Marta Júlia Marques et. al. *Gênero e Saúde*. São Paulo: Artes Médicas, 1996.

MACHADO, Jorge Mesquita Huet. Perspectivas e pressupostos da Vigilância em saúde do trabalhador no Brasil. In MINAYO GOMES, Carlos; MACHADO, Jorge Mesquita Huet; PENA, Paulo Gilvane Lopes. *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

MACHADO, Thayná A. Coêlho Savino. *Avaliação de risco sócioambiental do uso de agrotóxicos na produção de abacaxi (ananas comosus) na Comunidade Sagrado Coração de Jesus Itacoatiara- AM*. Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal Do Amazonas. Manaus, 2014.

MAIA, Cláudia; LOPES, Maria de Fátima. As desigualdades de gênero no contexto do desenvolvimento humano. *UNIMONTES CIENTÍFICA*. Montes Claros, v.1, n.1, mar/2001.

MARTINS, Soraya Rodrigues. Subjetividade (Intersubjetividade) In VIEIRA, Fernando do Oliveira, MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. *Dicionário crítico de gestão e psicopatologia do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2013.

MARTINS, Soraya Rodrigues. Subjetividade e adoecimento por Dorts em trabalhadores de um banco público em Santa Catarina. In: MENDES, Ana Magnólia Mendes (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico - filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *O capital*. 3. ed. São Paulo: EDIPRO, 2008.

MARX, Karl. *O capital*. crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural. Livro I, Tomo I, 1985.

MCGRATH, David. Parceiros no crime o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. *Novos Cadernos NAEA* vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

MENDES, Ana Magnólia (Org.) *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

MENDES, Ana Magnólia Mendes. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b.

MENDES, Ana Magnólia Mendes. Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007c.

MENDES, Ana Magnólia Mendes. Pesquisa em psicodinâmica: a clínica do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a.

MENDES, Ana Magnólia. A organização do trabalho como produtora da cultura e a prevenção do estresse ocupacional: O olhar da psicodinâmica do trabalho. In: TAMAYO, Álvaro. *Estresse e cultura organizacional*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008e.

MENDES, Ana Magnólia; ARAUJO, Luciane Kozicz Reis. *Clínica psicodinâmica do trabalho: práticas brasileiras*. Brasília- DF: Ex Libris, 2011.

MENDES, Ana Magnólia; LIMA, Suzana Canez da Cruz; FACAS, Emílio Peres (Orgs.). *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007d.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MENDES, Ana Magnólia. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2009, vol. 12, n. 2, pp. 141-156.

MINAYO GOMES, Carlos (Org.) *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2011.

MINAYO GOMES, Carlos; LACAZ, Francisco Antonio de Castro. *Saúde do trabalhador: novas-velhas questões*. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, n.4, pp. 797-807. ISSN 1413-8123.

MINAYO GOMES, Carlos; PENA, Paulo Gilvane Lopes. Premissas para a Compreensão da Saúde dos Trabalhadores no Setor Serviço. *Saúde Soc.* São Paulo, v.19, n.2, p.371-383, 2010.

MINAYO GOMES, Carlos; THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 13(Supl. 2):21-32, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. Faces e contra-faces da relação campo-cidade no município de Francisco Beltrão/PR. Campo-território: *Revista de geografia agrária*, v.3, n. 5, p. 114-137, fev. 2008.

MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Christovam; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Saúde, trabalho, ambiente e território: contribuições teóricas e propostas de operacionalização. In

MINAYO GOMES, Carlos (Org.) *Saúde do Trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

MONTEIRO, Janine Kieling; JACOBY, Alessandra Rodrigues. Sobrecarga no trabalho. In: VIEIRA, Fernando do Oliveira, MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. *Dicionário crítico de gestão e psicopatologia do trabalho*. Curitiba:Juruá, 2013.

MORAES, Rosângela Dutra de. *Prazer-sofrimento e saúde no trabalho com automação:Estudo com operadores em empresas japonesas no Pólo Industrial de Manaus*. Belém: NAEA/UFPA, 2008.

MORAES, Rosângela Dutra. *Prazer-sofrimento no trabalho com automação: Estudo em empresas japonesas no Pólo Industrial de Manaus*. Manaus: EDUA/UFAM, 2010.

MOREIRA, Emilia de Rodat F. et al. *Espaço agrário, condições de vida, trabalho e saúde*.VI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho, ABET, 1999.

NASCIMENTO, Luciano. Sobrecarga de trabalho no campo é obstáculo para autonomia das mulheres do campo na América Latina. *Agência Brasil* 19/03/2013 Fonte: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-19/sobrecarga-de-trabalho-no-campo-e-obstaculo-para-autonomia-das-mulheres-do-campo-na-america-latina>. Acesso: 12 mar. 2014.

NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Orgs.). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013.

NINA, Nailson Celso Silva. *Caracterização sócio-econômica-ambiental do uso de agrotóxicos em uma área de várzea do Município de Manacapuru-AM (Amazônia Central)*. (Dissertação de mestrado) – UFAM. 78p. Manaus. 2002.

ODDONE, Ivar. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucitec, 1986.

OLIVEIRA, José Aldemir de. *A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira*. In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra 16, 17 e 18 de setembro de 2004. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel74/JoseAldemirdeOliveira.pdf>. Acesso: 10 jan. 2013.

OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHOR, Tatiana. Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro Trindade; TAVARES, Maria Goretti da Costa. *Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém:UDUFPA, 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. *Ciênc. Cult.* 2006, vol. 58, n.3, p. 27-29. ISSN 0009-6725.

OMS. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso: 14 jun. 2013.

PIGNATI, Wanderley; MACHADO, Jorge Mesquita Huet. O agronegócio e seus impactos na saúde dos trabalhadores e da população do estado de Mato Grosso. In: MINAYO GOMES, Carlos (Org.). *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

PINHEIRO, José Q. et al. Diário pessoal como técnica de coleta de dados em estudos sobre as relações pessoa-ambiente. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTER, Hartmut (Orgs.) *Métodos de pesquisa nos estudos de pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

REY, Fernando Luis González. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Conceito e definição de cidades. In: OLIVEIRA, José Aldemir de (Org.). *Cidades brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais*, vol.1. Manaus: EDUA, 2009.

ROSAS, Maria Letícia Messias; MORAES, Rosângela Dutra de. A importância do reconhecimento no contexto de trabalho *Revista Amazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3415* 210 Ano 4, Vol VII, Número 2, pág. 210-224, Humaitá, AM, Jul.-Dez. 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*. São Paulo: HUCITEC, 1982.

SANTOS, Milton. et al (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magnon (Orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão popular, 2010.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SCHMIDT, Maria Luiza Gava; GODINHO, Pedro Henrique. Um breve estudo acerca do cotidiano do trabalho de produtores rurais: intoxicações por agrotóxicos e subnotificação. *Rev. bras. saúde ocup.* [online]. 2006, vol.31, n.113, pp. 27-40. ISSN 0303-7657.

SCHWARTZ, Yves. *Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industrial. Trabalho, Educação e Saúde*, 2(1): 33-55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v2n1/04.pdf>. Acesso: 12 de janeiro de 2014.

SCOTT, Russel Parry; CORDEIRO, Rosineide (Orgs.). *Agricultura familiar e gênero: práticas movimentos e políticas públicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

SILVA, Edil Ferreira da e RAMOS, Yldry Souza. Processo de trabalho na produção de verduras no Alvinho, em Lagoa Seca/PB: a atividade dos trabalhadores e sua relação com o processo saúde-doença. *Aletheia* [online]. 2008, n.28, pp. 159-173. ISSN 1413-0394.

SILVA, Filipe Hagen Evangelista; FREITAS, Lêda Gonçalves de. Organização do trabalho, prazer - sofrimento e estratégias de mediação no trabalho de programadores de faculdade via internet. In: MENDES, Ana magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. et al (Orgs.). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá, 2010.

SILVA, Jandira Maciel da; NOVATO-SILVA, Eliane; FARIA, Horácio Pereira; PINHEIRO, Tarcísio Márcio Magalhães. Agrotóxico e trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, n.4, pp. 891-903. ISSN 1413-8123.

SILVA, Jandira Maciel; PINHEIRO, Tarcísio Márcio Magalhães et al. Saúde do trabalhador rural na atenção primária à saúde: Subsídios para elaboração de uma proposta de atuação. In: DIAS, Elizabeth Costa; SILVA, Thais Lacerda. *Saúde do trabalhador na atenção primária à saúde: possibilidades, desafios e perspectivas*. Minas Gerais: Coopmed, 2013.

SILVA, José Graziano da. O Novo Rural Brasileiro. *Rev. Nova economia*, Belo horizonte. 7(1):43-81, maio de 1997.

SILVA, Maria Lucimar. *A agroindústria na produção familiar da Comunidade Sagrado Coração de Jesus: um caminho para a auto-gestão*. Trabalho apresentado no VIII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, ALASRU. Porto de Galinhas, 2010.

SOJA, Edward W. *Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Leila Costa de. *Análise de situações de vida e trabalho de mulheres da área rural de Nova Friburgo-RJ*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

TEIGER, Catherine. Le travail, cet obscur objet de l'ergonomie. In: Actes du Colloque Interdisciplinaire Travail: Recherche et Prospective - *Thème Transversal n° 1 - Concept de Travail*, pp. 111-126. 1992. Lyon: CNRS, PIRTEM, ENS.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. *Saúde, trabalho e desenvolvimento sustentável: Apontamentos para uma política de Estado*. Tese de Doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2007.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; MACHADO, Jorge Mesquita Huet. Políticas e estratégias de Vigilância e prevenção. In MINAYO GOMES, Carlos (Org.) *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011a.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de (Orgs.) *Saúde, trabalho e direito: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória*. Rio de Janeiro: Educam, 2011b.

WAICHMAN, Andrea Viviana. A problemática do uso de agrotóxicos no Brasil: a necessidade de construção de uma visão compartilhada por todos os atores sociais. *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo, 37 (125): 17-50, 2012.

WAICHMAN, Andréa Viviana. Uma proposta de avaliação integrada de risco do uso de agrotóxicos no estado do Amazonas, Brasil. *Acta Amaz.* [online]. 2008, vol.38, n.1, pp. 45-50. ISSN 0044-5967.

WAICHMAN, Andrea Viviana; RÖMBKE, Jörg; NINA, Nailson Celso da Silva. Agrotóxicos: elemento novo na Amazônia. *Ciência Hoje*. 32(190): 70-73. 2003.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*, 4. ed. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabre Barbosa. Brasília: Editora UNB, 2004.

APÊNDICE

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)

A senhora está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa intitulada:

“ Trabalho, saúde, e ambiente: o espaço do trabalho e da participação da mulher no cotidiano amazônico. A pesquisa tem como objetivo analisar o lugar do trabalho da mulher que mora na Comunidade Sagrado Coração de Jesus, seja esse trabalho realizado na agricultura diretamente no plantio ou no roçado ou que trabalhe na agroindústria da Cooperativa- ASCOPE ou no Grupo de mulheres associadas no GRUMASCOPE.

Após ser esclarecida sobre as informações que serão explicadas a seguir e no caso de aceitar a participar da pesquisa, peço que assine ao final deste documento, que esta em duas vias. Uma ficará com a senhora e a outra com a pesquisadora responsável.

1. Sua participação não implicará em riscos ou prejuízos para a senhora, não havendo, portanto, danos moral ou material e deixo claro que qualquer dano advindo da pesquisa será minimizado.
2. Seu direito de privacidade, ou seja, que é assegurado a não divulgação de seu nome ou sobrenome. Para autorizar a utilização dos dados colhidos na pesquisa a senhora precisa assinar este termo de consentimento, permitindo assim que os resultados obtidos na pesquisa possam ser apresentados em congressos e/ou publicações.
3. A senhora tem a garantia de que receberá respostas a qualquer pergunta e esclarecimentos de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Podendo entrar em contato com a pesquisadora: Socorro de Fátima Moraes Nina. Telefone: (92) 9142 2027, (92) 3236 0095, residente na rua E, Condomínio Jauapery, bloco A2 apto 108, bairro do Parque 10. E com o Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/UFAM, Rua Teresina, 4950- bairro: Adrianópolis/Manaus-AM. Telefone: (92) 33055130
4. Sua participação é voluntária ou seja espontânea, portanto, não haverá pagamento ou qualquer outra forma de gratificação financeira durante sua participação.
5. Você poderá ainda se recusar a participar ou se retirar da pesquisa sem que isso lhe cause dano ou prejuízo.

6. A coleta de dados será feita através de entrevistas individuais, coletivas que serão gravadas, fotografias e filmagens. Você não precisará se expor, podendo falar apenas aquilo que achar conveniente ou necessário.

7. Este termo foi elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos. Atende a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF.

Eu _____ n ^o documento _____		
Concordo em participar desta pesquisa. Declaro que fui devidamente esclarecida quanto aos objetivos da pesquisa, seus procedimentos, assim como os possíveis benefícios decorrentes de minha participação.		
Manaus, ____ de _____ de _____.		
_____	_____	
Pesquisador	Participante	Impressão datiloscopia

APÊNDICE B

TERMO DE ANUÊNCIA PREVIA LIVRE E ESCLARECIDA

Nós, lideranças da Comunidade Sagrado Coração de Jesus- Vila do Engenho, município de Itacoatiara- Amazonas, nos considerarmos devidamente esclarecidos e informados sobre o presente Termo e o que trata o projeto “**TRABALHO, SAÚDE E AMBIENTE: o espaço do trabalho e da participação da mulher no cotidiano amazônico**”, por livre e espontânea decisão, apresentamos nossa concordância para a realização do referido projeto nas seguintes condições:

1. Dos objetivos da pesquisa:

O estudo se propõe a conhecer o cotidiano do trabalho e de saúde da mulher no ambiente rural, no que concerne aos aspectos que envolvem o espaço familiar e social de produção e reprodução das atividades na Amazônia.

Assim como:

Caracterizar como a mulher se insere no processo de trabalho, condições de saúde e formas de participação no espaço social; assim como relacionar às diferentes formas de perceber seu trabalho e condições de saúde no ambiente rural e possíveis riscos a saúde; conhecer a problemática na relação “eu e o grupo social” de forma a compreender além de seu corpo e de sua origem, entendendo principalmente, como se constitui sua participação em seu contexto sociocultural; e identificar perspectivas e resultados da participação da mulher na comunidade.

2. Da forma como vai ser conduzida a pesquisa:

A pesquisa será conduzida pela coordenadora do projeto professora Socorro de Fátima Moraes Nina com ampla participação dos representantes da comunidade e da GRUMASCOPE.

3. Duração e cronograma da pesquisa

A pesquisa terá duração de 04 (anos) anos, período correspondente a março de 2010 a março de 2014.

4. Do Acesso e utilização do conhecimento tradicional, da propriedade Intelectual e da publicação dos resultados da pesquisa

4.1. As informações sobre o condições de vida e trabalho da mulher na comunidade realizado na Vila do Engenho (Comunidade Sagrado Coração de Jesus poderão ser publicadas pela coordenadora do projeto, com seu orientador e em parceria com os representantes da comunidade, desde que cumpram os seguintes requisitos:

4.1.1. Caso nos manuscritos a ser publicados inclua-se algum conhecimento tradicional, se deve dar acesso ao manuscrito integral à comunidade Vila do Engenho- Comunidade Sagrado Coração de Jesus, para que esta - no máximo de 30 dias - possa exercer o direito de impedir, a seu critério, a divulgação de qualquer informação que integre ou constitua conhecimento tradicional. A comunidade se manifestará por escrito comunicando seu consentimento ou identificando às partes não autorizadas para sua publicação;

4.2.2. Os pesquisadores envolvidos no projeto se comprometem a não publicar qualquer conhecimento tradicional que não tenha relação direta com a temática da pesquisa.

4.2.3. Em qualquer caso de publicação, os pesquisadores envolvidos no projeto, obrigam-se a consignar destacadamente a colaboração da comunidade, bem como a remeter exemplares de cada edição. Entende-se por publicação livros, artigos em periódicos e coletâneas, relatórios, gravações, vídeos e quaisquer obras de acesso público em meio impresso e/ou digital.

4.2.4. É vedada por qualquer das partes a utilização comercial de informações derivadas dos conhecimentos tradicionais, por ventura, acessados durante a realização da pesquisa.

5. Dos impactos ambientais, sociais e culturais da pesquisa

5.1. Com a realização do presente projeto de pesquisa, não se prevê que venham a ocorrer impactos ambientais.

5.2. Tampouco deverá haver impactos sociais ou culturais na comunidade, pois não será alterada significativamente qualquer rotina doméstica, escolar e/ou prática cultural, assim como também não haverá interferência nas relações familiares ou de parentesco.

6. Da repartição de benefícios

6.1. Como não se trata de pesquisa com fins econômicos, não haverá repartição de benefícios econômicos. Os benefícios que trarão com o desenvolvimento do projeto são:

6.1.1. Construção de novos conhecimentos sobre as condições de vida e trabalho das informações processadas nas oficinas.

6.1.2. Serão produzidos relatórios, textos, informativos e ilustrações que poderão ser utilizados como material didático pela comunidade.

6.1.3. As discussões sobre o trabalho, saúde e ambiente poderão subsidiar propostas em torno de políticas públicas específicas.

6.1.4. Os resultados poderão ser divulgados em trabalhos científicos publicados em revistas especializadas, resumos de congressos e palestras, divulgando-se dessa forma as atividades de trabalho, saúde e ambiente.

7. Compromisso dos proponentes

7.1 A Universidade Federal do Amazonas - UFAM, representada pela coordenadora do projeto assumem o compromisso de:

7.1.1 Formatar um documento resumido e em linguagem simplificada dos resultados da pesquisa e entregar à comunidade e demais parceiros envolvidos diretamente no projeto.

7.1.2. Apresentar os resultados da pesquisa à comunidade – GRUMASCOPE, em linguagem simplificada e com auxílio de todos os meios didáticos disponíveis.

7.2 A Comunidade Sagrado Coração de Jesus que se intitula como Vila do Engenho.

7.2.1 Participar assiduamente de todas as etapas da pesquisa.

7.2.2. Articular o acesso da equipe de pesquisa à comunidade, bem como facilitar a comunicação com a mesma.

7.2.3 A fazer cumprir os prazos estabelecidos neste termo de anuência prévia, bem como.

7.2.4 Assessorar a comunidade quanto a exercer o direito de impedir a divulgação de qualquer informação que integre ou constitua conhecimento tradicional dos povos envolvidos neste projeto.

Serão utilizadas para como método observações participativas, questionários, oficinas, mapa, fotografias e gravações como método da pesquisa acima citada, e que me são assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução 196/96 CNS/MS,
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa,
- Não haverá nenhuma despesa para esta comunidade que seja decorrente da participação dessa pesquisa;
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento.

Como relatado no Termo de Consentimento e Livre Esclarecido.

Tendo lido e de estando de acordo com o exposto neste Termo, assinam as partes em duas vias.

Manaus, _____ 2012.

(Representante legal da comunidade)

(Representante legal da ASCOPE)

(Representante legal da GRUMASCOPE)

Pesquisadora Socorro de Fátima Moraes Nina

(Testemunha)

APÊNDICE C

Entrevista com mulheres trabalhadoras da Comunidade Sagrado Coração de Jesus/Vila do Engenho - Município de Itacoatiara/Amazonas.

1 Identificação: Nome /codinome: _____ Idade: _____ Onde nasceu? _____ n. de filhos? _____
Estado Civil: _____ Ocupação: _____ Tempo no trabalho: _____ Quanto ganha(dia ,sem, mês). _____

1.1 Há quantos anos você mora nesta localidade? _____ onde morava anteriormente? _____ Com que idade se casou? _____ Com que idade teve seu primeiro filho? _____ Parou de estudar em que série? Porquê? _____.

1.2 Você faz parte da cooperativa? Alguém de sua família faz parte da cooperativa? Trabalhando com que?

2 Organização do trabalho

- **O que você faz para realizar seu trabalho?** (Se tivesse que passar sua tarefa para outra pessoa o que diria?)

- **Como é seu trabalho?** (rotina, tarefas diárias?).

Há quanto tempo? Com que produtos (cultura) e instrumentos você trabalha? Tem quantidade?

Meta? As condições? Qual a contribuição da mulher na organização do trabalho na agricultura?

Quando na agricultura observar: Cultura ___ período ___ faz o que ___ Tipo de contrato: Carteira assinada () diarista () Outro _____

Divisão sexual do trabalho

- **Existe uma divisão entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher?**

Em qual atividade da agricultura a mulher participa e como participa? Cultura (Abacaxi, cupuaçu, melancia, pimenta cheirosa, outras)? Tem trabalho que você só ajuda. Existe o mesmo direito entre homens e mulheres?

3 Significado do trabalho

- **O que significa trabalhar para você?**

Se você tivesse que fazer uma fala, me diga o que é ser mulher na agricultura, aqui no Amazonas, aqui na Vila? Como se sente e o que pensa sobre seu trabalho? O que lhe deixa feliz no seu trabalho e o que pode causar tristeza?

4 Reconhecimento e cooperação no trabalho

- **Existe cooperação no dia a dia do trabalho** na agricultura? De que forma isso acontece?

- **Você percebe que seu trabalho é reconhecido?** Por quem e de que forma?

O que significa pra você ser reconhecida como mulher que trabalha, como trabalhadora rural? E quando isso não acontece? Quando há ausência do reconhecimento muda alguma coisa no seu trabalho ou no trabalho das mulheres?

5 A ecologia de saberes na saúde do trabalhador. Agricultura, saúde e trabalho.

- **Fale sobre a saúde da mulher que trabalha na agricultura, e das que trabalham aqui no roçado? Você vê algum procedimento que pode causar risco ou prejuízo à saúde das mulheres, aqui nesse trabalho?** Quais os trabalhos que podem causar acidentes? Você lembra de algum acidente quando estava trabalhando? (Com alguma mulher? ou com você?)

Existe dificuldades para realizar seu trabalho? Se sim, o que você ou vocês fazem para lidar com a situação?

ANEXO

